



COLECCIÓN

ORELLANA

COLEÇÃO

Poetas do Século de Ouro Espanhol

Poetas del Siglo de Oro Español

Edição Bilíngüe



Seleção e tradução de ANDERSON BRAGA HORTA, FERNANDO MENDES VIANNA E JOSÉ JERONYMO RIVERA
Estudo introdutório de MANUEL MORILLO CABALLERO



Embajada de España
CONSEJERÍA DE EDUCACIÓN Y CIENCIA

Orellana é uma coleção que tem por objetivo:

- Difundir as obras-primas da literatura espanhola e hispano-americana por meio de:
 - _ Edições bilíngües
 - _ Traduções para o português
 - _ Edições em espanhol com notas léxicas e explicações em português

- Publicar estudos sobre a língua, a cultura e a literatura espanhola e hispano-americana.



*O nome da coleção é uma
homenagem ao espanhol
Francisco de Orellana,
primeiro explorador e descobridor
das terras brasileiras na Amazônia.*

Poetas do Século de Ouro Espanhol



Poetas del Siglo de Oro Español

EDIÇÃO BILÍNGUE

Coleção Orellana  **N° 12**  **Colección Orellana**



COLECCIÓN

ORELLANA

COLEÇÃO

Poetas do Século de Ouro Espanhol



Poetas del Siglo de Oro Español

EDIÇÃO BILÍNGUE

Seleção, Tradução e Notas

ANDERSON BRAGA HORTA

FERNANDO MENDES VIANNA

JOSÉ JERONYMO RIVERA

Estudo Introdutório

MANUEL MORILLO CABALLERO



Embajada de España

CONSEJERÍA DE EDUCACIÓN Y CIENCIA

2000

DIRECTORES DE LA COLECCIÓN
Manuel Morillo Caballero/José Antonio Pérez Gutiérrez

P745 Poetas do século de ouro espanhol : Poetas dcl siglo de oro espanol / Seleção e tradução de Anderson Braga Horta; Fernando Mendes Vianna José Jeronymo Rivera; estudo introdutório de Manuel Morillo Caballero. — Brasília ; Thesaurus ; Consejería de Educación y Ciencia de la Embajada de Espana, 2000.

343p. (Coleção Orellana — Colección Orellana; 12)

1.Literatura-Espanha, poesia I. Horta, Anderson Braga
II. Vianna, Fernando Mendes III. Rivera, José Jeronymo IV.
Morillo Caballero, Manuel V. Título VI. Série.

CDU 860-1 =60=69

CDD861E

© *Seleção e tradução*: Anderson Braga Horta, Fernando Mendes Vianna e
José Jeronymo Rivera

© *Estudo introdutório* : Manuel Morillo Caballero

© *Edição*: Consejería de Educación y Ciencia de la Embajada de Espana en
Brasil

Ilustração da capa-, La Venus del espejo (National Gallery, Londres)

ISBN: 85-7062-250-7

N.I.P.0.176-00-168-2

Arte final e editoração: THESAURUS EDITORA DE BRASÍLIA

SIG. QUADRA 8 LOTE: 2356 TEL. (061) 344-3738

FAX: (061) 344-2353 BRASÍLIA - DF 70610-400

E-MAIL: EDITOR@THESAURUS.COM.BR • WWW.THESAURUS.COM.BR

ÍNDICE

A POESIA DO SÉCULO DE OURO	19
----------------------------------	----

GIL VICENTE

<i>Villancete IX</i>	42
Vilancete IX.....	43

SÁ DE MIRANDA

<i>¿Quién dará a los mis ojos una fuente</i>	44
Quem aos olhos dar-me-á uma vertente.....	45

CRISTÓBAL DE CASTILLEJO

<i>Garcilaso y Boscán, sendo llegados</i>	46
Garcilaso e Boscán, sendo chegados.....	47
<i>Soneto de Boscán</i>	46
Soneto de Boscán	47
<i>Sueño</i>	48
Sonho.....	49

JUAN BOSCÁN

<i>Dejadme en paz, ¡oh duros pensamientos!</i>	50
Deixai-me em paz, ó duros pensamentos!.....	51
<i>El tiempo vuelve y bullen esperanzas</i>	52
O tempo volta, e fervem esperanças.....	53
<i>Nueva prisión hubiera de matarme</i>	52
Nova prisão houvera de matar-me.....	53
<i>Mueve el querer las alas con gran fuerza</i>	54
Move o querer as asas com grã força.....	55
<i>Dulce soñar y dulce congojarme</i>	54
Doce sonhar e doce desgostar-me.....	55

GARCILASO DE LA VEGA

<i>Égloga 1</i>	56
Égloga 1	57

<i>Canción I</i>	80
Canção I.....	81
<i>Canción II</i>	82
Canção II.....	83
<i>Canción III</i>	86
Canção III.....	87
<i>Canción IV</i>	90
Canção IV.....	91
<i>Canción V</i>	100
Canção V.....	101
<i>Escrito está en mi alma vuestro gesto.</i>	106
Escrito está nesta alma o vosso rosto.....	107
<i>No pierda más quien ha tanto perdido</i>	106
Não perca mais quem tanto tem perdido.....	107
<i>De aquella vista pura y excelente</i>	108
Daquela vista pura e excelente.....	109
<i>Señora mía, si yo de vos ausente</i>	108
Senhora minha, se eu, de vós ausente.....	109
<i>¡Oh dulces prendas por mi mal balladas</i>	110
Ó doces prendas por meu mal achadas.....	111
<i>Hermosas ninfas, que en el río metidas</i>	110
Belas ninfas, que, na água submergidas.....	111
<i>Si para refrenar este deseo</i>	112
Se para refrear este desejo.....	113
<i>En tanto que de rosa y azucena</i>	112
Enquanto que da rosa e da açucena.....	113

ANTONIO DE VILLEGAS

<i>Canción</i>	114
Canção.....	115

DIEGO HURTADO DE MENDOZA

<i>Hame traído amor a tal partido</i>	114
Amor me conduziu a tal partido.....	115

SANTA TERESA DE JESÚS

<i>Glosa</i>	116
Glosa.....	117
<i>Versos nacidos del fuego del amor de dios que en sí tenía</i>	118
Versos nascidos do fogo do amor de deus que tinha em si.....	119

ANÓNIMO

<i>Soneto a cristo crucificado</i>	120
Soneto a cristo crucificado.....	121

GUTIERRE DE CETINA

<i>Madrigal</i>	122
Madrigal.....	123
<i>¿En cuál región, en cuál parte del suelo</i>	122
Em qual região, em qual parte do solo.....	123
<i>Pues se conforma nuestra compañía</i>	124
Pois se conforma nossa companhia.....	125

HERNANDO DE ACUÑA

<i>Cuando era nuevo el mundo y producía</i>	124
Quando era novo o mundo, e produzia.....	125

JORGE DE MONTEMAYOR

<i>¿Qué pude ser, señora, antes que os vieses</i>	126
Que pude ser, antes de vós, senhora.....	127

JERÓNIMO DE LOMAS CANTORAL

<i>Ya de mis quietos días el sereno</i>	128
Já de meus quietos dias o sereno.....	129

LUIS DE CAMÕES

<i>Ondas que por el mundo caminando</i>	128
Ondas que pelo mundo caminhando.....	129
<i>De piedra, de metal, de cosa dura</i>	130
De pedra, de metal, de coisa dura.....	131

FRANCISCO DE TERRAZAS

<i>¡Ay, basas de marfil, vivo edificio</i>	130
--	-----

Pilares de marfim, vivo edifício.....	131
<i>Dejad las hebras de oro ensortijado.....</i>	132
Essas fibras deixai de ouro frisado.....	133

FRAY LUIS DE LEÓN

<i>Amor casi de un vuelo me ha encumbrado.....</i>	132
Do amor num vôo só fui elevado.....	133
<i>Alargo enfermo el paso, y vuelvo, cuanto.....</i>	134
<i>Agora con la aurora se levanta.....</i>	134
Alongo enfermo o passo, e volto, quanto.....	135
Agora com a aurora se levanta.....	135
<i>¡Ob cortesía, ob dulce acogimiento.....</i>	136
<i>Después que no descubren su lucero.....</i>	136
Ó cortesia, ó doce acolhimento.....	137
Porque nunca descobrem seu luzeiro.....	137
<i>Oda a francisco de salinas.....</i>	138
Ode a francisco de salinas.....	139
<i>Oda a la vida retirada.....</i>	140
Ode à vida retirada.....	141

GASPAR GIL POLO

<i>No es ciego amor, mas yo lo soy, que guío.....</i>	146
Amor cego não é; sou-o eu, que guio.....	147

BALTASAR DEL ALCÁZAR

<i>Tres cosas me tienen preso.....</i>	146
Três coisas.....	147
<i>Yo acuerdo revelaros un secreto.....</i>	148
Quero-vos revelar algo secreto.....	149
<i>A la esperanza vana.....</i>	150
À vã esperança.....	151

FRANCISCO DE LA TORRE

<i>¡Cuántas veces te me has engalanado.....</i>	150
Quantas vezes por mim te hás enfeitado.....	151
<i>A la fuente de filis.....</i>	152

À fonte de fílis.....	153
<i>La cierva</i>	152
A corça	153

FERNANDO DE HERRERA

<i>Yo vi unos bellos ojos que hirieron</i>	156
Eu vi uns belos olhos que ofenderam.....	157
<i>A las ruinas de itálica</i>	158
Às ruínas de itálica.....	159
<i>Cual oro era el cabello ensortijado</i>	158
Como de ouro o cabelo era, anelado.....	159
<i>“Preso soy de vos solo y por vos muero”</i>	160
“Sou preso só de vós, por vós espero.....	161
<i>Como en la cumbre excelsa de mimante</i>	160
Como no cimo excelso de mimante.....	161
<i>Serena luz, en quien presente espira</i>	162
Serena luz, em quem presente espira.....	163

FRANCISCO DE ALDANA

<i>De sus hermosos ojos dulcemente</i>	162
De seus formosos olhos docemente.....	163
<i>Mil veces digo, entre los brazos puesto</i>	164
Mil vezes, abraçado a galatéia.....	165
<i>Mil veces callo que romper deseo</i>	164
Mil vezes calo que romper desejo.....	165
<i>El ímpetu cruel de mi destino</i>	166
Ó ímpeto cruel do meu destino.....	167
<i>En fin, en fin tras tanto andar muriendo</i>	166
Ao fim, ao fim de tanto andar morrendo.....	167
<i>Clara fuente de luz, nuevo y hermoso</i>	168
Clara fonte de luz, novo e formoso.....	169

FRANCISCO DE FIGUEROA

<i>Fiero dolor, que alegre alma y segura</i>	168
Ferrenha dor, que alegre alma e segura.....	169
<i>Las musas en venta</i>	170

As musas à venda	171
------------------------	-----

SAN JUAN DE LA CRUZ

<i>Cántico espiritual</i>	170
Cântico espiritual	171
<i>Canciones del alma - I (noche oscura)</i>	176
Canções da alma - I (noite escura)	177
<i>Cantar del Alma que se Huelga de Conocer a Dios por Fe</i>	180
Cantar da Alma que Folga em Conhecer a Deus por Fé	181
<i>Canto al Divino Cristo y al Alma (El Pastorcico)</i>	182
Canto ao Divino Cristo e à Alma (O Pastorzinho)	183

JUAN DE LA CUEVA

<i>Ojos, que dais la luz al firmamento</i>	184
Olhos, que dais a luz ao firmamento	185

MIGUEL DE CERVANTES

<i>¿Quién dejará, del verde prado umbroso</i>	184
Quem deixará, do verde prado umbroso	185
<i>La gitaniilla</i>	186
A ciganinha	187
<i>Soneto-oración</i>	186
Soneto-oração	187

LUPERCIO LEONARDO DE ARGENSOLA

<i>Imagen espantosa de la muerte</i>	188
Imagem espantosa e cruel da morte	189

BARTOLOMÉ LEONARDO DE ARGENSOLA O LUPERCIO LEONARDO DE ARGENSOLA

<i>Yo os quiero confesar, don Juan, primero</i>	188
Quero-vos confessar, D. João, primeiro	189

LUIS DE GÓNGORA

<i>Romancillo</i>	190
Rimance	191
<i>Angélica y Medoro</i>	194

Angélica e Medoro	195
<i>Letrilla</i>	202
Letrilha.....	203
<i>Duélete de esa puente, Manzanares</i>	204
Condói-te dessa ponte, ó Manzanares.....	205
<i>A Lope de Vega</i>	204
A Lope de Vega	205
<i>A Don Francisco de Quevedo</i>	206
A Dom Francisco de Quevedo.....	207
<i>Descripción de una Dama</i>	206
Descrição de uma Dama	207
<i>Tras la bermeja aurora el sol dorado</i>	208
Empós da rubra aurora o sol dourado.....	209
<i>Mientras por competir con tu cabello</i>	208
Enquanto por ombrear com teu cabelo.....	209
<i>Ilustre y hermosísima María</i>	210
Ilustre e formosíssima Maria.....	211
<i>La dulce boca que a gustar convida</i>	210
A doce boca que a provar convida.....	211
<i>No destrozada nave en roca dura</i>	212
Não destrozada nave em roca dura.....	213
<i>De un Caminante Enfermo que se Enamoró donde Fue Hospedado</i>	212
De um Caminante Enfermo que se Enamorou onde Foi Hospedado.....	213
<i>En el Sepulcro de la Duquesa de Lerma</i>	214
No Sepulcro da Duquesa de Lerma	215
<i>Los blancos lirios que de ciento en ciento</i>	214
Os brancos lírios que, de cento em cento.....	215
<i>Señora doña puente segoviana</i>	216
Senhora Dona Ponte Segoviana.....	217
<i>A la memoria de la Muerte y del Infierno</i>	216
À memória da Morte e do Inferno.....	217
<i>De la Brevedad Engañosa de la Vida</i>	218
Da Brevidade Enganosa da Vida.....	219
<i>Al Conde-Duque de Olivares</i>	218
Ao Conde-Duque de Olivares.....	219
<i>De la Esperanza</i>	220

Da Esperança	221
<i>Acredita la Esperanza con Historias Sagradas</i>	220
Acredita a Esperanza com Histórias Sagradas	221
<i>Vana Rosa</i>	222
Rosa Vã	223
<i>Fábula de Polifemo y Galatea</i>	222
Fábula de Polifemo e Galatéia.....	223

LOPE DE VEGA

<i>Soneto de Repente</i>	258
Soneto De Repente	259
<i>Definición del Amor</i>	258
Definição Do Amor	259
A Jesús	260
A Jesus	261
<i>A la Muerte de Don Luis de Góngora</i>	260
À Morte de Don Luis de Góngora.....	261
<i>Letra para Cantar</i>	262
Letra para Cantar	263
<i>A mis soledades voy</i>	262
A minhas solidões vou.....	263
<i>La Barquilla</i>	270
A Barquinha.....	271

DIEGO DE SILVA Y MENDOZA,

<i>Ni el corazón, ni el alma, ni la vida</i>	278
Nem coração, nem alma, nem a vida	279
<i>Una, dos, tres estrellas, veinte, ciento...</i>	278
Uma, duas estrelas, vinte, um cento.....	279

LUISA DE CARVAJAL (1566-1614)

<i>En el sinistro brazo recostada</i>	280
Leve, no braço esquerdo recostada.....	281

JUAN DE ARGUIJO (1507-1628)

<i>Mira con cuanta prisa se desvía</i>	280
--	-----

Contempla com que pressa se desvia.....	281
---	-----

RODRIGO CARO

<i>Canción a las Ruinas de Itálica</i>	282
Canção as Ruínas de Itálica.....	283

LUIS MARTÍN DE LA PLAZA

<i>Cuando a su dulce olvido me convida</i>	286
Quando a seu doce olvido me convida... ..	287

FRAY HORTENSIO FÉLIX PARAVICINO

<i>A unos Ojos Negros</i>	288
A uns Olhos Negros	289

FRANCISCO DE QUEVEDO

<i>Pasiones de Ausente Enamorado</i>	292
Paixões de Ausente Enamorado	293
<i>Amor Constante Más Allá de la Muerte</i>	294
Amor Constante para Além da Morte.....	295
<i>No me aflige morir, no he rebusado</i>	294
Não me aflige morrer, não me hei negado.....	295
<i>Amor me ocupa el seso y los sentidos</i>	296
Amor me ocupa a mente e os meus sentidos... ..	297
<i>Es hielo abrasador, es fuego helado</i>	296
É gelo abrasador, fogo gelado.....	297
<i>¡Ab de la vida! ¿nadie me responde</i>	298
Chamo: “ó da vida!” Em vão. Ninguém responde.....	299
<i>Fue sueño ayer, mañana será tierra</i>	298
Ontem sonho; amanhã apenas terra... ..	299
<i>Exhorta a los que amaren, que no sigan los pasos por donde ha hecho su viaje</i>	300
Exorta os que amarem a não seguirem os passos por onde tem feito sua viagem	301
<i>Ven ya, miedo de fuertes y de sabios</i>	300
Vem já, medo de fortes e de sábios.....	301
<i>¡Qué perezosos pies, qué entretenidos</i>	302
Que preguiçosos pés, tão entretidos... ..	303
<i>Miré los muros de la patria mía</i>	302

Os muros vi da minha pátria dura.....	303
<i>Buscas em roma a roma, job, peregrino!.....</i>	304
Buscas em Roma a Roma, ó peregrino!.....	305
<i>A un hombre de gran nariz.....</i>	304
A um nariz	305
<i>A un Hombre Casado y Pobre.....</i>	306
A um Homem Casado e Pobre.....	307
<i>Yo te untaré mis obras con tocino... ..</i>	308
Untarei minhas obras com toucinho.....	309
<i>Burla de los Eruditos de Embeleo que Enamoran a Feas Cultas.....</i>	308
Burla dos Eruditos de Embeleo que Namoram as Feias Cultas	309
<i>Madre, yo al oro me humillo.....</i>	310
Mãe, o ouro é meu grande anelo... ..	311
<i>El Escarmiento.....</i>	316
O Escarmento.....	317

JUAN DE TASSIS

<i>Determinarse y luego arrepentirse.....</i>	322
Determinar-se e logo à ação fugir-se.....	323
<i>Al Alguacil de Corte Pedro Vergel.....</i>	324
Ao Alguazil Pedro Vergel.....	325

FRANCISCO DE RIOJA

<i>Lânguida flor de Venus, que escondida... ..</i>	324
Lânguida flor de Vênus, que escondida.....	325
<i>Ardo en la llama más hermosa y pura.....</i>	326
Ardo na chama mais formosa e pura... ..	327

LUIS CARRILLO DE SOTOMAYOR

<i>El imperioso brazo y dueño airado... ..</i>	326
O imperioso braço e dono irado... ..	327
<i>Amor, déjame, Amor; queden perdidos.....</i>	328
Amor, deixa-me, Amor; fiquem perdidos... ..	329
<i>Pues servís a un perdido, y tan perdidos... ..</i>	328
Pois servis a um perdido, e tão perdidos.....	329

PEDRO DE ESPINOSA

<i>Soneto en Alejandrinos</i>	330
Soneto em Alexandrinos	331

FRAY JERÓNIMO DE SAN JOSÉ

<i>El Ruiseñor y la Rosa</i>	330
O Rouxinol e a Rosa	331

CALDERÓN DE LA BARCA

<i>La Noche</i>	332
A Noite	333

GABRIEL BOCÁNGEL

<i>Yo cantaré de amor tan dulcemente</i>	334
Eu cantarei de amor tão docemente... ..	335

PEDRO DE CASTRO Y AÑAYA

<i>Copiaste en mármol la mayor belleza</i>	334
Copiaste em mármore a maior beleza.....	335

SOR JUANA INÉS DE LA CRUZ

<i>Arguye de Inconsecuentes el Gusto y la Censura de los Hombres que en las Mujeres Acusan lo que Causan</i>	336
Argúi de Inconseqüentes o Gosto e a Censura dos Homens que nas Mulheres Acusam o que Causam	337
<i>Al que ingrato me deja, busco amante</i>	340
O que ingrato me deixa, busco amante... ..	341
<i>Cuando mi error con tu vileza veo</i>	340
Quando meu erro em teu opróbrio vejo... ..	341
<i>En que Satisface un Recelo con la Retórica del Llanto</i>	342
Em que Satisfaz um Receio com a Retórica do Pranto	343

A POESIA DO SÉCULO DE OURO

Denomina-se Século de Ouro uma etapa da evolução histórica da Espanha na qual confluem o máximo desenvolvimento da monarquia hispânica e o maior esplendor nas atividades artísticas e literárias. Os limites desse período não estão claramente definidos, embora se costume aceitar as datas de 1530 e 1680. Dessa forma, o Século de Ouro se estende na realidade a quase duas centúrias, e afeta as manifestações culturais e artísticas do Renascimento e do Barroco.

O RENASCIMENTO - O Renascimento tem sido considerado tradicionalmente uma época de ruptura com a Idade Média, opinião já dos próprios humanistas, ao considerarem que ele se opunha à bárbara e tenebrosa época anterior, que com desprezo qualificaram de “média” porque os separava da antiguidade clássica, de que se proclamavam continuadores, e que consideravam como uma idade dourada em que o homem intentou conhecer a realidade sem mais auxílio que o de suas faculdades humanas.

Não obstante, as novidades renascentistas não surgiram tão de improviso como à primeira vista pode parecer, mas em boa parte podiam ser percebidas ao longo da Baixa Idade Média, como consequência das alterações sociais que o auge da burguesia havia gerado no sistema feudal. Assim, o século XV é já plenamente renascentista nas cidades italianas, enquanto na Espanha o Renascimento coincide basicamente com o século XVI.

O HUMANISMO — O Renascimento desprezou o saber medieval porque, devido a sua base teológica, não se mostrava adequado para um novo tipo de sociedade que procurava no estudo o fim prático de conhecer e dominar a realidade. Daí que se considerava essencial o estudo da linguagem, entendido não só como o conhecimento das regras (gramática), senão sua boa utilização, tanto oral (retórica) como literária (poética). Estas disciplinas, mais a história e a filosofia moral, constituíam a base das humanidades (*studia humanitatis*), estudos com uma clara dimensão moral, por proporcionarem os elementos para persuadir e induzir à ação.

Em sentido estrito, humanista era o mestre de humanidades, filólogo em primeiro lugar por sua condição de especialista em textos clássicos; mas, como o estudo de humanidades era principalmente um meio para alcançar o protótipo do homem renascentista, resultou que em sentido amplo o humanismo perseguia um saber enciclopédico que assegurasse o lugar predominante do indivíduo como centro do universo, de acordo com os interesses e aspirações da ascendente classe burguesa. Daí que o humanismo sempre mantenha certo caráter laico, relativista e prático que o contrapõe ao mais rígido saber medieval.

O RENASCIMENTO NA ESPANHA - A estética renascentista havia começado a introduzir-se na literatura espanhola ao longo do século XV por meio dos contatos com a Itália. Dante fora conhecido e imitado por vários poetas dos cancioneiros, e o Marquês de Santilhana havia composto quarenta e dois *Sonetos Hechos al Itálico Modo*, de título suficientemente expressivo. No reino de Aragão a influência fora ainda maior, devido ao incremento de relações advindo da anexação de Nápoles à coroa aragonesa em 1442.

Durante o reinado dos Reis Católicos apreciavam-se também novas atitudes culturais na linha do Renascimento. Assim, o humanista italiano Pedro Mártir de Angleria (1459-1526) ensinou na corte a convite expresso da Rainha Isabel, e Antonio de Nebrija (1442-1522) escreveu a primeira gramática de uma língua romance em 1492. A Universidade de Alcalá de Henares, fundada pelo Cardeal Cisneiros, aglutinou importante grupo de humanistas, que teve ressonância na corte de Carlos V. Obra dessa mesma universidade é a monumental *Bíblia Poliglota Complutense*, contribuição de primeira ordem ao saber filológico da época.

Com os Reis Católicos desenvolveu a Espanha o primeiro estado moderno, que devido à colonização da América passa a ser a primeira potência da Europa. Mas, apesar dessa pujança, o estado espanhol nasceu com algumas peculiaridades que condicionaram seu desenvolvimento posterior. Desta forma, a nobreza continuou muito poderosa e a unidade política teve que fazer-se sobre a unidade religiosa, o que levou à expulsão dos judeus e mouros, e com isso à decadência do comércio e da agricultura.

Tradicionalmente se distinguiram duas épocas no Renascimento espanhol. A primeira ocuparia a primeira metade do século XVI, durante a qual houve um predomínio da política externa e um contato permanente

com todas as novas tendências européias. É a época em que a partir da Espanha se defende o “império universal”, idéia que irá fracassar no final do período, como se reconhecerá na Paz de Augsburg, em que a cristandade fica definitivamente dividida.

Durante a segunda metade do século, que basicamente coincide com o reinado de Filipe II, a Espanha fechou-se às novidades e converteu-se na principal defensora das teses do Concílio de Trento. Mas por outra parte continuou com uma política externa beligerante, o que levou o país a um empobrecimento progressivo. A colonização da América desempenhou papel importante nesse processo, já que os metais preciosos eram vendidos a outros países europeus com o fim de obter recursos para pagar as dívidas e custear as guerras de religião. Com isso se chegou a um efeito perverso, pois se consolidou a burguesia estrangeira, enquanto na Espanha cresciam sem parar a inflação e a miséria.

A LITERATURA RENASCENTISTA - As novas proposições culturais do Renascimento levaram a literatura a interessar-se por temas que não haviam sido tratados durante a Idade Média e a mudar o tratamento de outros. O tema mais abordado foi possivelmente o do amor concebido à maneira de Petrarca (1304-1374), que partia de uma teorização do amor cortês a partir dos princípios da filosofia neoplatônica, segundo os quais a harmonia engendra beleza e felicidade, enquanto a dor é desconcerto e inimiga da ordem. Desse modo, o amor petrarquista por uma mulher idealizada, na qual se dava a união harmônica de beleza física e intelectual, servia para elevar espiritualmente o enamorado. Ante a frialdade da dama, aquele se via obrigado a realizar uma análise minuciosa do amor (embora fosse mais adequado chamá-lo “contemplação amorosa”), que amava como um acicate intelectual para aumentar o conhecimento que de si mesmo tinha o indivíduo e para acercá-lo ao conhecimento da suprema verdade.

Mas ao homem renascentista também o atraía o gozo sensual da beleza feminina, o que conduzia à luta entre o desejo e a razão e a expor o sentimento amoroso com uma certa melancolia, ante a impossibilidade de unir ambos os extremos. Com frequência, o desejo de gozo se manifesta através do tema do *carpe diem* (exortação para que se desfrute a vida antes que a passagem do tempo o impeça), e a insatisfação, com o motivo temático do *beatus ille* (ou o elogio da vida retirada).

O Renascimento atribuiu grande importância à descrição da natureza, não só por seu valor intrínseco mas em relação aos sentimentos que nela se desenvolvem. Por isso encontramos com frequência o tópico do *locus amarus*, lugar ideal cheio de árvores, com transparentes mananciais e cantos de pássaros, atapetado com flores e brandas ervas, e atravessado por uma brisa suave. Nele os namorados se lamentavam de suas insatisfeitas ânsias de amor. Em outras ocasiões encontramos a nostalgia das épocas passadas, nas quais a harmonia regia as relações entre as pessoas (tópico da Idade Dourada), e o recurso aos temas mitológicos, com o fim de atribuir um sentido universal aos conflitos individuais.

Durante a segunda metade do século XVI, já em plena Contra-Reforma, produziu-se na Espanha uma translação dos conteúdos amorosos e pagãos ao terreno do amor divino (ascética e mística). Apenas Fernando de Herrera e alguns outros nomes da escola sevilhana continuaram cultivando uma poesia heróica e amorosa, que por sua maior artificiosidade formal era já um prelúdio do Barroco.

A LINGUA LITERÁRIA — O retorno aos clássicos, próprio do Renascimento, conduziu ao intento de ressuscitar o elegante latim utilizado pelos grandes autores da antiguidade; por outro lado, o interesse pelo natural e a exaltação nacionalista deram grande impulso às línguas vulgares, a que se pretendeu dotar de uma perfeição formal ajustada aos ideais estéticos do Renascimento. Como consequência desse processo impôs-se um latim de corte classicista, ao mesmo tempo em que as línguas vulgares ampliavam notavelmente seu ambiente de aplicação como línguas de cultura. Buscou-se uma expressão clara e harmoniosa, e por isso os princípios condutores dos usos lingüísticos foram a naturalidade e a seleção; a língua literária alcança assim uma cuidada naturalidade, porque, como afirmava Fray Luis, “bem falar (...) é negócio de particular bom-senso”.

O gênero em que ocorreram mais novidades foi o gênero lírico. Boscán e sobretudo Garcilaso de la Vega conseguiram introduzir na Espanha os metros da Itália, constituídos principalmente de versos heptassílabos e hendecassílabos, e suas estrofes (o soneto, o terceto, a oitava real, a estância, a silva e a lira), e com eles uma nova atitude poética. Foi a partir desse momento que ficou configurada uma poesia destinada à leitura individual, em lugar da transmissão oral própria da Idade Média.

A renovação poética do Renascimento, como posteriormente conta Boscán no prólogo de suas obras, iniciou-se em 1526, ano em que, por motivo da entrada triunfal de Carlos V em Granada, se encontra nesta cidade com Andrea Navagero, embaixador de Veneza, que em sua qualidade de poeta e erudito anima o espanhol a intentar novos metros, trabalho no qual logo o seguirá seu amigo Garcilaso de la Vega.

Juan Boscán Almogáver (1492-1542), membro de uma família de comerciantes barceloneses, foi preceptor do futuro Grande Duque de Alba, e passou a maior parte de sua vida nos círculos cortesãos, em que foi muito estimado. É autor de uma excelente tradução de *Il Cortegiano*, de Castiglione, feita por iniciativa de seu amigo Garcilaso, e poeta em metros tradicionais castelhanos e em metros italianos. Frequentemente poetiza a serenidade do lar, em versos cujo principal mérito reside em seu caráter inovador.

García Lasso de la Vega y de Gusmán (1499-1536), protótipo do cavaleiro renascentista, foi quem verdadeiramente conseguiu a aclimação na Espanha da nova poesia. Pertencente a uma família ilustre e poderosa, a partir de 1520 foi “contino” (guarda pessoal) do Imperador Carlos V, o que o levou a intervir em ações guerreiras e diplomáticas em favor do Imperador. Caído em desgraça em 1531, foi desterrado e passou o resto de sua vida na Itália. Morreu heroicamente em 1536, lutando contra as tropas francesas. Garcilaso, como era usual nos séculos XVI e XVII, não publicou suas obras em vida, mas elas apareceram postumamente como a quarta parte do volume que publicou a viúva de Boscán, recolhendo as obras de seu marido, e que constitui um dos livros capitais da lírica espanhola: *Las Obras de Boscán y algunas de Garcilasso de la Vega repartidas en cuatro libros*, Barcelona, Caries Amorós, 1543. Em 1569 se publicou em Salamanca a primeira edição que prescindia das obras de Boscán; em 1574, Francisco Sánchez de las Brozas, conhecido como El Brocense, catedrático de retórica em Salamanca, publicou uma edição corrigida e aumentada, na qual nos mostra já a poesia de Garcilaso como digna de equiparar-se à dos grandes autores gregos e latinos. Em 1580, Fernando de Herrera publica em Sevilha outra edição com emendas e anotações que constituem todo um tratado de retórica. A partir de então, as manifestações de admiração e o interesse pelo estudo da poesia de Garcilaso têm sido constantes, embora infelizmente só conheçamos uma parte de sua produção.

A obra de Garcilaso conservada é de pequena extensão. Constituem-na quarenta sonetos (dois de atribuição duvidosa), cinco canções, duas elegias, uma epístola e três églogas, compostas todas elas segundo os modelos italianos. Conservam-se além disso oito copias na forma tradicional castelhana (octossílabos) e três odes em latim, escritas em Nápoles sob a influência dos ambientes renascentistas que freqüentou. Garcilaso não só renovou o aspecto externo do poema como fez da poesia o modo de expressão de uma nova sensibilidade, em que a visão estóica e levemente melancólica da vida, assim como a busca do amor ideal e do equilíbrio entre o homem e a natureza, passa a fazer parte de um processo de introspecção que encontra na poesia um leito de expressão estética, e em primeiro lugar a servir como forma de aperfeiçoamento do indivíduo.

Garcilaso de la Vega utilizou os moldes petrarquistas para mostrar-nos um amor idealizado e inalcançável por sua perfeição, no qual o que importa é o caminho que conduz até ele e que obriga à introspecção e à reflexão de caráter universal e intemporal. Em sua obra não há referências a sua vida amorosa real, antes transparece em seus versos o desassossego íntimo que lhe causava a distância entre a realidade e os mais altos ideais do homem. Por isso existe dor, mas uma dor refreada por um sentimento estóico ante a vida, que propugna a serenidade em face das adversidades e da necessidade de superá-las; seguia assim uma linha de pensamento que parte de Sêneca e constitui uma presença constante em todas as épocas da literatura espanhola. Senequismo e neoplatonismo seriam, portanto, as principais linhas de pensamento que impregnam a nova poesia renascentista.

Desde logo a nova estética poética se imporia nos círculos cortesãos e literários da Espanha, e com ela um imaginário poético de grande repercussão posterior, até o ponto de, em muitos sentidos, e especialmente no que se refere à expressão do sentimento amoroso, podermos dizer que suas conseqüências chegam até a atualidade. Porém a ruptura não foi radical, já que os primeiros autores cultivaram simultaneamente os novos metros e os tradicionais, e houve mesmo uma valorização do popular, como o comprovam as importantes coletâneas de romanceros que se fazem nessa época e as abundantes edições de *Cancioneros*, até culminar com o monumental *Romancero General*, de 1600-1605. O que houve de fato foi uma separação

radical entre o culto e o popular que romperia com a que havia sido a tradição poética, o que alguns lamentariam e originou algumas resistências.

O principal detrator da poesia italianizante foi sem dúvida **Cristóbal de Castillejo**, nascido em Ciudad Rodrigo (Salamanca) em torno de 1490, e que desde muito jovem esteve a serviço do príncipe Dom Fernando, neto dos Reis Católicos e futuro rei da Boêmia e Hungria. Clérigo cisterciense, recorda o Arcipreste de Hita por sua atitude enamorada e desenvolta ante as mulheres. Embora defenda os metros tradicionais, seu espírito vitalista é próprio de um homem do Renascimento, e em seus escritos mostra uma profunda cultura humanística. Morreu em Viena em 1550.

Lugar semelhante ao de Boscán na literatura espanhola ocupa **Francisco Sá de Miranda** (1485-1558) na portuguesa, por ser o introdutor das novas formas poéticas em Portugal. Suas composições em português, contudo, são mais pobres, destacando-se a produção poética em espanhol. Sá de Miranda viajou pela Itália e conheceu em primeira mão os autores italianos, mas sua influência fundamental foi a de Garcilaso, com quem manteve estreita amizade e a quem, por motivo de sua morte, dedicou a égloga *Nemoroso*. Seus poemas amorosos estão dedicados a “Celia”, nome poético da bela Isabel Freyre, a mesma dama portuguesa que Garcilaso cantou sob o pseudônimo de Elisa. Também escreveu composições em metros tradicionais e alguma comédia.

Diego Hurtado de Mendoza (Granada, 1503-1575), bisneto do Marquês de Santilhana e aparentado com Garcilaso, foi um dos cavaleiros mais brilhantes de sua época, conhecido como mestre em diversas disciplinas e pela atividade assombrosa que desempenhou em diferentes campos, que vão desde a política e a diplomada até a filosofia. Ocupou importantíssimos postos diplomáticos, e Castiglione lhe dedicou seu conhecido *El Cortesano*, sabedor de que o poeta era um verdadeiro protótipo, por sua intensa vida amorosa e social. Em sua obra poética alternam as formas tradicionais e as italianizantes, com temas que vão do filosófico e amoroso até o satírico. Para muitos críticos Hurtado de Mendoza é provavelmente o autor do *Lazarillo*, mas esta é uma hipótese que nunca se pôde confirmar. Em seu testamento, cedeu a Filipe II sua biblioteca, cujos fundos constituem a base da biblioteca do Escorial.

Gutierre de Cetina nasceu em Sevilha por volta de 1515. Sua poesia é fundamentalmente amorosa e segue os padrões italianos, embora seja

patente a influência de Garcilaso e de Ausias March. Seu madrigal “Ojos claros, serenos” é magistral, e um dos poemas mais conhecidos de toda a literatura espanhola. Sua poesia tem grande sentido de ritmo e constitui um elo entre Garcilaso e Herrera. Estabelecido na Nova Espanha, faleceu em 1557 em Puebla de los Ángeles (México), possivelmente em consequência de ferimentos recebidos em uma aventura galante.

Gregório Silvestre nasceu em Lisboa em 1520 e chegou à Espanha em 1526, já que seu pai fazia parte do séquito de Dona Isabel de Portugal. Cultivou a poesia tradicionalista e depois passou progressivamente à italianizante. Foi organista da catedral de Granada, o que talvez contribuiu para que sua poesia se destaque pela musicalidade. Seus temas preferidos são os religiosos e os amorosos.

Hernando de Acuna foi poeta e soldado, como era freqüente nessa primeira época do Renascimento. Nascido em Valhadolid em 1518, muito jovem aparece lutando nos exércitos do Imperador, com os quais participou de numerosas ações na África, Itália e Alemanha. É muito conhecido seu soneto “Al Rey nuestro Señor”, em que expõe seus ideais cesaristas de “un Monarca, un Imperio y una Espada”. Após a morte de Acuña, ocorrida em 1580, sua viúva publicou-lhe as obras, nas quais se distinguem traduções, poesia italianizante e poesia de cancionero.

Em meados do século XVI a poesia renascentista já está plenamente aclimatada na Espanha. Nesse momento se destacam dois grupos poéticos fundamentais, conhecidos com os nomes de Escola Salmantina e Escola Sevilhana. A primeira se aglutina em torno da figura de Fray Luis de León, enquanto a segunda terá Fernando de Herrera como figura fundamental. É certo que as duas escolas compartilham não poucos elementos, porém é também verdade que há motivos suficientes para serem consideradas dois grupos poéticos distintos.

A *escola poética salmantina* surge em torno da Universidade, e professores desta são suas figuras mais representativas, de tal modo que podemos falar de um grupo formado por poetas-professores (a exceção mais notória seria Francisco de Aldana), ante os poetas-soldados da primeira época do Renascimento. Profundos conhecedores dos clássicos, suas influências procedem diretamente dos autores greco-latinos, mais que dos italianos; no plano da expressão buscam a sobriedade e a simplicidade, sem abrir mão da

precisão, tudo isso de acordo com o neoplatonismo, o estoicismo e o tom reflexivo que predomina em seus poemas.

Fray Luis de León (1527-1591) nasceu em Belmonte (Cuenca) mas, estabelecido desde muito jovem em Salamanca, pode ser considerado como salmantino de adoção. Catedrático da Universidade, erudito e bom conhecedor do grego, do latim e do hebraico, Fray Luis é o protótipo do humanista cristão. Por intrigas universitárias passou quatro anos encarcerado em Valholid, até que, reposto na cátedra, retomou seu trabalho docente com o famoso “Dizíamos ontem...”. Além de seus escritos teológicos e humanísticos, traduziu Horácio e Virgílio. Bom conhecedor da literatura espanhola, em sua poesia acompanha Garcilaso, mas também é perceptível seu conhecimento dos clássicos, assim como elementos pitagóricos, neoplatônicos e cristãos, além de não faltarem alusões autobiográficas. Frequentemente se enquadra sua obra poética dentro da literatura dita *ascética*, no sentido de que marca o caminho da perfeição que deve seguir o cristão para sua salvação. Embora tenha preparado sua poesia para ser impressa, não foi ela publicada até a edição de Quevedo, em 1631.

Outros insígnies humanistas escreveram também poesia, como é o caso de Francisco Sánchez de Brozas, El Brocense (1523-1601), e o de Benito Arias Montano (1527-1598), entre outros, mas sem dúvida os mais importantes autores do grupo salmantino são Francisco de la Torre e Francisco de Aldana. Algumas vezes também se cita o nome de Francisco de Figueroa, embora fosse mais correto situá-lo como seguidor direto de Garcilaso. Já o sevillhano Francisco de Medrano poderia ser colocado como traço de união entre a escola salmantina e a sevillhana.

São escassíssimos os dados conservados sobre **Francisco de la Torre**, poeta desconhecido até 1631, quando Quevedo, que o associava à escola sevillhana, o editou como antídoto contra os excessos gongorinos; em certo momento pensou-se que fosse uma invenção quevediana, mas hoje não há dúvidas sobre a autoria de de la Torre, poeta garcilasista, em quem se destacam a melancolia e a poetização dos ambientes noturnos.

Pertencente a uma família estremenha, **Francisco de Aldana** nasceu em Nápoles em 1537, e desde muito cedo se educou em Florença, como protegido dos Médicis. Começou sua vida militar em 1553, e logo alcançou fama de excelente guerreiro. Após intensa carreira nas armas, participou em

1578 da batalha de Alcácer-Quibir junto ao rei português Dom Sebastião, e ali encontrou a morte cumprindo com seu sentimento do dever, já que não pudera convencer o impetuoso monarca do insensato daquela expedição. Antes de morrer, Aldana destruiu quase todos os seus poemas, porém alguns anos depois seu irmão Cosme editou a parte de sua obra que hoje conhecemos. Poeta em sua língua e em italiano, Aldana possuía grande sentido de patriotismo, razão por que a preocupação pela política espanhola ocupa lugar importante em sua produção poética; mas também encontramos aí temas amorosos, sensuais, neoplatônicos, religiosos e de evocação da vida retirada. Pode-se perceber ainda, em meio a sua força e dramaticidade, um certo anseio de misticismo.

Francisco de Figueroa é também um caso de poeta-soldado. Nasceu em Alcalá de Henares por volta de 1540 e passou grande parte da vida na Itália. Vinculado mais a Garcilaso que a Fray Luis, Figueroa foi bom conhecedor de Petrarca e escreveu alguma poesia religiosa, mas destaca-se principalmente como poeta amoroso. Costuma-se louvar a musicalidade e a harmonia de seus poemas, que foram publicados em Lisboa em 1626, portanto após sua morte, ocorrida em 1620.

Francisco de Medrano nasceu em 1570 em Sevilha e ingressou muito jovem na Companhia de Jesus, o que o levou a Castela e especialmente a Salamanca. Por motivos não bem esclarecidos, em torno de 1602 já havia abandonado a Companhia e, desenganado, viveu em retiro horaciano em um sítio próximo a Sevilha, dedicando-se ao cultivo da amizade e da poesia até sua morte, em 1607, portanto aos 37 anos. Cultivou os versos tradicionais e os italianizantes, e pode ser considerado um elo entre a escola salmantina e a sevilhana, do mesmo modo que ocupa um lugar intermediário entre o Renascimento e o Barroco.

Especial e fora de toda possível classificação é o caso de **San Juan de la Cruz**, castelhano sem vinculação a nenhuma escola, e em quem encontramos um poeta místico que se serve dos elementos próprios de três tradições poéticas - a poesia do cancionero, a poesia garcilasista e a Bíblia — para expressar um tema único: o amor divino. Juan de Yepes Álvarez nasceu em Fontiveros (Ávila) em 1543. Professou na ordem carmelita em 1563 e, com o nome religioso de Juan de la Cruz, acompanhou **Santa Teresa de Jesús** em seu afã de reforma da ordem carmelita, o que lhe acarretou não poucas

perseguições e até passar alguns meses na prisão. Morreu em Úbeda (Jaén) em 1591. Sua fama repousa sobre três poemas fundamentais escritos na prisão, com os quais pretende comunicar a experiência mística por meio de alegorias e símbolos que têm o amor humano como ponto de partida. Daí que estejam repletos de imagens eróticas, que somente numa leitura alegórica nos aparecem como relativos ao amor divino. Sua obra poética é muito breve, já que é formada por cinco canções, dez romances e duas glosas “a lo divino”, além de três grandes composições em metro garcilasista (liras). A intensidade da poesia de San Juan, nascida do desejo de expressar uma experiência religiosa que é por princípio infável, faz dele um dos mais altos poetas de todos os tempos, embora o conjunto de sua obra poética não chegue a mil versos, e seus grandes poemas somem menos de trezentas peças.

A *escuela sevillana* não tem origem nos ambientes acadêmicos, como ocorre com a de Salamanca, mas é composta por um seletto grupo de amigos que se costumavam reunir em torno do humanista e professor de estudos clássicos Juan de Mal Lara (1527-1571), que têm como mestre Fernando de Herrera e com os quais o petrarquismo chega a sua máxima expressão. Partidários do cultismo e da sonoridade, mostram os integrantes do grupo, junto a não dissimulado elitismo, certo compromisso patriótico, o que os leva a uma visão integral da realidade e a uma peculiar síntese da ética e da estética. Tem-se dito que nesse grupo se respeitava ao mesmo tempo o epicurismo horaciano e o estoicismo senequista, e que seus componentes marcam a transição entre o classicismo garcilasista e o culteranismo gongorino. Muitos dos dados relativos aos autores dessa escola se devem ao *Libro de los Retratos*, de Francisco Pacheco, sogro de Velázquez, pintor, teórico da pintura e também poeta.

Fernando de Herrera, chamado El Divino, nasceu em Sevilha em 1534. De família modesta, teve um pequeno cargo eclesiástico, com cuja renda se manteve durante toda a vida, sem aspirar a maiores prebendas e podendo assim dedicar-se à poesia e aos estudos eruditos. Comparado ao que é usual na vida de outros poetas de sua época, levou Herrera uma existência pacífica e sem sobressaltos, sem outra preocupação, segundo sabemos por sua poesia, além do amor que sentia por Dona Leonor de Milán, Condessa de Gelves e esposa de Dom Álvaro Colón de Portugal, bisneto do Almirante e segundo Conde de Gelves. Dom Álvaro foi um importante mecenas e,

assim, os versos amorosos de Herrera poderiam ser um inocente jogo poético; apesar disso, há indícios de que se tratou de uma paixão não correspondida. Seu outro grande tema foi o heróico, na linha de uma preocupação patriótica que atribui caráter providencialista à monarquia espanhola. Sua monumental edição das obras de Garcilaso é todo um tratado de retórica e uma enunciação das características poéticas andaluzas. Morreu em Sevilha em 1597, e a maior parte de suas obras foi editada por Pacheco, em 1619.

Baltasar del Alcázar (1530-1606), que foi chamado “o Marcial sevilhano”, parece ter sido soldado na juventude, passando a ocupar-se na maturidade de assuntos de administração para vários nobres. É autor de poemas amorosos e religiosos, porém o que lhe deu mais celebridade foram seus poemas festivos e epigramáticos, especialmente os escritos em versos tradicionais, nos quais mostra uma alegria vital, unida à exaltação dos prazeres amorosos e da boa mesa. Recebeu pouco reconhecimento por sua poesia, de tal modo que o que conhecemos é o que nos chegou por algumas antologias e pelas cópias de Pacheco. Os últimos anos de sua vida parecem ter sido bastante penosos, devido aos padecimentos causados pela gota de que sofria.

Luis Barahona de Soto nasceu em Lucena (Córdoba) em 1547. Estudou medicina e viveu em Antequera, Granada e Osuna, geralmente a serviço de famílias nobres. Em Sevilha cultivou a amizade de Herrera, com quem partilha postulados estéticos, embora mantendo a atitude horaciana de “ensinar deleitando”, que nunca foi apreciada pelo maior elitismo de Herrera. Cultivou os metros tradicionais e os italianizantes, embora se tenha ido desencantando destes últimos. Destacam-se suas fábulas mitológicas e suas cinco églogas, obras em que já preludia o Barroco. Não logrou concluir *Las Lágrimas de Angélica*, grande poema épico a que muitos esforços havia dedicado.

Outros muitos poetas freqüentavam os círculos poéticos de Sevilha, como o próprio Mal Lara, o pintor Pablo de Céspedes e o também pintor Francisco Pacheco, já citado, o poeta e autor dramático **Juan de la Cueva**, Cristóbal Mosquera de Figueroa, Cristóbal de Mesa, etc.; mas, devido ao caráter de transição dessa escola poética, outros nomes de maior relevo, como Francisco de Rioja, Juan de Arguijo, Rodrigo Caro e Fernández de Andrada, são já autores plenamente barrocos.

É preciso também citar a importante obra poética de feição renascentista escrita por Miguel de Cervantes e por Luís de Camões. Se o

lugar privilegiado do primeiro deve ser situado na prosa e o do segundo na literatura portuguesa, nem por isso podemos esquecer que ambos trouxeram importante contribuição à lírica renascentista espanhola.

O BARROCO — Até cerca de 1600, como é sabido, houve uma série de mudanças de todo tipo, políticas, culturais, religiosas, estéticas, etc., que terão grandes conseqüências na criação poética. É o período em que se inicia a crise institucional espanhola, mas, apesar de essa sensação de crise já ser sentida pelos principais escritores e artistas da época, é preciso ter em conta que também foi essa a ocasião em que se deu um extraordinário florescimento de todas as atividades artísticas e culturais. No caso da poesia, é de destacar o papel das academias fundadas em diferentes cidades segundo o modelo italiano e nas quais diversos mecenas fomentam a criação poética.

Frequentemente a crítica tradicional manteve uma visão contraposta entre o Renascimento e a arte própria do século XVII, ou seja, o Barroco. Apesar disso, tende-se hoje a destacar a continuidade de critérios estéticos, embora se possa diferir no tratamento. Nos dois estilos se parte de uma revisão dos elementos clássicos, ainda que o ponto de vista seja diferente, de tal modo que otimismo e racionalismo impregnam o Renascimento, enquanto que o desengano e o pessimismo são forças permanentes no Barroco. Os ideais heróicos e vitalistas do Renascimento, tão presentes como vimos, por exemplo, no caso dos poetas-soldados, irão se enfraquecendo após um acúmulo de derrotas e de decisões políticas equivocadas, até desembocarem numa realidade muito distante daqueles ideais. Assim, desengano e desilusão levam o homem do Barroco a uma nova atitude ante o mundo, concebido como contraditório ou, mais ainda, como permanente luta de contrários, em que tudo é fugaz e incerto.

Esse novo ponto de vista tem importantes conseqüências estéticas, embora, como já se disse, os elementos que se manejem sejam os mesmos praticados durante o Renascimento. Assim, enquanto os renascentistas exaltam a natureza e postulam sua imitação, no Barroco o que importa é o artifício. Poder-se-ia dizer que deixa de ser importante a *imitatio* aristotélica, para ser a Retórica e suas fases (*inventio*, *dispositio* e *elocutio*) as que ocupam um lugar destacado na produção poética.

CULTERANISMO E CONCEPTISMO — As novas concepções estéticas levaram a que a poesia fosse entendida como uma superação do real, em que o importante é surpreender o leitor. Dessa posição surgem dois movimentos

fundamentais: o culteranismo e o conceptismo. O culteranismo, que tem em Góngora seu principal defensor, se caracterizaria pela latinização da sintaxe, pela generalização de cultismos e pela intensificação da metáfora, chegando-se a uma espécie de “metáfora da metáfora” ou “metáfora ao quadrado”, criada com a intenção deliberada de produzir dificuldades e excluir a generalidade dos leitores. Logicamente, essa poesia, criada com ânimo de provocar, não podia deixar indiferentes os leitores, senão que se defendia ou se atacava apaixonadamente. Quevedo foi, sem dúvida, seu principal detrator, além de figura mais representativa do outro movimento da época, o conceptismo. O conceptismo quevediano centra-se especialmente no conceituai, para surpreender o leitor com associações engenhosas. Na atualidade, tende-se a considerar que tais diferenças são mais teóricas que reais, já que separam características que costumam ocorrer unidas, e que, em ambos os casos, a base do efeito, seja conceituai ou formal, repousa na metáfora, figura que esgota durante o Barroco todas as possibilidades. A diferença entre os dois grandes poetas, e disso decorre talvez a antipatia que sentiam um pelo outro, apóia-se em especial em duas atitudes morais bem diferenciadas. Enquanto Góngora é um poeta laico, que controla suficientemente o jogo textual a que submete o leitor, Quevedo, em troca, transmite-nos uma angústia vital de cunho cristão, na qual pesam o desengano e o desgosto ante o amor e o viver. Logicamente o culteranismo, por estar focalizado na parte externa do poema, era mais imitável que o mais apaixonado conceptismo, e por isso sua influência se estendeu em maior ou menor medida a toda a poesia da época, incluída a de seus mais conspícuos detratores. Já Lope de Vega, o terceiro grande poeta do Barroco, desenvolveu uma ampla gama de temas próprios do Renascimento, mas acrescentando abundantes elementos autobiográficos.

Durante o século XVII, houve na Espanha uma enorme quantidade de poetas, muitos dos quais reunidos sob a epígrafe de “poetas menores”, denominação de todo injusta para autores muitas vezes de grande qualidade. No que tange à localização, é certo que Madri, capital de uma poderosa corte, ocupa lugar destacado, e em Madri escreveram os principais autores da época, porém houve outros importantes focos poéticos no país.

Em primeiro lugar, é preciso considerar a importância de Sevilha, próspera capital que centralizava todo o comércio das Índias. Nesta cidade, **Juan de Arguijo** (1567-1622), membro de uma família de grande fortuna, foi um autêntico mecenas das artes, e ele mesmo músico e

poeta. Destacam-se seus poemas morais e sobre a antiguidade clássica. **Rodrigo Caro**, nascido em Utrera em 1573, sacerdote de ampla cultura, levou vida recolhida e laboriosa dedicada ao estudo, à erudição e a suas coleções de antiguidades. Sua obra poética é escassa, devendo-se sua celebridade a uma só obra-prima, a *Canción por las Ruínas de Itálica*, magnífica ode em que canta aquela que foi uma grande cidade romana, e cujas ruínas se encontram perto de Sevilha. **Francisco de Rioja** (1583-1659) foi um erudito que ocupou cargos de importância junto ao Conde-Duque de Olivares. Admirador de Herrera e homem de grande retidão moral, sua poesia é de cunho classicista, e hoje se admiram sobretudo suas silvas sobre flores. Juan de Jauregui (1583-1641), poeta e pintor, autor do que se considera o retrato de Cervantes, publicou em 1616 *El Antídoto*, escrito antigongorino em que defende uma atitude mais classicista e equilibrada ante a poesia. Estabelecido pouco depois em Madri, intervém ativamente nos círculos poéticos da capital. Sua poesia é de temática muito variada e nela se observa, apesar dos ataques a Góngora, uma progressiva aproximação do culteranismo. O capitão Andrés Fernández de Andrada, nascido em Sevilha em torno de 1576, é conhecido por sua excelente *Epístola Moral a Fabio*, um dos pontos altos da epístola horáciana, que se situa na tradição senequista e neo-estóica tão própria da poesia do Século de Ouro. Na epístola o autor se dirige a um amigo, Fabio, que pretende algum posto na corte, e o anima para que despreze o ruído mundano e se retire para praticar as virtudes com sossego. Fernández de Andrada passou a residir no México e deve ter morrido em torno de 1648, ao que parece em extrema pobreza. A poesia jocosa tem também um extraordinário representante em Juan de Salinas (1559-1643), médico e religioso, e no também clérigo Pedro de Quirós (1607-1667), autor este também vinculado a Salamanca.

Também em Antequera (na atual província de Málaga) floresceu a poesia. Destaca-se aí a figura de **Pedro de Espinosa** (1578-1650), muito conhecido sobretudo pela antologia que publicou em 1605 sob o título *Flores de Poetas Ilustres de Espana*. Sua própria poesia é de raiz garcilasista, mas já precludia a de Góngora.

Ainda na Andaluzia encontramos o granadino Pedro Soto de Rojas (1584-1658), cuja principal obra é sem dúvida seu *Paraíso Cerrado para Muchos, Jardines Abiertos para Pocos*, longo poema em que nos descreve seu jardim

com vivos detalhes sensuais, e também o cordovês **Luis.Carrillo de Sotomayor (1585-1610)**.

Em Aragão sobressaem **Lupercio Leonardo de Argensola** (1559-1613) e seu irmão **Bartolomé Leonardo de Argensola** (1562-1631), nascidos em Barbastro (Huesca). Ambos foram poetas e historiadores e cultivaram uma poesia de cunho classicista. A influência dos irmãos Argensola é patente em Esteban Manuel de Villegas, natural de La Rioja, o qual em sua obra *Las Eróticas o Amatorias* imita cuidadosamente os clássicos, especialmente Horácio e Anacreonte, e ensaia mesmo a utilização em espanhol da métrica quantitativa dos escritores antigos.

Em Madri, então capital de um grande império e centro da vida cultural espanhola, havia grande quantidade de poetas pertencentes a todas as tendências. Citaremos apenas Vicente Espinel (1550-1624), que deu nome à décima ou “espinela”, **Juan de Tassis y Peralta**, Conde de Villamediana (1582-1622), personagem donjuanesco de vida novelesca e brilhante poeta e cortesão, Francisco López de Zarate (1580-1658) e **Gabriel Bocángel** (1603-1658), entre muitos outros. Mas sem dúvida os que ocuparam lugar especial e marcam toda uma época são os três grandes poetas do Barroco: Góngora, Lope de Vega e Quevedo.

Luis de Góngora y Argote nasceu em Córdoba em 1561, estudou em Salamanca e ingressou na Igreja com o fim de obter benesses, porém seu gosto era mundano e dado ao jogo e aos prazeres. De caráter áspero, em Madri polemizou com Lope de Vega e principalmente com Quevedo. Enfermo e carregado de dívidas, voltou em 1626 a Córdoba, cidade em que morreu no ano seguinte. Sua lírica cultivou todos os gêneros, desde os vinculados ao lirismo tradicional até os mais complexos, ainda que a distinção nem sempre se dê de forma taxativa. Seus grandes poemas, a *Fábula de Polifemoy Galatea* e as *Soledades*, ambas de 1613, são a mais acabada representação do culteranismo. Neles, o fio do argumento, baseado em passagens de Virgílio e Ovídio, é muito débil e está a serviço de um rico emprego de imagens, de jogos verbais e latinismos léxicos e sintáticos que dificultam deliberadamente a compreensão.

Lope Félix de Vega Carpio nasceu em Madri em 1562, no seio de uma família humilde, ainda que em certas ocasiões quisesse atribuir-se origem nobre. Estudou em Madri e em Alcalá, tendo cultivado todos os gêneros literários. Personagem muito popular na vida madrilenha, foi chamado “monstro da natureza”, por sua capacidade para desempenhar ocupações tão díspares como as de poeta, soldado, marinheiro, amante, cortesão, confidente

c sacerdote. Também foi assombrosa a capacidade que demonstrou para escrever uma obra que hoje é considerada de proporções quase inabarcáveis. Iniciador da comédia barroca, foi nesse gênero que conseguiu os maiores êxitos, se bem que sua produção poética seja também muito extensa. Foi ainda um dos criadores do novo romanceiro, ao mesmo tempo em que escreveu epopéias, poemas épico-burlescos, composições de cunho petrarquista, poemas devocionais e hagiográficos, entre muitos outros. Costuma-se dizer que Lope de Vega derramou sua vida em seus escritos, afirmação especialmente válida ao nos referirmos a sua produção lírica, em que encontramos um Lope complexo e contraditório, muito próximo sempre aos gostos populares e a prudente distância das novidades culteranas e conceptistas.

Francisco de Quevedo y Villegas nasceu em Madri em setembro de 1580, no seio de uma família nobre e muito ligada à corte. Estudou em Alcalá e Valladolid e teve destacada atuação nos círculos palacianos. Escreveu tratados ascético-morais em prosa e uma novela picaresca, porém durante toda a vida cultivou a poesia, especialmente a satírica, o que lhe valeu uma imensa popularidade. Serviu na Sicília ao Duque de Osuna e foi desterrado em várias ocasiões. No final da vida, e por motivos até hoje não bem esclarecidos, sofreu dura prisão durante quatro anos em León, da qual saiu com a saúde muito abalada. Faleceu em 1645 em Villanueva de los Infantes, para onde se havia retirado após sair da prisão.

Inimigo implacável do gongorismo, publicou a obra de vários autores renascentistas como antídoto contra os excessos culteranos, embora a causa do desencontro talvez esteja no rigoroso ascetismo senequista de Quevedo, em face do sensualismo gongorino. Sua obra poética é de altíssima qualidade, tanto nos temas amorosos como nos metafísicos e burlescos ou satíricos. Seu domínio da linguagem e os constantes jogos de sutileza são constantes desafios para a inteligência do leitor. Suas obras ficaram muito conhecidas por meio de cópias manuscritas, sendo a primeira edição a realizada por um seu sobrinho, três anos depois de sua morte.

Apesar das diferenças que têm sido apontadas entre autores e escolas, são muito mais freqüentes as coincidências que ocorrem na poesia barroca. Por outro lado, o número de poetas de grande qualidade é impressionante, e a eles deveria ser acrescido o trabalho poético de autores dedicados fundamentalmente ao teatro, ou ainda os poemas intercalados em obras dramáticas, como ocorre em autores como Tirso de Molina ou **Calderón de**

la **Barca**, para citar apenas os mais populares. Cabe destacar também que esse grande caudal de poesia é ainda mal conhecido, já que escasseiam estudos de conjunto e edições confiáveis relativas aos autores do período barroco, sem dúvida o mais produtivo de toda a história literária espanhola.

A POESIA DO SÉCULO DE OURO NA AMÉRICA ESPANHOLA - O Século de Ouro espanhol coincide com a época da conquista e colonização da América, à qual se transladaram em seguida instituições culturais de todo tipo, e aonde chegaram quase imediatamente as principais novidades literárias que se produziam na Espanha. Assim, durante os primeiros tempos, foram as formas mais populares, especialmente o romanceiro, as que serviram como principal veículo de expressão, porém pouco depois e à medida que se foi consolidando o sistema colonial foram alternando com a poesia culta surgida após o Renascimento.

A grandeza dos feitos históricos que então se viviam era um poderoso acicate para a poesia épica, e assim ocorreu com *La Araucana*, do madrileno Alonso de Ercilla y Zúñiga (1533-1594), a obra mais importante da épica culta do Renascimento espanhol, autêntica epopéia de todo um povo e que ocupa lugar destacado tanto na literatura espanhola como na hispano-americana. Sob a influência de *Ea Araucana*, Juan de Castellanos (1522-1607), andaluz de Alanís (Sevilha), compôs também em oitavas reais as *Elegías de Varones Ilustres de Indias*, vasto panorama histórico sobre a conquista, tal como o percebeu de seu retiro em Tunja, perto de Santa Fé de Bogotá.

Além da épica e da poesia popular, a lírica renascentista de cunho italianizante foi conhecida na América Espanhola desde tempos muito antigos. Colaboraram nesse trabalho de difusão conhecidos poetas cultos que participaram da conquista ou da colonização, como Gurierre de Cetina, Juan de la Cueva ou Diego Mexia. Por outro lado, já em meados do século XVI se fundaram as primeiras universidades hispano-americanas e começaram a difundir-se a imprensa e o teatro. Com isso, o cultivo da poesia se foi transformando em uma atividade prestigiosa, capaz de proporcionar honras equivalentes às obtidas pelo exercício das armas.

A plena assimilação da poesia renascentista aparece já na obra do mexicano **Francisco de Terrazas (1525?-1602?)**, possivelmente o primeiro poeta hispano-americano de nome conhecido, em quem não é difícil detectar a influência de Garcilaso.

A consolidação do regime colonial conduziu a uma divisão administrativa realizada em torno de duas cidades: México, capital do Vice-

Reino de Nova Espanha, e Lima, capital do de Nova Castela (posteriormente, já no século XVIII, se fundariam outros dois vice-reinos, o de Nova Granada, cuja capital foi Santa Fé de Bogotá, e o do Rio da Prata, com centro em Buenos Aires). As capitais dos vice-reinos se converteram a seguir em importantes centros culturais, nos quais a nova classe hegemônica se esforçou por adotar os usos culturais da metrópole, propiciando a criação de bibliotecas, academias, certames literários e outras instituições culturais. Assim, o pleno assentamento do sistema colonial coincide historicamente com o Barroco, estilo que se afirma fortemente na América espanhola e que, além dos traços próprios do Barroco espanhol, contém ainda elementos característicos da situação social da colônia. É essa capacidade de assimilar influências de diversas origens uma das causas principais da sobrevivência de um certo barroquismo na cultura espanhola no Novo Continente.

Uma das primeiras manifestações do Barroco na América é a *Grandeza Mexicana*, poema em tercetos escrito em 1604 por Bernardo de Balbuena (1568-1627). Nele encontramos pela primeira vez o mundo hispano-americano convertido em matéria poética, razão pela qual, para alguns críticos, tem origem com essa obra a poesia hispano-americana propriamente dita.

O surgimento de uma poderosa classe ociosa fez com que o Barroco, além de conhecido, fosse intensamente cultivado nas cortes dos vice-reis. No México, houve numerosos certames literários, sobre os quais conservamos importantes dados no *Triunfo Parténico* do erudito Carlos de Sigüenza y Góngora. Já em Lima a maior atividade literária se exerceu nas Academias, a mais importante das quais foi a chamada Academia Antártica. Na mesma cidade, Fray Diego de Hojeda (1571-1615) compôs em 1611 *La Cristiada*, poema épico-religioso sobre a paixão de Cristo. Mas também houve poetas de importância fora do âmbito daquelas cortes, como é o caso do bogotano Hernando Domínguez Camargo (1606-1659), autor muito influenciado por Góngora.

No Barroco hispano-americano, a maior influência foi a exercida por Luis de Góngora. A admiração pelo culteranismo foi tão grande que uma de suas principais defesas, na polêmica que se seguiu aos escritos gongorinos, é de procedência americana. Trata-se do *Apologético en Favor de Góngora, Príncipe de los Poetas Líricos de España*, escrito pelo poeta cusquenho Juan Espinosa Medrano, cognominado El Lunarejo (1629-1682). Porém também é perceptível a marca de Quevedo e de outros poetas peninsulares. Assim, o

exemplo mais vivido da admiração por Lope de Vega é possivelmente a interessantíssima *Epístola a Belardo*, dirigida a Lope por uma desconhecida dama limenha que se ocultou sob o pseudônimo de Amarilis.

Contudo, a figura mais expressiva da poesia barroca hispano-americana é, sem dúvida, **Sor Juana Inés de la Cruz** (1651-1695), nome religioso de Juana de Asbaje y Ramírez de Santillana. Foi Juana de Asbaje uma criança precoce e com insaciável sede de conhecimentos, cuja fama induziu o vice-rei do México a convidá-la a estabelecer-se na corte da Nova Espanha. Nesta, sua beleza e inteligência lhe granjearam a admiração de muitos e o favor dos vice-reis, porém a vida na corte não lhe foi fácil, o que, unido a um amor contrariado talvez por impedimentos sociais, foi para ela outra fonte de sofrimento. Uma crise espiritual, ainda não de todo explicada, levou Juana de Asbaje a ingressar no aristocrático convento mexicano das carmelitas, em que só permaneceu alguns meses. Um ano depois transferiu-se para o de São Jerônimo, onde, com o nome de Sor Juana Inés de la Cruz, permaneceu até a morte, aos quarenta e quatro anos de idade.

De sua cela, Sor Juana continuou em contato com as personalidades culturais do México da época, e nela reuniu importante quantidade de livros e de instrumentos científicos e musicais. Na Nova Espanha, o prestígio da monja erudita era crescente, e sua colaboração continuava sendo solicitada nos mais importantes atos sociais. Em 1689 foi publicada em Madri parte de sua obra poética, sob o título de *Inundación Castálida*.

De especial importância para conhecer o pensamento dessa freira excepcional é a *Respuesta a Sor Filotea*, longa carta autobiográfica dirigida a seu bispo, na qual Sor Juana justifica sua atividade, e ao mesmo tempo se defende dos que a atacavam. Sor Juana sempre defendeu com valentia o direito que assiste a todo ser humano de manter as próprias atitudes diante da vida, como quando defende a condição de mulher, em conhecidíssimas redondilhas.

Muito mais profundo e com elementos procedentes de outras disciplinas é seu longo poema em silvas intitulado *Sueño*, chamado por alguns *Primero Sueño*. Trata-se de autêntico “poema del conocimiento”, no qual Sor Juana nos conta como à chegada da noite, no sossego de um sonho, começa o caminho que a conduzirá à compreensão total do Universo. Após percorrer diversas escalas do conhecimento, fracassa em seu intento e desperta. O poema é de alto conteúdo filosófico e científico e de beleza singular. Sor Juana confessa

havê-lo escrito imitando Góngora, mas essa afirmação é válida somente quanto ao estilo, visto que a elaboração temática é de grande originalidade.

Com a obra lírica de Sor Juana Inés de la Cruz, o Barroco hispano-americano chegou à plenitude de sua maturidade. Os temas mais variados e as estrofes mais diversas tiveram espaço na poesia dessa religiosa da Nova Espanha, considerada por seus contemporâneos “a décima musa da América”.

A sátira de procedência quevedesca teve seu principal cultivador em Juan del Valle Caviedes (1652?-1697?), outro grande clássico das letras coloniais que viveu, como Sor Juana, na segunda metade do século XVII. De origem andaluza, morou desde criança em Lima, cidade na qual levou uma vida desordenada e da qual chegou a ser profundo conhecedor.

A maior parte de sua obra foi publicada em 1689 sob o título *Diente del Parnaso*. De acordo com o subtítulo, essa obra “trata de diversas matérias: contra médicos, de amores, a lo divino, pinturas y retratos”. Nela, em linguagem bastante livre, Caviedes critica diversos aspectos da sociedade limenha e satiriza clérigos, prostitutas, advogados, alfaiates, beatas e sobretudo os médicos, que apresenta como incompetentes e fiéis aliados da morte.

Quase toda a obra de Caviedes é de tom festivo ou satírico. Contudo, mostra-nos também uma delicada sensibilidade, ao ocupar-se de assuntos amorosos ou religiosos, tão característicos da estética barroca.

Durante grande parte do século XVIII o Barroco continuou sendo o estilo predominante na lírica hispano-americana, como o demonstram a obra da neogranadina Sor Francisca Josefa del Castillo Guevara (1671-1742) e a do erudito e poeta limenho Pedro Peralta Barnuevo (1663-1743). Porém a partir da segunda metade desse século começa a manifestar-se a nova estética neoclássica, se bem que um certo barroquismo tenha permanecido constante até os nossos dias.

Manuel Morillo Caballero

Rio de Janeiro, 2000

Poetas do Século de Ouro Espanhol



Poetas del Siglo de Oro Español

GIL VICENTE (¿1470?-¿1539?)

VILLANCETE IX

En el mes era de abril,
de mayo antes un día,
cuando lirios y rosas
muestran más su alegría;
en la noche más serena
que el cielo hacer podía,
cuando la hermosa infanta
Flérída ya se partía,
en la huerta de su padre
a los árboles decía:
“Quedaos, adiós, mis flores,
mi gloria que ser solía.
Voyme a tierras extranjeras,
pues ventura allá me guía.
Si mi padre me buscare,
que grande bien me quería,
digan que amor me lleva,
que no fue la culpa mía;
tal tema tomó conmigo,
que me venció su porfía.
¡Triste, no sé a do vo,
ni nadie me lo decía!”
Allí habla don Duardos:
“No lloréis, mi alegría,
que en los reinos de Inglaterra
más claras aguas había,
y más hermosos jardines,
y vuesos, señora mía:
teméis trescientas doncellas
de alta genelosía,
de plata son los palacios
para vuesa señoría;
de esmeraldas y jacintos,
de oro fino de Turquía,
con letreros esmaltados
que cuentan la vida mía;
cuentan los vivos colores

GIL VICENTE (1470?-1539?)

VILANCETE IX

Era ainda o mês de abril,
de maio antes um dia,
quando lírios e rosas
mostram mais sua alegria;
pela noite mais serena
que fazer o céu podia,
quando Flérida, a formosa
infanta, já se partia,
ela na horta do pai
para as árvores dizia:
“Ficai, adeus, minhas flores,
em que glória ver soía.
Vou-me a terras estrangeiras,
a que ventura me guia.
Se meu pai me for buscar,
que grande bem me queria,
digam-lhe que amor me leva,
e que eu sem culpa o seguia;
que tanto por mim porfiava
que venceu sua porfia.
Triste, não sei aonde vou,
e a mim ninguém o dizia!”
Eis que fala Dom Duardos:
“Não choreis, minha alegria,
que nos reinos de Inglaterra
mais claras águas havia,
e mais formosos jardins,
e vossos, senhora, um dia:
tereis trezentas donzelas
de alta genealogia,
de prata são os palácios
para vossa senhoria;
de esmeraldas e jacintos,
de ouro fino da Turquia,
com letreiros esmaltados
que minha vida à porfia
vão contando, e as vivas cores

que me distes aquel día
cuando don Primaleón
fuertemente combatía:
señora, vos me matastes,
que yo a él no lo temía.”
Sus lágrimas consolaba
Flérída, que esto oía;
fuéronse a las galeras,
que don Duardos tenía:
cincuenta eran por cuenta,
todas van en compañía.
Al son de sus dulces remos
la princesa se adormía
en brazos de don Duardos,
que bien le pertenecía.
Sepan cuantos son nacidos
aquesta sentencia mía:
que contra la muerte y amor
nadie no tiene valía.

SÁ DE MIRANDA (1485-1558)

¿QUIÉN DARÁ A LOS MIS OJOS UNA FUENTE...

¿Quién dará a los mis ojos una fuente
de lágrimas, que manen noche y día?
¿Respirará siquiera esta alma mía,
llorando, ora el pasado, ora el presente?

¿Quién me dará, apartado de la gente,
suspiros, que en la mi lengua agonía
me valgan, que el afán tanto encubría?
¡Siguióseme después tanto accidente!

¿Quién me dará palabras con que iguale
a tanto agravio cuanto amor me há hecho,
pues que tan poco el sufrimiento vale?

¿Quién me abrirá por medio este mi pecho,
do yace tanto mal, donde no sale,
a tanta cuita mía y mi despecho?

que vós me destes no dia
em que com Primaleão
fortemente combatia:
senhora, vós me matastes,
que eu a ele não temia.”
Os seus prantos consolava
Flérída, que tudo ouvia;
foram-se então às galeras
que Dom Duardos havia:
por cinqüenta se contavam,
todas vão em companhia.
Ao som de seus doces remos
a princesa se adormia
nos braços de Dom Duardos,
que bem já lhe pertencia.
Saibam quantos são nascidos
que sentença eu lhes diria:
que contra a morte e o amor
não há quem tenha valia.

ABH

SÁ DE MIRANDA (1485-1558)

QUEM AOS OLHOS DAR-ME-Á UMA VERTENTE...

Quem aos olhos dar-me-á uma vertente
de lágrimas, que manem noite e dia?
Ao menos a alma, enfim, respiraria,
chorando, ora o passado, ora o presente?

Quem me dará, longe de toda gente,
suspiros, que me valham na agonia
já longa, que o afã tanto encobria?
Sucedeu-me depois tanto acidente!

Quem me dará palavras com que iguale
tanto agravo que amor já me tem feito,
pois que tão pouco o sofrimento vale?

Ah! quem ao meio me abra este meu peito,
onde jaz tanto mal, por que se exale
tamanha coita minha e meu despeito?

ABH

CRISTÓBAL DE CASTILLEJO (¿1490?-¿1550?)

GARCILASO Y BOSCÁN, SENDO LLEGADOS...

Garcilaso y Boscán, sendo llegados
al lugar donde están los trovadores,
que esta nuestra lengua y sus primores
fueron en este siglo señalados,

los unos a los otros alterados
se miran, demudadas las colores,
temiéndose que fuesen corredores
o espías o enemigos desmandados;

y juzgando primero por el traje,
pareciéndoles ser, como debía,
gentiles españoles caballeros;

y oyéndoles hablar nuevo lenguaje
mezclado de extranjera poesía,
con ojos los miraban de extranjeros.

SONETO DE BOSCÁN

Si las penas que dais son verdaderas,
como muy bien lo sabe el alma mía,
¿por qué ya no me acaban, y sería
sin ellas mi morir muy más de veras?

Mas si por dicha son tan lisonjeras,
que quieren retozar con mi alegría,
decid, por qué me matan cada día
con muerte de dolor de mil maneras?

Mostradme este secreto ya, señora,
y sepa yo de vos, pues por vos muero,
si aquesto que padezco es muerte o vida;

porque siéndome vos la matadora,
mayor gloria de pena ya no quiero
que poder yo tener tal homicida.

CRISTÓBAL DE CASTILLEJO (1490?-1550?)

GARCILASO E BOSCÁN, SENDO CHEGADOS...

Garcilaso e Boscán, sendo chegados
ao lugar onde estão os trovadores,
que desta nossa língua e seus primores
neste século foram sinalados,

uns aos outros se encaram alterados,
e se olham, demudadas suas cores,
tendo medo que fossem corredores,
espias, inimigos desmandados;

e julgando primeiro pelo traje,
parecendo-lhes ser, como devia,
uns gentis espanhóis e cavalheiros;

e entendendo-os falar nova linguagem,
mesclada de estrangeira poesia,
com olhos os fitavam de estrangeiros.

FMV

SONETO DE BOSCÁN

Se as penas que me dais são verdadeiras,
como mui bem minha alma compreendia,
por que nunca se acabam, se teria
sem elas pena e morte mais ligeiras?

Mas se por sorte são tão lisonjeiras,
que podem completar minha alegria,
dizei, por que me matam cada dia
com morte dolorosa, em mil maneiras?

Mostrai-me este segredo já, senhora,
e que saiba eu de vós, por quem pereço,
se isto que ora padeço é morte ou vida:

porque sendo-me vós a matadora,
maior glória de pena já não peço
que poder ter em vós tal homicida.

JJR

SUEÑO

Yo, señora, me soñaba
un sueño que no debiera
que por mayo me hallaba
en un lugar do miraba
una muy linda ribera,
tan verde, florida y bella,
que de miralla y de vella
mil cuidados deseché,
y con solo uno quedé
muy grande, por gozar della.

Sin temer que allí podría
haber pesares ni enojos,
cuanto más dentro me vía,
tanto más me parecía
que se gozaban mis ojos.
Entre las rosas y flores
cantaban los ruiñeñores,
las caliandras y otras aves,
con sonos dulces, suaves,
pregonando sus amores.

Agua muy clara corría,
muy serena al parecer,
tan dulce si se bebía,
que mayor sed me poma
acabada de beber.
Si a los árboles llegaba,
entre las ramas andaba
un airecico sereno,
todo manso, todo bueno,
que las hojas meneaba.

Buscando dónde m'echar,
apartéme del camino,
y hallé para holgar
un muy sabroso lugar
a la sombra de un espino;
do tanto placer sentí
y tan contento me ví,
que diré que sus espinas
en rosas y clavellinas
se volvieron para mí.

SONHO

Eu, senhora, me sonhava
um sonho que não devera:
que em pleno maio me achava
em um lugar onde olhava
para uma linda ribeira,
tão verde, florida e bela,
que por mirá-la e por vê-la
mil cuidados desprezei,
e com só um eu fiquei
mui grande, por gozar dela.

Sem temer que ali podia
achar pesares e escolhos,
quanto mais dentro me via,
tanto mais me parecia
que se gozavam meus olhos.
Entre as flores e entre as rosas
cantavam canções mimosas
as calhandras e outras aves,
com sons bem doces, suaves,
e confissões amorosas.

Água mui clara corria,
mui serena ao parecer,
tão doce se se bebia,
que maior sede trazia
acabada de beber.
E se às árvores chegava,
por entre os ramos passava
um ventozinho sereno,
todo manso, todo ameno,
que as folhinhas balançava.

Buscando onde me encostar,
apartei-me do caminho,
e achei para descansar
um saboroso lugar
bem à sombra de um espinho;
e tanto prazer senti
e tão contente me vi,
que direi que seus espinhos
para mim em cravozinhos
se tornaram logo ali.

En fin, que ninguna cosa
de placer y de alegría,
agradable ni sabrosa
en esta fresca y hermosa
ribera me fallecía.
Yo, con sueño no liviano,
tan alegre y tan ufano
y seguro me sentía,
que nunca pensé que había
de acabars'allí el verano.

Lejos de mi pensamiento
dend'a poco me hallé,
que así durmiendo contento,
a la voz de mi tormento
el dulce sueño quebré;
y hallé que la ribera
es una montaña fiera
muy áspera de subir
donde no espero salir
de cautivo hasta que muera.

JUAN BOSCÁN (1492-1542)

DEJADME EN PAZ, ¡OH DUROS PENSAMIENTOS!...

Dejadme en paz, ¡oh duros pensamientos!
Básteos el daño y la vergüenza hecha. -
Si todo lo he pasado, ¿qué aprovecha
inventar sobre mí nuevos tormentos?

Natura en mí perdió sus movimientos;
el alma ya a los pies del dolor se echa;
tiene por bien en regla tan estrecha
a tantos casos tantos sufrimientos.

Amor, fortuna y muerte, que es presente,
me llevan a la fin por sus jornadas,
y a mi cuenta debería ser llegado.

Afinal, nenhuma cousa
de prazer e de alegria,
agradável, saborosa,
nesta tão fresca e formosa
ribeira me falecia.
Eu, com sono nada vão,
tão alegre e folgazão
e seguro me sentia,
que nunca pensei que havia
de acabar-se ali o verão.

Longe do meu pensamento
dali a pouco me achei,
que assim dormindo contento,
aos gritos do meu tormento
o doce sonho quebrei;
na ribeira pude ver
uma montanha a temer
muito áspera de subir,
de onde não espero sair
de cativo até morrer.

JJR

JUAN BOSCÁN (1492-1542)

DEIXAI-ME EM PAZ, Ó DUROS PENSAMENTOS!...

Deixai-me em paz, ó duros pensamentos!
O mal vos baste da vergonha feita.
Se tudo já passei, que me aproveita
inventar sobre mim novos tormentos?

Natura em mim perdeu seus movimentos;
a alma já aos pés da dor se deita;
tem por bem, numa regra tão estreita,
a tantos casos, tantos sofrimentos.

Amor, fortuna e morte, que é presente,
me conduzem ao fim por suas jornadas,
e penso que eu devera ter chegado.

Yo, cuando acaso afloja el accidente,
si vuelvo el rostro y miro las pisadas,
tiemblo de ver por dónde me han pasado.

EL TIEMPO VUELVE Y BULLEN ESPERANZAS...

El tiempo vuelve y bullen esperanzas.
Yo estoy atento a ver qué ha de ser esto.
Un corazón tan flaco no es dispuesto
a sostener las prósperas mudanzas.

Señales hay de no sé qué bonanzas;
no las tengo por buenas, si son presto.
Ver en mis enemigos tan buen gesto
me pone más dudosas confianzas.

Yo estaba sosegado en mis tristuras,
muy contento de muy determinado:
tema bien hartas mis desaventuras.

Estando así, sin gozos ni amarguras,
sin soledad, del bien todo olvidado,
revuelven a matarme sus blanduras.

NUEVA PRISIÓN HUBIERA DE MATARME...

Nueva prisión hubiera de matarme
según hallé peligro al entrar della.
Pero cesó la parte la querella,
y alcancé por jüicio de librarme.

Andan agora por tornar a echarme
al yugo antiguo que en mis huesos sella.
Que para allá me arrebató la estrella
y allá me tiene sin dejar holgarme.

Confesaré, si dicen que he mudado,
que mudó el accidente algún pedazo,
no la raíz del mal acostumbrado.

Un mudar fué de un corazón cansado;
como es mudar en el izquierdo brazo
el peso del derecho atormentado.

Eu, quando acaso afrouxa o acidente,
se volto o rosto e observo-me as pegadas,
tremo de ver por onde me hão passado.

FMV

O TEMPO VOLTA, E FERVEM ESPERANÇAS...

O tempo volta, e fervem esperanças.
A ver o que há por vir estou atento.
A um débil coração falta-lhe alento
por sustentar as prósperas mudanças.

Já sinais há de não sei que bonanças;
boas não são se forem como o vento.
Nos inimigos ver tão bom intento
me põe mais duvidosas confianças.

Estava eu sossegado entre tristuras,
mui contente de mui determinado:
tinha bem fartas minhas desventuras.

Estando assim, sem gozos e amarguras,
sem solidão, do bem todo olvidado,
voltam a me matar suas branduras.

FMV/JJR/ABH

NOVA PRISÃO HOVERA DE MATAR-ME...

Nova prisão houvera de matar-me,
segundo achei perigo entrando nela;
porém cessou em parte essa querela,
e alcancei por juízo libertar-me.

Fazem de novo agora por lançar-me
ao jugo antigo, que meus ossos sela;
que para lá me arrebatou a estrela,
lá me detendo, sem deixar folgar-me.

Confessarei, se dizem que hei mudado,
que mudou o acidente algum pedaço,
não a raiz do mal acostumado.

Um mudar foi de um coração cansado,
como é mudar para o sinistro braço
o peso do direito atormentado.

FMV

MUEVE EL QUERER LAS ALAS CON GRAN FUERZA...

Mueve el querer las alas con gran fuerza
tras el loor de aquella que yo canto;
al comenzar levántase un espanto
tal, que es peor del seso si se esfuerza.

Por otra parte la razón me fuerza;
yo hablo y callo y estoyme allí entre tanto;
esfuerzo alguna vez y otras me espanto;
en fin, la gana de escribir refuerza.

Del mundo, bien; de nuestros tiempos gloria
fue nacer ésta por la cual yo vivo;
enmienda fue de cuanto aquí se yerra.

Fue declarar lo natural más vivo;
fue de virtud hacer perfecta historia,
y fue juntar el cielo con la tierra.

DULCE SOÑAR Y DULCE CONGOJARME...

Dulce soñar y dulce congojarme,
cuando estaba soñando que soñava;
dulce gozar con lo que me engañaba
si un poco más durara el engañarme.

Dulce no estar en mí, que figurarme
podía cuanto bien yo deseaba;
dulce placer, aunque me importunaba,
que alguna vez llegaba a despertarme.

¡Oh sueño, cuanto más leve y sabroso
me fueras, si vinieras tan pesado
que asentaras en mí con más reposo!

Durmiendo, en fin, fui bienaventurado;
y es justo en la memoria ser dichoso
quien siempre en la verdad fue desdichado.

MOVE O QUERER AS ASAS COM GRÃ FORÇA...

Move o querer as asas com grã força
para louvar aquela que descanto;
ao começar, levanta-se um espanto
tal, que piora o siso, se se esforça.

Por outra parte é a razão que força,
e eu falo e calo, e assim fico entretanto;
me esforço às vezes, e outras só me espanto,
e a gana de escrever se me reforça.

Do mundo bem, de nossos tempos glória

foi nascer esta pela qual eu vivo:

foi ela emenda aqui de quanto se erra;

foi declarar o natural mais vivo;

da virtude fazer perfeita história,

e foi enfim juntar o céu com a terra.

FMV

DOCE SONHAR E DOCE DESGOSTAR-ME...

Doce sonhar e doce desgostar-me,
quando estava sonhando que sonhava;
doce gozar com quanto me enganava
se um pouco mais durasse o enganar-me.

Doce não estar em mim, que figurar-me
podia quanto bem eu desejava;
doce prazer, mesmo se importunava,
que alguma vez chegava a despertar-me.

Ó sonho, quão mais leve e saboroso
me foras, se viesses tão pesado
que assentasses em mim com mais repouso!

Dormindo, enfim, fui bem-aventurado;
e é justo na memória ser ditoso
quem na verdade foi tão desditado.

JJR

GARCILASO DE LA VEGA (1499-1536)

ÉGLOGA I

Al virrey de Nápoles

1.

SALICIO, NEMOROSO

El dulce lamentar de dos pastores,
Salicio juntamente y Nemoroso,
he de cantar, sus quejas imitando;
cuyas ovejas al cantar sabroso
estaban muy atentas, los amores,
de pacer olvidadas, escuchando.

Tú, que ganaste obrando
un hombre en todo mundo
y un grado sin segundo,
agora estés atento sólo y dado
al ínclito gobierno del estado
albano, agora vuelto a la otra parte,
resplandeciente, armado,
representando en tierra el fero Marte;

2.

agora, de cuidados enojosos
y de negocios libre, por ventura
andes a caza, el monte fatigando
en ardiente ginete que apresura
el curso tras los ciervos temerosos,
que en vano su morir van dilatando:
espera, que en tornando
a ser restituido
al ocio ya perdido,
luego verás ejercitar mi pluma
por la infinita, innumerable suma
de tus virtudes y famosas obras,
antes que me consuma,
faltando a ti, que a todo el mundo sobras.

GARCILASO DE LA VEGA (1499-1536)

ÉGLOGA I

Ao vice-rei de Nápoles

1.

SALÍCIO, NEMOROSO

O doce lamentar de dois pastores,
Salício, e juntamente Nemoroso,
hei de, cantando, as queixas imitar;
cujas ovelhas ao cantar mavioso
estavam mui atentas, os amores,
de pascer olvidadas, a escutar.

Tu, que ganhaste a obrar
um nome em todo o mundo
e um grado sem segundo,
quer estejas atento e dedicado
ao ínclito governo do ducado
albano, quer voltado à outra parte,
resplandecente, armado,
representando em terra o fero Marte;

2.

quer, livre de cuidados angustiosos
e de negócios livre, porventura
andes na caça o monte fatigando
em ardente ginete, que apressura
o curso empós os cervos temerosos,
que em vão o seu morrer vão dilatando,
espera que em tornando
a ser restituído
ao ócio já perdido,
logo ver-me-ás exercitar a pluma
pela infinita, inumerável suma
dessas virtudes e famosas obras,
antes que me consuma,
faltando a ti, que a todo o mundo sobras.

3.

En tanto que este tiempo que adevino
viene a sacarme de la deuda un día
que se debe a tu fama y a tu gloria
(qu'es deuda general, no sólo mía,
mas de cualquier ingenio peregrino
que celebra lo digno de memoria),
el árbol de victoria
que ciñe estrechamente
tu gloriosa frente
dé lugar a la hiedra que se planta
debajo de tu sombra y se levanta
poco a poco, arrimada a tus loores;
y en cuanto esto se canta,
escucha tú el cantar de tus pastores.

4.

Saliendo de las ondas encendido,
rayaba de los montes el altura
el sol, cuando Salido, recostado
al pie d'una alta haya, en la verdura
por donde una agua clara con sonido
atravesaba el fresco y verde prado,
él, con canto acordado
al rumor que sonaba
del agua que pasaba,
se quejaba tan dulce y blandamente
como si no estuviera de allí ausente
la que de su dolor culpa tenía,
y así como presente,
razonando con ella, le decía:

5.

SALICIO

¡Oh más dura que mármol a mis quejas
y al encendido fuego en que me quemo
más helada que nieve, Galatea!
Estoy muriendo, y aún la vida temo;
témola con razón, pues tú me dejas,
que no hay sin ti el vivir para qué sea.

3.

Ora que o tempo que eu já vaticino
venha tirar-me a obrigação um dia,
que se deve a tua fama e tua glória;
(que é dívida geral que a fama cria,
não só minha, de engenho peregrino
que celebre o que é digno de memória),
a árvore da vitória
que cinge estreitamente
tua gloriosa frente
ceda lugar à hera que se planta
debaixo de tua sombra, e se levanta
pouco a pouco, arrimada a teus louvores;
e enquanto isto se canta,
escuta aqui o cantar de meus pastores.

4.

Saindo de entre as ondas incendiado,
das montanhas o sol raiava a altura,
quando o pastor Salício, recostado
ao pé de uma alta faia, na verdura
por onde uma água clara com ruído
atravessava o fresco e verde prado;
ele, o canto acordado
ao rumor que soava
da água que ali passava,
se queixava tão doce e brandamente
qual se dali não estivera ausente
a que de sua dor ele culpava,
e como se presente,
razoando com ela, assim falava:

5.

SALÍCIO

O mais dura que a pedra a minhas queixas,
e ao incendiado fogo em que me queimo
mais gelada que a neve, Galatéia!
Estou morrendo, e ainda a vida temo;
e temo-a com razão, pois tu me deixas;
que sem ti o viver não sei que seja.

Vergüenza he que me vea
ninguno en tal estado,
de tí desamparado,
y de mí mismo yo me corro agora.
¿D'un alma te desdeñas ser señora
donde siempre moraste, no pudiendo
della salir un hora?
Salid sin duelo, lágrimas, corriendo.

6.

El sol tiende los rayos de su lumbre
por montes y por valles, despertando
las aves y animales y la gente:
cuál por el aire claro va volando,
cuál por el verde valle o alta cumbre
paciendo va segura y libremente,
cuál con el sol presente
va de nuevo al oficio
y al usado ejercicio
do su natura o menester l'inclina;
siempre está en llanto esta ánima mezquina,
cuando la sombra el mundo va cubriendo,
o la luz se avvicina.
Salid sin duelo, lágrimas, corriendo.

7.

Y tú, desta mi vida ya olvidada,
sin mostrar un pequeño sentimiento
de que por tí Salicio triste muera,
dejas llevar, desconocida, al viento
el amor y la fe que ser guardada
eternamente solo a mí debiera.
¡Oh Dios!, ¿por qué siquiera,
pues ves desde tu altura
esta falsa perjura
causar la muerte d'un estrecho amigo,
no recibe del cielo algún castigo?
Si en pago del amor yo estoy muriendo,
¿qué hará el enemigo?
Salid sin duelo, lágrimas, corriendo.

Pudor tenho me veja
alguém em tal estado,
de ti desamparado,
e de mim mesmo já me fujo agora.
Desdenhas tu de uma alma ser senhora
onde sempre moraste, não podendo
sair dela uma hora?
Saí sem dó, ó lágrimas, correndo.

6.

O sol estende os raios de seu lume
por montes e por vales, despertando
as aves e animais e toda a gente;
qual pelos claros ares vai voando,
qual pelo verde vale ou alto cume
pascendo vai segura e livremente;
qual, com o sol presente,
vai de novo ao ofício
e ao usado exercício
a que o mister ou têmpera o encaminha;
sempre a chorar minha alma está, mesquinha,
quando as sombras no mundo vão descendo,
ou a luz se avizinha.
Saí sem dó, ó lágrimas, correndo.

7.

E tu, de minha vida já olvidada,
sem mostrar o mais leve sentimento
de que por ti Salício assim pereça,
deixas levar, desconhecida, ao vento
todo o amor, toda a fé que conservada
eternamente só a mim mereça.

Deus, que haverá que impeça
(pois vês de tua altura
esta falsa perjura
causar a morte de um estreito amigo),
que receba do céu algum castigo?
Se em paga deste amor estou morrendo,
que fará o inimigo?
Saí sem dó, ó lágrimas, correndo.

8.

Por ti el silencio de la selva umbrosa,
por ti la esquividad y apartamiento
del solitario monte m'agradaba;
po ti la verde hierba, el fresco viento,
el blanco lirio y colorada rosa
y dulce primavera deseaba.

¡Ay, cuánto me engañaba!

¡Ay, cuán diferente era

y cuán d'otra manera
lo que en tu falso pecho se escondía!
Bien claro con su voz me lo decía
la siniestra corneja, repitiendo
la desventura mía.
Salid sin duelo, lágrimas, corriendo.

9.

¡Cuántas veces, durmiendo en la floresta,
reputándolo yo por desvarío,
vi mi mal entre sueños, desdichado!
Soñaba que en el tiempo del estío
llevaba, por pasar allí la siesta,
a abreviar en el Tajo mi ganado;
y después de llegado,
sin saber de cuál arte,
por desusada parte
y por nuevo camino el agua s'iba;
ardiendo yo con la calor estiva,
el curso enajenado iba siguiendo
del agua fugitiva.
Salid sin duelo, lágrimas, corriendo.

10.

Tu dulce habla, ¿en cuya oreja suena?
Tus claros ojos, ¿a quién los volviste?
¿Por quién tan sin respeto me trocaste?
Tu quebrantada fe, ¿do la pusiste?
¿Cuál es el cuello que como en cadena
de tus hermosos brazos añudaste?

8.

Por ti o silêncio da floresta umbrosa,
por ti a esquiva e o afastamento
do solitário monte me agradava;
por ti a erva verde, o fresco vento,
o branco lírio e a colorida rosa
e a doce primavera desejava.

Ai, quanto me enganava!

Ai, quão era diverso
e quão também perverso
o que em teu falso peito se escondia!
Bem claro com seus gritos me advertia,
sinistra, a gralha, como que prevenido
minha triste agonia.
Saí sem dó, ó lágrimas, correndo.

9.

Quantas vezes, dormindo na floresta,
se bem que o reputando desvario,
vi meu mal entre sonhos desditado!
Sonhava que na época do estio
levava, para ali passar a sesta,
até o Tejo, a beber água, o gado;
e depois de chegado,
sem saber por qual arte,
por desusada parte
e por novo caminho a água corria:
no calor estivai a arder eu ia,
o curso desviado percorrendo
da água que me fugia.
Saí sem dó, ó lágrimas, correndo.

10.

A doce fala, em cuja orelha soa?
Os olhos claros, para quem volveste?
Por quem tão sem respeito me trocaste?
A quebrantada fé, onde a puseste?
A que colo, enleada, alegre à toa,
com teus formosos braços enlaçaste?

No hay corazón que baste,
aunque fuese de piedra,
vendo mi amada hiedra
de mí arrancada, en otro muro asida,
y mi parra en otro olmo entretejida,
que no s'esté con llanto deshaciendo
hasta acabar la vida.
Salid sin duelo, lágrimas, corriendo.

11.

¿Qué no s'esperará d'aquí adelante,
por difícil que sea y por incierto,
o qué discordia no será juntada?
Y juntamente ¿qué terrá por cierto,
o qué de hoy más no temerá el amante,
siendo a todo materia por ti dada?
Cuando tú enajenada
de mi cuidado fuiste,
notable causa diste,
y ejemplo a todos cuantos cubre'l cielo,
que'l más seguro tema con recelo
perder lo que estuviere poseyendo.
Salid fuera sin duelo,
salid sin duelo, lágrimas, corriendo.

12.

Materia diste al mundo d'esperanza
d'alcanzar lo imposible y no pensado
y de hacer juntar lo diferente,
dando a quien diste el corazón malvado,
quitándolo de mí con tal mudanza
que siempre sonará de gente en gente.
La cordera paciente
con el lobo hambriento
hará su ajuntamiento,
y con las simples aves sin rüido
harán las bravas sierpes ya su nido,
que mayor diferencia comprehendo
de ti al que has escogido.
Salid sin duelo, lágrimas, corriendo.

Coração não há que baste,
ainda que de pedra,
vendo a hera que lhe medra
no peito alçada e a outro muro asida,
e a parra em outro olmeiro entretecida,
que não se esteja em prantos desfazendo
até acabar a vida.
Saí sem dó, ó lágrimas, correndo.

11.

Que não se esperará daqui por diante,
por difícil que seja e por incerto?
ou que discórdia não será juntada?
E juntamente, o que terá por certo,
ou de hoje mais não temerá o amante,
sendo a tudo matéria por ti dada?
Quando tu afastada
de mim, triste, estiveste,
notável causa deste
e exemplo a todos os que aqui estão;
que tema o mais seguro com razão
perder o que estiver então detendo.
Saí-me em profusão,
saí sem dó, ó lágrimas, correndo.

12.

Matéria deste ao mundo de esperança
de alcançar o impossível, não pensado,
e de fazer juntar o diferente,
dando a quem deste o coração malvado,
arrancando-o de mim com tal mudança
que sempre ecoará de gente em gente.
A ovelha paciente
com o lobo famulento
fará seu casamento,
e em meio às simples aves sem rumor
seu ninho as bravas serpes irão pôr;
que maior diferença compreendo
de ti ao novo amor.
Saí sem dó, ó lágrimas, correndo.

13.

Siempre de nueva leche en el verano
y en el invierno abundo; en mi majada
la manteca y el queso está sobrado.
De mi cantar, pues, yo te vía agradada
tanto que no pudiera el mantüano
Títero ser de ti más alabado.

No soy, pues, bien mirado,
tan disforme ni feo,
que aun agora me veo
en esta agua que corre clara y pura,
y cierto no trocara mi figura
con ese que de mí s'está reyendo;
¡trocara mi ventura!
Salid sin duelo, lágrimas, corriendo.

14.

¿Cómo te vine en tanto menosprecio?
¿Cómo te fui tan presto aborrecible?
¿Cómo te faltó en mí el conocimiento?
Si no tuvieras condición terrible,
siempre fuera tenido de ti en precio
y no viera este triste apartamiento.

¿No sabes que sin cuento
buscan en el estío
mis ovejas el frío
de la sierra de Cuenca, y el gobierno
del abrigado Estremo en el invierno?
Mas ¡qué vale el tener, si derritiendo
m'estoy en llanto eterno!
Salid sin duelo, lágrimas, corriendo.

15.

Con mi llorar las piedras enternecen
su natural dureza y la quebrantan;
los árboles parece que se inclinan;
las aves que m'escuchan, cuando cantan
con diferente voz se condolecen
y mi morir cantando m'adevinan;

13.

Sempre de leite novo no verão
e no inverno provido, em meu curral
manteiga e queijo tenho bem guardado;
ao meu cantar, teu agrado era tal,
que por ti não pudera nem varão
como Tíuro ser mais exaltado.

 Não sou, pois, bem mirado,
tão disforme, nem velho;
que ainda agora me espelho
nesta água que aqui corre clara e pura;
e nunca trocarei minha figura
com esse que de mim está escarnecendo:
trocaria a ventura.
Saí sem dó, ó lágrimas, correndo.

14.

Como te vim em tanto menosprezo?
Como te fui tão presto aborrecível?
Como de ti faltou-me o entendimento?
Se não tiveras condição terrível,
nunca teria tido teu desprezo,
nem sofrera este triste afastamento.

 Não sabes que com tento
 vão procurar no estio
 as ovelhas o frio
das montanhas de Cuenca, e o fiel governo
do protegido extremo quando é inverno?
Mas, de que vale o ter, se estou sofrendo,
languindo em pranto eterno?
Saí sem dó, ó lágrimas, correndo.

15.

Com meu chorar as pedras se enternecem,
sua dureza natural quebrantam,
as árvores parece que definham;
as aves que me escutam, quando cantam,
com diferente voz se compadecem,
e meu morrer cantando me adivinham.

las fieras que reclinan
su cuerpo fatigado
dejan el sosegado
sueño por escuchar mi llanto triste:
tú sola contra mí t'endureciste,
los ojos aun siquiera no volviendo
a los que tú hiciste.
Salid, sin duelo, lágrimas, corriendo.

16.

Mas ya que a socorrerme aquí no vienes,
no dejes el lugar que tanto amaste,
que bien podrás venir de mí segura.
Yo dejaré el lugar do me dejaste;
ven si por solo aquesto te detienes.
Ves aquí un prado lleno de verdura,
ves aquí un'espesura,
ves aquí un agua clara,
en otro tiempo cara,
a quien de ti con lágrimas me quejo;
quizá aquí hallarás, pues yo m'alejo,
al que todo mi bien quitar me puede,
que pues el bien le dejo,
no es mucho que'l lugar también le quede.

17.

Aquí dio fin a su cantar Salicio,
y suspirando en el postrero acento,
soltó de llanto una profunda vena;
queriendo el monte al grave sentimiento
d'aquel dolor en algo ser propicio,
con la pesada voz retumba y suena;
la blanda Filomena,
casi como dolida
y a compasión movida,
dulcemente responde al son lloroso.
Lo que cantó tras esto Nemoroso,
decidlo vos, Piérides, que tanto
no puedo yo ni oso,
que siento enflaquecer mi débil canto.

As feras se avizinham,
com o corpo fatigado,
deixando o sossegado
sono para escutar meu pranto agreste.
Tu só, ail, contra mim te endureceste,
os olhos ainda nem sequer volvendo
àquilo que fizeste.
Saí sem dó, ó lágrimas, correndo.

16.

Mas já que a socorrer-me aqui não vens,
não deixes o lugar que tanto amaste,
que bem poderás vir de mim segura.
O sítio deixo em que tu me deixaste;
vem, se por isso apenas te deténs.
Vês aqui o prado cheio de verdura,
vês aqui a espessura,
vês aqui a água clara,
em outro tempo cara,
a quem de ti com lágrimas me queixo.
Talvez aqui terás, que em mim me fecho,
o que todo me pode o bem roubar;
pois, já que o bem lhe deixo,
não é muito lhe fique ainda o lugar.

17.

Aqui pôs fim a seu cantar Salício,
e a suspirar no derradeiro acento,
soltou de pranto uma profunda veia.
Querendo o monte ao grave sentimento
daquela dor em algo ser propício,
com voz pesada soa e estrondeia.
E Filomena, cheia
de ternura dorida
e à compaixão movida,
docemente responde ao som choroso.
O que cantou mais tarde Nemoroso
dizei-o vós, Piérides, que tanto
eu não posso nem ousar,
que sinto enlanguecer meu débil canto.

18.
NEMOROSO

Corrientes aguas puras, cristalinas,
árboles que os estáis mirando en ellas,
verde prado de fresca sombra lleno,
aves que aquí sembráis vuestras querellas,
hiedra que por los árboles caminas,
torciendo el paso por su verde seno:
yo me vi tan ajeno
del grave mal que siento
que de puro contento
con vuestra soledad me recreaba,
donde con dulce sueño reposaba,
o con el pensamiento discurría
por donde no hallaba
sino memorias llenas d'allegría;

19.

y en este mismo valle, donde agora
me entristezco y me canso en el reposo,
estuve ya contento y descansado.
¡Oh bien caduco, vano y presuroso!
Acuérdome, durmiendo aquí algún hora,
que, despertando, a Elisa vi a mi lado.
¡Oh miserable hado!
¡Oh tela delicada
antes de tiempo dada
a los agudos filos de la muerte!
Más conveniente fuera aquesta suerte
a los cansados años de mi vida,
qu'es más que'l hierro fuerte,
pues no la ha quebrantado tu partida.

20.

¿Do están agora aquellos claros ojos
que llevaban tras sí, como colgada,
mi alma, doquier que ellos se volvían?
¿Do está la blanca mano delicada
llena de vencimientos y despojos
que de mí mis sentidos l'ofrecían?

18.
NEMOROSO

Correntes águas, puras, cristalinas,
ramas que vos estais mirando nelas,
verde prado de fresca sombra cheio,
aves que aqui semeais vossas querelas,
hera que pelas árvores, traquinas,
vais torcendo teu passo em verde seio;
eu me vi tão alheio
do mal que experimento,
que de puro contente
com vossa solidão me recreava,
onde com doce sono repousava,
ou com meu pensamento discorria
por onde não achava
senão memórias cheias de alegria.

19.

E neste mesmo vale, onde eu agora
me entristeço e me canso, no repouso
estive já contente e descansado.
O bem caduco, vão e pressuroso!
Recordo-me, dormindo há mais de uma hora,
que, despertando, Elisa vi a meu lado.
O miserável fado!
O tela delicada,
antes do tempo dada
aos fios agudíssimos da morte!
Mais favorável fora-me esta sorte
aos lassos anos desta minha vida,
que é mais que o ferro forte,
pois não a quebrantou tua partida.

20.

Ora onde estão aqueles claros olhos
que empós de si levavam deslumbrada
minha alma aonde quer que se volviam?
Onde está agora a branca e delicada
mão, cheia de perigos e de escolhos
que de mim meus sentidos lhe rendiam?

Los cabellos que vían
con gran desprecio al oro
como a menor tesoro
¿adonde están, adonde el blanco pecho?
¿Do la columna que'l dorado techo
con proporción graciosa sostenía?
Aquesto todo agora ya se encierra,
por desventura mía,
en la oscura, desierta y dura tierra.

21.

¿Quién me dijera, Elisa, vida mía,
cuando en aqueste valle al fresco viento
andábamos cogiendo tiernas flores,
que había de ver, con largo apartamiento,
venir el triste y solitario día
que diese amargo fin a mis amores?

El cielo en mis dolores
cargó la mano tanto
que a sempiterno llanto
y a triste soledad me ha condenado;
y lo que siento más es verme atado
a la pesada vida y enojosa,
solo, desamparado,
ciego, sin lumbre en cárcel tenebrosa.

22.

Después que nos dejaste, nunca paxe
en hartura el ganado ya, ni acude
el campo al labrador con mano llena;
no hay bien que'n mal no se convierta y mude.
La mala hierba al trigo ahoga, y nace
en lugar suyo la infelice avena;
la tierra, que de buena
gana nos producía
flores con que solía
quitar en solo vellas mil enojos,
produce agora en cambio estos abrojos,
ya de rigor d'espinas intratable.

Yo hago con mis ojos
crecer, lloviendo, el fruto miserable.

Os cabelos que viam
com menosprezo o ouro
como a menor tesouro,
onde estão, onde está o branco peito?
onde a coluna que o dourado teito
com graciosa presunção sustinha?
Tudo isto agora, ai de mim!, já se encerra,
por desventura minha,
nesta fria, deserta e dura terra.

21.

Quem me dissera, Elisa, minha vida,
quando aqui neste vale ao fresco vento
andávamos colhendo ternas flores,
que iria ver com grande afastamento
chegar o triste dia, a hora sofrida
que desse amargo fim a meus amores?

O céu em minhas dores
a mão carregou tanto
que a sempiterno pranto
e a triste solidão fui condenado;
e aquilo que mais sinto é ver-me atado
a esta vida pesada e desditosa,
e só, desamparado,
cego sem lume em cela tenebrosa.

22.

Depois que nos deixaste, nunca pasce
com fartura meu gado, nem oferta
ao campo o lavrador sua mão cheia.
Bem não há que em um mal não se converta:
a erva má ao trigo afoga, e nasce
em seu lugar a infeliz aveia.

A terra, que de veia
feliz nos produzia
flores com que sóia
tirar tão-só com vê-las mil escolhos,
produz agora em troca estes abrolhos,
já de rigor de espinhos intratável;
eu faço com meus olhos
crescer, chovendo, o fruto miserável.

23.

Como al partir del sol la sombra crece,
y en cayendo su rayo, se levanta
la negra oscuridad que'l mundo cubre,
de do viene el temor que nos espanta
y la medrosa forma en que s'ofrece
aquella que la noche nos encubre
hasta que'l sol descubre
su luz pura y hermosa:
tal es la tenebrosa
noche de tu partir en que he quedado
de sombra y de temor atormentado,
hasta que muerte el tiempo determine
que a ver el deseado
sol de tu clara vista m'encamine.

24.

Cual suele el ruiseñor con triste canto
quejarse, entre las hojas escondido,
del duro labrador que cautamente
le despojó su caro y dulce nido
de los tiernos hijuelos entretanto
que del amado ramo estaba ausente,
y aquel dolor que siente,
con diferencia tanta
por la dulce garganta
despide que a su canto el aire suena,
y la callada noche no refrena
su lamentable oficio y sus querellas,
trayendo de su pena
el cielo por testigo y las estrellas;

25

desta manera suelto yo la rienda
a mi dolor y así me quejo en vano
de la dureza de la muerte airada;
ella en mi corazón metió la mano
y d'allí me llevó mi dulce prenda,
que aquél era su nido y su morada.

23.

Como ao partir do sol a sombra cresce,
e, ao cair de seus raios, se levanta
a negra escuridão que o mundo cobre,
de onde vem o temor que nos espanta
e a temerosa forma que oferece
aquela que com a noite nos encobre,
até que o sol descobre
a luz pura e formosa:
tal é a tenebrosa
noite do teu partir, em que parado
fiquei, de sombra e medo atormentado,
até que a morte o tempo determine
que a ver o desejado
sol dessa clara vista me destine.

24.

Qual sói o rouxinol com triste canto
queixar-se, em meio às folhas escondido,
do duro lavrador, que cautamente
veio roubar-lhe ao ninho tão querido
os ternos filhotinhos, isso enquanto
ele do amado ramo estava ausente,
e a dor que agora sente
com ansiedade tanta
pela doce garganta
exprime, que a seu canto o ar todo soa,
e a noite sossegada não enfrena
seu lastimoso ofício, suas querelas,
trazendo dessa pena
o céu por testemunha, e as estrelas;

25.

desta maneira perco-me na senda
de minha dor e assim me queixo em vão
da dureza sem par da morte irada.
Ela em meu coração meteu a mão
e dali me levou a doce prenda;
que aquele era seu ninho, sua morada.

¡Ay, muerte arrebatada,
por tí m'estoy quejando
al cielo y enojando
con importuno llanto al mundo todo!
El desigual dolor no sufre modo;
no me podrán quitar el dolorido
sentir si ya del todo
primero no me quitan el sentido.

26.

Tengo una parte aquí de tus cabellos,
Elisa, envueltos en un blanco paño,
que nunca de mi seno se m'apartan;
descójolos, y de un dolor tamaño
enternecer me siento que sobre ellos
nunca mis ojos de llorar se hartan.

Sin que d'allí se partan,
con suspiros callientes,
más que la llama ardientes,
los enjugo del llanto, y de consuno
casi los paso y cuento uno a uno,
juntándolos, con un cordón los ato.

Tras esto el importuno
dolor me deja descansar un rato.

27.

Mas luego a la memoria se m'ofrece
aquella noche tenebrosa, oscura,
que siempre aflige esta ánima mezquina
con la memoria de mi desventura:
verte presente agora me parece
en aquel duro trance de Lucina;
y aquella voz divina,
con cuyo son y acentos
a los airados vientos
pudieran amansar, que agora es muda,
me parece que oigo, que a la cruda,
inexorable diosa demandabas
en aquel paso ayuda;
y tú, rústica diosa, ¿dónde estabas?

Ai morte arrebatada!
Por ti me estou queixando
ao Céu e molestando
com importuno pranto o mundo todo!
Esta dor desigual não sofre modo;
não poderão tirar-me o dolorido
sentir, se já de todo
não me arrebatam antes o sentido.

26.

Tenho uma parte aqui de teus cabelos,
Elisa, envoltos em um alvo pano,
que nunca de meu seio se me apartam;
ao desprendê-los, num pesar insano
enternecer me sinto, pois que ao vê-los
nunca meus olhos de chorar se fartam.
Sem que dali se partam,
com suspiros ardentes,
mais do que a chama quentes,
do pranto os seco, e sem cansaço algum
com paciência conto-os um por um;
com laço forte, juntos os coloco.

Depois, esse incomum
pesar me deixa descansar um pouco.

27.

Mas logo na memória me aparece
aquela noite tenebrosa, escura,
que sempre aflige esta alma pequenina
com a lembrança de minha desventura.
Ver-te presente agora me parece
naquele duro transe de Lucina;
e aquela voz divina,
com cujos sons e acentos
os desvairados ventos
puderas amansar, que agora é muda,
parece-me que a ouço então, que à cruda,
inexorável deusa demandavas
naquele passo ajuda;
e tu, rústica deusa, onde é que estavas?

28.

¿Ibate tanto en perseguir las fieras?
¿Ibate tanto en un pastor dormido?
¿Cosa pudo bastar a tal crüeza
que, conmovida a compasión, oído
a los votos y lágrimas no dieras,
por no ver hecha tierra tal beleza,
o no ver la tristeza
en que tu Nemoroso
queda, que su reposo
era seguir tu oficio, persiguiendo
las fieras por los montes y ofreciendo
a tus sagradas aras los despojos?
Y tú, ingrata, riendo
dejas morir mi bien ante mis ojos!

29.

Divina Elisa, pues agora el cielo
con inmortales pies pisas y mides,
y su mudanza ves, estando queda,
¿por qué de mí te olvidas y no pides
que se apresure el tiempo en que este velo
rompa del cuerpo y verme libre pueda,
y en la tercera rueda,
contigo mano a mano,
busquemos otro llano,
busquemos otros montes y otros ríos,
otros valles floridos y sombríos
donde descanse y siempre pueda verte
ante los ojos míos,
sin miedo y sobresalto de perderte?

30.

Nunca pusieron fin al triste lloro
los pastores, ni fueran acabadas
las canciones que sólo el monte oía,
si mirando las nubes coloradas,
al tramontar del sol bordadas d'oro,
no vieran que era ya pasado el día;

28.

Tanto te importa o perseguir as feras?
Tanto vale um pastor adormecido?
Quanto pôde bastar a tal crueza
que, comovida à compaixão, ouvido
ao voto, ao rogo e às lágrimas não deras,
por não ver feita terra tal beleza,
ou não ver a tristeza
em que teu Nemoroso
fica, se seu repouso
era seguir-te o ofício, perseguindo
as feras pelos montes, conduzindo
a tuas sacras aras os espólios?
E tu, ingrata, rindo,
deixas morrer meu bem diante dos olhos?

29.

Divina Elisa, pois que agora o céu
com teus pés imortais pisa e medes,
e sua mudança vês, como de cera,
por que de mim te olvidas, e não pedes
que se apressure o tempo em que este véu
rompa do corpo, e eu livre ser pudera,
e na terceira esfera,
contigo, mão na mão,
em busca de outro chão
partisse, de outros montes, de outros rios,
de outros vales floridos e sombrios,
onde eu descanse, e sempre possa ver-te
ante meus olhos pios,
sem medo e sobressalto de perder-te?

30.

Nunca poriam fim aos tristes choros
os pastores, nem foram terminadas
as canções que somente o monte ouvia,
se, contemplando as nuvens coloridas,
ao tramontar do sol bordadas de ouro,
não vissem que era já passado o dia.

la sombra se veía
venir corriendo apriesa
ya por la falda espesa
del altísimo monte, y recordando
ambos como de sueño, y acabando
el fugitivo sol, de luz escaso,
su ganado llevando,
se fueron recogiendo paso a paso.

CANCIÓN I

Si a la región desierta, inhabitable
por el hervor del sol demasiado,
y sequedad de aquella arena ardiente;
o a la que por el hielo congelado
y rigurosa nieve es intratable,
del todo inhabitada de la gente,
por algún accidente,
o caso de fortuna desastrada,
me fuédes llevada,
y supiese que allá vuestra dureza
estaba en su crudeza,
allá os iría a buscar, como perdido,
hasta morir a vuestros pies tendido.

Vuestra soberbia y condición esquiva
acabe ya, pues es tan acabada
la fuerza de en quien ha de ejecutarse.
Mire bien que el amor se desagrada
deso, pues quiere que el amante viva
y se convierta a do piense salvarse.
El tiempo ha de pasarse,
y de mis males arrepentimiento,
confusión y tormento
sé que os ha de quedar, y esto recelo;
[que aun de aquesto me duelo!
Como en mí vuestros males son de otra arte,
duélenme en más sensible y tierna parte.

Así paso la vida, acrecentando
materia de dolor a mis sentidos,

A sombra já se via
vir correndo depressa
pela vertente espessa
da altíssima montanha, e recordando
ambos um doce sonho, e se apagando
o fugitivo sol, de luz escasso,
o seu gado levando,
se **foram recolhendo** passo a passo.

JJR

CANÇÃO I

Se à região deserta, inabitável
pelo fervor do sol demasiado
e a secura daquela areia ardente,
ou a que pelo gelo congelado
e rigorosa neve é intratável,
de todo inabitada pela gente,
por algum acidente
ou caso de fortuna desastrada
vós me fôsseis levada,
e soubesse que lá vossa dureza
estava em sua crueza,
lá vos ia buscar, como perdido,
até morrer a vossos pés rendido.

Vossa soberba e condição esquiva
acabe já, pois é tão acabada
a força de em quem há de executar-se.
Mirai bem que o amor se desagrada
disso, pois quer que o amante sobreviva
e se mude aonde pensa irá salvar-se.
O tempo há de passar-se,
e dos meus males arrependimento,
confusão e tormento
sei que há de vos ficar, e me atordoa
que isto ainda me doa!
Como em mim vossos males são de outra arte,
doem-me em mais sensível, terna parte.

Assim eu passo a vida, acrescentando
só matéria de dor a meus sentidos,

como si la que tengo no bastase;
los cuales para todo están perdidos,
sino para mostrarme a mí cuál ando.
Pluguiese a Dios que aquesto aprovechase
para que yo pensase
un rato en mi remedio, pues os veo
siempre con un deseo
de perseguir al triste y al caído;
yo estoy aquí tendido,
mostrándoos de mi muerte las señales;
y vos viviendo sólo de mis males.

Si aquella amarillez y los suspiros
salidos sin licencia de su dueño;
si aquel hondo silencio no han podido
un sentimiento grande ni pequeño
mover en vos, que baste a convertiros
a siquiera saber que soy nacido;
baste ya haber sufrido
tanto tiempo, a pesar de lo que basto;
que a mí mismo contraste,
dándome a entender que mi flaqueza
me tiene en la tristeza
en que estoy puesto, y no lo que yo entiendo;
así que con flaqueza me defiendo.

Canción, no has de tener
conmigo que ver más en malo o en bueno;
trátame como ajeno,
que no te faltará de quien lo aprendas.
Si has miedo que me ofendas,
no quieras hacer más por mi derecho
de lo que hice yo, que el mal me he hecho.

CANCIÓN II

La soledad siguiendo,
rendido a mi fortuna,
me voy por los caminos que se ofrecen,
por ellos esparciendo
mis quejas de una en una

como se a que possuo não bastasse;
os quais já para tudo estão perdidos,
senão para mostrar-me a mim como ando.
Prouvera a Deus que eu isto aproveitasse
para que cogitasse
um instante em meu proveito, pois vos vejo
sempre com um desejo
de perseguir o triste e o decaído;
aqui estou estendido,
de minha morte dando-vos sinais,
e vós vivendo só destes meus ais.

Se nem a palidez, nem os suspiros
sem licença do dono desatados,
nem o fundo silêncio hão conseguido
sentimentos mesquinhos ou ousados
mover em vós, que possam conduzir-vos
a ao menos conhecer que sou nascido;
baste já ter sofrido
tanto tempo, apesar do quanto basto;
que a mim mesmo contraste,
fazendo-me entender que esta fraqueza
me mantém na tristeza
em que estou posto, e não o que eu entendo:
assim com esta fraqueza me defendo.

Canção, não hás de ter
comigo o que ver mais de perda ou ganho;
trata-me como estranho,
que não te faltará de quem o aprendas.
Se temes que me ofendas,
não queiras fazer mais por meu direito
do que fiz eu, que o mal me tenho feito.

JJR

CANÇÃO II

A solidão seguindo,
preso a minha fortuna,
pelos caminhos vou, que se oferecem,
por eles espargindo
as queixas de uma em uma

al viento, que las lleva do perecen;
pues que ellas no merecen
ser de vos escuchadas,
pues son tan bien vertidas,
he lástima de ver que van perdidas
por donde suelen ir las remediadas.
A mí se han de tornar,
adonde para siempre habrán de estar.

Mas, ¿qué haré, señora,
en tanta desventura?
¿Adonde iré, si a vos no voy con ella?
¿De quién podré yo agora
valerme en mi tristura,
si en vos no halla abrigo mi querella?
Vos sola sois aquella
con quien mi voluntad
recibe tal engaño,
que viéndoos holgar siempre con mi daño,
me quejo a vos, como si en la verdad
vuestra condición fuerte
tuviese alguna cuenta con mi muerte.

Los árboles presento
entre las duras peñas
por testigo de cuanto os he encubierto;
de lo que entre ellos cuento
podrán dar buenas señas,
si señas pueden dar del desconcierto.
Mas ¿quién tendrá concierto
en contar el dolor,
que es de orden enemigo?
No me den pena, pues, por lo que digo,
que ya no me refrenará el temor.
¡Quién pudiese hartarse
de no esperar remedio y de quejarse!

Mas esto me es vedado
con unas obras tales
con que nunca fue a nadie defendido;
que si otros han dejado

ao vento, que as conduz aonde perecem;
porque elas não merecem
ser por vós escutadas,
pois são tão bem vertidas,
e dói-me ver que vão assim perdidas
por onde soem ir as remediadas.
A mim hão de tornar,
e para sempre aqui hão de ficar.

Mas que farei, senhora,
em tanta desventura?
Aonde irei, se a vós não vou com ela?
De quem posso eu agora
valer-me em tal tristura,
se em vós não acha abrigo esta querela?
Vós sois, só vós, aquela
de quem minha vontade
recebe tal engano,
que vendo-vos folgar com este dano
me queixo a vós, como se na verdade
vossa condição forte
tivesse algo que ver com minha morte.

Arvores apresento
entre estas duras penhas,
testemunhas do quanto hei encoberto;
do que entre elas intento
vos darão boas senhas,
se senhas podem dar do desconcerto.
Mas quem terá concerto
em contar esta dor,
da ordem inimiga?
Não me castiguem, pois, pelo que diga
que já não freará o meu temor.
Quem consegue fartar-se
de não esperar remédio, e de queixar-se?

Mas isto me é vedado
por umas obras tais,
o que nunca a ninguém foi proibido;
que se outros hão deixado

de publicar sus males,
llorando el mal estado a que han venido,
señora, no habrá sido
sino con mejoría
y alivio en su tormento;
mas ha venido en mí a ser lo que siento
de tal arte, que ya en mi fantasía
no cabe; y así quedo
sufriendo aquello que decir no puedo.

Si por ventura extiendo
alguna vez mis ojos
por el proceso luengo de mis daños,
con lo que me defiendo
de tan grandes enojos,
solamente es allí con mis engaños;
mas vuestros desengaños
vencen mi desvarío
y apocan mis defensas.
Sin yo poder dar otras recompensas,
sino que, siendo vuestro más que mío,
quise perderme así,
por vengarme de vos, señora, en mí.

Canción, yo he dicho más que me mandaron
y menos que pensé;
no me pregunten más, que lo diré.

CANCIÓN III

Con un manso rüido
de agua corriente y clara,
cerca el Danubio una isla, que pudiera
ser lugar escogido
para que descansara
quien como yo estoy agora no estuviera;
do siempre primavera
parece en la verdura
sembrada de las flores;
hacen los ruiseñores
renovar el placer o la tristura

de publicar seus males,
chorando o mau estado a que hão descido,
senhora, não tem sido
senão com melhoria
e alívio em seu tormento;
mas tem sido o que sinto em mim um intento
tão pesado, que já na fantasia
não cabe; e assim me esforço,
a suportar o que dizer **não** posso.

Se porventura estendo
alguma vez o olhar
ao longo do processo de meus danos,
com o que me defendo
de tão grande pesar,
somente é para ali, com meus enganar;
mas vossos desenganos
vencem minha loucura
e apoucam-me as defensas.
Sem eu poder dar outras recompensas:
só, sendo vosso mais que meu, ó dural,
querer perder-me assim,
por vingar-me de vós, senhora, em mim.

Canção, eu disse mais que me mandaram
e menos que pensei;
não me perguntem mais, senão o direi.

JJR

CANÇÃO III

Com um manso ruído
de água corrente e clara,
cerca o Danúbio uma ilha que podia
ser lugar escolhido
para que descansara
quem como agora estou não estaria:
lá sempre a primavera
se mostra na verdura
de flores semeada,
e faz a passarada
renovar o prazer ou a tristura

con sus blandas querellas,
que nunca día ni noche cesan dellas.

Aquí estuve yo puesto,
o, por mejor decirlo,
preso, forzado y solo en tierra ajena;
bien pueden hacer esto
en quien puede sufrirlo
y en quien él a sí mismo se condena.
Tengo sólo una pena,
si muero desterrado
y en tanta desventura:
que piense, por ventura,
que juntos tantos males me han llevado,
y sé yo bien que muero
por sólo aquello que morir espero.

El cuerpo está en poder
y en manos de quien puede
hacer a su placer lo que quisiere;
mas no podrá hacer
que mal librado quede,
mientras de mi otra prenda no tuviere.
Cuando ya el mal viniere
y la postrera suerte,
aquí me ha de hallar,
en el mismo lugar,
que otra cosa más dura que la muerte
me halla y ha hallado;
y esto sabe muy bien quien lo ha probado.

No es necesario agora
hablar más sin provecho,
que es mi necesidad muy apretada;
pues ha sido en un hora
todo aquello deshecho
en que toda mi vida fue gastada.
Y al fin de tal jornada,
¿presumen espantarme?
Sepan que ya no puedo
morir sino sin miedo;
que aun nunca qué temer quiso dejarme
la desventura mía,
que el bien y el miedo me quitó en un día.

com mui brandas querelas,
que nunca, dia ou noite, cessam delas.

Aqui estive submisso,
ou, por melhor dizê-lo
sozinho em terra alheia e posto em pena;
bem podem fazer isso
a quem pode sofrê-lo
e àquele que a si mesmo se condena.
Tenho só uma pena,
se morro desterrado
e em tanta desventura:
que pense, porventura
que juntos tantos males me hão levado,
e sei que morrer quero
só por aquilo que morrer espero.

O corpo está em poder
e em mãos de quem consegue
fazer a seu prazer o que quiser,
mas não pode fazer
que a mal livrado chegue
mentre outra prenda de mim não tiver.
Já quando o mal vier
e a derradeira sorte,
aqui me irão achar,
neste mesmo lugar,
que outra coisa mais dura do que a morte
acha-me e tem-me achado;
e bem o sabe quem o tem provado.

Não é preciso agora
falar mais sem proveito,
que é minha precisão mui apertada,
pois foi em uma hora
tudo aquilo desfeito
em que foi minha vida dissipada.
E ao fim de tal jornada,
presumem espantar-me?
Saibam que não concedo
morrer, senão sem medo,
e que nunca ao temor quis condenar-me
a desventura minha
que o bem e o medo me tirou, daninha.

Danubio, río divino,
que por fieras naciones
vas con tus claras ondas discurriendo,
pues no hay otro camino
por donde mis razones
vayan fuera de mí, sino corriendo
por tus aguas, y siendo
en ellas anegadas;
si en tierra tan ajena,
en la desierta arena
fueron de alguno acaso en fin halladas,
entiérrelas, siquiera,
porque su error se acabe en tu ribera.

Aunque en el agua mueras,
canción, no has de quejarte;
que yo he mirado bien lo que te toca.
Menos vida tuvieras
si hubiera de igualarte
con otras que se me han muerto en la boca.
Quién tiene culpa desto,
allá lo entenderás de mí muy presto.

CANCIÓN IV

El aspereza de mis males quiero
que se muestre también en mis razones,
como ya en los efectos se ha mostrado.
Lloraré de mil mal las ocasiones.
Sabrá el mundo la causa por que muero,
y moriré a lo menos confesado.
Pues soy por los cabellos arrastrado
de un tan desatinado pensamiento,
que por agudas peñas peligrosas,
por matas espinosas,
corre con ligereza más que el viento,
bañando de mi sangre la carrera,
y para más despacio atormentarme,
llévame alguna vez por entre flores
a do de mis tormentos y dolores
descanso, y dellos vengo a no acordarme;

Ó tu, rio divino,
que por feras nações
vais com tuas ondas claras discorrendo,
pois não há mais destino
para minhas razões
irem fora de mim, senão correndo
com tuas águas, e sendo
nelas logo afogadas;
se em terra tão incerta,
pela areia deserta
por alguém forem afinal achadas,
que as enterrem ali,
e assim seus erros findem junto a ti.

E se na água morreras,
canção, não vás queixar-te,
que já vi muito bem o que te toca.
Menos vida tiveras
se houvesse de igualar-te
com outras que morreram-me na boca.
Quem disto a culpa teve,
no além o entenderás de mim em breve.

JJR

CANÇÃO IV

A aspereza dos males que padeço
quero vê-la também nestas razões,
como já nos efeitos se há mostrado.
Chorarei de meu mal as ocasiões.
O mundo saberá por que pereço
e morrerei ao menos confessado.
Pois sou pelos cabelos arrastado
por tão desatinado pensamento,
que por agudas penhas perigosas,
por matas espinhosas,
corre com mais leveza do que o vento,
banhando com meu sangue a estrada inteira
e por mais devagar atormentar-me,
leva-me alguma vez por entre flores,
onde de meus tormentos e das dores
descanso, e deles chego a não lembrar-me;

mas él a más descanso no me espera;
antes, como me ve desta manera,
con un nuevo furor y desatino
torna a seguir el áspero camino.

No vine por mis pies a tantos daños;
fuerzas de mi destino me trajeron,
y a la que me atormenta me
entregaron.

Mi razón y juicio bien creyeron
guardarme, como en los pasados
años
de otros graves peligros me
guardaron;
mas cuando los pasados
compararon
con los que venir vieron, no sabían
lo que hacer de sí, ni do meterse;
 que luego empezó a verse
 la fuerza y el rigor con que venían.
Mas de pura vergüenza constreñida,
con tardo paso y corazón medroso,
al fin ya mi razón salió al camino.
Cuanto era el enemigo más vecino,
tanto más el recelo temeroso
le mostraba el peligro de su vida.
Pensar en el temor de ser vencida,
la sangre alguna vez le calentaba,
mas el mismo temor se la enfriaba.

Estaba yo a mirar, y peleando
en mi defensa mi razón estaba
cansada, y en mil partes ya herida;
y sin ver yo quién dentro me incitaba,
ni saber cómo, estaba deseando
que allí quedase mi razón vencida.
Nunca en todo el proceso de mi vida
cosa se me cumplió que desease
tan presto como aquésta; que a la hora
se rindió la señora,
y al siervo consintió que gobernase
y usase de la ley del vencimiento.
Entonces yo sentíme salteado

mas ele o meu descanso não espera;
antes, como me vê desta maneira,
com um novo furor e desalinho
torna a seguir pelo áspero caminho.

Não cheguei por meus pés a tantos danos;
forças de meu destino me trouxeram,
e àquela que me aflige me entregaram.
Minha razão e meu juízo creram
guardar-me, como em já passados anos
de outros graves perigos me guardaram;
mas quando com os passados compararam
os que viam chegar, não atinavam
com o que fazer de si, nem onde ter-se;
 que logo pôde ver-se
a força e o rigor com que chegavam.
Mas de pura vergonha constrangida,
com passo tardo e coração medroso,
ao fim minha razão pôs-se a caminho.
E quanto era o inimigo mais vizinho,
tanto mais o receio temeroso
lhe mostrava o perigo em sua vida.
Ao pensar no temor de ser vencida,
o sangue alguma vez a acalorava,
mas o mesmo temor a resfriava.

Estava eu a mirar, e pelejando
em meu favor minha razão estava
cansada, e em muitas partes já ferida;
e eu sem saber quem dentro me incitava,
nem saber como, estava desejando
que ali a razão ficasse-me vencida.
Nunca em todo o correr de minha vida
algo me aconteceu que desejasse
tão depressa como isto: que na hora
se rendeu a senhora
e ao servo consentiu que governasse
valendo-se da lei do vencedor.
E já então senti-me acometido
de uma vergonha livre e generosa;
doeu-me gravemente que uma cousa
tão sem razão se houvesse assim passado.

Luego siguió el dolor al corrimiento
de ver mi reino en mano de quien cuento
que me da vida y muerte cada día,
y es la más moderada tiranía.

Los ojos, cuya lumbre bien pudiera
tornar clara la noche tenebrosa,
y oscurecer el sol a mediodía,
me convirtieron luego en otra cosa.
En volviéndose a mí la vez primera
con el calor del rayo que salía
de su vista, que en mí se difundía,
y de mis ojos la abundante vena
de lágrimas al sol que me inflamaba,
no menos ayudaba
a hacer mi natura en todo ajena
de lo que era primero. Corromperse
sentí el sosiego y libertad pasada,
y el mal de que muriendo esto, engendrarse,
y en tierras sus raíces ahondarse
tanto, cuanto su cima levantada
sobre cualquier altura hace verse.
El fruto que de aquí suele cogerse,
mil es amargo, alguna vez sabroso;
mas mortífero siempre y ponzoñoso.

De mí agora huyendo, voy buscando
a quien huye de mí como enemiga,
que a un error añado el otro yerro;
y en medio del trabajo y la fatiga
estoy cantando yo, y está sonando
de mis atados pies el grave hierro;
mas poco dura el canto, si me encierro
acá dentro de mí, porque allí veo
un campo lleno de desconfianza.

Muéstrame la esperanza
de lejos su vestido y su meneo;
mas ver su rostro nunca me consiente.
Torno a llorar mis daños, porque entiendo
que es un crudo linaje del tormento
para matar aquel que está sediento
mostrarle el agua por que está muriendo;

Logo seguiu-se a dor ao desencanto
de ver meu reino em mão de quem eu conto
que me dá vida e morte cada dia,
e é a mais moderada tirania.

Os olhos, cujo fogo bem pudera
tornar mais clara a noite tenebrosa
e escurecer o sol ao meio-dia,
me converteram logo em outra cousa.
Ao voltar-se até a mim por vez primeira
com o calor do raio que saía
de sua vista, que em mim se difundia,
e de meus olhos o abundante veio
de lágrimas ao sol que me inflamava,
não menos ajudava
a fazer-me o caráter todo alheio
do que fora primeiro. Corromper-se
senti a liberdade e a paz fanada,
e o mal de que morrendo estou formar-se,
e na terra as raízes afundar-se
tanto, quanto sua crista levantada
mais que qualquer altura faz-se ver.
E este fruto que aqui sói-se colher,
amargo pode ser, ou saboroso;
mas mortífero é sempre e venenoso.

De mim fugindo agora, vou buscando
a quem foge de mim como inimiga,
que a um erro acrescento um outro erro;
e a meio do trabalho e da fadiga,
enquanto estou cantando, vai soando
em meus atados pés pesado ferro;
mas pouco dura o canto, se me encerro
muito dentro de mim, porque aqui espreito
um campo cheio de desconfiança.

Exibe-me a esperança
de longe seu vestido e seu trejeito;
mas ver seu rosto nunca me consente.
Torno a chorar meus danos, porque entendo
que é uma crua linhagem de tormento
para matar alguém que está sedento
mostrar-lhe a água por que está morrendo;

de la cual el cuitado juntamente
la claridad contempla, el ruido siente,
mas cuando llega ya para bebella,
gran espacio se halla lejos della.

De los cabellos de oro fue tejida
la red que fabricó mi sentimiento,
do mi razón revuelta y enredada
con gran vergüenza suya y corrimiento,
sujeta al apetito y sometida
en público adulterio fue tomada,
del cielo y de la tierra contemplada.
Mas ya no es tiempo de mirar yo en esto,
pues no tengo con qué considerallo,
y en tal punto me hallo,
que estoy sin armas en el campo puesto,
y el paso ya cerrado y la huida.
¿Quién no se espantará de lo que digo?
Que es cierto que he venido a tal extremo,
que del grave dolor que huyo y temo
me hallo algunas veces tan amigo,
que en medio dél, si vuelvo a ver la vida
de libertad, la juzgo por perdida,
y maldigo las horas y momentos
gastados mal en libres pensamientos.

No reina siempre aquesta fantasía,
que en imaginación tan variable
no se reposa un hora el pensamiento.
Viene con un rigor tan intratable
a tiempos de dolor, que el alma mía
desampara, huyendo, el sufrimiento,
lo que dura la fuerza del tormento.
No hay parte en mí que no se me trastorne
y que en torno de mí no esté llorando;
de nuevo protestando
que de la vía espantosa atrás me torne.
Esto ya por razón no va fundado,
ni le dan parte dello a mi juicio,
que este discurso todo es ya perdido;
mas es en tanto daño del sentido

e da qual o coitado juntamente
contempla a claridade, o ruído sente,
mas quando chega já para bebê-la,
ainda se encontra muito longe dela.

Dos cabelos dourados foi tecida
a rede que compôs meu sentimento,
onde minha razão turva e enleada
com grande pejo seu, grande tormento,
sujeita ao apetite e submetida
em público adultério foi tomada,
e pelos céus e a terra contemplada.
Hora não é mais de mirar com gosto
o que eu não tenho que considerar,
pois ali vou achar
que estou, sem armas, no terreno posto,
com o passo já cerrado e sem saída.
Quem não se espantará com o que eu digo?
Que é certo que cheguei a tal extremo,
que do grave sofrer que fujo e temo
me sinto algumas vezes tão amigo,
que se com ele volto a ver a vida
de liberdade, a tenho por perdida,
e amaldiçoo as horas e os momentos
gastados mal em livres pensamentos.

Não reinou sempre aqui esta fantasia,
que em imaginação tão variável
não se serena uma hora o pensamento.
E vinha com um rigor tão intratável
em tempos de sofrer, que à alma fugia,
à alma desamparada, o sofrimento,
o que durava a força do tormento.
Não há parte que em mim não se transtorne
e que não esteja junto a mim chorando;
de novo protestando
que da via espantosa à outra retorne.
Isto já na razão não está fundado,
nem dão notícia dele a meu juízo,
que este discurso todo é já perdido;
mas age em tanto dano do sentido

este dolor, y en tanto perjuicio,
que todo lo sensible atormentado,
de bien, si alguno tuvo, ya olvidado
está de todo punto, y sólo siente
la furia y el rigor del mal presente.

En medio de la fuerza del tormento
una sombra de bien se me presenta,
do el fiero ardor un poco se mitiga.
Figúraseme cierto a mí que sienta
alguna parte de lo que yo siento
aquella tan amada mi enemiga.
Es tan incomportable la fatiga,
que si con algo yo no me engañase
para poder llevarla, moriría;
y así, me acabaría
sin que de mí en el mundo se hablase.
Así que del estado más perdido
saco algún bien; mas luego en mí la suerte
trueca y revuelve el orden, que algún hora,
si el mal acaso un poco en mí mejora,
aquel descanso luego se convierte
en un temor que me ha puesto en olvido
aquella por quien sola me he perdido.
Así, del bien que un rato satisface,
nace el dolor que el alma me deshace.

Canción, si quien te viere se espantare
de la inestabilidad y ligereza,
y revuelta del vago pensamiento;
estable, grave y firme es el tormento,
le dí, que es causa, cuya fortaleza
es tal, que en cualquier parte que tocare,
le hará revolver hasta que pare
en aquel fin de lo terrible y fuerte,
que todo el mundo afirma que es la muerte.

este sofrer, e em tanto prejuízo,
que o sentimento todo, atormentado,
do bem, se teve algum, já olvidado
está de todo ponto, e assim só sente
a fúria e a rigidez do mal presente.

Que a meio do rigor deste tormento,
uma sombra de bem eu já pressinta,
que deste fero ardor algo mitigue.
Figura-se-me certo a mim que sinta
ao menos uma parte do que aguento
sofrer aquela minha amada imiga.
É tão insuportável a fadiga
que se com algo não me eu enganasse
para poder levá-la, morreria;
e assim, me acabaria
sem que de mim no mundo se falasse.
Assim é que do estado mais perdido
tiro algum bem; mas logo em mim o fado
troca e revolve a ordem, que uma hora,
se o mal acaso um pouco em mim melhora,
aquele alívio logo é transformado
em um temor que já me pôs no olvido
aquela por quem só me fiz perdido.
Assim, do bem que um instante satisfaz
nasce uma dor que a minha alma desfaz.

Canção, se quem te veja se espantar
com a instabilidade, a ligeireza
e a revolta do vago pensamento;
estável, grave e firme é meu tormento,
diz-lhe que é causa, cuja fortaleza
é tal, que em qualquer coisa que tocar
o fará revolver-se até parar
naquele fim do assustador e forte
que todo o mundo afirma que é a morte. **JJR**

CANCIÓN V

ODE AD FLOREM

GNIDI

Si de mi baja lira
tanto pudiese el son, que en un momento
aplacase la ira
del animoso viento,
y la furia del mar y el movimiento;

y en ásperas montañas
con el süave canto enterneciese
las fieras alimañas,
los árboles moviese,
y al son confusamente los trajese;

no pienses que cantado
sería de mí, hermosa flor de Gnido,
el fiero Marte airado,
a muerte convertido,
de polvo, y sangre, y de sudor teñido;

ni aquellos capitanes
en las sublimes rodas colocados,
por quien los alemanes
el fiero cuello atados,
y los franceses van domesticados.

Mas solamente aquella
fuerza de tu beldad sería cantada,
y alguna vez con ella
también sería notada
el aspereza de que estás armada;

y cómo por ti sola,
y por tu gran valor y hermosura,
convertido en viola,
llora su desventura
el miserable amante en tu figura.

Hablo de aquel cautivo,
de quien tener se debe más cuidado,

CANÇÃO V

ODE À FLOR DE

GNIDO

Se desta humilde lira
tanto pudesse o som que em um momento
apaziguasse a ira
do furioso vento
e a cólera do mar e o movimento,

e nas ásperas serras
com seu suave canto enternecesse
as mais temíveis feras,
as árvores movesse
e ao som confusamente aqui as trouxesse:

não penses que cantado
por mim fora, formosa flor de Gnido,
o fero Marte irado,
à morte dirigido,
de pó, de sangue e de suor tingido,

nem mesmo os capitães
lá nas sublimes rodas colocados,
por quem os alemães,
o fero colo atados,
e os franceses estão domesticados.

Mas tão-somente aquela
força dessa beleza ia cantar,
e alguma vez com ela
também ia notar
a aspereza que tens em teu olhar;

e como só por ti,
por teu grande valor e formosura,
todo encerrado em si,
chora sua desventura
o desditado amante em sua figura.

Falo desse cativo
com quem se deve ter maior cuidado,

que está muriendo vivo,
al remo condenado,
en la concha de Venus amarrado.

Por ti, como solía,
del áspero caballo no corrige
la furia y gallardía,
ni con freno lo rige,
ni con vivas espuelas ya le aflige.

Por ti, con destra mano,
no revuelve la espada presurosa,
y en el dudoso llano
huye la polvorosa
palestra, como sierpe ponzoñosa.

Por ti, su blanda musa,
en lugar de la cítara sonante,
tristes querellas usa,
que con llanto abundante
hacen bañar el rostro del amante.

Por ti, el mayor amigo
le es importuno, grave y enojoso;
yo pudo ser testigo,
que ya del peligroso
naufragio fui su puerto y su reposo.

Y agora en tal manera
vence el dolor a la razón perdida,
que ponzoñosa fiera
nunca fue aborrecida
tanto como yo dél, ni tan temida.

No fuiste tú engendada
ni producida de la dura tierra;
no debe ser notada
que ingratamente yerra
quien todo el otro error de sí destierra.

Hágate temerosa
el caso de Anaxárete, y cobarde

que está morrendo vivo,
ao remo condenado,
na alva concha de Vênus amarrado.

Por ti, como soía,
do áspero cavalo não corrige
a fúria e a galhardia,
nem com freio o dirige,
nem com vivas esporas já o aflige.

Por ti com destra mão
não movimentas a espada pressurosa;
no duvidoso chão
foge da polvorosa
peléja, como serpe venenosa.

Por ti sua branda musa,
em lugar de uma citara soante,
tristes lamentos usa,
que com pranto abundante
fazem todo banhar-se-lhe o semblante.

Por ti o maior amigo
lhe é importuno, grave e tedioso;
posso provar comigo,
que já do perigoso
naufrágio fui seu porto e seu repouso.

E ora de tal maneira
a dor triunfa da razão perdida,
que venenosa fera
nunca foi confundida
tanto como eu por ela, nem temida.

Tu não foste engendrada
nem produzida pela dura terra;
não deve ser notada
que ingratamente erra
quem qualquer outro error de si desterra.

Faça-te temerosa
o caso de Anaxárete, e covarde,

que de ser desdeñosa
se arrepintió muy tarde,
y así su alma con su mármol arde.

Estábase alegrando
del mal ajeno el pecho empedernido,
cuando abajo mirando,
el cuerpo muerto vido
del miserable amante, allí tendido.

Y al cuello el lazo atado
con que desenlazó de la cadena
el corazón cuitado,
que con su breve pena
compró la eterna punición ajena.

Sintió allí convertirse
en piedad amorosa el aspereza.
¡Oh tarde arrepentirse!
¡Oh última terneza!
¿Cómo te sucedió mayor dureza?

Los ojos se enclavaron
en el tendido cuerpo que allí vieron,
los huesos se tornaron
más duros y crecieron,
y en sí toda la carne convirtieron;

las entrañas heladas
tornaron poco a poco en piedra dura;
por las venas cuitadas
la sangre su figura
iba desconociendo y su natura;

hasta que, finalmente,
en duro mármol vuelta y transformada,
hizo de sí la gente
no tan maravillada
cuanto de aquella ingratitude vengada.

No quieras tú, señora,
de Némesis airada las saetas

que por ser desdenhosa
se arrependeu tão tarde,
e assim sua alma com seu mármore arde.

Estava-se alegrando
do mal alheio o peito empedernido,
quando, abaixo fitando,
o corpo viu, caído,
do amante miserável estendido.

E a seu pescoço atado
o laço que livrou de sua cadeia
o coração coitado,
que com sua breve peia
comprou a eterna punição alheia.

Viu ali converter-se
em piedade amorosa toda a agrura.
Oh tardo arrepender-se!
Oh última ternura!
Como te acometeu sina tão dura?

Os olhos se cravaram
no corpo que ali tenso perceberam;
os ossos se tornaram
mais duros e cresceram
e em si a carne toda converteram;

as entranhas geladas
pouco a pouco tornaram pedra dura;
pelas veias magoadas
o sangue a sua figura
ia desconhecendo, e sua natura;

até que, finalmente,
em mármore volvida e transformada,
fez de si toda a gente
não tão maravilhada
quanto daquela ingratidão vingada.

Não queiras tu, senhora,
de Nêmesis irada as frias setas

probar, por Dios, agora;
baste que tus perfectas
obras y hermosura a los poetas

den inmortal materia,
sin que también en verso lamentable
celebren la miseria
de algún caso notable,
que por ti pase triste y miserable.

ESCRITO ESTÁ EN MI ALMA VUESTRO GESTO.

Escrito está en mi alma vuestro gesto
y cuanto yo escribir de vos deseo:
vos sola lo escribiste; yo lo leo
tan solo que aún de vos me guardo en esto.

En esto estoy y estaré siempre puesto,
que aunque no cabe en mí cuanto en vos veo,
de tanto bien de que no entiendo creo,
tomando ya la fe por presupuesto.

Yo no nací sino para quererlos;
mi alma os ha cortado a su medida;
por hábito del alma misma os quiero;

cuanto tengo confieso yo deveros;
por vos nací, por vos tengo la vida,
por vos he de morir, y por vos muero.

NO PIERDA MÁS QUIEN HA TANTO PERDIDO.

No pierda más quien ha tanto perdido;
bástete, amor, lo que ha por mí pasado;
válgame agora haber jamás probado
a defenderme de lo que has querido.

Tu templo y sus paredes he vestido
de mis mojadas ropas, y adornado,
como acontece a quien ha ya escapado
libre de la tormenta en que se vido.

provar, por Deus, agora;
basta que as tuas retas
obras e formosura para os poetas

dêem imortal matéria,
sem que também em verso lamentável
celebrem a miséria
de algum caso notável
que por ti passe triste e miserável.

JJR

ESCRITO ESTÁ NESTA ALMA O VOSSO ROSTO...

Escrito está nesta alma o vosso rosto,
e quanto eu escrever de vós desejo:
escreveste-lo só; tão só o leio
que nisso ainda de vós guardo um desgosto.

Eu nisso estou e estarei sempre posto,
que, não cabendo em mim quanto em vós vejo,
o bem que não entendo, nele creio,
tomando assim a fé por pressuposto.

Eu não nasci senão para querer-vos;
minha alma vos talhou em tal medida
que por hábito da alma ter-vos peço;

quanto tenho confesso ora dever-vos;
por vós nasci, por vós mantenho a vida,
por vós hei de morrer, por vós pereço.

ABH

NÃO PERCA MAIS QUEM TANTO TEM PERDIDO...

Não perca mais quem tanto tem perdido;
baste-te, amor, quanto hei por ti passado;
valha-me agora nunca haver provado
o defender-me do que tens querido.

Do teu templo as paredes hei vestido
de minhas roupas úmidas, e ornado,
como acontece a quem tem já escapado
liberto da tormenta em que há vivido.

Yo había jurado nunca más meterme,
al poder mío y a mi consentimiento,
en otro tal peligro, como vano.

Mas del que viene no podré valerme;
y en esto no voy contra el juramento;
que ni es como los otros, ni en mi mano.

DE AQUELLA VISTA PURA Y EXCELENTE...

De aquella vista pura y excelente
salen espirtus vivos y encendidos,
y siendo por mis ojos recibidos,
me pasan hasta donde el mal se siente.

Encuéntranse al camino fácilmente
con los míos, que de tal calor movidos,
salen fuera de mí como perdidos,
llamados de aquel bien que está presente.

Ausente, en la memoria la imagino;
mis espirtus, pensando que la vían,
se mueven y se encienden sin medida.

Mas no hallando fácil el camino,
que los suyos entrando derretían,
revientan por salir do no hay salida.

SEÑORA MÍA, SI YO DE VOS AUSENTE...

Señora mía, si yo de vos ausente
en esta vida duro y no me muero,
páreceme que ofendo a lo que os quiero,
y al bien de que gozaba en ser presente.

Tras éste luego siento otro accidente,
que es ver que si de vida desespero
yo pierdo cuanto bien de vos espero,
y así ando en lo que siento diferente.

Tinha jurado nunca mais meter-me,
por meu poder e meu consentimento,
em outro tal perigo, como vão.

Mas do que vem não poderei valer-me;
e não vou nisto contra o juramento:

nem este é igual, nem está em minha mão. FMV

DAQUELA VISTA PURA E EXCELENTE...

Daquela vista pura e excelente
saem espíritos vivos e incendidos,
e sendo por meus olhos recebidos,
me passam até onde o mal se sente.

No caminho se encontram facilmente
com os meus, que de tal calor movidos
saem fora de mim como perdidos,
daquela bem chamados que é presente.

Ausente, na memória eu a imagino;
pensando meus espíritos que a viam,
já se movem e acendem sem medida.

Mas não achando fácil o caminho
que os seus, por ele entrando, derretiam,
rebetam por sair, mas sem saída. FMV

SENHORA MINHA, SE EU, DE VÓS AUSENTE...

Senhora minha, se eu, de vós ausente,
duro, e não morro de um viver tão fero,
parece-me que ofendo ao que vos quero
e ao bem do qual gozava em ser presente.

Trás este logo sinto outro acidente,
que é ver que se da vida desespero
eu perco quanto bem de vós espero,
e ando assim no que sinto diferente.

En esta diferencia mis sentidos
están en vuestra ausencia y en porfía.
No sé ya qué hacerme en mal tamaño.

Nunca entre sí los veo sino reñidos;
de tal arte pelean noche y día,
que sólo se conciertan en mi daño.

¡OH DULCES PRENDAS POR MI MAL HALLADAS...

¡Oh dulces prendas por mi mal halladas,
dulces y alegres cuando Dios quería,
juntas estáis en la memoria mía
y con ella en mi muerte conjuradas!

¿Quién me dijera, cuando en las pasadas
horas que en tanto bien por vos me vía,
que me habíades de ser en algún día
con tan grave dolor representadas?

Pues en una hora junto me llevastes
todo el bien que por términos me distes,
llevadme junto al mal que me dejastes.

Si no, sospecharé que me pusistes
en tantos bienes porque deseastes
verme morir entre memorias tristes.

HERMOSAS NINFAS, QUE EN EL RÍO METIDAS...

Hermosas ninfas, que en el río metidas,
contentas habitáis en las moradas
de relucientes piedras fabricadas
y en columnas de vidrio sostenidas,

agora estéis labrando embebecidas
o tejiendo las telas delicadas,
agora unas con otras apartadas
contándoos los amores y las vidas:

E nesta diferença meus sentidos
estão, em vossa ausência, e em porfía;
não sei já que fazer-me em mal tamanho.

Nunca os vejo entre si senão renhidos;
de tal sorte combatem noite e dia,
que apenas se concertam em meu dano.

FMV

Ó DOCES PRENDAS POR MEU MAL ACHADAS...

Ó doces prendas por meu mal achadas,
doces e alegres quando Deus queria,
juntas estais-me na memória, e, um dia,
com ela em minha morte conjuradas!

Quem me dissera, quando nas passadas
horas que em tanto bem por vós me via,
que me houvéreis de ser em tão sombria
e tão severa dor representadas?

Pois numa hora junto me levastes
todo o bem cujo termo me infligistes,
levai-me junto o mal que me deixastes.

Ou pensarei que só me conferistes
tais bens e tantos porque desejaxes
ver-me morrer entre memórias tristes. **ABH-FMV**

BELAS NINFAS, QUE, NA ÁGUA SUBMERGIDAS...

Belas ninfas, que, na água submergidas,
contentes habitais vossas moradas
de reluzentes pedras fabricadas
e em colunatas de cristal sustidas,

quer estejais lavrando embebecidas
ou tecendo essas telas delicadas,
quer algumas com outras apartadas
os amores contando-vos e as vidas:

dejad un rato la labor, alzando
vuestras rubias cabezas a mirarme,
y no os detendréis mucho según ando,

que o no podréis de lástima escucharme,
o convertido en agua aquí llorando,
podréis allá despacio consolarme.

SI PARA REFRENAR ESTE DESEO...

Si para refrenar este deseo
loco, imposible, vano, temeroso,
y guarecer de un mal tan peligroso,
que es darme a entender yo lo que no creo,

no me aprovecha verme cual me veo,
o muy aventurado o muy medroso,
en tanta confusión que nunca oso
fiar el mal de mí que lo poseo,

¿qué me ha de aprovechar ver la pintura
de aquél que con las alas derretidas
cayendo, fama y nombre al mar ha dado,

y la del que su fuego y su locura
llora entre aquellas plantas conocidas,
apenas en el agua resfriado?

EN TANTO QUE DE ROSA Y AZUCENA...

En tanto que de rosa y azucena
se muestra la color en vuestro gesto,
y que vuestro mirar ardiente, honesto,
enciende el corazón y lo refrena;

y en tanto que el cabello, que en la vena
del oro se escogió, con vuelo presto
por el hermoso cuello blanco, enhiesto,
el viento mueve, esparce y desordena:

deixai um pouco esse labor, alçando
vossas louras cabeças Dpor fitar-me;
pouco vos detereis, do modo que ando:

não podereis de lástima escutar-me,
ou, convertido em água aqui chorando,
aí podereis com tempo consolar-me.

ABH

SE PARA REFREAR ESTE DESEJO...

Se para refrear este desejo
louco, impossível, vão e temeroso,
e curar-me de um mal tão perigoso,
que é dar-me a entender quanto a medo almejo,

não me aproveita ver-me qual me vejo,
ou mui aventurado ou mui medroso,
em tanta confusão, que nunca ousou
fiar de mim meu mal, que me é sobejo,

que me aproveitará ver a pintura
daquele que, com as asas derretidas
caíndo, fama e nome ao mar tem dado,

e a daquele que o fogo e que a loucura
chora entre aquelas plantas conhecidas,
apenas pelas águas resfriado?

FMV

ENQUANTO QUE DA ROSA E DA AÇUCENA...

Enquanto que da rosa e da açucena
revela-lhes a cor o vosso gesto,
e que vosso mirar ardente, honesto,
incende o coração e, entanto, o frena;

e enquanto que o dourado da melena,
de áureo veio escolhido, em vôo presto
pelo formoso colo branco, em esto,
o vento move, esparze e desordena:

coged de vuestra alegre primavera
el dulce fruto antes que el tiempo airado
cubra de nieve la hermosa cumbre.

Marchitará la rosa el tiempo helado,
todo lo mudará la edad ligera
por no hacer mudanza en su costumbre.

ANTONIO DE VILLEGAS (¿?-1550)

CANCIÓN

¡Oh ansias de mi pasión;
dolores que en venir juntos
habéis quebrado los puntos
de mi triste corazón!

Con dos prisiones nos ata
el amor cuando se enciende:
hermosura es la que prende,
y la gracia es la que mata.
Ya mi alma está en pasión;
los miembros tengo difuntos
en ver dos contrarios juntos
contra un triste corazón.

DIEGO HURTADO DE MENDOZA (1503-1575)

HAME TRAÍDO AMOR A TAL PARTIDO...

Hame traído amor a tal partido,
que no puedo ni quiero conocerme;
cuantas armas tenía le he rendido,
pues le di la razón para vencerme.

colhei da primavera lisonjeira
o doce fruto antes que o tempo airado
dos cabelos vos torne em neve o lume.

Murcha-se a flor no entardecer gelado,
a tudo a idade mudará ligeira
por não fazer mudança em seu costume. ABH/FMV

ANTONIO DE VILLEGAS (c.1500-1550)

CANÇÃO

Ânsias de minha paixão!
dores que juntas chegando
fostes as cordas quebrando
de meu triste coração!

Com duas prisões nos ata
o amor quando em nós se acende:
formosura é a que prende,
mas a graça é a que mata.
Já minha alma arde em paixão;
os membros tenho defuntos
de ver dois contrários juntos
contra um triste coração.

ABH

DIEGO HURTADO DE MENDOZA (1503-1575)

AMOR ME CONDUZIU A TAL PARTIDO...

Amor me conduziu a tal partido,
que não posso nem quero conhecer-me;
quantas armas que eu tinha lhe hei rendido,
pois lhe dei a razão para vencer-me.

Hombre nació y por hombre era tenido;
pudieron seso y arte socorrerme,
el tiempo, la experiencia y el sentido;
mas todo lo dejé, y quise perderme.

Gran mal, señora, es que el hombre entiende
cuánto aparta de sí, y no se arrepiente,
y que sabe cuán poco bien espera;

que vive y morirá desta manera,
fuera de humana forma o accidente,
sino de querer bien; que no se aprende.

SANTA TERESA DE JESÚS (1515-1582)

GLOSA

Ya toda me entregué y di,
y de tal suerte he trocado,
que mi Amado es para mí
y yo soy para mi Amado.

Cuando el dulce Cazador
me tiró y dejó rendida,
en los brazos del amor
mi alma quedó caída,
y cobrando nueva vida
de tal manera he trocado,
que mi Amado es para mí
y yo soy para mi Amado.

Tírome con una flecha
enarbolada de amor
y mi alma quedó hecha
una con su Criador;
ya yo no quiero otro amor,
pues a mi Dios me he entregado,
que mi Amado es para mí
y yo soy para mi Amado.

Homem nasci, por homem era eu tido,
puderam juízo e arte socorrer-me,
e o tempo, a experiência e o sentido;
mas tudo abandonei, e quis perder-me.

O grande mal, senhora, é que o homem sente
quanto afasta de si, e não se arrepende:
sempre sabe quão pouco bem espera;

que vive e morrerá desta maneira,
fora de humana forma ou acidente,
senão de querer bem; que não se aprende. JJR

SANTA TERESA DE JESUS (1515-1582)

GLOSA

Já toda me dei, e, assim,
de tal sorte me hei mudado
que o Amado é para mim
e eu sou para o meu Amado.

Quando o doce Caçador
me atirou, fiquei rendida,
por entre os braços do amor
minha alma quedou caída,
e cobrando nova vida
de tal maneira hei mudado
que o Amado é para mim
e eu sou para o meu Amado.

Com uma flecha que me deita,
enarvorada de amor,
a minha alma quedou feita
una com seu Criador;
já eu não quero outro amor,
a meu Deus me hei entregado,
que o Amado é para mim
e eu sou para o meu Amado.

ABH

**VERSOS NACIDOS DEL FUEGO DEL
AMOR DE DIOS QUE EN SÍ TENÍA**

*Vivo sin vivir en mí,
y en tan alta vida espero,
que muero porque no muero.*

GLOSA

Aquesta divina unión,
del amor con que yo vivo,
hace a Dios ser mi cautivo,
y libre mi corazón;
mas causa en mí tal pasión
ver a Dios mi prisionero,
que muero porque no muero.

¡Ay! ¡Qué larga es esta vida!
¡Qué duros estos destierros,
esta cárcel y estos hierros
en que el alma está metida!
Sólo esperar la salida
me causa dolor tan fiero,
que muero porque no muero.

¡Ay! ¡Qué vida tan amarga
do no se goza el Señor!
Y si es dulce el amor,
no lo es la esperanza larga;
quíteme Dios esta carga,
más pesada que el acero,
que muero porque no muero.

Sólo con la confianza
vivo de que he de morir;
porque muriendo, el vivir
me asegura mi esperanza:
muerte do el vivir se alcanza,
no te tarde que te espero,
que muero porque no muero.

**VERSOS NASCIDOS DO FOGO DO
AMOR DE DEUS QUE TINHA EM SI**

*Não vive em mim meu viver,
e em tão alta vida espero
que morro de não morrer.*

GLOSA

Esta divina união
com o amor por quem eu vivo
faz de Deus o meu cativo
e livre meu coração;
mas causa em mim tal paixão
ver a Deus em meu poder
que morro de não morrer.

Ai! como é longa esta vida!
Que duros estes desterrros,
este cárcere e estes ferros
em que a alma está metida!
Só esperar a saída
me causa tanto sofrer
que morro de não morrer.

Ai! que vida tão amarga
se não se goza o Senhor!
E, se tão doce é o amor,
não o é a esperança larga;
tire-me Deus esta carga
tão dura de padecer,
que morro de não morrer.

Somente com a confiança
vivo de que hei de morrer;
porque, morrendo, o viver
assegura-me a esperança:
morte em que o viver se alcança,
bem cedo te quero ver,
que morro de não morrer.

Mira que el amor es fuerte;
vida, no seas molesta;
mira que sólo te resta,
para ganarte, perderte;
venga ya la dulce muerte,
venga el morir muy ligero,
que muero porque no muero.

Aquella vida de arriba
es la vida verdadera:
hasta que esta vida muera,
no se goza estando viva;
muerte, no seas esquiva;
vivo muriendo primero,
que muero porque no muero.

Vida, ¿qué puedo yo darle
a mi Dios que vive en mí,
si no es perderte a ti,
para mejor a Él gozarle?
Quiero muriendo alcanzarle,
pues a Él solo es al que quiero,
que muero porque no muero.

Estando ausente de ti,
¿qué vida puedo tener,
sino muerte padecer
la mayor que nunca vi?
Lástima tengo de mí,
por ser mi mal tan entero,
que muero porque no muero.

ANÓNIMO

SONETO A CRISTO CRUCIFICADO

No me mueve, mi Dios, para quererte,
el cielo que me tienes prometido;
ni me mueve el infierno tan temido
para dejar por eso de ofenderte.

Olha quanto o amor é forte;
vida, não sejas molesta;
vê que em te perderes resta
de te ganhares a sorte;
venha já a doce morte,
venha-me a morte a correr,
que morro de não morrer.

Essa que no alto deriva
é a vida verdadeira:
té que tome a vida à poeira,
não se goza estando viva;
morte, não sejas esquiva;
morrendo estou em viver,
que morro de não morrer.

Vida, como obsequiá-lo,
a meu Deus, que vive em mi,
senão perdendo-te a ti,
por melhor poder gozá-lo?
Quero morrendo alcançá-lo,
pois só Ele é o meu querer,
que morro de não morrer.

Estando ausente de ti,
que vida pudera ter,
senão morte padecer
a maior que jamais vi?
Lástima tenho de mi,
por tamanho mal sofrer,
que morro de não morrer.

ABH

ANÔNIMO

SONETO A CRISTO CRUCIFICADO

Não me move, meu Deus, para querer-te,
o céu que já me houveste prometido;
nem o inferno me move tão temido
para deixar por isso de o fender-te.

Tú me mueves, Señor, muéveme el verte
clavado en una cruz y escarnecido;
muéveme ver tu cuerpo tan herido;
muévenme tus afrentas y tu muerte.

Muéveme, en fin, tu amor, y en tal manera
que aunque no hubiera cielo, yo te amara,
y aunque no hubiera infierno, te temiera.

No tienes que me dar porque te quiera,
pues aunque cuanto espero no esperara,
lo mismo que te quiero te quisiera.

GUTIERRE DE CETINA (¿1515?-¿1557?)

MADRIGAL

Ojos claros, serenos,
si de un dulce mirar sois alabados,
¿por qué, si me miráis, miráis airados?
Si cuanto más piadosos,
más bellos parecéis a aquél que os mira,
no me miréis con ira,
porque no parezcáis menos hermosos.
¡Ay, tormentos rabiosos!
Ojos claros, serenos,
ya que así me miráis, miradme al menos.

¿EN CUÁL REGIÓN, EN CUÁL PARTE DEL SUELO...

¿En cuál región, en cuál parte del suelo,
en cuál bosque, en cuál monte, en cuál poblado,
en cuál lugar remoto y apartado
puede ya mi dolor hallar consuelo?

Cuanto se puede ver debajo el cielo,
todo lo tengo visto y rodeado;
y un medio que a mi mal había hallado,
hace en parte mayor mi desconsuelo.

Tu me moves, Senhor, move-me inerte
ver-te pregado à Cruz e escarnecido;
move-me ver teu corpo tão ferido;
move-me tua afronta, e a morte ver-te.

Move-me teu amor, e em tal maneira
que, se céu não houvera, ainda te amara,
e não houvesse inferno, te temera.

Nada tens que me dar porque te queira;
se o que espero de ti não esperara,
quanto te quero, enfim, não o esquecerá. ABH

GU'TIERRE DE CE'TINA (1515?-1557?)

MADRIGAL

Olhos claros, serenos,
se por doce mirar vós sois louvados,
por que, se me mirais, mirais irados?
Se quanto mais piedosos
 mais belos pareceis a quem vos mira,
não me mireis com ira,
 por que não pareçais menos formosos.
Ai, tormentos raivosos!
Olhos claros, serenos,
já que assim me mirais, mirai-me ao menos! JJR

EM QUAL REGIÃO, EM QUAL PARTE DO SOLO...

Em qual região, em qual parte do solo,
em qual bosque, em qual mente, em qual povoado,
em qual lugar remoto e retirado
pode já minha dor achar consolo?

Tudo quanto se pode ver, de um pólo
a outro do céu, eu vi e hei contornado;
e o que para o meu mal tenho encontrado
faz em parte maior meu desconsolo.

Para curar el daño de la ausencia
píntoos cual sempre os vi, dura y proterva;
mas Amor os me muestra de otra suerte.

No queráis a mi mal más experiencia,
sino que ya como herida cierva,
doquier que voy, conmigo va mi muerte.

PUES SE CONFORMA NUESTRA COMPAÑÍA...

Pues se conforma nuestra compañía,
no dejes, Soledad, de acompañarme;
que con tu ausencia y con desampararme
muy mayor soledad padecería.

Tú haces ocupar mi fantasía
sólo en el bien que basta a contentarme,
y no es parte sin tí para alegrarme
con todo su poder y alegría.

Contigo partiré, si no me dejas,
los altos bienes de mi pensamiento,
que me escapan de manos de la muerte.

Y no te daré parte de mis quejas,
de mi tristeza, ni de mi tormento;
ni dártela osaré por no perderte.

HERNANDO DE ACUÑA (1518-1580)

CUANDO ERA NUEVO EL MUNDO Y PRODUCÍA...

Cuando era nuevo el mundo y producía
gentes, como salvajes, indiscretas,
y el cielo dio furor a los poetas
y el canto con el vulgo los seguía,

Para curar o dano desta ausência,
pinto-vos qual vos vejo, hirta e proterva;
mas Amor me vos mostra de outra sorte.

Não queirais a meu mal mais experiência,
senão que já, como ferida cerva,
aonde eu vá, comigo leve a morte.

JJR

POIS SE CONFORMA NOSSA COMPANHIA...

Pois se conforma nossa companhia,
não deixes, Solidão, de acompanhar-me;
que com tua ausência e com desamparar-me
mui maior solidão padeceria.

Tu fazes ocupar-me a fantasia
só no bem suficiente a contentar-me,
e não basta sem ti para alegrar-me
com todo o seu poder e alegria.

Contigo partirei, se não me deixas,
os bens maiores do meu pensamento,
que me escapam das mãos frias da morte.

Parte não te darei de minhas queixas,
desta tristeza, nem de meu tormento;
nem dá-la a ti ousarei, por não perder-te.

JJR

HERNANDO DE ACUÑA (1518-1580)

QUANDO ERA NOVO O MUNDO, E PRODUZIA...

Quando era novo o mundo, e produzia
gentes, como os selvagens, indiscretas,
e concedeu o céu furor aos poetas
e entre cantos o vulgo os perseguia,

fingiendo dios a Amor y que tenía
por armas fuego, red, arco y saetas,
porque las fieras gentes no sujetas
se allanasen al trato y compañía.

Después, viniendo a más razón los hombres,
los que fueron más sabios y constantes
al Amor figuraron niño y ciego:

para mostrar que dél y destos nombres
les viene por herencia a los amantes
simpleza, ceguedad, desasosiego.

JORGE DE MONTEMAYOR (¿1520?-1561)

¿QUÉ PUDE SER, SEÑORA, ANTES QUE OS VIESE...

¿Qué pude ser, señora, antes que os viese,
pues viéndoos cobré el ser que no tenía?
¿Qué pudo ser sin vos el alma mía,
o qué sería de mí si así no fuese?

Según ahora me siento, aunque viviese,
no era el alma, no, por quien vivía,
que un natural instinto me regía,
hasta que vuestro rostro ver pudiese.

Y viendo el resplandor y hermosura
del rostro transparente y delicado
do tanta perfición pintó natura,

de vos recibí un ser tan extremado,
que no pudiendo haber en mí mal cura
lo sufro y me sustento en mí cuidado.

de Amor um deus fizeram que possuía
por armas fogo e rede, arcos e setas,
para que as feras gentes não sujeitas
se abrandassem ao trato e companhia.

Depois, chegando mais razão aos homens,
os que foram mais sábios e constantes
ao Amor figuraram criança e cego:

para mostrar que dele e destes nomes
vem por herança atávica aos amantes
simpleza, ceguidão, desassossego.

JJR

JORGE DE MONTEMAYOR (1520?-1561)

QUE PUDE SER, ANTES DE VÓS, SENHORA...

Que pude ser, antes de vós, senhora,
que só de ver-vos sou quem não seria?
A minha alma, sem vós, como estaria?
Que seria de mim se assim não fora?

Se vivesse, conforme o sinto agora,
a alma não era, não, por quem vivia,
que um natural instinto me regia,
té poder ver de vosso rosto a aurora.

E vendo o resplendor e a formosura
do rosto transparente e delicado
onde só perfeição pintou natura,

de vós recebo um ser tão extremado,
que não podendo de meu mal ter cura
o sofro e me sustento em meu cuidado.

ABH/jJR

JERÓNIMO DE LOMAS CANTORAL

(FLORECIÓ HACIA 1570)

YA DE MIS QUIETOS DÍAS EL SERENO...

Ya de mis quietos días el sereno
cielo se va turbando y, con sosiego,
en el alma se enciende un nuevo fuego,
que me consume dulcemente el seno.

Recoge, corazón, recoge el freno
y a más sano lugar te vuelve luego,
pues que de amor el más sabroso juego
está con hiel templado y con veneno.

Al suspirar y al llanto triste y laso,
a oscura luz y a noches congojosas
no tornes, ya que miras libre al cielo.

Huye a los ojos bellos, cierra el paso
al vano desear y a mentirosas
esperanzas, y córcate de hielo.

LUIS DE CAMÕES (¿1525?-1580)

ONDAS QUE POR EL MUNDO CAMINANDO...

Ondas que por el mundo caminando
contino vais llevadas por el viento,
llevad embuelto en vos mi pensamiento,
do está la que do está lo está causando.

Dizilde que os estoy acrescentando,
dizilde que de vida no hay momento,
dizilde que no muere mi tormento,
dizilde que no vivo ya esperando.

Dizilde quán perdido me hallastes,
dizilde quán ganado me perdistes,
dizilde quán sin vida me matastes.

JERÓNIMO DE LOMAS CANTORAL

(ATUANTE POR VOLTA DE 1570)

JÁ DE MEUS QUIETOS DIAS O SERENO...

Já de meus quietos dias o sereno
céu se vai conturbando e, ao suave rogo
de minha alma, aí se acende um novo fogo
que o peito me consome, doce e ameno.

Ó coração, recolhe o freio, e pleno
de fé a sitio mais sadio logo
vai, pois do amor o saboroso jogo
vem com fel temperado, e com veneno.

Ao suspirar e ao choro triste e lasso,
à meia luz e a noites angustiosas
não tornes: o céu, livre, podes vê-lo!

Foge aos olhos mais belos, cerra o passo
ao desejar em vão, e a mentirosas
esperanças, e cerca-te de gelo.

JJR

LUÍS DE CAMÕES (1525?-1580)

ONDAS QUE PELO MUNDO CAMINHANDO...

Ondas que pelo mundo caminhando
contino ides levadas pelo vento,
levai envolto em vós meu pensamento
aonde está a que onde está o está causando.

Dizei-lhe que vos vou acrescentando,
dizei-lhe que de vida no'há momento,
dizei-lhe que não morre meu tormento,
dizei-lhe que não vivo já esperando.

Dizei-lhe quão perdido me encontrastes,
dizei-lhe quão ganhado me sumistes,
dizei-lhe quão sem vida me matastes.

Dizilde cuán llagado me feristes,
dizilde cuán sin mí que me dexastes,
dizilde cuán con ella que me vistes!

DE PIEDRA, DE METAL, DE COSA DURA...

De piedra, de metal, de cosa dura,
el alma, dura ninfa, os ha vestido,
pues el cabello es oro endurecido,
y mármol es la fronte en su blancura.

Los ojos, esmeralda verde y oscura;
granata las mexillas; no fingido,
el labio es un robí no poseido;
los blancos dientes son de perla pura.

La mano de marfil, y la garganta
de alabastro, por donde como yedra
las venas van de azul muy rutilante.

Mas lo que más en toda vos me espanta,
es ver que, por que todo fuese piedra,
tenéis el corazón como diamante.

FRANCISCO DE TERRAZAS (¿1525?-¿1602?)

¡AY, BASAS DE MARFIL, VIVO EDIFICIO...

¡Ay, basas de marfil, vivo edificio
obrado del artífice del cielo,
columnas de alabastro que en el suelo
nos dais del bien supremo claro indicio!

¡Hermosos capiteles y artificio
del arco que aun de mí me pone celo!
¡Altar donde el tirano dios mozuelo
hiciera de sí mismo sacrificio!

Dizei-lhe quão chagado me feristes,
dizei-lhe quão sem mim que me deixastes,
dizei-lhe quão com ela que me vistes!

ABH

DE PEDRA, DE METAL, DE COISA DURA...

De pedra, de metal, de coisa dura,
ó dura ninfa, a alma vos tem vestido,
pois o cabelo é ouro endurecido,
e mármore a fronte é pela brancura.

Os olhos, esmeralda verde e escura;
de romã são as faces; não fingido,
o lábio é um rubi não possuído;
os brancos dentes são pérola pura.

A mão é de marfim, e é a garganta
puro alabastro, onde qual hera medra
nas veias um azul mui rutilante.

Mas o que mais em vós toda me espanta
é ver que, por que tudo fosse pedra,
tendes o coração como diamante.

ABH

FRANCISCO DE TERRAZAS (1525?-1602?)

PILARES DE MARFIM, VIVO EDIFÍCIO...

Pilares de marfim, vivo edifício
que o artífice criou do firmamento,
colunas de alabastro e de portento
que dais do bem supremo claro indício!

Formosos capitéis, belo artífício
do arco que até de mim me põe ciumento!
Altar em que o menino deus cruento
fizera de si mesmo sacrifício!

¡Ay, puerta de la gloria de Cupido,
y puerta de la flor más estimada
de cuantas en el mundo son ni han sido!

Sepamos hasta cuándo estáis cerrada
y el cristalino cielo es defendido
a quien jamás gustó fruta vedada.

DEJAD LAS HEBRAS DE ORO ENSORTIJADO...

Dejad las hebras de oro ensortijado
que el ánimo me tienen enlazada,
y volved a la nieve no pisada
lo blanco de esas rosas matizado.

Dejad las perlas y el coral preciado
de que esa boca está tan adornada;
y al cielo —de quien sois tan envidiada—
volved los soles que le habéis robado.

La gracia y discreción que muestra han sido
del gran saber del celestial maestro,
volvédsele a la angélica natura.

Y todo aquesto así restituido,
veréis que lo que os queda es propio vuestro:
ser áspera, cruel, ingrata y dura.

FRAY LUIS DE LEÓN (1527-1591)

AMOR CASI DE UN VUELO ME HA ENCUMBRADO...

Amor casi de un vuelo me ha encumbrado
adonde no llegó mi pensamiento;
mas toda esta grandeza de contento
me turba, y entristece este cuidado,

Ai, pórtico da glória de Cupido,
e pórtico da flor mais estimada
de quantas neste mundo tem havido!

Oh! saber até quando estais fechada
e o cristalino cu  defendido
a quem jamais provou fruta vedada!

ABH

ESSAS FIBRAS DEIXAI DE OURO FRISADO...

Essas fibras deixai de ouro frisado
que minha alma me têm aprisionada,
e devolvei  neve não pisada
o branco dessas rosas matizado.

As perlas e o coral apreciado
de que essa boca está tão adornada
deixai, e aos céus —de quem sois invejada—
os sóis tornai que lhes haveis roubado.

A graça e discrição que o desmedido
saber do mestre celestial atesta,
reintegrai-o  angélica natura.

E tudo aquilo assim restituído,
vereis que toda estais no que vos resta:
ser áspera, cruel, ingrata e dura.

ABH

FRAY LUIS DE LEÓN (1527-1591)

DO AMOR NUM VO S FUI ELEVADO...

Do amor num vo s fui elevado
À altura a que não chega o pensamento;
mas toda esta grandeza num momento
me turba, e me entristece este cuidado,

que temo que no venga derrocado
al suelo por faltarme fundamento;
que lo que en breve sube en alto asiento,
suele desfallecer apresurado.

mas luego me consuela y asegura
el ver que soy, señora ilustre, obra
de vuestra sola gracia, y que en vos fio:

porque conservaréis vuestra hechura,
mis faltas supliréis con vuestra sobra,
y vuestro bien hará durable el mío.

ALARGO ENFERMO EL PASO, Y VUELVO, CUANTO...

Alargo enfermo el paso, y vuelvo, cuanto
alargo el paso, atrás el pensamiento;
no vuelvo, que antes siempre miro atento
la causa de mi gozo y de mi llanto.

Allí estoy firme y quedo, mas en tanto
llevado del contrario movimiento,
cual hace el extendido en el tormento,
padezco fiero mal, fiero quebranto.

En partes, pues, diversas dividida
el alma, por huir tan cruda pena,
desea dar ya al suelo estos depojos.

Gime, suspira y llora dividida,
y en medio del llorar sólo esto suena:
— ¿Cuándo volveré, Nise, a ver tus ojos?

AGORA CON LA AURORA SE LEVANTA...

Agora con la aurora se levanta
mi Luz; agora coge en rico ñudo
el hermoso cabello; agora el crudo
pecho ciñe con oro y la garganta,

agora vuelta al cielo, pura y santa,
las manos y ojos bellos alza, y pudo
dolerse agora de mi mal agudo;
agora incomparable tañe y canta.

que temo que não desça derrotado
ao solo, por faltar-me fundamento;
que quanto em breve sobe ao alto assento
costuma desmaiar precipitado.

Mas logo me consola e me assegura
o ver que sou, senhora ilustre, a obra
só dessa vossa graça, assim amável;

porque conservareis vossa feita,
faltas me suprireis com vossas sobras,
e vosso bem ao meu fará durável.

JJR

ALONGO ENFERMO O PASSO, E VOLTO, QUANTO...

Alongo enfermo o passo, e volto, quanto
alongo o passo, atrás o pensamento;
não volto, que antes sempre miro atento
a causa de meu gozo e de meu pranto.

Ali estou firme e quedo, mas no entanto
levado de contrário movimento,
qual faz o torturado no tormento,
padeço fero mal, fero quebranto.

Em partes, pois, diversas repartida
esta alma, por fugir tão crudas penas,
deseja dar ao solo estes espólios.

Geme, suspira e chora, dividida,
e em meio ao seu chorar ouve-se, apenas:
— Ó Nise, quando volto a ver teus olhos?

JJR

AGORA COM A AURORA SE LEVANTA....

Agora com a aurora se levanta
minha Luz; colhe em laço, com estudo,
o formoso cabelo; agora o crudo
peito cinge com ouro e a garganta,

agora ao céu retorna, pura e santa,
mãos e olhos belos alça, e do meu rudo
mal ora se condói, meu mal agudo;
agora incomparável tange e canta.

Ansí digo y, del dulce error llevado,
presente ante mis ojos la imagino,
y lleno de humildad y amor la adoro;

más luego vuelve en sí el engañado
ánimo y, conociendo el desatino,
la rienda suelta largamente al lloro.

¡OH CORTESÍA, OH DULCE ACOGIMIENTO...

|Oh cortesía, oh dulce acogimiento,
oh celestial saber, oh gracia pura,
oh, de valor dotado y de dulzura,
pecho real, honesto pensamiento!

¡Oh luces, del amor querido asiento,
oh boca, donde vive la hermosura,
oh habla suavísima, oh figura
angelical, oh mano, oh sabio acento!

Quien tiene en solo vos atesorado
su gozo y vida alegre y su consuelo,
su bienaventurada y rica suerte,

cuando de vos se viere desterrado,
¡ay! ¿qué le quedará sino recelo,
y noche y amargor y llanto y muerte?

DESPUÉS QUE NO DESCUBREN SU LUCERO...

Después que no descubren su lucero
mis ojos lagrimosos noche y día,
llevado del error, sin vela y guía,
navego por un mar amargo y fiero.

El deseo, la ausencia, el carnicero
recelo, y de la ciega fantasía
las olas más furiosas a porfía
me llegan al peligro postrimero.

Aquí una voz me dice: cobre aliento,
señora, con la fe que me habéis dado
y en mil y mil maneras repetido.

Assim digo e, do doce error levado,
presente ante meus olhos a imagino,
e cheio de humildade e amor a adoro;

**mas logo a si retorna o enganado
ânimo e, conhecendo o desatino,
a rédea solta largamente ao choro.**

AB

H

Ó CORTESIA, Ó DOCE ACOLHIMENTO...

Ó cortesia, ó doce acolhimento,
ó celestial saber, ó graça pura,
ó de valor dotado, e de doçura,
peito real, honesto pensamento!

Ó luzes, que do amor sois caro assento,
ó boca onde reside a formosura,
ó fala suavíssima, ó figura
angelical, ó mão, ó sábio acento!

Aquele que a vós só tem confiado
seu consolo e alegria, e seu enleio,
sua beatitude e a rica sorte,

quando de vós sentir-se desterrado,
ai! que lhe restará senão receio,
e noite e amargura e pranto e morte?

JJR

PORQUE NUNCA DESCOBREM SEU LUZEIRO...

Porque nunca descubrem seu luzeiro,
meus olhos lacrimejam noite e dia;
vogando vou a errar, sem vela ou guia,
por um mar sempre amargo e traiçoeiro.

O desejo, e a ausência, e o carnicheiro
receio, e da mais cega fantasia
as ondas furiosas à porfia
me levam ao perigo derradeiro.

Aqui uma voz me diz que encontre alento,
senhora, nessa fé que me haveis dado
de mil e mil maneiras neste mundo.

Mas, - ¿cuánto de esto allá llevado ha el viento?,
respondo: y a las olas entregado,
el puerto desespero, el hondo pido.

ODA A FRANCISCO DE SALINAS

El aire se serena
y viste de hermosura y luz no usada,
Salinas, cuando suena
la música estremada,
por vuestra sabia mano gobernada.

A cuyo son divino
el alma, que en olvido está sumida,
toma a cobrar el tino
y memoria perdida
de su origen primera esclarecida.

Y, como se conoce,
en suerte y pensamiento se mejora;
el oro desconoce
que el vulgo vil adora,
la belleza caduca engañadora.

Traspasa el aire todo
hasta llegar a la más alta esfera
y oye allí otro modo
de no perecedera
música, que es la fuente y la primera.

Ve cómo el gran Maestro,
aquesta inmensa cítara aplicado,
con movimiento diestro
produce el son sagrado,
con que este eterno templo es sustentado.

Y, como está compuesta
de números concordés, luego envía
consonante respuesta;
y entre ambos a porfía
se mezcla una dulcísima armonía.

Mas, — quanto já de mim levou o vento?,
respondo: e todo às ondas entregado,
do porto desespero, e aspiro ao fundo.

JJR

ODE A FRANCISCO DE SALINAS

O ar todo se serena,
de beleza se veste, e luz não usada,
Salinas, quando, amena,
soa a música alada
por vossos sábios dedos governada.

A cujo som divino
minha alma, que no olvido está sumida,
já recobra seu tino
e a memória perdida
de sua origem prima esclarecida.

E, como se conhece,
em sorte e pensamento se aprimora;
o ouro desconhece
que o vulgo vil adora,
a beleza caduca e enganadora.

Traspassa todo o ar
até chegar à esfera derradeira,
e ali vai escutar
outra imortal maneira
de música, entre todas a primeira.

Vê como o grão Maestro,
a esta imensa citara aplicado,
com movimento destro
produz o som sagrado
com que este eterno templo é sustentado.

E, como está composta
de números concordes, logo envia
consonante resposta;
e entre ambos, à porfía,
se mescla uma dulcíssima harmonia.

Aquí la alma navega
por un mar de dulzura y finalmente
en él así se anega,
que ningún accidente
estraño y peregrino oye y siente.

¡Oh desmayo dichoso!
¡oh muerte que das vida!, ¡oh dulce olvido!
¡Durase en tu reposo
sin ser restituido
jamás aqueste bajo y vil sentido!

A este bien os llamo,
gloria del apolíneo sacro coro,
amigos (a quien amo
sobre todo tesoro),
que todo lo visible es triste lloro.

¡Oh, suene de contino,
Salinas, vuestro son en mis oídos,
por quien al bien divino
despertan los sentidos,
quedando a lo demás adormecidos!

ODA A LA VIDA RETIRADA

¡Qué descansada vida
la del que huye del mundanal ruido
y sigue la escondida
senda por donde han ido
los pocos sabios que en el mundo han sido!

Que no le enturbia el pecho
de los soberbios grandes el estado,
ni del dorado techo
se admira, fabricado
del sabio moro, en jaspes sustentado.

No cura si la fama
canta con voz su nombre pregonera,
ni cura si encarama
la lengua lisonjera
lo que condena la verdad sincera.

Aqui a alma navega
por um mar de doçura, e finalmente
a ele assim se entrega,
que nenhum acidente
estranho e peregrino escuta e sente.

Ó desmaio ditoso!
ó morte que dás vida! ó doce olvido!

Durasse em teu repouso
sem ser restituído
jamais a este baixo e vil sentido!

A este bem vos chamo,
ó glória do apolíneo sacro coro,
amigos (a quem amo
mais que a qualquer tesouro),
que o visível é todo um triste choro.

Oh! soe de contínuo,
Salinas, vosso som em meus ouvidos,
por quem ao bem divino
despertam os sentidos,
quedando a tudo o mais adormecidos!

JJR

ODE À VIDA RETIRADA

Que descansada vida
a do que foge ao mundanal ruído
e vai pela escondida
senda que têm seguido
os poucos sábios que no mundo hão sido!

Que não lhe enturva o aspecto
nem do soberbo nem do grande o estado,
nem do dourado tecto
se admira, que há elevado
o sábio mouro, em jaspes sustentado.

Não lhe importa se a fama
canta com voz seu nome pregoeira,
nem lhe importa se aclama
a língua lisonjeira
o que condena a mente verdadeira.

¿Qué presta a mi contento
si soy del vano dedo señalado,
si, en busca de este viento,
ando desalentado
con ansias vivas, con mortal cuidado?

¡Oh monte, oh fuente, oh río,
oh secreto seguro deleitoso,
roto casi el navío,
a vuestro almo reposo
huyo en aqueste mar tempestuoso!

Un no rompido sueño,
un día puro, alegre, libre quiero;
no quiero ver el ceño
vanamente severo
de a quien la sangre ensalza o el dinero.

Despiértenme las aves
con su cantar sabroso no aprendido;
no los cuidados graves
de que es siempre seguido
el que al ajeno arbitrio está atendido.

Vivir quiero conmigo,
gozar quiero del bien que debo ao cielo,
a solas, sin testigo,
libre de amor, de celo,
de odio, de esperanzas, de recelo.

Del monte en la ladera,
por mi mano plantado tengo un huerto,
que con la primavera,
de bella flor cubierto,
ya muestra en esperanza el fruto cierto.

Y como codiciosa
por ver y acrecentar su hermosura,
desde la cumbre airosa
una fontana pura
hasta llegar corriendo se apresura.

Que vale a meu contento
se sou de um dedo vão assinalado,
se, em busca desse vento,
ando desalentado
com ânsias vivas, com mortal cuidado?

Ó serra, ó fonte, ó rio,
ó secreto seguro deleitoso,
roto quase o navio,
a vosso almo repouso
fujo em aqieste mar tempestuoso.

Um sonho não rompido,
um dia puro, alegre, livre quero;
não o cenho franzido,
futilmente severo,
do que o ouro ou o sangue tem por bem mais vero.

Oh! despertem-me as aves
com o gostoso cantar não aprendido;
não os cuidados graves
de que é sempre seguido
o que ao alheio arbítrio está jungido.

Viver quero comigo,
gozar a dita que do céu me veio,
dos outros ao abrigo,
livre de amor, de anseio,
de ódio, de esperanças, de receio.

Plantei ao pé do monte
com as próprias mãos um horto, ali bem perto.

Mal Primavera aponte,
de bela flor coberto,
já mostra em esperança o fruto certo.

E como cobiçosa
de ver e acrescentar-lhe a formosura,
lá dos cimos, airosa,
a fontezinha pura
vem buscá-la a correr pela espessura.

Y luego sosegada,
el paso entre los árboles torciendo,
el suelo de pasada,
de verdura vistiendo,
y con diversas flores va esparciendo.

El aire el huerto orea
y ofrece mil olores al sentido;
los árboles menea
con un manso rüido,
que del oro y del cetro pone olvido.

Ténganse su tesoro
los que de un flaco leño se confían;
no es mío ver el lloro
de los que desconfían,
cuando el cierzo y el ábrego porfían.

La combatida antena
cruje, y en ciega noche el claro día
se torna; al cielo suena
confusa vocería,
y la mar enriquecen a porfía.

A mí una pobrecilla
mesa, de amable paz bien abastada,
me baste, y la vajilla,
de fino oro labrada,
sea de quien la mar no teme airada.

Y mientras miserable-
mente se están los otros abrasando
con sed insaciable
del peligroso mando,
tendido yo a la sombra esté cantando.

A la sombra tendido,
de yedra y lauro eterno coronado,
puesto el atento oído
al son dulce, acordado,
del plectro sabiamente meneado.

E logo, sossegada,
entre o arvoredo os passos conduzindo,
vai o chão, na passada,
de verdura vestindo
e com diversas flores esparzindo.

À brisa o horto ondeia
e oferta mil olores ao sentido;
as árvores meneia
com um manso ruído,
que ao ouro e ao cetro lançam-nos no olvido.

Conservem seu tesouro
os que de um fraco lenho se confiam;
próprio não me é o choro
ver dos que desconfiam,
quando o aquilão e o ábrego porfiam.

A castigada antena
range, e eis em cega noite o claro dia;
sobe ao céu não pequena
confusa vozeria,
e o oceano enriquecem à porfia.

A mim me baste pobre
mesa, de amável paz bem abastada,
e que a baixela nobre,
de fino ouro lavrada,
seja de quem não teme a vaga irada.

E enquanto miseravel-
mente se estão os outros abrasando
com sede insaciável
do perigoso mando,
deitado à sombra fique-me eu cantando.

Fique à sombra estendido,
de hera e de louro eterno coroadado,
voltado o atento ouvido
ao som doce, acordado,
do plectro sabiamente manejado.

ABH

GASPAR GIL POLO (¿1529?-1591)

NO ES CIEGO AMOR, MAS YO LO SOY, QUE GUÍO...

No es ciego Amor, mas yo lo soy, que guío
mi voluntad camino del tormento;
no es niño Amor, mas yo que en un momento
espero y tengo miedo, lloro e río.

Nombrar llamas de Amor es desvarío,
su fuego es el ardiente y vivo intento,
sus alas son mi altivo pensamiento,
y la esperanza vana en que me fio.

No tiene Amor cadenas ni saetas
para aprender y herir libres y sanos,
que en él no hay más poder del que le damos.

Porque es Amor mentira de poetas,
sueño de locos, ídolo de vanos:
mirad qué negro Dios el que adoramos.

BALTASAR DEL ALCÁZAR (1530-1606)

TRES COSAS ME TIENEN PRESO...

Tres cosas me tienen preso
de amores el corazón:
la bella Inés, y jamón
y berenjenas con queso.

Una Inés, amantes, es
quien tuvo en mi tal poder
que me hizo aborrecer
todo lo que no era Inés.
Trájome un año sin seso,
hasta que en una ocasión
me dio a merendar jamón
y berenjenas con queso.

GASPAR GIL POLO (1529?-1591)

AMOR CEGO NÃO É; SOU-O EU, QUE GUIO...

Amor cego não é: sou-o eu, que guio
minha vontade rumo do tormento;
nem menino é: sou-o eu, que num momento
espero e tenho medo, choro e rio.

Nomear chamas de Amor é desvario,
sua flama é o ardente e vivo intento,
sua asa é meu altivo pensamento,
e as esperanças vãs em que me fio.

Não tem Amor cadeias, não tem setas
com que atar e ferir sãos e libertos,
que não tem mais poder do que lhe damos.

Porque Amor é mentira de poetas,
sonho de loucos, ídolo de incertos:
olhai que negro Deus o que adoramos.

ABH

BALTASAR DEL ALCÁZAR (1530-1606)

TRÊS COISAS

Três coisas me trazem preso
de amores o coração:
a bela Inês, e leitão
e berinjelas com queijo.

Uma Inês, amantes, eis
que teve em mim tal poder
que me fez aborrecer
tudo o que não era Inês.
Sem siso um ano me vejo,
até que certa ocasião
deu-me a merendar leitão
e berinjelas com queijo.

Fue de Inés la primer palma;
pero ya juzgarse ha mal
entre todos ellos cuál
tiene más parte en mi alma.
En gusto, medida y peso
no les hallo distinción:
ya quiero Inés, ya jamón,
ya berenjenas con queso.

Alega Inés su beldad:
el jamón que es de Aracena;
el queso y la berenjena,
su andaluza antigüedad.
Y está tan en fiel el peso
que, juzgando sin pasión,
todo es uno: Inés, jamón
y berenjenas con queso.

Servirá este nuevo trato
destos mis nuevos amores
para que Inés sus favores
nos los venda más barato,
pues tendrá por contrapeso,
si no hiciere razón,
una lonja de jamón
y berenjenas con queso.

YO ACUERDO REVELAROS UN SECRETO...

Yo acuerdo revelaros un secreto
en un soneto, Inés, bella enemiga;
mas, por buen orden que yo en éste siga,
no podrá ser en el primer cuarteto.

Venidos al segundo, yo os prometo
que no se ha de pasar sin que os lo diga;
mas estoy hecho, Inés, una hormiga,
que van fuera ocho versos del soneto.

Leva Inês primeiro a palma;
mas julgar como, afinal,
dentre todos esses, qual
tem melhor parte em minha alma?
Em gosto, medida e peso
não lhes acho distinção:
já quero Inês, já leitão,
já berinjelas com queijo.

Alega Inês a beldade;
o leitão que é de Aracena;
queijo e berinjela acena
de andaluza antiguidade.
E tão no fiel está o peso
que, julgando sem paixão,
tudo é um: Inês, leitão
e berinjelas com queijo.

Servirá o novo trato
destes meus novos amores
para que Inês seus favores
no-los venda mais barato,
pois terá por contrapeso,
se não agir com razão,
uma manta de leitão
e berinjelas com queijo.

QUERO-VOS REVELAR ALGO SECRETO...

Quero-vos revelar algo secreto
em um soneto, Inês, bela inimiga;
mas, por que boa ordem neste siga,
não pode ser no inicial quarteto.

Chegados ao segundo, eu vos prometo
que não há de passar sem que vos diga;
mas estou feito, Inês, uma formiga,
que aí vão oito versos do soneto.

Pues ved, Inés, qué ordena el duro hado,
que teniendo el soneto ya en la boca
y el orden de decillo ya estudiado,

conté los versos todos y he hallado
que, por la cuenta que a un soneto toca,
ya este soneto, Inés, es acabado.

A LA ESPERANZA VANA

Si a vuestra voluntad yo soy de cera,
¿cómo se compadece que a la mía
vengáis a ser de piedra dura y fría?
De tal desigualdad, ¿qué bien se espera?

Ley es de amor querer a quien os quiera,
y aborrecerle, ley de tiranía:
miseria fue, señora, la osadía
que os hizo establecer ley tan severa.

Vuestros tengo riquísimos despojos,
a fuerza de mis brazos granjeados,
que vos nunca rendírmelos quisistes;

y pues Amor y esos divinos ojos
han sido en el delito los culpados,
romped la injusta ley que establecistes.

FRANCISCO DE LA TORRE (¿1534-¿1594?)

¡CUÁNTAS VECES TE ME HAS ENGALANADO...

¡Cuántas veces te me has engalanado,
clara y amiga noche! ¡Cuántas, llena
de oscuridad y espanto, la serena
mansedumbre del cielo me has turbado!

Estrellas hay que saben mi cuidado
y que se han regalado con mi pena;
que, entre tanta beldad, la más ajena
de amor tiene su pecho enamorado.

Vede, Inês, o que ordena o duro fado,
que, sentindo o soneto já na boca,
e o modo de dizê-lo já estudado,

contei os versos, tendo enfim achado
que, pela conta que a um soneto toca,
eis o soneto, Inês, já terminado.

JJR/ABH

À VÃ ESPERANÇA

Se à vossa veleidade sou de cera,
de que modo, afinal, se aceitaria,
que à minha fôsseis pedra dura e fria?
De tal desigualdade, o que se espera?

É lei do amor quererdes quem vos queira,
e aborrecê-lo, lei de tirania:
mísera foi, senhora, essa ousadia
que vos fez editar lei tão severa.

De vós tenho riquíssimos espólios,
com a força de meus braços conquistados,
que jamais entregar-me desejastes;

e, pois Amor e esses divinos olhos
de tal delito foram os culpados,
rompei a dura lei que promulgastes.

JJR

FRANCISCO DE LA TORRE (1534?-1594?)

QUANTAS VEZES POR MIM TE HÁS ENFEITADO...

Quantas vezes por mim te hás enfeitado,
ó clara e amiga noite! Quantas, plena
de escuridade e espanto, em vez, a amena
mansuetude do céu me tens turbado!

Estrelas há que sabem meu cuidado
e se têm regalado em minha pena;
que, entre tanta beldade, a mais serena
tem o peito de amor enamorado.

Ellas saben amar, y saben ellas
que he contado su mal llorando el mío,
envuelto en los dolores de tu manto.

Tú, con mil ojos, noche, mis querellas
oye y esconde, pues mi amargo llanto
es fruto inútil que al amor envió.

A LA FUENTE DE FILIS

Ésta es, Tirsis, la fuente do solía
contemplar su beldad mi Filis bella;
éste el prado gentil, Tirsis, donde ella
su hermosa frente de su flor ceñía.

Aquí, Tirsis, la vi, cuando salía
dando la luz de una y otra estrella;
allí, Tirsis, me vido, y tras aquella
haya se me escondió, y así la vía;

en esta cueva deste monte amado
me dió la mano, y me ciñó la frente
de verde yedra, y de violetas tiernas:

al prado, y haya, y cueva, y monte, y fuente,
y al cielo desparciendo olor sagrado,
rindo de tanto bien gracias eternas.

LA CIERVA

Doliente cierva, que el herido lado
de ponzoñosa y cruda yerba lleno,
buscas el agua de la fuente pura,
con el cansado aliento y con el seno
bello de la corriente sangre hinchado,
débil y descaída tu hermosura:
¡ay!, que la mano dura
que tu nevado pecho
ha puesto en tal estrecho,
gozosa va con tu desdicha, cuando

Elas sabem amar, e sabem elas
que hei contado seu mal, meu mal chorando,
envolvido nas dores de teu manto.

Tu, com mil olhos, noite, estas querelas
escuta e esconde, pois o amargo pranto
é fruto que ao amor, inútil, mando.

ABH/FMV/JJR

À FONTE DE FÍLIS

Esta é, Tírsis, a fonte onde soía
contemplar a beleza Fílis bela;
este o prado gentil, Tírsis, onde ela
a bela frente com a flor tingia.

Aqui, Tírsis, a vi, quando saía
as luzes dando de uma e da outra estrela;
ali, Tírsis, me viu, e atrás daquela
faia se me escondeu, e entanto a via;

aqui, na gruta deste monte amado,
me deu a mão e me tingiu a frente
de verdes heras e violetas ternas:

ao prado, à faia, à gruta, ao monte, à fonte,
e desparzindo ao céu olor sagrado,
rendo de tanto bem graças eternas.

FMV

A CORÇA

Dolente corça, que o ferido lado
de peçonhenta e cruda erva cheio,
buscas a água de uma fonte pura,
com o cansado alento e com o seio
formoso do corrente sangue inchado,
débil e decaída a formosura:
ai! como a mão tão dura
que teu nevado peito
há posto em transe estreito,
gozosa vai com tal desdita, quando,

cierva mortal, viviendo, estás penando
tu desagrado y dulce compañero,
el regalado y blando
pecho pasado del veloz montero.

Vuelve, cuitada, vuelve al valle donde
queda muerto tu amor, en vano dando
términos desdichados a tu suerte;
morirás en su seno, reclinando
la beldad, que la cruda mano esconde
delante de la nube de la muerte.
Que el paso duro y fuerte,
ya forzoso y terrible,
no puede ser posible
que le excusen los cielos, permitiendo
crudos astros que muera padeciendo
las asechanzas de un montero crudo,
que te vino siguiendo
por los desiertos de este campo mudo.

Mas, ¡ay!, que no dilatas la inclemente
muerte, que en tu sangriento pecho llevas,
del crudo amor vencido y maltratado;
tú con el fatigado aliento pruebas
a rendir el espíritu doliente
en la corriente deste valle amado.
Que el ciervo desagrado,
que contigo la vida
tuvo por bien perdida,
no fue tan poco de tu amor querido,
que habiendo tan cruelmente padecido,
quieras vivir sin él, cuando pudieras
librar el pecho herido
de crudas llagas y memorias fieras.

Cuando por la espesura deste prado,
como tórtolas solas y queridas,
solos y acompañados anduvistes:
cuando de verde mirto y de floridas
violetas, tierno acanto y lauro amado,
vuestras frentes bellísimas ceñistes:
cuando las horas tristes,

corça mortal, vivendo, estás penando
teu dessangrado e doce companheiro,
o regalado e brando
peito varado por veloz monteiro.

Volta, coitada, volta aos vales onde
ficou-te morto o amor, vâmente dando
um termo desditado à tua sorte;
morrerás em seu seio, reclinando
a beleza, que a crua mão esconde
diante da nuvem fúnebre da morte.
Que o passo duro e forte,
já forçoso e terrível,
não pode ser possível
que o perdoem os astros, permitindo
crudos céus que pereça se afligindo
com as emboscadas de um monteiro cruo
que veio te seguindo
pelos desertos deste campo mudo.

Mas, ai, que não dilatas a inclemente
morte, que em teu sangrento peito levas,
do cruo amor vencido e maltratado;
ai! que com o fatigado alento devas
render o teu espírito dolente
na corrente daquele vale amado.
Que o cervo dessangrado,
que assim, contigo, a vida
teve por bem perdida,
não foi tão pouco desse amor querido,
que havendo tão cruelmente padecido,
queiras viver sem ele, se puderas
livrar o peito ardido
de crudas chagas e memórias feras.

Quando pela espessura deste prado,
como pombas sozinhas e queridas,
andastes sós ou juntos vós vos vistes:
quando de verde mirto e de floridas
violetas, terno acanto e louro amado,
vossas fronte belíssimas cingistes:
quando nas horas tristes

ausentes y queridos,
con mil mustios bramidos
ensordecistes la ribera umbrosa
del claro Tajo, rica y venturosa
con vuestro bien, con vuestro mal sentida;
cuya muerte penosa
no deja rastro de contenta vida.

Agora el uno, cuerpo muerto lleno
de desdén y de espanto, quien solía
ser ornamento de la selva umbrosa:
tú, quebrantada y mustia, al agonía
de la muerte rendida, el bello seno
agonizando, el alma congojosa:
cuya muerte gloriosa,
en los ojos de aquellos
cuyos despojos bellos
son victorias del crudo amor furioso,
martirio fue de amor, triunfo glorioso
con que corona y premia dos amantes
que del siempre rabioso
trance mortal salieron muy triunfantes:

canción, fábula un tiempo, y caso agora
de una cierva doliente, que la dura
flecha del cazador dejó sin vida,
errad por la espesura
del monte, que de gloria tan perdida
no hay sino lamentar su desventura.

FERNANDO DE HERRERA (1534-1597)

YO VI UNOS BELLOS OJOS QUE HIRIERON...

Yo vi unos bellos ojos que hirieron
con dulce flecha un corazón cuitado,
y que, para encender nuevo cuidado,
su fuerza toda contra mí pusieron.

ausentes e queridos,
com mil fundos bramidos
ensurdeceste a ribeira umbrosa
do claro Tejo, rica e venturosa
com vosso bem, com vosso mal sentida;
cuja morte penosa
não deixa rastro de contente vida.

Agora ele, corpo morto, cheio
de desdém e de espanto, e que soía
ser ornamento da floresta umbrosa:
tu, quebrantada e triste, à agonia
da morte entregue o teu formoso seio
agonizando, a alma angustiosa:
cuja morte gloriosa,
aos olhos e desvelos
desses despojos belos
são vitórias do fero amor furioso,
martírio foi de amor, triunfo glorioso
com que coroa e exalta dois amantes
que do sempre raivoso
transe mortal saíram triunfantes:

canção, fábula um tempo e caso agora
de uma corça dolente, que uma dura
flecha do caçador deixou sem vida,
errai pela espessura
do monte; que de glória tão perdida
só resta lamentar a desventura.

FMV

FERNANDO DE HERRERA (1534-1597)

EU VI UNS BELOS OLHOS QUE OFENDERAM...

Eu vi uns belos olhos que ofenderam
com doce flecha um coração coitado,
e que, para acender novo cuidado,
a força toda contra mim puseram.

Yo vi que muchas veces prometieron
remedio al mal que sufro, no cansado,
y que, cuando esperé vello acabado,
poco mis esperanzas me valieron.

Yo veo que se esconden yá mis ojos
y crece mi dolor, y llevo ausente
en el rendido pecho el golpe fiero.

Yo veo ya perderse los despojos
y la memoria de mi bien presente;
y en ciego engaño de esperanza muero.

A LAS RUINAS DE ITÁLICA

Esta rota y cantada pesadumbre,
osada muestra de soberbios pechos,
estos quebrados arcos y deshechos,
y abierto cerco de espantosa cumbre,

descubren a la ruda muchedumbre
su error ciego y sus términos estrechos;
y sólo yo, en mis grandes males hechos,
nunca sé abrir los ojos a la lumbre.

Pienso que mi esperanza ha fabricado
edificio más firme; y aunque veo
que se derriba, sigo al fin mi engaño.

¿De qué sirve el jüicio a un obstinado,
que la razón oprime en el deseo
de ver su error, y padecer más daño?

CUAL ORO ERA EL CABELLO ENSORTIJADO...

Cual oro era el cabello ensortijado
y en mil varias lazadas dividido;
y cuanto en más figuras esparcido,
tanto de más centellas ilustrado;

tal, de lucientes hebras coronado,
Febo aparece en llamas encendido;
tal discurre en el cielo esclarecido
un ardiente cometa arrebatado.

Eu vi que muitas vezes prometeram
remédio ao mal que sofro, não cansado,
e que, quando esperei vê-lo acabado,
de pouco as esperanças me valeram.

Eu vejo que se escondem já meus olhos
e cresce minha dor, e levo ausente
no entregue peito o golpe sem socorro.

Eu vejo que se perdem já os espólios
e a lembrança de meu bem presente;
e em cego engano de esperança morro. ABH

ÀS RUÍNAS DE ITÁLICA

Este roto e cantado pesadume,
ousada mostra de soberbos peitos,
estes quebrados arcos e desfeitos,
e aberto cerco de espantoso cume,

à rude multidão tudo resume
seu cego error, seus términos estreitos;
e eu somente, em meus grandes males feitos,
os olhos não consigo abrir ao lume.

Penso ter-me a esperança fabricado
mais seguro edifício; mas, se o vejo
arruir, sigo embora em meu engano.

De que serve o juízo a um obstinado,
que a razão violenta no desejo
de ver seu erro, e padecer mais dano? **ABH**

COMO DE OURO O CABELO ERA, ANELADO...

Como de ouro o cabelo era, anelado
e em mil várias laçadas dividido;
e quanto mais em formas esparzido,
tanto mais de centelhas ilustrado;

tal, de luzentes fibras coroadas,
Febo aparece em chamas incendiado;
tal discorre no céu esclarecido
um ardente cometa arrebatado.

Debajo el puro, propio y sutil velo
amor, gracia y valor, y la belleza
templada en nieve y púrpura se vía.

Pensara que se abrió esta vez el cielo
y mostró su poder y su riqueza,
si no fuera la Luz de la alma mía.

“PRESA SOY DE VOS SOLO Y POR VOS MUERO”...

“Presa soy de vos solo y por vos muero”
(mi bella Luz me dijo dulcemente),
“y en este dulce error y bien presente,
por vuestra causa sufro el dolor fiero.

Regalo y amor mío, a quien más quiero,
si muriéramos ambos juntamente,
poco dolor tuviera, pues ausente
no estaría de vos, como ya espero”.

Yo, que tan tierno engaño oí, cuitado,
abrí todas las puertas al deseo,
por no quedar ingrato al amor mío.

Ahora entiendo el mal, y que engañado
fui de mi Luz, y tarde el daño veo,
sujeto a voluntad de su albedrío.

COMO EN LA CUMBRE EXCELSA DE MIMANTE...

Como en la cumbre excelsa de Mimante,
do en eterna prisión arde y procura
alzar la frente airada, y guerra oscura
mover de nuevo al cielo el gran gigante,

se nota de las nubes, que delante
vuelan y encima, en hórrida figura,
la calidad de tempestad futura,
qu’ amenaza con áspero semblante:

Do puro, próprio e sutil véu coberto,
amor, mais valor, graça, e uma beleza
feita de neve e púrpura, se via.

Dir-se-ia o céu por sobre nós aberto,
estendendo o seu manto de riqueza,
não fora a minha Luz que assim fulgia.

♦♦♦

“SOU PRESA SÓ DE VÓS, POR VÓS ESPERO...

“Sou presa só de vós, por vós espero
morrer” (disse-me Luz, bem docemente),
“e neste erro tão doce e bem presente,
por vossa causa sofro um pesar fero.

Amor, regalo meu, a quem mais quero,
se morrêssemos ambos juntamente,
menor dor eu tivera, pois se ausente
fosse de vós, morreria em desespero.”

Eu, que tão terno engano ouvi, coitado,
abri todas as portas ao desejo,
por não mostrar-me ingrato a minha bela.

Agora entendo o mal, e que enganado
fui eu por Luz, e tarde o dano vejo,
ao arbítrio sujeito, e ao querer dela.

JJR

COMO NO CIMO EXCELSO DE MIMANTE...

Como no cimo excelso de Mimante,
onde em prisão perpétua arde e procura
alçar a fronte irada, e guerra escura
mover de novo ao céu grande gigante,

já das nuvens se nota, que adiante
voam, e em cima, em hórrida figura,
da tempestade a calidez futura
a ameaçar com áspero semblante:

así de mis suspiros y tristeza,
del grave llanto y grande sentimiento
se muestra el mal qu' encierra el duro pecho.

Por eso no os ofenda mi flaqueza,
bella Estrella d'Amor; que mi tormento
no cabe bien en vaso tan estrecho.

SERENA LUZ, EN QUIEN PRESENTE ESPIRA...

Serena Luz, en quien presente espira
divino amor, qu'enciende y junto enfrena
el noble pecho, qu'en mortal cadena
al alto Olimpo levantars' aspira;

ricos cercos dorados, do se mira
tesoro celestial d'eterna vena;
armonía d'angélica Sirena,
qu'entre las perlas y coral despira:

¿cuál nueva maravilla, cuál exemplo
de la inmortal grandeza nos descubre
aquesa sombra del hermoso velo?

Que yo en esa belleza que contemplo
(aunqu'a mi flaca vista ofende y cubre),
la inmensa busco, y voy siguiendo al cielo.

FRANCISCO DE ALDANA (¿1537?-¿1575?)

DE SUS HERMOSOS OJOS DULCEMENTE...

De sus hermosos ojos dulcemente
un tierno llanto Filis despedía
que por el rostro amado parecía
claro y precioso aljófar transparente;

en brazos de Damón, con baja frente,
triste, rendida, muerta, helada y fría,
estas palabras breves le decía,
creciendo a su llorar nueva corriente:

assim de meus suspiros e tristeza,
do grave pranto e grande sentimento
se mostra o mal que encerra o duro peito.

Não vos ofenda, pois, minha fraqueza,
bela Estrela de Amor; que meu tormento
não cabe bem em vaso tão estreito.

JJR

SERENA LUZ, EM QUEM PRESENTE ESPIRA...

Serena Luz, em quem presente espira
divino amor, que a um tempo arde e refreia
o nobre peito, que em mortal cadeia
ao alto Olimpo levantar-se aspira;

ricos círculos de ouro, onde se mira
tesouro celestial de eterna veia;
harmonia de angélica Sereia,
que entre coral e pérolas suspira:

qual nova maravilha, qual exemplo
da grandeza imortal a nós descobre
aquessa sombra do formoso véu?

Porque eu nessa beleza que contemplo
(se a minha fraca vista ofende e cobre)
a imensa busco, e vou seguindo ao céu.

JJR

FRANCISCO DE ALDANA (1537?-1575?)

DE SEUS FORMOSOS OLHOS DOCEMENTE...

De seus formosos olhos docemente
um terno pranto Filis despedia
que pelo rosto amado parecia
claro e precioso aljôfar transparente;

entre os braços de Dâmon, baixa a frente,
triste, rendida, morta, hirta e fria,
estas breves palavras me dizia,
crescendo ao seu chorar nova corrente:

“¡Oh pecho duro, oh alma dura y llena
de mil durezas! ¿Dónde vas huyendo?
¿Do vas con ala tan ligera y presta?”

Y él, soltando de llanto amarga vena,
della las dulces lágrimas bebiendo,
besóla, y sólo un ¡ay! fue su respuesta.

MIL VECES DIGO, ENTRE LOS BRAZOS PUESTO...

Mil veces digo, entre los brazos puesto
de Galatea, que es más que el sol hermosa;
luego ella, en dulce vista desdeñosa,
me dice: “Tírsis mío, no digas esto”.

Yo lo quiero jurar y ella, de presto,
toda encendida de un color de rosa,
con un beso me impide y, presurosa,
busca tapar mi boca con su gesto.

Hágole blanda fuerza por soltarme
y ella me aprieta más, y dice luego:
“No lo jures, mi bien, que yo te creo”.

Con esto de tal fuerza a encadenarme
viene que Amor, presente al dulce juego,
hace suplir con obras mi deseo.

MIL VECES CALLO QUE ROMPER DESEO...

Mil veces callo que romper deseo
el cielo a gritos, y otras tantas tiento
dar a mi lengua voz e movimiento,
que en silencio mortal yacer la veo.

Anda cual velocísimo correo
por dentro el alma el suelto pensamiento,
con alto y de dolor lloroso acento,
casi en sombra de muerte un nuevo Orfeo.

“Ó duro peito, ó alma dura e cheia
de mil durezas! Aonde vais correndo,
com asa tão ligeira e presta, aonde?”

E ele, abrindo de pranto amarga veia,
dela as suaves lágrimas bebendo,
beijou-a, e com um ai, só, lhe responde.

MIL VEZES, ABRAÇADO A GALATÉIA...

Mil vezes, abraçado a Galatéia,
lhe digo que é mais do que o sol formosa,
e ela, com um doce olhar, diz desdenhosa:
“Ah! não mo digas, Tírsis meu, que idéia!”

Eu o quero jurar, e ela me enleia,
toda incendiada de uma cor de rosa,
com um beijo me impede e, pressurosa,
com o lindo rosto a boca me bloqueia.

Oponho brando esforço por soltar-me,
e ela me aperta mais, e diz-me logo:
“Não jures! que és sincero, amor, bem vejo!”

Com isso de tal modo a encadear-me
age que Amor, presente ao doce jogo,
faz acudir com obras meu desejo.

MIL VEZES CALO QUE ROMPER DESEJO...

Mil vezes calo que romper desejo
o céu a gritos, e outras tantas tento
à língua dar-lhe voz e movimento,
que em silêncio mortal jazendo a vejo.

Anda qual velocíssimo correio
por dentro da alma o solto pensamento,
com um alto e de dor choroso acento,
um novo Orfeu quase da morte em meio.

No halla la memoria o la esperanza
rastro de imagen dulce o deleitable
con que le voluntad viva segura.

Cuanto en mí hallo es maldición que alcanza,
muerte que tarda, llanto inconsolable,
desdén del Cielo, error de la ventura.

EL ÍMPETU CRUEL DE MI DESTINO...

El ímpetu cruel de mi destino
¡cómo se arroja miserablemente
de tierra en tierra, de una en otra gente,
cerrando a mi quietud siempre el camino!

¡Oh, si tras tanto mal grave y contino,
roto su velo mísero y doliente,
el Alma con un vuelo diligente
volviese a la región de donde vino!

Iríame por el cielo en compañía
del Alma de algún caro y dulce amigo,
con quien hice común acá mi suerte.

¡Oh, que montón de cosas le diría!
cuáles y cuántas, sin temer castigo
de Fortuna, de Amor, de Tiempo y Muerte!

EN FIN, EN FIN TRAS TANTO ANDAR MURIENDO...

En fin, en fin tras tanto andar muriendo,
tras tanto variar vida y destino,
tras tanto de uno en otro desatino
pensar todo apretar, nada cogiendo,

tras tanto acá y allá yendo y viniendo
cual sin aliento inútil peregrino,
oh Dios, tras tanto error del buen camino,
yo mismo de mi mal ministro siendo:

Não encontra a memória ou a esperança
rastros de imagem doce ou delectável
com que possa a vontade andar segura.

Quanto em mim acho é maldição que alcança,
morte que tarda, pranto inconsolável,
desdém do Céu, engano da ventura.

Ó ÍMPETO CRUEL DO MEU DESTINO...

Ó ímpeto cruel do meu destino,
como me arrojais miseravelmente
de terra em terra, de uma a outra gente,
cerrando a minha paz sempre o caminho!

Oh! se após tanto mal grave e contínuo,
seu véu rasgado, mísero e dolente,
pudesse esta Alma, em vôo diligente,
volver à pátria que era seu domínio!

Iria pelos céus em companhia
da Alma de algum querido e doce amigo,
com quem fiz em comum aqui a sorte.

Oh! que mundo de coisas lhe diria,
e quais e quantas, sem temer castigo
de Fortuna, de Amor, de Tempo e Morte! JJR

AO FIM, AO FIM DE TANTO ANDAR MORRENDO...

Ao fim, ao fim de tanto andar morrendo,
após tanto variar vida e destino,
após entre um e outro desatino
pensar tudo abraçar, nada colhendo;

após tanto penar indo e volvendo,
qual sem alento inútil peregrino,
oh Deus, tanto sair do bom caminho,
eu mesmo de meu mal ministro sendo:

hallo en fin que ser muerto en la memoria
del mundo es lo mejor que en él se asconde,
pues es la paga dél muerte y olvido,

y en un rincón vivir con la victoria
de sí, puesto el querer tan sólo adonde
es premio el mismo Dios de lo servido.

CLARA FUENTE DE LUZ, NUEVO Y HERMOSO...

Clara fuente de luz, nuevo y hermoso,
rico de luminarias, patrio Cielo,
casa de la verdad, sin nombre o velo,
de inteligencias ledo, almo reposo:

¡Oh cómo allá te estás, cuerpo glorioso,
tan lejos del mortal caduco anhelo,
casi un Argos divino alzado a vuelo
de nuestro humano error libre y piadoso!

¡Oh patria amada! a tí suspira y llora
esta, en su cárcel, alma peregrina,
llevada errando de uno en otro instante;

esa cierta beldad que me enamora
suerte y razón me otorgue tan benina
que do sube el amor, llegue el amante.

FRANCISCO DE FIGUEROA (¿1540?-1620)

FIERO DOLOR, QUE ALEGRE ALMA Y SEGURA...

Fiero dolor, que alegre alma y segura
hacer pudieras triste y temerosa,
¿cómo con mano larga y enojosa
derramas sobre mí tanta dulzura?

No siente otro descanso, ni procura
mayor deleite el alma congojosa,
que abrir la vena fértil y abundosa
al llanto que me da mi desventura.

acho ao fim que estar morto na memória
deste mundo é o melhor que aqui se esconde,
pois é paga do mundo morte e olvido,

e em um rincão viver com a vitória
de si, posto o querer tão-somente onde
o mesmo Deus é prêmio do servido.

JJR

CLARA FONTE DE LUZ, NOVO E FORMOSO...

Clara fonte de luz, novo e formoso,
rico de luminárias, pátrio Céu,
da verdade o solar, sem nome ou véu,
de inteligências ledó, almo repouso.

Oh! como além tu estás, corpo glorioso,
tão longe do mortal, breve escarcéu,
quase um Argos divino, sem labéu
a voar, do humano error livre e piedoso!

Pátria amada! por ti suspira e chora
esta, em seu cárcere, alma peregrina,
levada, errando, de um a outro instante;

que esta beldade que hoje me enamora
sorte e razão me outorgue tão benina
que aonde vá o amor, lá chegue o amante. JJR

FRANCISCO DE FIGUEROA (1540?-1620)

FERRENHA DOR, QUE ALEGRE ALMA E SEGURA...

Ferrenha dor, que alegre alma e segura
fazer puderas triste e temerosa,
como com larga mão e molestosa
derramas sobre mim tanta doçura?

Não sente outro descanso, nem procura
maior deleite esta alma angustiosa
que abrir a veia fértil e copiosa
ao pranto que me vem da desventura.

Por ti le alcanza, que tu sombra encubre
la causa de mis lágrimas apenas,
confiada a mi mismo pensamiento.

Mas sólo he de llorar las que están llenas
del fuego que me abrasa, y se descubre
que nacen del más áspero tormento.

LAS MUSAS EN VENTA

¿Hay quien quiera comprar nueve doncellas
esclavas, o a lo menos desterradas
de las tierras do fueron engendradas?
¿Hay quien las compre? ¿Quién da más por ellas?

Fueron un tiempo en todo extremo bellas,
airosas, ricas, graves y estimadas;
y aunque de muchos fueron recuestadas,
bien pocos alcanzaron favor de ellas.

Ahora van las tristes mendigando
de puerta en puerta, rotas y baldías,
y aun por sólo el comer se venderían.

Pues no son muy golosas; que en hallando
yerbas, flores u hojas, pasarían
con sombras frescas y con aguas frías.

SAN JUAN DE LA CRUZ (1543-1591)

CÁNTICO ESPIRITUAL

Canciones entre el Alma y el Esposo
(Fragmentos)

ESPOSA

¿Adonde te escondiste,
Amado, y me dejaste con gemido?
Como el ciervo huiste,

Por ti o alcança; tua sombra encobre
a causa destas lágrimas apenas,
confiada a meu próprio pensamento.

Mas só hei de chorar as que vêm plenas
do fogo que me abrasa, e se descobre
que nascem do mais áspero tormento. **ABH**

AS MUSAS À VENDA

Há quem queira comprar nove donzelas
escravas, ou ao menos desterradas
das terras onde foram engendradas?
Há quem as compre? Quem dá mais por elas?

Foram elas outrora muito belas,
airosas, ricas, graves e estimadas;
e embora fossem muito requestadas,
bem poucos alcançaram favor delas.

Agora vão as tristes mendigando
de porta em porta, rotas e vadias,
e apenas por comer se venderiam.

Pois não são mui gulosas: encontrando
ervas, flores ou folhas, passariam
com sombras frescas e com águas frias. **FMV**

SAN JUAN DE LA CRUZ (1543-1591)

CÂNTICO ESPIRITUAL

Canções entre a Alma e o Esposo
(Fragmentos)

ESPOSA

Ah! onde te escondeste,
Amado, e me deixaste este gemido?
Como o cervo correste,

habiéndome herido;
salí tras ti clamando, y eras ido.

Pastores, los que fuerdes
allá por las majadas al otero,
si por ventura vierdes
aquel que yo más quiero,
decilde que adolezco, peno y muero.

Buscando mis amores,
iré por esos montes y riberas;
ni cogeré las flores,
ni temeré las fieras,
y pasaré los fuertes y fronteras.

PREGUNTA A LAS CRIATURAS

¡Oh bosques y espesuras,
plantadas pela mano del Amado!
¡Oh prado de verduras,
de flores esmaltado!
Decid si por vosotros ha pasado.

RESPUESTA DE LAS CRIATURAS

Mil gracias derramando
pasó por estos sotos con presura,
e, yéndolos mirando,
con sola su figura
vestidos los dejó de hermosura.

ESPOSA

¡Ay! ¿Quién podrá sanarme?
Acaba de entregarte ya de vero.
No quieras enviarme
de hoy más ya mensajero,
que no saben decirme lo que quiero.

Y todos cuantos vagan
de ti me van mil gracias refiriendo,

havendo-me ferido;
saí por ti clamando, e eras já ido.

Pastores que subirdes
às malhadas, além, galgando o morro:
se a quem mais quero virdes,
pedi-lhe por socorro,
dizei-lhe que adoeço, peno e morro.

Buscando meus amores,
irei por entre montes e ribeiras;
não colherei as flores,
passarei sem temores
pelas feras e fortes e fronteiras.

PERGUNTA ÀS CRIATURAS

Ó bosques e espessuras,
plantados pela mão do meu Amado,
ó prado de verduras,
de flores esmaltado,
dizei-me se por vós terá passado!

RESPOSTA DAS CRIATURAS

Mil graças derramando,
correu por estes souts de verdura,
e em somente os mirando,
com sua só figura,
vestidos os deixou de formosura.

ESPOSA

Quem poderá curar-me!
Acaba de entregar-te, por inteira
Não queiras enviar-me
já nenhum mensageiro,
que não sabem dizer-me o que requireiro.

E todos quantos vagam
de ti me vão mil graças informando,

y todos más me llagan,
y déjame muriendo
un no sé qué que quedan balbuciendo.

Mas ¿cómo perseveras,
¡oh vida!, no viviendo donde vives,
y haciendo por que mueras
las flechas que recibes
de lo que del Amado en ti concibes?

¿Por qué, pues has llagado
aqueste corazón, no le sanaste?
Y, pues me le has robado,
¿por qué así le dejaste,
y no tomas el robo que robaste?

Apaga mis enojos,
pues que ninguno basta a deshacellos,
y véante mis ojos,
pues eres lumbre de ellos,
y sólo para ti quiero tenellos.

Descubre tu presencia
y máteme tu vista y hermosura:
mira que la dolencia
de amor, que no se cura
sino con la presencia y la figura.

¡Oh cristalina fuente,
si en esos tus semblantes plateados
formases de repente
los ojos deseados
que tengo en mis entrañas dibujados!

¡Apártalos, Amado,
que voy de vuelo!

EL ESPOSO

Vuélvete, paloma,
que el ciervo vulnerado

e todos mais me chagam,
e deixa-me expirando
um não-sei-quê que ficam balbuciando.

Mas, ah! tu como vingas,
vida, se do viver não te apercebes,
se fazem que te extingas
as flechas que recebes
daquilo que do Amado em ti concebes?

Por que, tendo chagado
aqueste coração, não o curaste?

E, pois que o tens roubado,
por que assim o deixaste
e não tomas o roubo que roubaste?

Apaga os meus penares,
porque nada há que possa desfazê-los;
vejam-te os meus olhares,
de que és a luz e os zelos,
que apenas para ti desejo tê-los.

Dá-me a tua presença,
mate-me a tua vista e formosura:
olha que esta doença
de amor, que não tem cura
senão com a presença e a figura.

Ó fonte iridescente,
se nesses teus semblantes prateados
formasses de repente
os olhos desejados
que tenho nas entranhas debuxados!

Oh! aparta-os, Amado,
que vou voando.

O ESPOSO

Volta-te, paloma,
que o cervo vulnerado

por el otero asoma
al aire de tu vuelo, y fresco toma.

[...]

ESPOSA

Gocémonos, Amado,
y vámonos a ver en tu hermosura
al monte u al collado
do mana el agua pura;
entremos más adentro en la espesura.

Y luego a las subidas
cavernas de la piedra nos iremos,
que están bien escondidas;
y allí nos entraremos,
y el mosto de granadas gustaremos.

Allí me mostrarías
aquello que mi alma pretendía,
y luego me darías
allí, tú, vida mía,
aquello que me diste el otro día.

El aspirar del aire,
el canto de la dulce filomena,
el soto y su donaire,
en la noche serena,

con llama que consume y no da pena.

[...]

CANCIONES DEL ALMA - I (NOCHE OSCURA)

En una noche oscura
con ansias en amores inflamada,
¡oh dichosa ventura!,
salí sin ser notada,
estando ya mi casa sosegada.

já pelo outeiro assoma
aos ares do teu vôo, e fresco toma.

ESPOSA

Gozemo-nos, Amado,
e vamos ver em tua formosura
ou o monte ou o prado
onde mana a água pura;
entremos mais adentro na espessura.

E logo às mais subidas
das cavernas da pedra nós iremos,
que estão bem escondidas;
e nelas entraremos
e o mosto de romãs degustaremos.

Ali me mostrarias
aquilo que minha alma pretendia,
e logo me darias,
ali, minha alegria,
aquilo que me deste noutro dia.

Os dulcíssimos cantos
da filomela, o afiar da brisa amena,
o bosque e seus encantos,
pela noite serena,

com chama que consome e não dá pena.

[...]

ABH

CANÇÕES DA ALMA - I (NOITE ESCURA)

Em uma noite escura
com ânsias em amores inflamada,
—ó ditosa ventura!—
saí sem ser notada,
estando minha casa sossegada.

A oscuras, y segura
por la secreta escala, disfraçada,
¡oh dichosa ventural,
a oscuras, y en celada,
estando ya mi casa sosegada.

En la noche dichosa
en secreto, que nadie me veía,
ni yo mirava cosa
sin otra luz y guía
sino la que en el corazón ardía.

Aquésta me guiaba
más cierto que la luz del mediodía,
adonde me esperaba
quien yo bien me sabía,
en parte donde nadie parecía.

¡Oh noche, que guiaste;
oh noche, amable más que la alborada:
oh noche, que juntaste
amado con amada,
amada en el Amado transformada!

En mi pecho florido,
que entero para él solo se guardaba,
allí quedó dormido,
y yo le regalaba,
y el ventalle de cedros aire daba.

El aire de el almena,
cuando yo sus cabellos esparcía,
con su mano serena
en mi cuello hería,
y todos mis sentidos suspendía.

Quedéme, y olvidéme,
el rostro recliné sobre el Amado:
cesó todo, y dejéme,
dejando mi cuidado
entre las azucenas olvidado.

A escuras e segura
pela secreta escada, disfarçada,
—ó ditosa ventura!—
a escuras e ocultada,
estando minha casa sossegada.

Nessa noite ditosa
tão em segredo que ninguém me via,
nem eu olhava coisa
sem outra luz nem guia
afora a que no coração ardia.

Pois esta me guiava
mais certa do que a luz do meio-dia,
aonde me esperava
quem eu já bem sabia,
em sítio onde ninguém aparecia.

Ó noite, que guiaste,
ó noite, amável mais do que a alvorada:
ó noite que juntaste
amado com amada,
amada em seu Amado transformada!

Em meu peito florido,
que inteiro só para ele se guardava,
aí ficou dormido
enquanto eu o regalava
e o abano de cedros ar lhe dava.

O ar da ameia amena,
quando eu os seus cabelos esparzia,
com sua mão serena
meu pescoço feria,
e meus sentidos todos suspendia.

Quedei-me e esqueci-me,
e reclinei o rosto sobre o Amado;
cessou tudo, e assim vi-me
deixando meu cuidado
em meio às açucenas olvidado.

**CANTAR DEL ALMA QUE SE HUELGA DE
CONOCER A DIOS POR FE**

*¡Qué bien sé yo la fonte que mana y corre,
aunque es de noche!*

Aquella eterna fonte está escondida,
que bien sé yo do tiene su manida
aunque es de noche.

En esta noche oscura de esta vida,
que bien sé yo por fe la fonte frida,
aunque es de noche.

Su origen no lo sé pues no le tiene;
mas sé que todo origen de ella viene,
aunque es de noche.

Sé que no puede ser cosa tan bella,
y que cielos y tierra beben de ella,
aunque es de noche.

Bien sé que suelo en ella no se halla,
y que ninguno puede vadealla,
aunque es de noche.

Su claridad nunca es oscurecida,
y sé que toda luz de ella es venida,
aunque es de noche.

Sé ser tan caudalosos sus corrientes,
que infiernos, cielos riegan, y las gentes,
aunque es de noche.

El corriente que nace de esta fuente,
bien sé que es tan capaz y omnipotente,
aunque es de noche.

El corriente que de estas dos procede
sé que ninguna de ellas le precede,
aunque es de noche.

**CANTAR DA ALMA QUE FOLGA
EM CONHECER A DEUS POR FÉ**

*Que bem sei eu a fonte que mana e corre,
mesmo sendo noite!*

Aquela eterna fonte está escondida,
que bem sei eu aonde tem guarida,
mesmo de noite!

E pela noite escura desta vida,
que bem sei eu por fé a fonte frida,
mesmo de noite!

Sua origem não sei, pois não a tem;
mas sei que toda origem dela vem,
mesmo de noite.

Sei que não pode haver coisa tão bela,
e sei que céus e terra bebem dela,
mesmo de noite.

Bem sei que solo nela não se vê
e ninguém pode atravessá-la a pé,
mesmo de noite.

Tem claridade nunca escurecida,
e sei que toda luz é dela havida,
mesmo de noite.

Sei serem tais caudais suas correntes
que céus e infernos regam, como às gentes,
mesmo de noite.

A caudal que provém desta nascente
bem sei ser mui capaz e onipotente,
mesmo de noite.

A corrente que de uma e outra procede
sei que nenhuma delas a precede,
mesmo de noite.

Bien sé que tres en sola una agua viva
residen, y que una de otra se deriva,
aunque es de noche.

Aquesta eterna fonte está escondida
en este vivo pan por darnos vida,
aunque es de noche.

Aquí se está llamando a las criaturas,
y de esta agua se hartan, aunque a oscuras,
porque es de noche.

Aquesta viva fuente, que deseo,
en este pan de vida yo la veo,
aunque es de noche.

**CANTO AL DIVINO CRISTO Y AL ALMA
(EL PASTORCICO)**

Un Pastorcico solo está penado,
ageno de placer y de contento,
y en su pastora puesto el pensamiento,
y el pecho del amor muy lastimado.

No llora por averie amor llagado,
que no le pena verse así afligido,
aunque en el corazón está herido;
mas llora por pensar que está olvidado.

Que sólo de pensar que está olvidado
de su vella pastora, con gran pena
se deja maltratar en tierra agena,
el pecho del amor muy lastimado.

Y dice el Pastorcico: “¡Ay desdichado
de aquel que de mi amor a hecho ausencia,
y no quiere gozar la mi presencia,
y el pecho por su amor muy lastimado!”

Y al cabo de un gran rato se ha encumbrado
sobre un árbol do abrió sus brazos bellos,
y muerto se ha quedado asido de ellos,
el pecho del amor muy lastimado.

Bem sei que três numa única água viva
residem, e que de uma a outra deriva,
mesmo de noite.

Aquesta eterna fonte está escondida
em nosso vivo pão, por dar-nos vida,
mesmo de noite.

Aqui estão chamando as criaturas,
e fartam-se desta água, ainda às escuras,
porque é de noite.

Aquesta viva fonte, que desejo,
eu neste pão de vida bem a vejo,
mesmo de noite.

FMV

CANTO AO DIVINO CRISTO E À ALMA (O PASTORZINHO)

Um Pastorzinho só vive penado,
longe o prazer, longe o contentamento,
posto em sua pastora o pensamento
e o peito por amor mui machucado.

Não chora por havê-lo o amor chagado,
que não pena de assim ver-se afligido,
embora tenha o coração ferido;
mas chora por pensar que está olvidado.

Que apenas de pensar que está olvidado
da pastora gentil, com dor tamanha
se deixa maltratar em terra estranha,
o peito por amor mui machucado.

E diz o Pastorzinho: “Ai, desditado
de quem de meu amor tem feito ausência
e já não quer gozar minha presença
e meu peito de amor tão machucado!”

E ao fim de longo tempo ei-lo encimado
a uma árvore onde abriu os braços imbeles,
e morto lá ficou pendente deles,
o peito por amor mui machucado.

FMV

JUAN DE LA CUEVA (1543-1612)

OJOS, QUE DAIS LA LUZ AL FIRMAMENTO...

Ojos, que dais la luz al firmamento
y el fuego al alma mía, sed piadosos;
dejad la ira, y sed (pues sois gloriosos)
menos crueles al dolor que siento.

Dentro en mi pecho Amor os dio el asiento,
y dentro arden mis fuegos, rigurosos
de veros que sois blandos y amorosos
y tan sin piedad a mi tormento.

Bien conocéis de mí que por vos muero,
y por vos vivo, y sólo a vos os amo,
ojos, que sois los ojos de mi alma,

por quien la vida en tanta muerte espero,
y en las tristes querellas que derramo,
mi bien, descanso, gloria, premio y palma.

MIGUEL DE CERVANTES (1547-1616)

¿QUIÉN DEJARÁ, DEL VERDE PRADO UMBROSO...

¿Quién dejará, del verde prado umbroso,
las frescas yerbas y las frescas fuentes?
¿Quién, de seguir con pasos diligentes
la suelta liebre o jabalí cerdosos?

¿Quién, con el son amigo y sonoro,
no detendrá las aves inocentes?
¿Quién, en las horas de la siesta, ardientes,
no buscará en las selvas el reposo,

por seguir los incendios, los temores,
los celos, iras, rabias, muertes, penas
del falso amor que tanto aflige al mundo?

JUAN DE LA CUEVA (1543-1612)

OLHOS, QUE DAIS A LUZ AO FIRMAMENTO...

Olhos, que dais a luz ao firmamento
e à minha alma o calor, sede piedosos;
deixai a ira, e sede (sois gloriosos)
menos cruéis com o meu padecimento.

Dentro em meu peito Amor vos deu assento,
e ardem os meus incêndios, rigorosos
de ver quanto sois brandos e amorosos,
mas sem piedade para o meu tormento.

Bem conheceis de mim que por vós ardo
e morro, e por vós vivo, e a vós só amo,
olhos, que sois os olhos de minha alma,

por quem a vida em tanta morte aguardo,
e, nas tristes querelas que derramo,
meu bem, descanso, glória, prêmio e palma.

ABH

MIGUEL DE CERVANTES (1547-1616)

QUEM DEIXARÁ, DO VERDE PRADO UMBROSO...

Quem deixará, do verde prado umbroso,
as frescas ervas e as lustrais nascentes?
Quem, de seguir com passos diligentes
a solta lebre, o javali cerdoso?

Quem, com o canto amigo e sonoro,
não prenderá as aves inocentes?
Quem, nas horas da sesta, horas ardentes,
não buscará nas selvas o repouso,

por seguir os incêndios, os temores,
os zelos, iras, raivas, mortes, teias
do falso amor que tanto aflige o mundo?

Del campo son y han sido mis amores,
rosas son y jazmines mis cadenas,
libre nací, y en libertad me fundo.

LA GITANILLA

Cuando Preciosa el panderete toca,
y hiere el dulce son los aires vanos,
perlas son que derrama con las manos,
flores son que despide de su boca.

Suspensa el alma y la cordura loca
queda a los dulces actos sobrehumanos,
que de limpios, de honestos y de sanos
su fama al cielo levantado toca.

Colgados del menor de sus cabellos
mil almas lleva, y a sus plantas tiene
Amor rendidas una y otra flecha:

ciega y alumbra con sus soles bellos,
su imperio Amor por ellos se mantiene,
y aun más grandezas de su ser sospecha.

SONETO-ORACIÓN

A Tí me vuelvo, gran Señor, que alzaste,
a costa de tu sangre y de tu vida,
la mísera de Adán primer caída,
y adonde é21 nos perdió, Tú nos cobraste;

a Tí, Pastor bendito, que buscaste
de las cien ovejuelas la perdida,
y hallándola del lobo perseguida,
sobre tus hombros santos te la echaste.

A Tí me vuelvo en mi aflicción amarga
y a Tí toca, Señor, el darme ayuda,
que soy cordero de tu aprisco ausente

y temo que a carrera corta o larga,
cuando a mi daño tu favor no acuda,
me ha de alcanzar esta infernal serpiente.

Do campo são e hão sido meus amores,
rosas são e jasmims minhas cadeias,
livre nasci, e em livre ser me fundo.

ABH

A CIGANINHA

Quando Preciosa a pandeireta toca,
e fere o doce som os ares vãos,
pérolas são que espalha com suas mãos,
flores são que arremessa de sua boca.

A alma fica suspensa, a mente louca
aos atos sobre-humanos sem ação,
que por limpos, honestos e por são
sua fama lá no céu mais alto toca.

Pendentes do menor de seus cabelos
mil almas leva, e ajoelhado tem
Amor, que uma e outra flecha aos pés lhe deita:

cega e ilumina com seus raios belos,
seu trono Amor por eles se mantém,
e mais grandezas de seu ser suspeita.

SONETO-ORAÇÃO

JJR

A Ti recorro, grão Senhor, que alçaste,
à custa de teu sangue e tua vida,
a mísera de Adão primeira caída,
e onde ele nos perdeu, lá nos cobraste;

a Ti, Pastor bendito, que buscaste
dentre as cem ovelhinhas a perdida,
e, encontrando-a do lobo perseguida,
sobre os teus ombros santos a deitaste.

A Ti recorro na aflição amarga,
e a Ti cabe, Senhor, o dar-me ajuda:
cordeiro sou de teu aprisco ausente

e temo que na via estreita ou larga,
quando a meu mal teu braço não acuda,
venha alcançar-me essa infernal serpente.

ABH

LUPERCIO LEONARDO DE ARGENSOLA (1559-1613)

IMAGEN ESPANTOSA DE LA MUERTE...

Imagen espantosa de la muerte,
sueño cruel, no turbes más mi pecho,
mostrándome cortado el nudo estrecho,
consuelo sólo de mi adversa suerte.

Busca de algún tirano el muro fuerte,
de jaspe las paredes, de oro el techo,
o el rico avaro en el angusto lecho
haz que temblando con sudor despierte.

El uno vea el popular tumulto
romper con furia las herradas puertas,
o al sobornado siervo el hierro oculto.

El otro las riquezas descubiertas
con llave falsa o con violento insulto,
y déjale al amor sus glorias ciertas.

BARTOLOMÉ LEONARDO DE ARGENSOLA (1562-1631)

O

LUPERCIO LEONARDO DE ARGENSOLA (1559-1613)

YO OS QUIERO CONFESAR, DON JUAN, PRIMERO...

Yo os quiero confesar, don Juan, primero:
que aquel blanco y color de doña Elvira
no tiene de ella más, si bien se mira,
que el haberle costado su dinero.

LUPERCIO LEONARDO DE ARGENSOLA (1559-1613)

IMAGEM ESPANTOSA E CRUEL DA MORTE...

Imagem espantosa e cruel da morte,
sonho mau, não me turbes mais o peito,
mostrando-me cortado o nó estreito,
consolo só de minha adversa sorte.

Busca de algum tirano o muro forte,
com paredes de jaspe e de ouro o teto,
ou o rico avaro em seu angusto leito
faz que tremente com suor acorde.

Aquele veja o popular tumulto
romper com fúria as portas nunca abertas,
ou ao subornado servo o ferro oculto.

O outro, suas riquezas descobertas
com chave falsa ou com violento insulto,
e deixa-lhe ao amor suas glórias certas.

JJR

BARTOLOMÉ LEONARDO DE ARGENSOLA (1562-1631) OU LUPERCIO LEONARDO DE ARGENSOLA (1559-1613)

QUERO-VOS CONFESSAR, D. JOÃO, PRIMEIRO...

Quero-vos confessar, D. João, primeiro:
que aquele branco-e-cor de Dona Elvira
dela mesma não tem, se bem se mira,
mais que haver-lhe custado o seu dinheiro.

Pero tras eso confesaros quiero
que es tanta la beldad de su mentira
que en vano a competir con ella aspira
belleza igual de rostro verdadero.

Mas, ¿qué mucho que yo perdido ande
por un engaño tal, pues que sabemos
que nos engaña así Naturaleza?

Porque ese cielo azul que todos vemos
no es cielo ni es azul: ¡Lástima grande
que no sea verdad tanta belleza!

LUIS DE GÓNGORA (1561-1627)

ROMANCILLO

La más bella niña
de nuestro lugar,
hoy viuda y sola
y ayer por casar,
viendo que sus ojos
a la guerra van,
a su madre dice
que escucha su mal:
*Dejadme llorar
orillas del mar.*

Pues me distes, madre,
en tan tierna edad
tan corto placer,
tan largo pesar,
y me cautivastes
de quien hoy se va
y lleva las llaves
de mi libertad:
*Dejadme llorar
orillas del mar.*

Mas devo confessar, por derradeiro:
tão grande é essa beleza de mentira
que em vão a competir com ela aspira
beleza igual de rosto verdadeiro.

Mas a quem moverá que eu perdido ande
por um engano tal, quando sabemos
que nos engana assim a Natureza?

Porque esse céu azul que todos vemos
não é céu nem é azul: lástima grande
que não seja real tanta beleza!

ABH

LUIS DE GÓNGORA (1561-1627)

RIMANCE

A mais bela jovem
do nosso lugar,
hoje viúva e só
e ontem por casar,
vendo que seus olhos
à guerra se vão,
a sua mãe diz
que escuta seu mal:
*Deixai-me chorar
à beira do mar.*

Pois que em tenra idade
me lograstes dar
tão curto o prazer,
tão longo o pesar,
e me cativastes,
mãe, a quem se vai
carregando as chaves
sem me libertar:
*Deixai-me chorar
à beira do mar.*

En llorar conviertan
mis ojos, de hoy más,
el sabroso oficio
del dulce mirar,
pues que no se pueden
mejor ocupar,
yéndose a la guerra
quien era mi paz:
*Dejadme llorar
orillas del mar.*

No me pongáis freno
ni queráis culpar;
que lo uno es justo,
lo otro por demás.
Si me queréis bien,
no me hagáis mal;
harto peor fuera
morir y callar:
*Dejadme llorar
orillas del mar.*

Dulce madre mía,
¿quién no llorará,
aunque tenga el pecho
como um pedernal,
y no dará voces
viendo marchitar
los más verdes años
de mi mocedad?
*Dejadme llorar
orillas del mar.*

Váyanse las noches,
pues ido se han
los ojos que hacían
los míos velar;
váyanse y no vean
tanta soledad,
después que en mi lecho
sobra la mitad.
*Dejadme
llorar
orillas del*

De hoje em diante os olhos
tomem-me em chorar
o gostoso ofício
do doce mirar,
pois que não se podem
melhor ocupar,
se se vai à guerra
quem lhes era paz:
*Deixai-me chorar
à beira do mar.*

Não me ponhais freio
nem queirais culpar;
que uma coisa é justa,
a outra é de mais.
Se me quereis bem,
não me façais mal;
muito pior fora
morrer e calar:
*Deixai-me
chorar
à beira do mar.*

Minha doce mãe,
quem não chorará,
mesmo tendo o peito
como um pedernal,
e não dará gritos
vendo já murchar
os mais verdes anos
de meu alvorar?
*Deixai-me chorar
à beira do mar.*

Que se vão as noites,
pois se foram já
os olhos que os meus
faziam velar;
vão-se antes de tanta
solidão mirar,
dês que há no meu leito
metade a sobrar.
*Deixai-me chorar
à beira do mar.*

ABH

ANGÉLICA Y MEDORO

En un pastoral albergue
que la guerra entre unos robles
lo dexó por escondido
o lo perdonó por pobre,

do la paz viste pellico
y conduce entre pastores
ovejas del monte al llano
y cabras del llano al monte,

mal herido y bien curado,
se alberga un dichoso joven,
que sin clavarle Amor flecha
le coronó de favores.

Las venas con poca sangre,
los ojos con mucha noche,
lo halló en el campo aquella
vida y muerte de los hombres.

Del palafrén se derriba,
no porque al moro conoce,
sino por ver que la yerba
tanta sangre paga en flores.

Límpiale el rostro, y la mano
siente al Amor que se esconde
tras las rosas, que la muerte
va violando sus colores.

Escondióse tras las rosas,
porque labren sus arpones
el diamante del Catay
con aquella sangre noble.

Ya le regala los ojos,
ya le entra, sin ver por dónde,
una piedad mal nacida
entre dulces escorpiones.

ANGÉLICA E MEDORO

Em um pastoral albergue
que as batalhas entre robres
deixaram por escondido
ou perdoaram por pobre,

onde a paz veste o pelico
e conduz entre pastores
ovelhas do monte ao plaino
e cabras do plaino ao monte,

malferido e bem curado,
se alberga um ditoso jovem,
que sem cravar-lhe amor flecha
o corooou de favores.

As veias com pouco sangue,
os olhos com muita noite,
achou-o no campo aquela
que é vida e morte dos homens.

Do palafrém ela apeia,
não por ver que o mouro sofre,
mas por enxergar que a erva
tanto sangue paga em flores.

Limpa-lhe o rosto, e na mão
sente um amor que se esconde
atrás das rosas, que a morte
vai violando-lhe as cores.

Escondeu-se atrás das rosas,
por que lavrem seus arpões
o diamante do Catai
com aquele sangue nobre.

Já lhe é regalo dos olhos,
já lhe entra, sem ver por onde,
piedade mal nascida
entre doces escorpiões.

Ya es herido el pedernal,
ya despide el primer golpe
centellas de agua, ¡oh piedad,
hija de padres traidores!

Yerbas le aplica a sus llagas,
que si no sanan entonces,
en virtud de tales manos
lisonjean los dolores.

Amor le ofrece su venda,
mas ella sus velos rompe
para ligar sus heridas:
los rayos del sol perdonen.

Los últimos nudos daba,
cuando el cielo la socorre
de un villano en una yegua
que iba penetrando el bosque.

Enfréntanle de la bella
las tristes piadosas voces,
que los firmes troncos mueven
y las sordas piedras oyen;

y la que mejor se halla
en las selvas que en la corte,
simple bondad, al pío ruego
cortésmente corresponde.

Humilde se apea el villano,
y sobre la yegua pone
un cuerpo con poca sangre,
pero con dos corazones.

A su cabaña los guía;
que el sol deja su horizonte,
y el humo de su cabaña
le va sirviendo de norte.

Llegaron temprano a ella,
do una labradora acoge

Já ferido o pedernal
despede o primeiro golpe
centelhas de água, oh! piedade,
filha de pais traidores.

Aplica-lhe ervas às chagas,
que, se curá-lo não podem,
em virtude de tais mãos
lisonjeiam suas dores.

Amor oferta-lhe a venda,
porém ela os seus véus rompe
para ligar-lhe as feridas:
os raios do sol perdoem.

Os últimos nós lhe dava
e já os céus a socorrem
de um plebeu que numa égua
ia penetrando o bosque.

Enfrenta-se com a bela
de tristes piedosas vozes,
que até movem firmes troncos
e até surdas pedras ouvem.

E a que mais fácil se encontra
nas selvas do que na corte,
simples bondade, ao seu rogo
cortesmente corresponde.

Humilde o plebeu se apeia
e sobre sua égua põe
um corpo com pouco sangue,
porém com dois corações.

À sua cabana os guia;
que o sol já deixa o horizonte,
e o fumo de sua cabana
vai-lhe servindo de norte.

Cedo chegaram a ela,
onde uma campônia acolhe

un mal vivo con dos almas,
una ciega con dos soles.

Blando heno en vez de pluma
para lecho les compone,
que será tálamo luego
do el garzón sus dichas logre.

Las manos, pues, cuyos dedos
desta vida fueron dioses,
restituyen a Medoro
salud nueva, fuerzas dobles,

y le entregan, cuando menos,
su beldad y un reino en dote,
segunda envidia de Marte,
primera dicha de Adonis.

Corona un lascivo enjambre
de cupidillos menores
la choza, bien como abejas
hueco tronco de alcornoque.

¡Qué de nudos le está dando
a un áspid la envidia torpe,
contando de las palomas
los arrullos gemidores!

¡Qué bien la destierra Amor,
haciendo la cuerda azote,
porque el caso no se infame
y el lugar no se inficione!

Todo es gala el africano,
su vestido espira olores,
el lunado arco suspende
y el corvo alfanje depone.

Tórtolas enamoradas
son sus roncós atambores,

um mal vivo com duas almas,
uma cega com dois sóis.

Brando feno em vez de pluma
para leito lhes compõe,
que será tálamo logo
onde o rapaz ditas logre.

Essas mãos, pois, cujos dedos
desta vida deuses soem
ser, restituem a Medoro
seiva nova e forças dobres,

e lhe entregam, quando menos,
a beleza e um reino em dote,
segunda inveja de Marte,
primeira dita de Adônis.

Coroa um lascivo enxame
de cupidinhos menores
a choça, bem como abelhas
oco tronco de alcornoque.

Ah, quantos nós lhe está dando
a uma áspide a inveja torpe,
enquanto conta das pombas
os arrulhos gemedores!

Quão bem a desterra Amor,
fazendo da corda açoite
por que o caso não se infame
e o lugar não se infeccione!

É todo gala o africano,
sua roupa espira olores,
o lunado arco suspende
e o curvo alfanje depõe.

Quais pombas enamoradas
são os seus roucos tambores,

y los volantes de Venus
sus bien seguidos pendones.

Desnuda el pecho anda ella,
vuela el cabello sin orden;
si lo abrocha, es con claveles,
con jazmines si lo coge.

El pie calza en lazos de oro,
porque la nieve se goce,
y no se vaya por pies
la hermosura del orbe.

Tudo sirve a los amantes,
plumas les baten veloces,
airecillos lisonjeros,
si no son murmuradores.

Los campos les dan alfombras,
los árboles pabellones,
la apacible fuente sueño,
música los ruseñores.

Los troncos les dan cortezas,
en que se guarden sus nombres
mejor que en tablas de mármol
o que en láminas de bronce.

No hay verde fresno sin letra,
ni blanco chopo sin mote;
si un valle *Angélica* suena,
otro *Angélica* responde.

Cuevas do el silencio apenas
deja que sombras las moren,
profanan con sus abrazos
a pesar de sus horrores.

Choza pues, tálamo y lecho,
contestes destes amores,
el cielo os guarde, si puede,
de las locuras del Conde.

e as vestes leves de Vênus
seus bem seguidos pendões.

Desnuda o peito anda ela,
voa o cabelo sem ordem;
se ela o prende é com cravinas,
é com jasmims quando o colhe.

O pé calça em laços de ouro,
para que a neve se goze
e não se esvaia nos pés
toda a formosura do orbe.

Tudo lhes serve aos amantes,
plumas lhes batem, velozes,
os zéfiros lisonjeiros,
se não são murmuradores.

Os campos dão-lhes alfombras,
as árvores pavilhões,
a aprazível fonte, sono,
e música os rouxinóis.

Os troncos dão-lhes as cascas
para que guardem seus nomes
melhor que em tábuas de mármore
ou que em lâminas de bronze.

Nem verde freixo há sem letra
nem branco choupo sem mote;
se um vale *Angélica* soa,
outro *Angélica* responde.

Cova onde o silêncio apenas
deixa que a sombra aí more,
profanam com seus abraços
apesar de seus horrores.

Choça pois, tálamo e leito,
contestes destes amores,
o céu vos guarde, se pode,
dessas loucuras do Conde.

FMV

LETRILLA

*Ándeme yo caliente
y ríase la gente.*

Traten otros del gobierno
del mundo y sus monarquías,
mientras gobiernan mis días
mantequillas y pan tierno,
y las mañanas de invierno
naranjada y aguardiente,
y ríase la gente.

Coma en dorada vajilla
el príncipe mil cuidados,
como píldoras dorados;
que yo en mi pobre mesilla
quiero más una morcilla
que en el asador reviente,
y ríase la gente.

Cuando cubra las montañas
de blanca nieve el enero,
tenga yo lleno el brasero
de bellotas y castañas,
y quien las dulces patrañas
del Rey que rabió me cuente,
y ríase la gente.

Busque muy en hora buena
el mercader nuevos soles;
yo conchas y caracoles
entre la menuda arena,
escuchando a Filomena
sobre el chopo de la fuente,
y ríase la gente.

Pase a media noche el mar,
y arda en amorosa llama
Leandro por ver su Dama;
que yo más quiero pasar
del golfo de mi lagar

LETRILHA

*Ande eu bem quente
e ria-se agente.*

Tratem outros do governo
do mundo e suas monarquias,
enquanto regem meus dias
boa manteiga e pão tenro,
e pelas manhãs de inverno
laranjada e aguardente,
e ria-se a gente.

Coma em dourada baixela
o príncipe mil cuidados,
como pílulas dourados;
que eu em mesinha singela
quero mais uma morcela
que no assador arrebente,
e ria-se a gente.

Quando cobrir as montanhas
de prata e neve janeiro,
tenha eu bem cheio o braseiro
de bolotas e castanhas,
e quem as doces patranhas
e raivas do rei me invente,
e ria-se agente.

Busque muito em hora amena
o mercador novos sóis;
eu conchas e caracóis
na praia, de areia plena,
escutando a Filomena
sobre o choupo da nascente,
e ria-se a gente.

Passe à meia-noite o mar,
e arda em amorosa chama
Leandro por ver sua Dama;
que bem prefiro passar
do golfo de meu lagar

la blanca o roja corriente,
y riase la gente.

Pues Amor es tan cruel,
que de Píramo y su amada
hace tálamo una espada,
do se junten ella y él,
sea mi Tisbe un pastel,
y la espada sea mi diente,
y riase la gente.

DUÉLETE DE ESA PUENTE, MANZANARES...

Duélete de esa puente, Manzanares;
mira que dice por ahí la gente
que no eres río para media puente,
y que ella es puente para muchos mares.

Hoy, arrogante, te ha brotado a pares
húmedas crestas tu soberbia frente,
y ayer me dijo humilde tu corriente
que eran en marzo los caniculares.

Por el alma de aquel que ha pretendido
con cuatro onzas de agua de chicoria
purgar la villa y darte lo purgado,

me dí cómo has menguado y has crecido,
¿cómo ayer te vi en pena, y hoy en gloria?
— Bebióme un asno ayer, y hoy me ha meado.

A LOPE DE VEGA

Embutiste, Lopillo, a Sabaot
en un mismo soneto con Ylec,
y echándosele a cuestras a Lamec,
le diste un muy mal rato al justo Lot.

Sacrificaste al ídolo Behemot,
que matan mal coplón Melquisedec,
y traiga para el fuego a Abimelec,
sarmientos de la viña de Nabot.

a branca ou rubra corrente,
e ria-se a gente.

Pois Amor é tão cruel
que de Píramo e sua amada
tálamo faz uma espada,
onde se juntem ela e ele,
seja meu Tisbe um pastel,
e a espada seja meu dente,
e ria-se a gente.

FMV

CONDÓI-TE DESSA PONTE, Ó MANZANARES.

Condói-te dessa ponte, ó Manzanares!
Olha que por aí já diz a gente
que não és rio para meia ponte
e que ela é ponte para muitos mares.

Hoje, arrogante, em ti brotam aos pares
úmidas cristas na soberba fronte;
ontem, humilde, disse-me a torrente
que eram em março os sóis caniculares.

Ah, pela alma de quem tem pretendido
com quatro onças de uma água de chicória
purgar a vila e a ti dar o purgado,

diz-me, como minguaste e estás crescido,
como em pena te ví ontem e hoje em glória?
— Bebeu-me um asno, e agora me há mijado.

A LOPE DE VEGA

FMV

Embutiste, Lopilho, a Sabaot
em um mesmo soneto com Ylec,
e voltando-lhe as costas a Lamec
deste mui mau momento ao justo Lot.

Sacrificaste ao ídolo Behemot,
que matam mau coplão Melquisedec,
e traga para o fogo a Abimelec
os sarmentos da vinha de Nabot.

Guárdate de las lanzas de Joab,
de tablazos del arca de Jafet,
y leños de la escala de Jacob,
no te entrometas con el rey Acab,

ni en lugar de Bethlém me digas Bet,
que con tus versos cansas aun a Job.
Y este soneto a buenas manos va:
¡Ay del Alfa, y Omega, Jehová!

A DON FRANCISCO DE QUEVEDO

Anacreonte español, no hay quien os tope,
que no diga con mucha cortesía,
que ya que vuestros pies son de elegía,
que vuestras suavidades son de arrope.

¿No imitaréis al terenciano Lope,
que al de Belerofonte cada día
sobre zuecos de cómica poesía
se calza espuelas, y le da un galope?

Con cuidado especial vuestros antojos
dicen que quieren traducir al griego,
no habiéndolo mirado vuestros ojos.

Prestádselos un rato a mi ojo ciego,
porque a luz saque ciertos versos flojos,
y entenderéis cualquier gregüesco luego.

DESCRIPCIÓN DE UNA DAMA

De pura honestidad templo sagrado
cuyo bello cimiento y gentil muro
de blanco nácar y alabastro duro
fue por divina mano fabricado;

pequeña puerta de coral preciado,
claras lumbreras de mirar seguro,
que a la esmeralda fina el verde puro
habéis para viriles usurpado;

Resguarda-te das lanças de Joab,
e dos tabuaços da arca de Jafet,
e dos lenhos da escada de Jacob,
e nem te metas com o rei Acab,

nem em vez de Bethlém me digas Bet,
que com teus versos cansas mesmo a Job.
E o soneto estrambótico se vá
ao pobre do Alfa, ao Ômega, a Jeová.

FMV

A DOM FRANCISCO DE QUEVEDO

Anacreonte espanhol, há quem vos tope
e não diga, com muita cortesia,
que, pois os vossos pés são de elegia,
as vossas suavidades são xarope?

Imitareis o terenciano Lope,
que ao de Belerofonte, cada dia,
em tamancos de cômica poesia,
esporas calça, dando-lhe um galope?

Com cuidado especial vossos antolhos
dizem que querem traduzir o grego,
embora nunca o vissem vossos olhos.

Emprestai-mos um pouco ao olho cego,
para que eu dê à luz frouxos in-fólios,
e entenderéis greguices que renego.

FMV

DESCRIÇÃO DE UMA DAMA

De pura honestidade altar sagrado,
cuja base formosa e gentil muro
de branco nácar e alabastro duro
foi pela mão divina fabricado;

pequena porta de coral torneado,
claros luzeiros de mirar seguro,
que à esmeralda fina o verde puro
haveis para redomas usurpado;

soberbio techo, cuyas cimbrías de oro,
al claro sol, en cuanto en torno gira,
ornan de luz, coronan de belleza;

ídolo bello, a quien humilde adoro:
oye piadoso al que por ti suspira,
tus himnos canta y tus virtudes reza.

TRAS LA BERMEJA AURORA EL SOL DORADO...

Tras la bermeja Aurora el Sol dorado
por las puertas salía del Oriente,
ella de flores la rosada frente,
él de encendidos rayos coronado.

Sembraban su contento o su cuidado,
cuál con voz dulce, cuál con voz doliente,
las tiernas aves con la luz presente,
en el fresco aire y en el verde prado.

Cuando salió bastante a dar Leonora
cuerpo a los vientos y a las piedras alma,
cantando de su rico albergue, y luego

ni oí las aves más, ni vi la Aurora;
porque al salir, o todo quedó en calma,
o yo (que es lo más cierto), sordo y ciego.

MIENTRAS POR COMPETIR CON TU CABELLO...

Mientras por competir con tu cabello,
oro bruñido el Sol relumbra en vano,
mientras con menosprecio en medio el llano
mira tu blanca frente al lilio bello;

mientras a cada labio, por cogello,
siguen más ojos que al clavel temprano,
y mientras triunfa con desdén lozano
del luciente cristal tu gentil cuello;

soberbo teto, cujos frisos de ouro,
ao claro sol, enquanto em torno gira,
ornam de luz, coroam de beleza;

ídolo belo, a quem humilde adoro:
ouve piedoso o que por ti suspira,
canta os teus hinos e os teus dotes reza.

ABH

EMPÓS DA RUBRA AURORA O SOL DOURADO...

Empós da rubra Aurora o Sol dourado
pelas portas saía do Oriente,
ela de flores a rosada frente,
ele de ardentes raios coroados.

Semeavam seu prazer ou seu cuidado,
qual com voz doce, qual com voz dolente,
as ternas aves com a luz presente,
nos frescos ares e no verde prado.

Eis quando sai bastante a dar Leonora
um corpo aos ventos e aos rochedos alma,
cantando de seu rico albergue, e chego

a as aves não ouvir, nem ver a Aurora;
porque ao sair, ou tudo queda em calma,
ou eu (o que é mais certo), surdo e cego.

ABH

ENQUANTO POR OMBREAR COM TEU CABELO...

Enquanto por ombrear com teu cabelo
ouro brunido o Sol relumbra insano,
enquanto com desprezo em meio o lhano
mira tua alva frente ao lírio belo;

enquanto a cada lábio, por colhê-lo,
seguem mais olhos do que ao cravo ufano,
e com desdém triunfa soberano
do cristal claro o colo teu singelo;

goza cuello, cabello, labio y frente,
antes que lo que fue en tu edad dorada
oro, lilio, clavel, cristal luciente

no sólo en plata o viola troncada
se vuelva, mas tú y ello juntamente
en tierra, en humo, en polvo, en sombra, en nada.

ILUSTRE Y HERMOSÍSIMA MARÍA...

Ilustre y hermosísima María,
mientras se dejan ver a cualquier hora
en tus mejillas la rosada Aurora,
Febo en tus ojos y en tu frente el día,

y mientras con gentil descortesía
mueve el viento la hebra voladora
que la Arabia en sus venas atesora
y el rico Tajo en sus arenas cría;

antes que, de la edad Febo eclipsado
y el claro día vuelto en noche oscura,
huya la Aurora del mortal nublado;

antes que lo que hoy es rubio tesoro
venza a la blanca nieve su blancura:
goza, goza el color, la luz, el oro.

LA DULCE BOCA QUE A GUSTAR CONVIDA...

La dulce boca que a gustar convida
un humor entre perlas destilado,
y a no invidiar aquel licor sagrado
que a Júpiter ministra el garzón de Ida,

amantes, no toquéis, si queréis vida,
porque entre un labio y outro colorado
Amor está, de su veneno armado,
cual entre flor y flor sierpe escondida.

goza colo, cabelo, lábio ardente,
antes que o que na idade foi dourada
lírio, cravo, cristal, ouro luzente

não só em prata ou viola truncada
se torne, mas tu e isso juntamente
em terra, em fumo, em poeira, em sombra, em nada. **ABH**

ILUSTRE E FORMOSÍSSIMA MARIA...

Ilustre e formosíssima Maria,
enquanto deixam ver-se a qualquer hora
em tuas faces a rosada Aurora,
Febo nos olhos e na frente o dia,

e enquanto com gentil descortesia
o vento move a fibra voadora
de que é a Arábia em seus veios guardadora,
que o rico Tejo nas areias cria;

antes que, à idade, enfim, Febo eclipsado
e o claro dia feito em noite escura,
refuja a Aurora do mortal nublado;

antes que quanto hoje é ruivo tesouro
vença das brancas neves a brancura:
goza, goza essa cor, e a luz, e o ouro. **ABH**

A DOCE BOCA QUE A PROVAR CONVIDA...

A doce boca que a provar convida
um humor entre perlas destilado,
sem ter inveja do licor sagrado
que a Júpiter ministra o garção de Ida,

amantes, não toqueis, se quereis vida,
porque a meio de um lábio e outro corado
Amor está, de seu veneno armado,
qual entre flor e flor serpe escondida.

No os engañen las rosas que, a la Aurora,
diréis que aljofaradas y olorosas
se le cayeron del purpúreo seno:

manzanas son de Tántalo, y no rosas,
que después huyen del que incitan ahora;
y sólo del amor queda el veneno.

NO DESTROZADA NAVE EN ROCA DURA...

No destrozada nave en roca dura
tocó la playa más arrepentida,
ni pajarrillo de la red tendida
voló más temeroso a la espesura;

bella Ninfa, la planta mal segura,
no tan alborotada ni afligida,
hurtó de verde prado, que escondida
víbora regalaba en su verdura,

como yo, Amor, la condición airada,
las rubias trenzas y la vista bella
huyendo voy, con pie ya desatado,

de mi enemiga en vano celebrada.
Adiós, Ninfa cruel; quedáos con ella,
dura roca, red de oro, alegre prado.

DE UN CAMINANTE ENFERMO QUE SE ENAMORÓ DONDE FUE HOSPEDADO

Descaminado, enfermo, peregrino,
en tenebrosa noche, con pie incierto,
la confusión pisando del desierto,
voces en vano dió, pasos sin tino.

Repetido latir, si no vecino,
distinto oyó de can siempre despierto,
y en pastoral albergue mal cubierto
piedad halló, si no halló camino.

Não vos burlem as rosas que, na Aurora,
dixeis que aljófaradas e olorosas
caíram do purpúreo seio ameno:

serão maçãs de Tântalo, e não rosas,
que logo fogem do insinuado agora;
e somente do amor resta o veneno.

ABH

NÃO DESTROÇADA NAVE EM ROCA DURA...

Não destroçada nave em roca dura
tocou a praia mais arrependida,
nem pássaro da rede pressentida
voou mais temeroso à espessura;

formosa Ninfa, a planta mal segura,
não tão alvorotada ou afligida,
furtou de verde prado, que escondida
víbora regalava na verdura,

como eu, Amor, a condição irada,
as ruivas tranças e essa vista bela
fugindo vou, com pé já desatado,

de uma inimiga em vão tão celebrada.
Adeus, Ninfa cruel; ficai com ela,
dura roca, áurea rede, alegre prado.

FMV

DE UM CAMINANTE ENFERMO QUE SE ENAMOROU ONDE FOI HOSPEDADO

Enfermo, extraviado, peregrino,
em tenebrosa noite, o pé incerto
a confusão pisando do deserto,
vozes lançou em vão, passos sem tino.

Repetido latir, se não vizinho,
distinto ouviu de cão sempre desperto,
e em pastoral albergue mal coberto
piedade achou, se não achou caminho.

Salió el Sol, y entre armiños escondida,
soñolienta beldad con dulce saña
salteó al no bien sano pasajero.

Pagará el hospedaje con la vida;
más le valiera errar en la montaña,
que morir de la suerte que yo muero.

EN EL SEPULCRO DE LA DUQUESA DE LERMA

¡Ayer deidad humana, hoy poca tierra:
aras ayer, hoy túmulo, oh mortales!
Plumas, aunque de águilas reales,
plumas son; quien lo ignora, mucho yerra.

Los huesos que hoy este sepulcro encierra,
a no estar entre aromas orientales,
mortales señas dieron de mortales;
la razón abra lo que el mármol cierra.

La fénix que ayer Lerma fue su Arabia
es hoy entre cenizas un gusano,
y dé conciencia a la persona sabia.

Si una urca se traga el océano,
¿qué espera un bajel luces en la gavia?
Tome tierra, que es tierra el ser humano.

LOS BLANCOS LILIOS QUE DE CIENTO EN CIENTO...

Los blancos lilios que de ciento en ciento,
hijos del Sol, nos da la Primavera,
a quien del Tajo son en la ribera
oro su cuna, perlas su alimento;

las frescas rosas, que ambicioso el viento
con pluma solícita lisonjera,
como quien de una y otra hoja espera
purpúreas alas, si lascivo aliento,

a vuestro hermoso pie cada cual debe
su beldad toda. ¿Qué hará la mano,
si tanto puede el pie, que ostenta flores,

Sai o sol, e entre arminhos escondida,
sonolenta beldade, em doce sanha,
salteou o passageiro sem socorro.

Pagará a hospedagem com a vida;
mais lhe valera errar pela montanha
do que morrer do modo com que morro.

FMV

NO SEPULCRO DA DUQUESA DE LERMA

Ontem deidade humana, agora terra;
o que era altar é túmulo, ó mortais!
Plumas, ainda que plumas de águias reais,
plumas são; quem o ignora, ouvi, muito erra.

Os ossos que hoje este sepulcro encerra,
não fossem os aromas orientais,
mortais mostras dariam de mortais;
a razão abra quanto o mármore cerra.

A fênix que ontem Lerma foi sua Arábia
é hoje em meio a cinzas um gusano,
e consciência dê a pessoa sábia.

Se uma urca é tragada pelo oceano,
que mais quer um baixei luzes na gávea?
Tome terra, que é terra o ser humano.

ABH

OS BRANCOS LÍRIOS QUE, DE CENTO EM CENTO...

Os brancos lírios que, de cento em cento,
filhos do sol, nos dá a primavera,
a quem do Tejo são nesta ribeira
ouro seu berço, perlas o alimento;

as frescas rosas, que ambicioso o vento
com pluma solícita lisonjeira,
como quem de uma ou outra folha espera
purpúreas asas, se lascivo alento,

ao vosso belo pé cada qual deve
toda a beleza, que fará a mão,
se tanto pode o pé, que ostenta flores,

por que vuestro esplendor venza la nieve,
venza su rosicler, y por que en vano,
hablando vos, espiren sus olores?

SEÑORA DOÑA PUENTE SEGOVIANA...

Señora doña puente segoviana,
cuyos ojos están llorando arena,
si es por el río muy enhorabuena,
aunque estáis para viuda muy galana.

De estangurria murió. No hay castellana
lavandera que no lllore de pena.
Y fulano sotillo se condena
de olmos negros a loba luterana.

Bien es verdad que dicen los doctores
que no es muerto, sino que del estío
le causan parasismos los calores;

que a los primeros del diciembre frío,
de sus muías harán estos señores
que los orines den salud al río.

A LA MEMORIA DE LA MUERTE Y DEL INFIERNO

Urnas plebeyas, túmulos reales,
penetrad sin temor, memorias mías,
por donde ya el verdugo de los días
con igual pic dió pasos desiguales.

Revolved tantas señas de mortales,
desnudos huesos y cenizas frías,
a pesar de las vanas, si no pías,
caras preservaciones orientales.

Bajad luego al abismo, en cuyos senos
blasfemas almas, y en su prisión fuerte
hierros se escuchan siempre, y llanto eterno,

si queréis, oh memorias, por lo menos
con la muerte libraros de la muerte,
y el infierno vencer con el infierno.

por que vosso esplendor supere a neve,
vença seu rosicler, e por que em vão,
falando vós, espirem seus olores?

FMV

SENHORA DONA PONTE SEGOVIANA...

Senhora Dona Ponte Segoviana,
de olhos chorando areia, a dor, contém-na,
se é pelo rio, ou chora mais serena,
que a viuvez ainda te engalana.

De estrangúria morreu. Não há castelhana
lavadeira que não chore de pena,
e fulano soutinho se condena
de olmos negros a loba luterana.

É verdade que dizem os doutores
que morto não está, que só do estio
lhe causam paroxismos os calores;

que nos inícios do dezembro frio,
farão de suas mulas tais senhores
que sua urina dê saúde ao rio.

FMV

À MEMÓRIA DA MORTE E DO INFERNO

Urnas plebéias, túmulos reais,
desvendai, ó memórias, com porfia,
por onde já o verdugo cruel dos dias
com pé igual deu passos desiguais.

Revolvei tantas marcas de mortais,
desnudos ossos entre cinzas frias,
em que pesem as vãs, às vezes pias,
caras preservações orientais.

Descei logo ao abismo, onde vereis
blasfemas almas, em febril coorte,
entre ferros vagar, em pranto eterno,

ó memórias, se ao menos vós quereis
com a própria morte vos livrar da morte,
e ao inferno vencer com o mesmo inferno.

JJR

DE LA BREVEDAD ENGAÑOSA DE LA VIDA

Menos solicitó veloz saeta
destinada señal, que mordió aguda;
agonal¹ carro por la arena muda
no coronó con más silencio meta,²

que presurosa corre, que secreta,
a su fin nuestra edad. A quien lo duda,
fiera que sea de razón desnuda,
cada Sol repetido es un cometa.³

¿Confíesalo Cartago, y tú lo ignoras?
Peligro corres, Licio, si porfías
en seguir sombras y abrazar engaños.

Mal te perdonarán a ti las horas:
las horas que limando están los días,
los días que royendo están los años.

AL CONDE-DUQUE DE OLIVARES

En la capilla estoy y condenado
a partir sin remedio de esta vida;
siento la causa aún más que la partida,
por hambre expulso como sitiado.

Culpa sin duda es ser desdichado,
mayor de condición ser encogida,
de ellas me acuso en esta despedida,
y partiré a lo menos confesado.

Examine mi suerte el hierro agudo,
que a pesar de sus filos me prometo
alta piedad de vuestra excelsa mano.

Ya que el encogimiento ha sido mudo,
los números, señor, de este soneto
lenguas sean, y lágrimas no en vano. ¹

1. Relativo ás festas agonais, que se faziam em Roma no mês de Janeiro, em honra de Jano ou Agônio, e acabavam por um combate (cf. *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, de Moraes Silva, Lisboa, 1949).

DA BREVIDADE ENGANOSA DA VIDA

Menos solicitou célere seta
destinado sinal, que morde aguda;
agonal¹ carro pela areia muda
não coroou com mais silêncio meta,²

que pressurosa corre, que secreta,
em seu fim, nossa idade. A quem se iluda,
fera que seja de razão desnuda,
cada Sol repetido é um cometa.³

Reconhece-o Cartago, e tu o ignoras?
Perigo corres, licio, se porfias
em seguir sombras e abraçar enganos.

Mal te perdoarão a ti as horas:
as horas que limando estão os dias,
os dias que roendo estão os anos.

ABH

AO CONDE-DUQUE DE OLIVARES

Já na capela estou, e condenado
a partir sem remédio desta vida;
a causa sinto mais do que a partida,
por fome expulso como sitiado.

Culpa sem dúvida é ser desditado,
maior de condição ser encolhida;
delas me acuso nesta despedida,
e partirei ao menos confessado.

Examine-me a sorte o ferro agudo,
que apesar de seus fios me prometo
piedade de vossa excelsa mão.

Já que me foi o encolhimento mudo,
os números, senhor, deste soneto
língua e lágrimas sejam, não em vão.

JJR

2. “O carro de corrida dá a volta em meio ao silêncio do público.” (Nota em *Poesia Lírica del Siglo de Oro*, de Elías R. Rivers, Cátedra, Madri, 1979; pág. 207.)

3. “un cometa: ‘um aviso’.” (Id-, *ibid.*)

DE LA ESPERANZA

Sople rabiosamente conjurado
contra mi leño el Austro embravecido,
que me ha de hallar el último gemido,
en vez de tabla, al áncora abrazado.

¿Qué mucho, si del mármol desatado,
deidad no ingrata la esperanza ha sido
en templo que, de velas hoy vestido,
se venera de mástiles besado?

Los dos lucientes ya del cisne pollos,
de Leda hijos adoptó: mi antena
lo testifique dellos ilustrada.

¿Qué fuera del cuitado que entre escollos,
que entre montes, que cela el mar de arena,
derrotados seis lustros ha que nada?

ACREDITA LA ESPERANZA CON HISTORIAS SAGRADAS

Cuantos forjare más hierros el hado
a mi esperanza, tantos oprimido
arrastraré cantando, y su rüido
instrumento a mi voz será acordado.

Joven mal de la invidia perdonado,
de la cadena tarde redimido,
de quien por no adorarle fue vendido,
por haberle vendido fue adorado.

¿Qué piedra se le opuso al soberano
poder, calificada aun de real sello,
que el remedio frustrase del que espera?

Conducido alimenta, de un cabello,
uno a otro profeta. Nunca en vano
fue el esperar, aun entre tanta fiera.

DA ESPERANÇA

Sopre raivosamente conjurado
contra meu lenho o Austro enraivecido,
que há de encontrar meu último gemido,
em vez de à tábua, à âncora abraçado.

Que muito, se da pedra desatado,
deidade não ingrata a espera há sido
em templo que, em velame hoje vestido,
se venera entre mastros osculado?

Do cisne a prole, luz de gêmeos olhos,
filhos de Leda adota; minha vela
o testemunha, deles ilustrada.

Que fora do coitado, que entre escolhos
e montes, que em areia a água esfacela,
derrotado seis lustros há que nada?

FMV

ACREDITA A ESPERANZA COM HISTÓRIAS SAGRADAS

Quanto mais ferros me forjar o fado
à esperança, tantos, oprimido,
arrastarei cantando, e seu ruído
como instrumento à voz ser-me-á acordado.

Jovem mal pela inveja perdoado,
e tarde da corrente redimido,
de quem, que o não cultuasse, foi vendido,
e por tê-lo vendido, venerado.

Que pedra se lhe opôs a esse grão
poder, mesmo ilustrada de real selo,
que o remédio frustrasse do que espera?

Conduzido alimenta, de um cabelo,
um a outro profeta. Nunca em vão
foi o esperar, mesmo entre tanta fera.

FMV

VANA ROSA

Ayer naciste, y morirás mañana.
¿Para tan breve ser, quién te dio vida?
¿Para vivir tan poco estás lucida,
y para no ser nada estás lozana?

Si te engañó tu hermosura vana,
bien presto la verás desvanecida,
porque en tu hermosura está escondida
la ocasión de morir muerte temprana.

Cuando te corte la robusta mano,
ley de la agricultura permitida,
grosero aliento acabará tu suerte.

No salgas, que te aguarda algún tirano;
dilata tu nacer para tu vida,
que anticipas tu ser para tu muerte.

FÁBULA DE POLIFEMO Y GALATEA

Al conde de Niebla

1

Estas que me dictó rimas sonoras,
cultas sí, aunque bucólica, Talía
—¡oh excelso conde!—, en las purpúreas horas
que es rosa la alba y rosicler el día,
ahora que de luz tu Niebla doras,
escucha, al son de la zampona mía,
si ya los muros no te ven, de Huelva,
peinar el viento, fatigar la selva.

2

Templado, pula en la maestra mano
el generoso pájaro su pluma,
o tan mudo en la alcándara, que en vano

ROSA VÃ

Ontem nasceste, e morres amanhã.
A teu ser tão fugaz quem lhe deu vida?
Para viver tão pouco estás luzida,
e para não ser nada, tão louçã?

Se te enganou a formosura vã,
bem depressa a verás desiludida,
porque em tua beleza está escondida
a ocasião de morte temporã.

Quando te corte uma robusta mão,
que é lei da agricultura permitida,
grosseiro alento acabará tua sorte.

Não saias, rosa, aguarda-te um vilão.
Adia teu nascer para esta vida,
que teu ser antecipas para a morte.

FMV

FÁBULA DE POLIFEMO E GALATÉIA

Ao Conde de Niebla

1

Estas que me ditou rimas sonoras,
cultu sîm, mas bucólica Talia
—ó excelso conde!—, nas purpúreas horas
em que a alba é rosa, rosicler o dia,
ora que tua Niebla de luz coras,
escuta, em minha agreste salmodia,
se já os muros não te vêem de Huelva
pentear o vento, fatigar a selva.

2

Pula, com têmpera, na mestra mão¹
o generoso pássaro sua pluma,
ou tão mudo na alcândora que em vão

1. Não há, no poema de Gôngora, sequer um verso oxítono. Preferiu-se, na tradução, esta infidelidade a outra maior. Para o procedimento, em português, invocamos exemplos na oitava-rima de *Os Lusíadas*: veja-se, caso extremo, a estrofe LIII do Canto I.

aun desmentir al cascabel presuma;
tascando haga el freno de oro, cano,
del caballo andaluz la ociosa espuma;
gima el lebrél en el cordón de seda.
Y al cuerno, al fin, la cítara suceda.

3

Treguas al ejercicio sean robusto,
ocio atento, silencio dulce, en cuanto
debajo escuchas de dosel augusto,
del músico jayán el fiero canto.
Alterna con las Musas hoy el gusto;
que si la mía puede ofrecer tanto
clarín (y de la Fama no segundo),
tu nombre oirán los términos del mundo.

4

Donde espumoso el mar siciliano
el pie argenta de plata al Lilibeo
(bóveda o de las fraguas de Vulcano,
o tumba de los huesos de Tifeo),
pálidas señas cenizoso un llano
—cuando no del sacrilego deseo—
del duro oficio da. Allí una alta roca
mordaza es a una gruta, de su boca.

5

Guarnición tosca de este escollo duro
troncos robustos son, a cuya greña
menos luz debe, menos aire puro
la caverna profunda, que a la peña;
caliginoso lecho, el seno obscuro
ser de la negra noche nos lo enseña
infame turba de nocturnas aves,
gimiendo tristes y volando graves.^{2 3 4}

2. I.é: a ociosa espuma do cavalo andaluz, tascando (mordendo) o freio, faça-o cão (branco).

3. Procurou-se, quanto possível ou conveniente, manter a pontuação do original (nota 28); se bem que, nisso, as edições variem consideravelmente.

4. Promontorio siciliano, no caso representando a própria Sicilia, segundo Dámaso Alonso (“Monstruosidade e Beleza no Polifemo de Góngora”, *Poesia Espanhola*, trad. de Darcy

té desmentir o cascavel presuma;
tascando faça o freio de ouro cão
do cavalo andaluz a ociosa espuma;²
gema o lebrei no seu cordão de seda.
E ao corno, enfim, a citara suceda.

3

Tréguas ao exercício dêem robusto,³
ócio atento, silêncio doce, enquanto
debaixo escutas de dossel augusto
do músico gigante o fero canto.
Com as Musas alterna hoje sem susto
o gosto; que se a minha ofertar tanto
clarim pode (e da Fama não segundo),
teu nome os termos ouvirão do mundo.

4

Onde espumoso o mar siciliano
argenta o pé de prata ao Lílibeu⁴
(abóbada ou das fráguas de Vulcano,
ou sepulcro dos ossos de Tifeu),
pálido indício dá cinzento um plano
—se não, a este, do ímpio anseio seu—⁵
do duro ofício.⁶ Ali uma alta roca
é mordança a uma gruta, de sua boca.⁷

5

Guarnição tosca deste escolho duro
troncos robustos são, a cuja grenha
menos luz deve, menos deve ar puro
a caverna profunda do que à penha;
caliginoso leito, o seio obscuro
ser da atra noite ensina-nos ferrenha,
infame turba de noturnas aves,
gemendo tristes e voando graves.

Damasceno, pp. 239-240; Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1960).

5. De acordo com Pendes Eugênio da Silva Ramos (*Poemas de Górgora*, Art Editora, São Paulo, 1988),

6. O ofício do deus ferreiro.

7. Esse tipo de rima, aberta-fechada, pratica-se de Camões a Bilac.

6

De este, pues, formidable de la tierra
bostezo, el melancólico vacío
a Polifemo, horror de aquella sierra,
bárbara choza es, albergue umbrío
y redil espacioso donde encierra
cuanto las cumbres ásperas cabrió
de los montes, esconde: copia bella
que un silbo junta y un peñasco sella.

7

Un monte era de miembros eminente
este (que, de Neptuno hijo fiero,
de un ojo ilustra el orbe de su frente,
émulo casi del mayor lucero)
cíclope, a quien el pino más valiente,
bastón, le obedecía, tan ligero,
y al grave peso junco tan delgado,
que un día era bastón y otro cayado.

8

Negro el cabello, imitador undoso
de las oscuras aguas del Leteo,
al viento que lo peina proceloso,
vuela sin orden, pende sin aseo;
un torrente es su barba impetuoso,
que (adusto hijo de este Pirineo)
su pecho inunda, o tarde, o mal, o en vano
surcada aun de los dedos de su mano.

9

No la Trinacria en sus montañas, fiera
armó de crueldad, calzó de viento,
que redima feroz, salve ligera,
su piel manchada de colores ciento:
pellico es ya la que en los bosques era
mortal horror al que con paso lento
los bueyes a su albergue reducía,
pisando la dudosa luz del día.

6

Deste, pois, formidável da mãe terra
bocejo, o melancólico vazio
a Polifemo, horror daquela serra,
bárbara choça é, covil sombrio
e redil espaçoso, onde ele encerra
quanto dos cumes ásperos cabrio
gado esconde dos montes: cópia bela
que um silvo junta e que um penhasco sela.

7

Um monte era de membros eminente
este (que, de Netuno fero herdeiro,
de um olho ilustra o orbe de sua frente,
êmulo quase do maior luzeiro)
ciclope, a quem o pinho mais valente,
bastão, lhe obedecia, tão ligeiro,
e ao grave peso junco tão delgado,
que um dia era bastão e outro, cajado.

8

Negro o cabelo, imitador undoso
das turvas águas do canal leteu,
ao vento que o penteia proceloso,
voa sem ordem, sem cuidado seu;
um caudal é-lhe a barba impetuoso,
que (adusto filho deste Pirineu)
seu peito inunda, ou tarde, ou mal, ou em vão
sulcada pelos dedos de sua mão.

9

Não a Trinácia,⁸ nos seus montes, fera
de crueldade armou, calçou de vento,
que redima veloz, salve severa
a pele, que de cores mancha um cento:
pelico é já a que nos bosques era
mortal horror ao que com passo lento
os bois a seu albergue reduzia,
pisando a duvidosa luz do dia.

10

Cercado es (cuanto más capaz, más lleno)
de la fruta, el zurrón, casi abortada,
que el tardo otoño deja al blando seno
de la piadosa hierba, encomendada:
la serba, a quien le da rugas el heno;
la pera, de quien fue cuna dorada
la rubia paja, y—pálida tutora—
la niega avara, y pródiga la dora.

11

Erizo es el zurrón, de la castaña,
y (entre el membrillo o verde o datilado)
de la manzana hipócrita, que engaña,
a lo pálido no, a lo arrebolado,
y, de la encina (honor de la montaña,
que pabellón al siglo fue dorado)
el tributo, alimento, aunque grosero,
del mejor mundo, del candor primero.

12

Cera y cañamo unió (que no debiera)
cien cañas, cuyo bárbaro rüido,
de más ecos que unió cañamo y cera
albugues, duramente es repetido.
La selva se confunde, el mar se altera,
rompe Tritón su caracol torcido,
sordo huye el bajel a vela y remo:
¡tal la música es de Polifemo!

13

Ninfa, de Doris hija, la más bella,
adora, que vio el reino de la espuma.
Galatea es su nombre, y dulce en ella
el terno Venus de sus Gracias suma.
Son una y otra luminosa estrella
lucientes ojos de su blanca pluma:
si roca de cristal no es de Neptuno,
pavón de Venus es, cisne de Juno.

10

Cercado (quanto mais capaz, mais pleno)
da fruta é o surrão, quase abortada,
que o tardo outono ao morno seio ameno
deixa da erva piedosa, encomendada:
a sorva, a quem lhe dá rugas o feno;
a pêra, de quem foi cuna dourada
a loura palha, e —pálida tutora—
a nega avara, e pródiga a colora.

11

Ouriço é o surrão: é-o à castanha,
e (entre o marmelo ou verde ou datilado)
à maçã, essa hipócrita, de manha
que ilude, não do claro, do rosado,
e, ao do carvalho (que, honra da montanha,
pavilhão foi ao século dourado)
tributo, alimento, ainda que grosseiro,
do melhor mundo, do candor primeiro.

12

Cera e cânhamo uniu (que não devera)
cem canas, cujo bárbaro ruído,
de mais ecos que uniu cânhamo e cera
alboques, duramente é repetido.
A selva se confunde, o mar se altera,
rompe Tritão seu caracol torcido,
surdo foge o baixeí a vela e remo:
tal a música é de Polifemo!

13

Ninfa, filha de Dóris, a mais bela,
adora, que já o reino viu da espuma.
Galatéia é seu nome, e doce nela
Vênus das Graças faz o terno, em suma.
São uma e outra luminosa estrela
luzentes olhos de sua alva pluma:
se não cristal de rocha de Netuno,
pavão de Vênus é, cisne de Juno.

14

Purpúreas rosas sobre Galatea
 la Alba entre liliis cándidos deshoja:
 duda el Amor cuál más su color sea,
 o púrpura nevada, o nieve roja.
 De su frente la perla es, eritrea,
 émula vana; el ciego dios se enoja,
 y, condenado su esplendor, la deja
 pender en oro al nácar de su oreja.

15

Invidia de las ninfas y cuidado
 de cuantas honra el mar deidades era;
 pompa del marinero niño alado
 que sin fanal conduce su venera.
 Verde el cabello, el pecho no escamado,
 ronco sí, escucha a Glauco la ribera
 inducir a pisar la bella ingrata,
 en carro de cristal, campos de plata.

16

Marino joven, las cerúleas sienas,
 del más tierno coral ciñe Palemo,
 rico de cuantos la agua engendra bienes,
 del Faro odioso al promontorio extremo;
 mas en la gracia igual, si en los desdenes
 perdonado algo más, que Polifemo,
 de la que, aún no le oyó, y, calzada plumas,
 tantas flores pisó como él espumas.

17

Huye la ninfa bella; y el marino
 amante nadador, ser bien quisiera,
 ya que no áspid a su pie divino,
 dorado pomo a su veloz carrera;
 mas, ¿cuál diente mortal, cuál metal fino
 la fuga suspender podrá ligera

14

Purpúreas rosas sobre Galatéia
entre lírios desfolha-as a Alvorada:
duvida o Amor se a cor da semidéia
é neve rubra ou púrpura nevada.
De sua fronte é a pérola eritréia
êmula vã; o cego deus se enfada,
e deixa-a, condenando-lhe a centelha,
pender em ouro à nacarada orelha.

15

Ela inveja das ninfas e cuidado
de quantas honra o mar deidades era;
pompa do marinheiro infante alado
que sem fanal conduz sua venera.
Verde o cabelo, o peito não ‘scamado,
rouco, a Glauco a ribeira ouve, que espera
induzir a pisar a bela ingrata,
em carro de cristal, campos de prata.

16

Jovem, cerúlea entre os do mar vaivéns
a coma cinge de coral Palemo,⁹
rico de quantos a água engendra bens,
do Faro odioso ao promontório extremo,
porém na graça igual, se nos desdêns
perdoado algo mais, que Polifemo,
da que, nem bem o ouviu, calçada plumas,
tantas flores pisou como ele espumas.

17

Foge-lhe a ninfa bela; e seu marino
amante nadador certo é que queira
ser, se não áspide a seu pé divino,
dourado pomo ante a veloz carreira;
mas qual dente mortal, qual metal fino
a fuga suspender pode ligeira

9. Como Tritão e Glauco, Palemo (Palêmon) é uma divindade marinha.

que el desdén solicita? ¡Oh cuánto yerra
delfín que sigue en agua corza en tierra!

18

Sicilia, en cuanto oculta, en cuanto ofrece,
copa es de Baco, huerto de Pomona:
tanto de frutas ésta la enriquece,
cuanto aquél de racimos la corona.
En carro que estival trillo parece,
a sus campañas Ceres no perdona,
de cuyas siempre fértiles espigas
las provincias de Europa son hormigas.

19

A Pales su viciosa cumbre debe
lo que a Ceres, yu aún más, su vega llana;
pues si en la una granos de oro llueve,
copos nieve en la otra mil de lana.
De cuantos siegan oro, esquilan nieve,
o en pipas guardan la exprimida grana,
bien sea religión, bien amor sea,
deidad, aunque sin templo, es Galatea.

20

Sin aras, no: que el margen donde para
del espumoso mar su pie ligero,
al labrador, de sus primicias ara,
de sus esquilmos es al ganadero;
de la Copia —a la tierra, poco avara—
el cuerno vierte el hortelano, entero,
sobre la mimbre que tejió, prolja,
si artificiosa no, su honesta hija.

21

Arde la juventud, y los arados
peinan las tierras que surcaron antes,

que o desdém solicita? Oh! quanto que erra
delfim que segue em água corça em terra!

18

Sicília, em quanto oculta, em quanto oferece,
taça é de Baco, e horto de Pomona:
tanto das frutas desta se enriquece
quanto nos parreirais aquele a entrona.
Em carro que estivai trilho parece,
Ceres os campos seus não abandona,
de cujas fertilíssimas espigas
as províncias de Europa são formigas.

19

A Pales a viçosa cima deve
o que a Ceres, e mais, a veiga chã;
pois se em uma grãos de ouro chove, leve,
flocos neva na outra mil de lâ.
De quantos segam ouro, esquilam neve,
ou em pipas guardam a espremida grã,
bem seja religião, bem amor, déia,
ainda que sem templo, é Galatéia.

20

Sem aras, não: que a margem onde pára
do espumejante mar seu pé ligeiro,
ao lavrador é das primícias ara,
de seus produtos o é ao pegureiro;¹⁰
da Cópia —para a terra, pouco avara—
o corno verte o hortelão, inteiro,
no vime que teceu, à maravilha,
se artificiosa não, a honesta filha.

21

A juventude inflama-se, e os arados
penteiam terras que sulcaram antes,¹⁰

10. Palavra cujo achamento ficamos devendo a Péricles Eugênio da Silva Ramos (q.v. notas 4 e 20).

mal conducidos, cuando no arrastrados
de tardos bueyes, cual su dueño errantes;
sin pastor que los silbe, los ganados
los crujidos ignoran resonantes
de las hondas, si, en vez del pastor pobre,
el céfiro no silba, o cruje el roble.

22

Mudo la noche el can, el día, dormido,
de cerro en cerro y sombra en sombra yace.
Bala el ganado; al mísero balido,
nocturno el lobo de las sombras nace.
Cébase; y fiero, deja umedecido
en sangre de una lo que la otra paze.
¡Revoca, Amor, los silbos, o a su dueño
el silencio del can siga, y el sueño!

23

La fugitiva ninfa, en tanto, donde
hurta un laurel su tronco al sol ardiente,
tantos jazmines cuanta hierba esconde
la nieve de sus miembros, da a una fuente.
Dulce se queja, dulce le responde
un ruiñeñor a otro, y dulcemente
al sueño da sus ojos la armonía,
por no abrasar con tres soles el día.

24

Salamandria del Sol, vestido estrellas,
latiendo el Can del cielo estaba, cuando
(polvo el cabello, húmidas centellas,
si no ardientes aljófares, sudando)
llegó Acis; y, de ambas luces bellas
dulce Occidente viendo al sueño blando,

mal conduzidos, sim, ou arrastados
por tardos bois, como seu dono errantes;
sem pastor que os dirija, vão os gados
ignorando os rangidos ressoantes
das fundas, se, em lugar do pastor pobre,
o zéfiro não silva, ou range o robre.¹¹

22

À noite mudo o cão, ao sol, dormido,
de cerro em cerro e sombra em sombra está-se.¹²
O gado bale; ao mísero balido,
noturno o lobo dentre as sombras nasce.
Ceva-se; e, fero, deixa umedecido
em sangue de uma aquilo que a outra pasce.
Revoca, Amor, os silvos, ou ao dono
o silêncio do cão siga, com o sono!

23

A fugitiva ninfa, entretanto, onde
furta um laurel seu tronco ao sol ardente,
tantos jasmins quanta erva a neve esconde
de seus membros, entrega a uma corrente.
Doce se queixa, doce lhe responde
um rouxinol a outro, e docemente
ao sono dá seus olhos a harmonia,
por, com três sóis, não abrasar o dia.

24

Salamandra do sol, vestido estrelas,
latindo o Cão do céu estava, quando
(pó os pêlos, úmidas centelhas, velas,
se não quentes aljôfares, suando)
Ácis chega; e, das luzes ambas belas
doce Ocidente vendo o sono brando,

12. Sujeito: o cão.

su boca dio, y sus ojos cuanto pudo,
al sonoro cristal, al cristal mudo.

25

Era Acis un venablo de Cupido,
de un fauno, medio hombre, medio fera,
en Simetis, hermosa ninfa, habido:
gloria del mar, honor de su ribera.
El bello imán, el ídolo dormido,
que acero sigue, idólatra venera,
rico de cuanto el huerto ofrece pobre,
rinden las vacas y fomenta el robre.

26

El celestial humor recién cuajado
que la almendra guardó entre verde y seca,
en blanca mimbre se le puso al lado,
y un copo, en verdes juncos, de manteca;
en breve corcho, pero bien labrado,
un rubio hijo de una encina hueca,
dulcísimo panal, a cuya cera
su néctar vinculó la primavera.

27

Caluroso, al arroyo da las manos,
y con ellas las ondas a su frente,
entre dos mirtos que, de espuma canos,
dos verdes garzas son de la corriente.
Vagas cortinas de volantes vanos
corrió Favonio lisonjeramente
a la (de viento cuando no sea) cama
de frescas sombras, de menuda grama.

28

La ninfa, pues, la sonora plata
bullir sintió del arroyuelo apenas

13. I.é: Simultaneamente bebe água e fita o corpo da ninfa adormecida. (Elias R. Rivers, *Poesia Lírica del Siglo de Oro*, Cátedra, Madrid, 1979.)

deu sua boca, e deu dos olhos tudo,
ao sonoro cristal, ao cristal mudo.¹³

25

Um venábulo era Ácis de Cupido,
de um fauno, meio homem, meio fera,
em Simétis, formosa ninfa, havido:
glória do mar, honra da terra ele era.
O belo ímã, o ídolo dormido,
que o aço segue, idólatra venera,
rico de quanto o horto oferece pobre,
rendem as vacas e fomenta o robre.¹⁴

26

Do celestial humor recém-coalhado
que a amêndoa guarda verde-seca, cheio
um branco vime colocou-lhe ao lado;
manteiga, em verdes juncos; e no meio,
em cesto breve, mas mui bem lavrado,
ruivo filho de um tronco havido ao seio,
um dulcíssimo favo, a cuja cera
seu néctar vinculou a primavera.

27

Abrasado, ao arroio dá as mãos,
e com elas a onda à frente ardente.
Dois mirtos que o espumar fez alvações
verdes garças parecem da corrente.
Vagas cortinas de volantes vãos
correu Favônio lisonjeiramente
à (quando não de vento seja) cama
de frescas sombras, de miúda grama.

28

A ninfa bela a sonora prata
bulir sentiu do arroiozinho apenas,

14.I.é: o mel. (*Id.*, *ibid.*)

cuando, a los verdes márgenes ingrata,
segur se hizo de sus azucenas.
Huyera; mas tan frío se desata
un temor perezoso por sus venas,
que a la precisa fuga, al presto vuelo,
grillos de nieve fue, plumas de hielo.

29

Fruta en mimbres halló, leche exprimida
en juncos, miel en corcho, mas sin dueño;
si bien al dueño debe, agradecida,
su deidad culta, venerado el sueño.
A la ausencia mil veces ofrecida,
este de cortesía no pequeño
indicio la dejó —aunque estatua helada—
más discursiva y menos alterada.

30

No al Cíclope atribuye, no, la ofrenda;
no a sátiro lascivo, ni a otro feo
morador de las selvas, cuya rienda
el sueño aflija, que aflojó el deseo.
El niño dios, entonces, de la venda,
ostentación gloriosa, alto trofeo
quiere que al árbol de su madre sea
el desdén hasta allí de Galatea.

31

Entre las ramas del que más se lava
en el arroyo, mirto levantado,
carcaj de cristal hizo, si no aljaba,
su blanco pecho, de un arpón dorado.
El monstro de rigor, la fiera brava
mira la ofrenda ya con más cuidado,
y aun siente que a su dueño sea, devoto,
confuso alcaide más, el verde soto.

às suas margens vírides ingrata,
segure se tornou das açucenas.
Fugira; mas tão frio se desata
langue temor no seio seu que, às penas
com que da fuga o vôo alçar-se breve,
grilhões de gelo foi — plumas de neve.

29

Fruta em vimes achou, láctea bebida
em juncos, mel em corcho, mas sem dono;
se bem ao dono deva, agradecida,
cultua a deidade, venerado o sono.
À ausência vezes mil oferecida,
este de cortesia índice e abono
deixou-a—ainda que estátua regelada—
mais discursiva¹⁵ e menos alterada.

30

Não credita ao Cíclope essa oferenda,
nem a fauno lascivo, a malfazejo
vulto das selvas, cuja rédea ofenda,
aflija o sono, que afrouxou o desejo.
Quer o menino deus, então, da venda
que honrosa ostentação, troféu sobejo
seja à árvore da sua mátria¹⁶ déia
o desdém até ali de Galatéia.

31

Em meio às ramos do, que mais se lava
na água do arroio, mirto levantado,
carcás de cristal fez, se não aljava,
seu branco peito, de um arpão dourado.
O monstro de rigor, a fera brava
olha a oferenda já com mais cuidado,
e ainda sente que ao dono seja, amante,
confuso alcaide mais, o souto iriante.

16. Aproveitamos o neologismo do Pe. Antônio Vieira.

Llamáralo, aunque muda, mas no sabe
 el nombre articular que más querría;
 ni lo ha visto, si bien pincel suave
 lo ha bosquejado ya en su fantasía.
 Al pie —no tanto ya, del temor, grave—
 fía su intento; y, tímida, en la umbría
 cama de campo y campo de batalla,
 fingiendo sueño al cauto garzón halla.

El bulto vio, y, haciéndolo dormido,
 librada en un pie toda sobre él pende
 (urbana al sueño, bárbara al mentido
 retórico silencio que no entiende):
 no el ave reina, así, el fragoso nido
 corona inmóvil, mientras no desciende
 —rayo con plumas— al milano pollo
 que la eminencia abriga de un escollo,

como la ninfa bella, compitiendo
 con el garzón dormido en cortesía,
 no sólo para, mas el dulce estruendo
 del lento arroyo enmudecer querría.
 A pesar luego de las ramas, viendo
 colorido el bosquejo que ya había
 en su imaginación Cupido hecho
 con el pincel que le clavó su pecho,

de sitio mejorada, atenta mira,
 en la disposición robusta, aquello
 que, si por lo süave no la admira,
 es fuerza que la admire por lo bello.
 Del casi tramontado sol aspira
 a los confusos rayos, su cabello;

17. Tanto quanto a rima, difícil muita vez é manter o metro, ou o ritmo; as asperezas,

Muda, chamara-o, mas não tem a chave
 de o nome articular que mais queria;
 nem mesmo o viu, se bem que pincel suave
 já o bosquejasse em sua fantasia.
 Ao pé — não tanto já, do temor, grave—
 fia a intenção; e, a medo, na sombria
 cama de campo e campo de tenção,
 cauto, fingindo sono, vê o garção.

O vulto viu, e, tendo-o por dormido,
 librada num só pé sobre ele pende
 (urbana ao sonho, bárbara ao mentido
 retórico silêncio que não entende):
 não a ave rainha, assim, o ninho erguido¹⁷
 coroa imota, enquanto não descende
 —raio com plumas— do milhafre à cria
 que abriga uma eminente penedia,

como a formosa ninfa, com o dormido
 garção a competir em cortesia,
 pára, e não só, que o dúcido rugido
 calar do lento arroio quereria.
 Vendo, apesar das ramas, colorido
 reluzir o bosquejo que já havia
 no seu imaginar Cupido feito
 com o pincel que lhe cravou no peito,

de sítio melhorada, atenta mira,
 na compleição robusta, o que, se, pelo
 que ela tem de suave, não a admira,
 é forçoso que a admire pelo belo.
 Do quase trasmontado sol aspira
 aos já confusos raios, seu cabelo;

porém, refletem o original de Gôngora, cujo decassílabo sói soar congestionado,
 referto de sinéreses pesadas.

flores su bozo es, cuyas colores,
como duerme la luz, niegan las flores.

36

En la rústica greña yace oculto
el áspid, del intonso prado ameno,
antes que del peinado jardín culto
en el lascivo, regalado seno;
en lo viril desata de su vulto
lo más dulce el Amor, de su veneno;
bébelo Galatea, y da otro paso
por apurarle la ponzoña al vaso.

37

Acis —aún más de aquello que dispensa
la brújula del sueño vigilante—,
alterada la ninfa esté o suspensa,
Argos es siempre atento a su semblante,
lince penetrador de lo que piensa,
cíñalo bronce o múrelo diamante:
que en sus paladiones Amor ciego,
sin romper muros, introduce fuego.

38

El sueño de sus miembros sacudido,
gallardo el joven la persona ostenta,
y al marfil luego de sus pies rendido,
el coturno besar dorado intenta.
Menos ofende el rayo prevenido,
al marínero, menos la tormenta
prevista le turbó o pronosticada:
Galatea lo diga, salteada.

39

Más agradable y menos zahareña,
al mancebo levanta venturoso,
dulce ya concediéndole y risueña,

flores são os seus lábios, cujas cores,
como adormece a luz, negam as flores.

36

Sob a rústica grenha jaz oculto
o áspide, do intonso prado ameno,
antes que do penteado jardim culto
no suave seio lânguido e sereno;
no másculo desata de seu vulto
o mais dúlcido o Amor, de seu veneno;
e bebe-o Galatéia, e, logo, raso
da peçonha lhe quer fazer o vaso.

37

Ácis —ainda mais do que dispensa
a bússola do sono vigilante—,
quer alterada a ninfa, quer suspensa,
Argos é sempre atento a seu semblante,
lince penetrador do que ela pensa,
ou cinja-o bronze ou mure-o diamante;
que em seus paládios Amor cego, logo,
sem romper muros, introduz o fogo.

38

O sono de seus membros sacudido,
galhardo o jovem a pessoa ostenta,
e, ao marfim logo de seus pés rendido,
o coturno beijar dourado intenta.
Menos ofende o raio prevenido,
ao marinheiro, menos a tormenta
antevista o turvou ou pressagiada:
Galatéia que o diga, salteada.

39

Mais doce, já sem o ar de quem desdenha,
ao mancebo levanta venturoso,
já concedendo-lhe do riso a senha,

paces no al sueño, treguas sí al reposo.
Lo cóncavo hacía de una peña
a un fresco sitial dosel umbroso,
y verdes celosías unas hiedras,
trepando troncos y abrazando piedras.

40

Sobre una alfombra, que imitara en vano
el tío sus matices (sí bien era
de cuantas sedas ya hiló, gusano,
y, artífice, tejó la Primavera)
reclinados, al mirto más lozano,
una y otra lasciva, si ligera,
paloma se caló, cuyos gemidos
—trompas de Amor— alteran sus oídos.

41

El ronco arrullo al joven solicita;
mas, con desvíos Galatea suaves,
a su audacia los términos limita,
y el aplauso al contento de las aves.
Entre las ondas y la fruta, imita
Acis al siempre ayuno en penas graves:
que, en tanta gloria, infierno son no breve,
fugitivo cristal, pomos de nieve.

42

No a las palomas concedió Cupido
juntar de sus dos picos los rubíes,
cuando al clavel el joven atrevido
las dos hojas le chupa carmesíes.
Cuantas produce Pafo, engendra Gnido,
negras violas, blancos alhelíes,
llueven sobre el que Amor quiere que sea
tálamo de Acis ya y de Galatea.^{18 19 20}

18. Passe a rima, quase perfeita (aqui e na estrofe 44)...

19. *Hedra*: provincianismo português, o mesmo que *hera*.

20. Puséramos: *de quantas fiou sedas, larva, e, mão*. Ao cotejarmos nossa tradução com a de Péricles Eugênio da Silva Ramos (q.v. nota 4), rendemo-nos ao achado de *bômbix* (ou bômbice), que é a palavra exata. No mais, o verso de P.E.S.R. segue outro rumo.

não paz ao sono, sim trégua ao repouso.¹⁸
O côncavo fazia de uma penha
a um fresco setial dossel umbroso,
e verdes gelosias umas hedras¹⁹
trepando em troncos e abraçando pedras.

40

Sobre uma alfombra, que imitara em vão
o tírio seus matizes (e bem era,
de quantas sedas fiou, bômbix,²⁰ e, mão
de artífice, teceu a Primavera),
reclinados, no mirto mais loução,
uma a outra pomba em esto, se com vera
leveza, se calou,²¹ cujos gemidos
—trompas de Amor— alteram seus ouvidos.

41

O rouco arrulho ao jovem solicita;
mas, com desvios Galatéia suaves,
a sua audácia os términos limita,
bem como o aplauso ao concertar das aves.
Entre as ondas e a fruta, Ácis imita
o que é sempre jejuno em penas graves:²²
que, em tanta glória, inferno são não breve,
fugitivo cristal, pomos de neve.

42

Nem bem às pombas concedeu Cupido
juntar de seus dois bicos os rubis,
e já do cravo o jovem atrevido
lhe chupa as duas folhas carmesis.
Quantas engendra Pafo, produz Gnido,
negras violas, brancos alelis,
chovem sobre o que Amor firma na idéia
a Ácis tálamo seja e a Galatéia.

21. I.é, consoante nossa interpretação: duas pombas lascivas, se bem que com leveza, se estreitaram (se calaram) no abraço amoroso. Calar, note-se, do espanhol *calar*, não de *callar*. Mantivemos *calar*, em português, não apenas porque uma das acepções do verbo o permite, mas para conservar o equívoco (quase-equívoco, em espanhol...) *se calou... gemidos*.

22. Tântalo, segundo Rivers (cit.).

43

Su aliento humo, sus relinchos fuego,
si bien su freno espumas, ilustraba
las columnas Etón que erigió el griego,
do el carro de la luz sus ruedas lava,
cuando, de amor el fiero jayán ciego,
la cerviz oprimió a una roca brava,
que a la playa, de escollos no desnuda,
linterna es ciega y atalaya muda.

44

Arbitro de montañas y ribera,
aliento dio, en la cumbre de la roca,
a los albogues que agregó la cera,
el prodigioso fuelle de su boca;
la ninfa los oyó, y ser más quisiera
breve flor, hierba humilde, tierra poca,
que de su nuevo tronco víd lasciva,
muerta de amor, y de temor no viva.

45

Mas —cristalinos pámpanos sus brazos—
amor la implica, si el temor la anuda,
al infelice olmo que pedazos
la segur de los celos hará aguda.
Las cavernas en tanto, los ribazos,
que ha prevenido la zampona ruda,
el trueno de la voz fulminó luego:
¡referidlo, Piérides, os ruego!

46

“¡Oh bella Galatea, más süave
que los claveles que tronchó la aurora;
blanca más que las plumas de aquel ave
que dulce muere y en las aguas mora;
igual en pompa al pájaro que, grave,
su manto azul de tantos ojos dora

Fogo o relincho, fumo o alento e o ofego,
 se bem o freio espumas, ilustrava
 as colunas Eton²³ que ergueu o grego
 onde o carro da luz as rodas lava,
 quando o fero gigante, de amor cego,
 a cervíz oprimiu a roca brava,
 que à praia é, de escolhos não desnuda,
 lanterna cega e atalaia muda.

Árbitro de montanha e praia que era,
 alento, sobre os píncaros da roca,
 deu aos alboques que agregou a cera,
 prodigioso fole, a sua boca;
 a ninfa ouviu-os, e antes ser quisera
 breve flor, erva humilde, terra pouca,
 que a seu tronco novel vide lasciva,
 morta de amor, e de temor não viva.

Mas —cristalinos pâmpanos seus braços—
 amor a implica, se o temor a gruda,
 ao olmo desgraçado que pedaços
 a segure fará do ciúme aguda.
 As cavernas, entanto, os espinhaços,
 que prevenido tem a avena ruda,
 o trom de sua voz fulminou logo:
 referi-o, Piérides, vos rogo!

“Ó bela Galatéia, mais suave
 do que os cravos truncados pela aurora;
 branca mais do que as plumas daquela ave
 que doce morre e que nas águas mora;
 igual em pompa ao pássaro que, grave,
 de olhos tantos o manto azul decora

23. Eton, Etonte: cavalo do carro do Sol.

cuantas el celestial zafiro estrellas!
¡Oh tú, que en dos incluyes las más bellas!

47

deja las ondas, deja el rubio coro
de las hijas de Tetis, y el mar vea,
cuando niega la luz un carro de oro,
que en dos la restituye Galatea.
Pisa la arena, que en la arena adoro
cuantas el blanco pie conchas platea,
cuyo bello contacto puede hacerlas,
sin concebir rocío, parir perlas.

48

Sorda hija del mar, cuyas orejas
a mis gemidos son rocas al viento:
o dormida te hurten a mis quejas
purpúreos troncos de corales ciento,
o al disonante número de almejas
—marino, si agradable no, instrumento—
coros tejendo estés, escucha un día
mi voz, por dulce, cuando no por mía.

49

Pastor soy, mas tan rico de ganados,
que los valles impido más vacíos,
los cerros desparezco levantados
y los caudales seco de los ríos;
no los que, de sus ubres desatados,
o derivados de los ojos míos,
leche corren y lágrimas; que iguales
en número a mis bienes son mis males. ²⁴

24. Ou: *Surda filha do mar, cujos ouvidos
a minhas queixas são rochas ao vento:
ou te furtem dormida aos meus gemidos
de troncos de coral purpúreo um cento,*

quantas a celestial safira estrelas!
Ó tu, que incluis em duas as mais belas:

47

deixa as ondas, de Tétis deixa o louro
coro das filhas — verá o mar que ondeia,
quando sonega a luz um carro de ouro,
que a restitui em duas Galatéia.
Pisa a areia, na areia amo o tesouro
de quantas branco o pé conchas prateia:
belo contacto que as fará, confio,
perlas parir, sem conceber rocio.

48

Surda filha do mar, de orelhas que ante
os meus gemidos são rochas ao vento:
ou aos meus ais te furtem dormitante
de troncos de coral purpúreo um cento,
ou ao número de ameijoas dissonante
—do mar, se não amável, instrumento—
coros tecendo vás, escuta asinha,
por doce, a minha voz, se não por minha.²⁴

49

Pastor sou, mas riquíssimo de gados,
tanto que impeço os vales mais vazios,
desapareço os cerros levantados
e até mesmo os caudais seco dos rios;
não os que, de seus ubres desatados,
ou de meus olhos derivando os fios,
leite correm e lágrimas; que iguais
aos bens somam meus males, se não mais.

*ou aos dissonantes das ameijoas ruídos
—do mar, se não amável, instrumento—
coros tecendo vás, ouve-me asinha
a voz, por doce, quando não por minha.*

Sudando néctar, lambicando olores,
 senos que ignora aun la golosa cabra,
 corchos me guardan, más que abeja flores
 liba inquieta, ingeniosa labra;
 troncos me ofrecen árboles mayores,
 cuyos enjambres, o el abril los abra,
 o los desate el mayo, ámbar distilan
 y en ruelas de oro rayos del sol hilan.

Del Júpiter soy hijo, de las ondas,
 aunque pastor; si tu desdén no espera
 a que el monarca de esas grutas hondas,
 en trono de cristal te abrace nuera,
 Polifemo te llama, no te escondas;
 que tanto esposo admira la ribera
 cual otro no vio Febo, más robusto,
 del perezoso Volga al Indo adusto.

Sentado, a la alta palma no perdona
 su dulce fruto mi robusta mano;
 en pie, sombra capaz es mi persona
 de innumerables cabras el verano.
 ¿Qué mucho, si de nubes se corona
 por igualarme la montaña en vano,
 y en los cielos, desde esta roca, puedo
 escribir mis desdichas con el dedo?

Marítimo alción roca eminente
 sobre sus huevos coronaba, el día
 que espejo de zafiro fue lucente
 la playa azul, de la persona mía.
 Miréme, y lucir vi un sol en mi frente,

50

Néctar suando, alambicando olores,
seios que ignora ainda a gulosa cabra,
corchos me guardam, mais que abelha flores
liba inquieta, laboriosa fabra;
troncos me ofertam árvores maiores,
cujos enxames, quer abril os abra,
quer os desate maio, âmbar aviam
e em rocas de ouro raios do sol fiam.

51

Eu, pastor, sou do Júpiter das ondas
filho; se teu desdém não conta agora
que o rei destas cavernas que nem sondas,
em trono de cristal te abraça nora,
Polífemo te chama, não te escondas;
que tanto esposo a orla do mar namora
qual outro não viu Febo, mais robusto,
do preguiçoso Volga ao Indo adusto.

52

Sentado, à erguida palma não perdoa
seu doce fruto esta robusta mão;
em pé, sombra é capaz minha pessoa
de inumeráveis cabras o verão.
É muito, se de nuvens se coroa
por igualar-me a serra em vão,
e se posso nos céus, deste penedo,
minhas desditas escrever com o dedo?

53

Marítimo alcão rocha eminente
sobre seus ovos coroava, o dia
que espelho de safira foi luzente
a praia azul, do corpo meu. E eu via,
fitando-me, luzir-me um sol na frente,

cuando en el cielo un ojo se veía:
neutra el agua dudaba a cuál fe preste,
o al cielo humano, o al cíclope celeste.

54

Registra en otras puertas el venado
sus años, su cabeza colmilluda
la fiera cuyo cerro levantado
de helvecias picas es muralla aguda;
la humana suya el caminante errado
dio ya a mi cueva, de piedad desnuda,
albergue hoy, por tu causa, al peregrino,
do halló reparo, si perdió camino.

55

En tablas dividida, rica nave
besó la playa miserablemente,
de cuantas vomitó riquezas, grave,
por las bocas del Nilo el Oriente.
Yugo aquel día, y yugo bien süave,
del fiero mar a la sañuda frente
imponiéndole estaba (si no al viento
dulcísimas coyundas) mi instrumento,

56

cuando, entre globos de agua, entregar veo
a las arenas ligurina haya,
en cajas los aromas del Sabeo,
en cofres las riquezas de Cambaya:
delicias de aquel mundo, ya trofeo
de Escila, que ostentado en nuestra playa,
lastimoso despojo fue dos días
a las que esta montaña engendra arpías.

57

Segunda tabla a un genovés mi gruta
de su persona fue, de su hacienda;

quando no céu um olho se sentia:
neutra a água duvidava a qual fé preste,
ou ao céu humano ou ao cíclope²⁵ celeste.

54

Registra em outras portas o veado
seus anos, a cabeça colmilhuda
a fera cujo cerro levantado
de helvécios piques é muralha aguda;
a humana sua o caminhante errado
já deu-me à cova, despiedada e cruda,
por tua causa, albergue hoje, ao peregrino,
onde acha auxílio, se perdeu destino.

55

Em tábuas dividida, rica nave
beijou a praia miseravelmente,
de quantas vomitou riquezas, grave,
pelas bocas do Nilo o Oriente.
Jugo esse dia, e jugo bem suave,
do fero mar sobre a sanhuda frente
estava impondo o meu (se não ao vento
dulcíssimas correias) instrumento,

56

quando, entre globos de água, da água ao léu,
vejo à areia entregar lígúria faia,
em caixas os aromas do sabeu,
em cofres as riquezas de Cambaia:
bênçãos daquele mundo, já troféu
de Cila, que, ostentado em nossa praia,
lastimoso despojo foi dois dias
às que esta serrania engendra harpias.

57

Segunda tábua foi a minha gruta
a um genuês, na pessoa e na fazenda;

25. Com hiperbibasmo —licença compatível com a dicção do espanhol—, para manter o ritmo, sem sacrificar a força do original.

la una reparada, la otra enjuta,
relación del naufragio hizo horrenda.
Luciente paga de la mejor fruta
que en hierbas se reclina, en hilos penda,
colmillo fue del animal que el Ganges
sufrir muros le vio, romper falanges:

58

arco, digo, gentil, bruñida aljaba,
obras ambas de artífice prolijo,
y de Malaco rey a deidad Java
alto don, según ya mi huésped dijo.
De aquél la mano, de ésta el hombro agrava;
convencida la madre, imita al hijo:
serás a un tiempo en estos horizontes
Venus del mar, Cupido de los montes.”

59

Su horrenda voz, no su dolor interno,
cabras aquí le interrumpieron, cuantas
—vagas el pie, sacrílegas el cuerno—
a Baco se atrevieron en sus plantas.

Mas, conculcado el pámpano más tierno
viendo el fiero pastor, voces él tantas,
y tantas despidió la honda piedras,
que el muro penetraron de las hiedras.

60

De los nudos, con esto, más süaves,
los dulces dos amantes desatados,
por duras guijas, por espinas graves
solicitan el mar con pies alados:
tal, redimiendo de importunas aves
incauto meseguero sus sembrados,
de liebres dirimió copia, así, amiga,
que vario sexo unió y un surco abriga.

reparada uma delas, a outra enxuta,
relação do naufrágio fez horrenda.
Luzente paga da mais tenra fruta
que em ervas se reclina, em fios penda,
foi o colmilho do animal que o Ganges
sofrer muros o viu, romper falanges:

58

arco, digo, gentil, brunida aljava,
obras ambas de artífice de brilho;
dom de rei malaquês a deus de Java,
segundo diz meu hóspede andarilho.
Daquele a mão, e desta o ombro agrava;²⁶
já convencida a mãe, imita o filho:
serás a um tempo nestes horizontes
Vênus do mar, Cupido destes montes.”

59

A horrenda voz, não o íntimo transtorno,
cabras aqui lhe interromperam, quantas
—vagas o pé, sacrílegas o corno—
se atreveram a Baco em suas plantas.
Mas, o pâmpano ao ver pisado em torno
o pastor fero, vozes ele tantas,
e tantas despediu a funda pedras,
que penetraram a parede de hedras.

60

Com isso, então, dos laços mais suaves
os doces dois amantes desatados,
por duros seixos, por espinhos graves
solicitam o mar com pés alados:
tal, redimindo de importunas aves
incauto agricultor os seus semeados,
de lebres cópia dirimiui amiga,
que vário sexo uniu e um sulco abriga.

26. I.é: carrega ao ombro a aljava e na mão o arco.

61

Viendo el fiero jayán, con paso mudo
correr al mar la fugitiva nieve
(que a tanta vista el líbico desnudo
registra el campo de su adarga breve)
y el garzón viendo, cuantas mover pudo
celoso trueno, antiguas hayas mueve:
tal, antes que la opaca nube rompa,
previene rayo fulminante trompa.

62

Con violencia desgajó infinita,
la mayor punta de la excelsa roca,
que al joven, sobre quien la precipita,
urna es mucha, pirámide no poca.
Con lágrimas la ninfa solicita
las deidades del mar, que Acis invoca:
concurren todas, y el peñasco duro
la sangre que exprimió, cristal fue puro.

63

Sus miembros lastimosamente opresos
del escollo fatal fueron apenas,
que los pies de los árboles más gruesos
calzó el líquido aljófár de sus venas.
Corriente plata al fin sus blancos huesos,
lamiendo flores y argentando arenas,
a Doris llega, que, con llanto pío,
yerno lo saludó, lo aclamó río.^{27 28}

27. Ver estrofe 13, 1.º

28. Tomou-se como texto-base o da ed. de Rivers, cit. (q.v. nota 11), com as seguintes emendas, confirmadas na ed. das *Obras Completas* org. por Juan e Isabel Mille y Giménez

61

Vendo, o fero gigante, a passo mudo
 correr ao mar a fugitiva neve
 (que a tanta vista o líbico desnudo
 registra o campo de sua adarga breve),
 e ao jovem, quantas faias pôde o rudo
 trovão ciumento ele a mover se atreve:
 assim, antes que a opaca nuvem rompa,
 previne raio fulminante trompa.

62

Com violência arranca-lhe infinita
 a maior ponta à excelsa roca (e a apouca),
 que ao jovem, sobre quem a precipita,
 urna é muita, pirâmide não pouca.
 As deidades do mar as solicita
 da ninfa o pranto, e de Ácis a voz rouca:
 concorrem todas, e o penhasco duro
 o sangue que espremeu, cristal foi puro.

63

Os membros lastimosamente ao moço
 premidos eis que são da pedra feia,
 e o pé de cada tronco, ainda o mais grosso,
 calçou-o o aljôfar líqüido da veia.
 Corrente prata ao fim a alvura do osso,
 lambendo flores e argentando areia,
 a Dóris²⁷ chega, que, com pranto pio,
 gênero o cumprimentou, o aclamou rio.²⁸ **FMV/ABH²⁹**

(Aguilar, Madri, 1972): colocou-se a vírgula do v. 8 da estr. 11; substituiu-se: *roble* por *robre* no v. 8 da estr. 21; *lo* por *le* no v. 3 da estr. 26; *de* por *da* no v. 1 da estr. 27; *intenso* por *intonso* no v. 2 da estr. 36; *cuantos* por *cuantas* no v. 3 da estr. 55.

29. Tradução iniciada em 1977 e concluída em 2000.

LOPE DE VEGA (1562-1635)

SONETO DE REPENTE

Un soneto me manda hacer Violante,
que en mi vida me he visto en tanto aprieto;
catorce versos dicen que es soneto:
burla burlando van los tres delante.

Yo pensé que no hallara consonante
y estoy a la mitad de otro cuarteto,
mas si me veo en el primer terceto,
no hay cosa en los cuartetos que me espante.

Por el primer terceto voy entrando,
y parece que entré con pie derecho,
pues fin con este verso le voy dando.

Ya estoy en el segundo, y aun sospecho
que voy los trece versos acabando;
contad si son catorce, y está hecho.

DEFINICIÓN DEL AMOR

Desmayarse, atreverse, estar furioso,
áspero, tierno, liberal, esquivo,
alentado, mortal, difunto, vivo,
leal, traidor, cobarde, animoso,

no hallar, fuera del bien, centro y reposo,
mostrarse alegre, triste, humilde, altivo,
enojado, valiente, fugitivo,
satisfecho, ofendido, receloso.

Huir el rostro al claro desengaño,
beber veneno por licor süave,
olvidar el provecho, amar el daño;

creer que un cielo en un infierno cabe,
dar la vida y el alma a un desengaño:
esto es amor. Quien lo probó lo sabe.

LOPE DE VEGA (1562-1635)

SONETO DE REPENTE

Um soneto me pede Violante,
nunca na vida estive em tal aperto;
quatorze versos dizem que é soneto:
brinca-brincando lá vão três avante.

Não pensei que encontrasse consoante,
e na metade estou de outro quarteto;
mas, se me vem o início de um terceto,
cá nos quartetos nada há que me espante.

No primeiro terceto vou entrando,
e parece que entrei com o pé direito,
pois fim com este verso lhe vou dando.

Estou já no segundo, e ainda suspeito
que vou os treze versos acabando;
contai se são quatorze, e ei-lo: está feito.

ABH/JJR

DEFINIÇÃO DO AMOR

Desmaiar-se, atrever-se, estar furioso,
áspero, terno, liberal, esquivo,
alentado, mortal, defunto, vivo,
leal, traidor, covarde e valoroso;

não ver, fora do bem, centro e repouso,
mostrar-se alegre, triste, humilde, altivo,
enfadado, valente, fugitivo,
satisfeito, ofendido, receoso;

furtar o rosto ao claro desengano,
beber veneno qual licor suave,
esquecer o proveito, amar o dano;

acreditar que o céu no inferno cabe,
doar sua vida e alma a um desengano,
isto é amor; quem o provou bem sabe.

JJR

A JESÚS

¿Qué tengo yo que mi amistad procuras?
¿Qué interés se te sigue, Jesús mío,
que a mi puerta, cubierto de rocío,
pasas las noches del invierno oscuras?

¡Oh, cuánto fueron mis entrañas duras,
pues no te abrí! qué extraño desvarío,
si de mi ingratitud el yelo frío
secó las llagas de tus plantas puras!

¡Cuántas veces el ángel me decía:
Alma, asómate agora a la ventana,
verás con cuánto amor llamar porfía!

¡Y cuántas, hermosura soberana:
Mañana le abriremos —respondía—,
para lo mismo responder mañana!

A LA MUERTE DE DON LUIS DE GÓNGORA

Despierta, oh Bétis, la dormida plata,
y, coronado de ciprés, inunda
la docta patria en Sénecas fecunda,
todo el cristal en lágrimas desata.

Repite soledades, y dilata
por campos de dolor vena profunda.
Única luz que no dejó segunda,
al polifemo ingenio Átropos mata.

Góngora ya la parte restituye
mortal al tiempo, ya la culta lira
en cláusula final la voz incluye.

Ya muere y vive, que esta sacra pira
tan inmortal honor le constituye,
que nace fénix donde cisne expira.

A JESUS

Que tenho, que a amizade me procuras?
Que interesse é o teu, ó Jesus pio,
que em minha porta, cheio de rocio,
passas as noites hibernais escuras?

Oh! como foram-me as entranhas duras,
pois não te abri! que estranho desvario,
se dessa ingratidão o gelo frio
as chagas te secou das plantas puras!

Oh! quantas vezes o anjo me dizia:
“Alma, assoma à janela, chega a ver
como e com quanto amor chamar porfia!”

E quantas, formosura, sem sofrer:
“Amanhã lhe abriremos” -respondia—,
para o mesmo amanhã lhe responder!

JJR

À MORTE DE DON LUIS DE GÓNGORA

Desperta, ó Bétis, a dormida prata,
e de ciprestes coroada, inunda
a douta pátria, em Sênecas fecunda,
todo o cristal em lágrimas desata.

Repete soledades, e dilata
pelos campos de dor veia profunda.
Única luz que não deixou segunda,
ao polifemo engenho Átropos mata.

A parte que é mortal já restitui
Góngora ao tempo, já a culta lira
em cláusula final a voz inclui.

Já morre e vive; que esta sacra pira
honra tão imortal lhe constitui,
que nasce fênix onde cisne expira.

JJR

LETRA PARA CANTAR

No ser, Lucinda, tus bellas
niñas formalmente estrellas,
bien puede ser;
pero que en su claridad
no tengan cierta deidad,
no puede ser.

Que tu boca celestial
no sea el mismo coral,
bien puede ser;
mas que no exceda la rosa
en ser roja y olorosa,
no puede ser.

Que no sea el blanco pecho
de nieve o cristales hecho,
bien puede ser;
mas que no exceda en blancura
cristales y nieve pura,
no puede ser.

Que no sea sol ni Apolo,
ángel puro y fénix solo,
bien puede ser;
pero que de ángel no tenga
lo que con ángel convenga,
no puede ser.

Que no sean lirios sus venas
ni sus manos azucenas,
bien puede ser;
mas que en ellas no se vean
cuantas gracias se desean,
no puede ser.

A MIS SOLEDADES VOY

A mis soledades voy,
de mis soledades vengo,

LETRA PARA CANTAR

Não serem, Lucinda, estrelas
as tuas pupilas belas,
bem pode ser;
mas que em sua claridade
não haja alguma deidade,
não pode ser.

Que a boca celestial
não seja o próprio coral,
bem pode ser;
mas que não exceda a rosa
em ser vermelha e cheirosa,
não pode ser.

Que não seja o branco peito
de cristais ou neve feito,
bem pode ser;
mas que não vença em brancura
os cristais e a neve pura,
não pode ser.

Que não seja um anjo, o colo
da Fênix, o próprio Apoio,
bem pode ser;
porém que de anjo não tenha
o que com anjo convenha,
não pode ser.

Não teres flores nas veias
nem de lírios as mãos cheias,
bem pode ser;
mas que nelas não se vejam
quantas graças se desejam,
não pode ser.

ABH

A MINHAS SOLIDÕES VOU

A minhas solidões vou,
de minhas solidões venho,

porque para andar conmigo
me bastan mis pensamientos.

¡No sé qué tiene la aldea
donde vivo y donde muero,
que con venir de mí mismo
no puedo venir más lejos!

Ni estoy bien ni mal conmigo,
mas dice mi entendimiento
que un hombre que todo es alma
está cautivo en su cuerpo.

Entiendo lo que me basta,
y solamente no entiendo
cómo se sufre a sí mismo
un ignorante soberbio.

De cuantas cosas me cansan,
fácilmente me defiendo;
pero no puedo guardarme
de los peligros de un necio.

Él dirá que yo lo soy
pero con falso argumento;
que humildad y necesidad
no caben en un sujeto.

La diferencia conozco,
porque en él y en mí contemplo,
su locura en su arrogancia,
mi humildad en su desprecio.

O sabe naturaleza
más que supo en otro tiempo,
o tantos que nacen sabios
es porque lo dicen ellos.

Sólo sé que no sé nada,
dijo un filósofo, haciendo
la cuenta con su humildad,
adonde lo más es menos.

porque para andar comigo
me bastam meus pensamentos.

Não sei o que tem a aldeia
onde vivo e onde pereço,
que não posso vir mais longe
porque venho de mim mesmo!

Nem bem nem mal vou comigo;
mas diz meu entendimento
que um homem que é todo ele alma
no próprio corpo está preso.

Entendo quanto me basta,
e somente não entendo
como se sofre a si mesmo
um ignorante soberbo.

De quantas coisas me cansam,
facilmente me defendo;
porém não posso guardar-me
desses perigos de um néscio.

Ele dirá que eu o sou,
porém com falso argumento;
que humildade e needade
não cabem num só sujeito.

A diferença conheço,
porque nele e em mim contemplo
a loucura da arrogância,
a humildade em seu desprezo.

Ou sabe hoje a natureza
mais que soube em outro tempo,
ou tantos que nascem sábios
é por força de dizê-lo.

Eu só sei que não sei nada,
disse um filósofo, sendo
sua conta a humildade,
onde o que é mais é o menos.

No me precio de entendido,
de desdichado me precio;
que los que no son dichosos,
¿cómo pueden ser discretos?

No puede durar el mundo,
porque dicen, y lo creo,
que suena a vidrio quebrado
y que ha de romperse presto.

Señales son del jüicio
ver que todos le perdemos,
unos por carta de más,
otros por carta de menos.

Dijeron que antiguamente
se fue la verdad al cielo:
¡tal la pusieron los hombres,
que desde entonces no ha vuelto!

En dos edades vivimos
los propios y los ajenos,
la del plata los extraños,
y la de cobre los nuestros.

¿A quién no dará cuidado,
si es español verdadero,
ver los hombres a lo antiguo
y el valor a lo moderno?

Dijo Dios que comería
su pan el hombre primero
con el sudor de su cara,
por quebrar su mandamiento;

y algunos inobedientes
a la vergüenza y al miedo,
con las prendas de su honor
han trocado los efectos.

Virtud y filosofía
peregrinan como ciegos:

Não me gabo de entendido,
por desditado me tenho;
pois os que não são ditosos,
como podem ser discretos?

Não pode durar o mundo,
pois dizem, e assim o creio,
que soa a vidro quebrado
e que se quebrará presto.

São os sinais do juízo
ver que todos o perdemos,
alguns por carta de mais,
outros por carta de menos.

Disseram que antigamente
a verdade foi-se ao céu:
tal a puseram os homens
que não se lhe viu regresso.

Em dupla idade vivemos
nós próprios e os estrangeiros:
a de prata é a dos estranhos,
a de cobre o nosso meio.

A quem não dará cuidado,
se é espanhol verdadeiro,
ver o homem à moda antiga
e nosso valor moderno?

Deus disse que comeria
seu pão o homem primeiro
suando o suor da cara,
por quebrar seu mandamento;

e alguns desobedientes
a qualquer vergonha e medo,
com as prendas de sua honra
hão trocado seus efeitos.

Virtude e filosofia
peregrinam como cegos.

el uno se lleva al otro,
llorando van y pidiendo.

Dos polos tiene la tierra,
universal movimiento,
la mejor vida el favor,
la mejor sangre el dinero.

Oigo tañer las campanas,
y no me espanto, aunque puedo,
que en lugar de tantas cruces
haya tantos hombres muertos.

Mirando estoy los sepulcros
cuyos mármoles eternos
están diciendo sin lengua
que no lo fueron sus dueños.

¡Oh, bien haya quien los hizo,
porque solamente en ellos
de los poderosos grandes
se vengaron los pequeños!

Fea pintan a la envidia;
yo confieso que la tengo
de unos hombres que no saben
quién vive pared en medio,

sin libros e sin papeles,
sin tratos, cuentas ni cuentos;
cuando quieren escribir
piden prestado el tintero.

Sin ser pobres, ni ser ricos,
tienen chimenea y huerto;
no los despiertan cuidados,
ni pretensiones, ni pleitos,

ni murmuraron del grande,
ni ofendieron al pequeño;
nunca, como yo, firmaron
parabién, ni pascua dieron.

Cada qual carrega ao outro,
pedindo vão e gemendo.

Dois pólos tem nossa terra,
universal movimento:
a melhor vida o favor,
o melhor sangue o dinheiro.

Escuto planger os sinos,
não me espanto, só me pesa
que em lugar de tantas cruzes
tantos homens mortos veja.

Olhando estou os sepulcros
e seus mármores eternos;
que não o foram seus donos
estão sem língua dizendo.

Oh! bem haja quem os fez,
porque tão-somente dentro
deles, dos mui poderosos
podem vingar-se os pequenos!

Sei que pintam feia a inveja;
eu, porém, tê-la confesso
de alguns homens que não sabem
nem dos que lhes vivem perto.

Sem tratos, contas nem contos,
sem livros e sem cadernos,
quando querem escrever
pedem a alguém o tinteiro.

Sem serem pobres nem ricos,
têm chaminés e canteiros.
Não os despertam cuidados,
não têm pretensões nem pleitos.

Não murmuraram do grande,
nem zombaram do pequeno;
nunca, como eu, páscoas deram
nem firmaram cumprimentos.

Con esta envidia que digo,
y lo que paso en silencio,
a mis soledades voy,
de mis soledades vengo.

LA BARQUILLA

¡Pobre barquilla mía,
entre peñascos rota,
sin velas desvelada,
y entre las olas sola!

¿Adonde vas perdida?
¿Adonde, dí, te engolfas?
Que no hay deseos cuerdos
con esperanzas locas.

Como las altas naves,
te apartas animosa
de la vecina tierra,
y al fiero mar te arrojas.

Igual en las fortunas,
mayor en las congojas,
pequeña en las defensas,
incitas a las ondas.

Advierte que te llevan
a dar entre las rocas
de la soberba envidia,
naufragio de las honras.

Cuando por las riberas
andabas costa a costa,
nunca del mar temiste
las iras procelosas.

Segura navegabas;
que por la tierra propia,
adonde el agua es poca,
nunca el peligro es mucho.

Com esta inveja que digo
e com o que passo em silêncio,
a minhas solidões vou,
de minhas solidões venho.

FMV

A BARQUINHA

Minha pobre barquinha,
entre penhascos rota,
sem velas desvelada,
só, vagando entre as ondas!

Aonde vais perdida?
onde, dize, te engolfas?
que ânsias não há concordes
com esperanças loucas.

Tal qual as altas naves,
apartas-te animosa
do litoral vizinho
e ao fero mar te arrojas.

Sempre igual na fortuna,
na aflição valorosa,
mínima nas defesas,
tu incitas às ondas.

Cuidado, que te levam
a dar em meio às rochas
da mais soberba inveja,
onde naufraga a honra.

Quando pelas ribeiras
ias de costa a costa
nunca do mar temeste
as iras procelosas.

Segura navegavas:
que pela terra própria
nunca o perigo é muito
onde as águas são poucas.

Verdad es que en la patria
no es la virtud dichosa,
ni se estima la perla
hasta dejar la concha.

Dirás que muchas barcas
con el favor en popa,
saliendo desdichadas,
volvieron venturosas.

No mires los ejemplos
de las que van y tornan,
que a muchas ha perdido
la dicha de las otras.

Para los altos mares
no llevas cautelosa,
ni velas de mentiras,
ni remos de lisonjas.

¿Quién te engañó, barquilla?
Vuelve, vuelve la proa;
que presumir de nave
fortunas ocasiona.

¿Qué jarcias te entretejen?
¿Qué ricas banderolas
azote son del viento
y de las aguas sombra?

¿En qué gavia descubres
del árbol alta copa,
la tierra en perspectiva,
del mar incultas orlas?

¿En que celajes fundas
que es bien echar la sonda,
cuando, perdido el rumbo,
erraste la derrota?

Si te sepulta arena,
¿qué sirve fama heroica?

Certo, nunca na pátria
a virtude é ditosa,
nem tem valor a pérola
até deixar a concha.

Dirás que muitas barcas
com o favor em popa,
saindo desditadas,
voltaram venturosas.

Não olhes os exemplos
das que vão e retornam;
que a muitas tem perdido
a ventura das outras.

Para o alto-mar, barquinha,
não levas, cautelosa,
nem velas de mentiras,
nem velas de lisonjas.

Quem te enganou, barquinha?
Oh! volta, volta a proa;
que presumir de nave
desgraças ocasiona.

Que enxárcias te entretecem?
Que ricas bandeirolas
açóites são do vento
e são das águas sombras?

Em que gávea descobres
da árvore a alta copa,
a terra em perspectiva,
do mar incultas orlas?

Em que celagens fundas
que é bom lançar a sonda
quando, perdido o remo,
confundiste a derrota?

Se te sepulta areia,
que vale fama heróica?

que nunca desdichados
sus pensamientos logran.

¿Qué importa que te ciñan
ramas verdes o rojas,
que en selvas de corales
salado césped brota?

Laureles de la orilla
solamente coronan
navíos de alto bordo
que jarcias de oro adornan.

No quieras que yo sea,
por tu soberbia pompa,
factonte de barqueros
que los laureles lloran.

Pasaron ya los tiempos
cuando lamiendo rosas
el céfiro bullía
y suspiraba aromas.

Ya fieros huracanes
tan arrogantes soplan
que, salpicando estrellas,
del sol la frente mojan;

ya los valientes rayos
de la vulcana forja,
en vez de torres altas,
abrasan pobres chozas.

Contenta con tus redes,
a la playa arenosa,
mojado me sacabas;
pero vivo, ¿qué importa?

Cuando de rojo nácar
se afeitaba la aurora,
más peces te llenaban
que ella lloraba aljófar.

que nunca desditados
seus pensamentos logram.

Que importa se te cingem
ramas verdes ou róseas,
se em selvas coralíneas
salgadas ervas brotam?

Lauréis de terra firme
tão-somente coroam
navios de alto bordo,
que enxárcias de ouro adornam.

Não queiras tu que eu seja,
por tua altiva pompa,
factote de barqueiros
por quem loureiros choram.

Passaram já os tempos
quando lambendo rosas
o zéfiro bulia
e suspirava aromas.

Já furacões ferozes
tão arrogantes sopram
que, salpicando estrelas,
do sol a frente molham;

já os valentes raios
da vulcânica forja,
em vez de torres altas,
abrasam pobres choças.

Feliz, com mas redes,
às praias arenosas
molhado me arrastavas;
porém vivo; que importa?

Quando de rubro nácar
se ataviava a aurora,
mais peixes te atestavam
que ela chorava aljôfar.

Al bello sol que adoro,
enjuta ya la ropa,
nos daba una cabaña
la cama de sus hojas.

Esposo me llamaba,
yo la llamaba esposa,
parándose de envidia
la celestial antorcha.

Sin pleito, sin disgusto,
la muerte nos divorcia:
¡ay de la pobre barca
que en lágrimas se ahoga!

Quedad sobre la arena,
inútiles escotas;
que no ha menester velas
quien a su bien no torna.

Si con eternas plantas
las fixas luces doras,
¡oh dueño de mi barca!
y en dulce paz reposas,

merezca que le pidas
al bien que eterno gozas,
que adonde estás, me lleve,
más pura y más hermosa.

Mi honesto amor te obligue
que no es digna victoria
para quejas humanas
ser las deidades sordas.

Mas ¡ay que no me escuchas!
Pero la vida es corta:
viviendo, todo falta;
muriendo, todo sobra.

Ao belo sol que adoro,
já enxutas as roupas,
nos dava uma cabana
uma cama de folhas.

Esposo me chamava,
eu a chamava esposa,
detendo-se de inveja,
no alto, a celeste tocha.

Sem pleito, sem desgosto,
a morte nos isola:
ai da pobre barquinha
que em lágrimas se afoga!

Quedai-vos sobre a areia,
ó inúteis escotas,
que não há mister velas
quem a seu bem não torna.

Se com eternas plantas
as fixas luzes douras,
dono de minha barca!
e em doce paz repousas,

mereça que me peças
ao bem que eterno gozas
que aonde estás me leve,
mais pura e mais formosa.

Meu vero amor te obrigue;
que às deidades vitória
indigna é a humanas queixas
fazerem-se de moucas.

Mas, ai! que não me escutas!
Porém a vida é pouca:
vivendo, tudo falta;
morrendo, tudo sobra.

JJR/FMV/ABH

DIEGO DE SILVA Y MENDOZA, CONDE DE SALINAS (1564-1630)

NI EL CORAZÓN, NI EL ALMA, NI LA VIDA...

Ni el corazón, ni el alma, ni la vida
os entregué, señora, enteramente,
lo que de esto padece y lo que siente
quiso dejar conmigo la partida.

Parte es del fuego a vos restituida
lo tímido, lo hermoso y lo luciente;
lo claro, vivo, puro y más ardiente,
¡no hay partir que del alma lo divida!

Los asombros, congojas y cuidados,
ardientes ansias y encogidos hielos
con que continuamente me persigo,

esto no va con vos, en mí ha quedado;
lágrimas tristes que penetran cielos,
éstas corren tras vos, de mí y conmigo.

UNA, DOS, TRES ESTRELLAS, VEINTE, CIENTO...

Una, dos, tres estrellas, veinte, ciento,
mil, un millón, millares de millares,
¡válgame Dios, que tienen mis pesares
su retrato en el alto firmamento!

Tú, Norte, siempre firme en un asiento,
a mi fe sera bien que te compares;
tú, Bocina, con vueltas circulares,
y todas a un nivel, con mi tormento.

Las estrellas errantes son mis dichas,
las siempre fijas son los males míos,
los luceros los ojos que yo adoro,

las nubes, en su efecto, mis desdichas,
que lloviendo, crecer hacen los ríos,
como yo con las lágrimas que lloro.

DIEGO DE SILVA Y MENDOZA, CONDE DE SAUNAS (1564-1630)

NEM CORAÇÃO, NEM ALMA, NEM A VIDA...

Nem coração, nem alma, nem a vida
vos entreguei, senhora, inteiramente;
o que disto padece e o que sente
em minhas mãos deixar quis a partida.

Parte é do fogo a vós restituída
o tímido, o formoso e o reluzente;
o claro, vivo, puro e mais ardente,
partir não há que da alma isso divida!

Os assombros, angústias e cuidados,
ardentes ânsias, tristes gelos meus,
com que continuamente me persigo,

estes não vão convosco, são meu fado;
lágrimas tristes que penetram céus,
estas correm a vós, de mim e comigo.

JJR

UMA, DUAS ESTRELAS, VINTE, UM CENTO...

Uma, duas estrelas, vinte, um cento,
mil, um milhão, milhares de milhares,
valha-me Deus, que têm os meus pesares
seu retrato no azul do firmamento!

Tu, Norte, sempre firme em teu assento,
a minha fé é bom que te compares;
tu, Buzina, com voltas circulares,
e todas vós, a par com meu tormento.

As estrelas errantes são-me as ditas;
as sempre fixas são fanais doentios;
os luzeiros, os olhos que eu adoro;

as nuvens, no que causam, são desditas
que, chovendo, crescer fazem os rios,
como eu, com tanta lágrima que choro!

JJR

LUISA DE CARVAJAL (1566-1614)

EN EL SINISTRO BRAZO RECOSTADA...

En el siniestro brazo recostada
de su amado pastor, Silva dormía,
y con la diestra mano la tenía
con un estrecho abrazo a sí allegada.

Y de aquel dulce sueño recordada,
le dijo: “El corazón del alma mía
vela, y yo duermo. ¡Ay! Suma alegría,
cuál me tiene tu amor tan traspasada.

“Ninfas del paraíso soberanas,
sabed que estoy enferma y muy herida
de unos abrasadísimos amores.

“Cercadme de odoríferas manzanas,
pues me veis, como fénix, encendida,
y cercadme también de amenas flores.”

JUAN DE ARGUIJO (1507-1628)

MIRA CON CUANTA PRISA SE DESVÍA...

Mira con cuanta prisa se desvía
de nosotros el sol, al mar vecino,
y aprovecha, Fernando, en tu camino
la luz pequeña de este breve día.

Antes que en tenebrosa noche fría
pierdas la senda, y de buscarla el tino,
y aventurado en manos del destino
vagues errando por incierta vía.

Hágante ajenos casos enseñado,
y el miserable fin de tantos pueda
con fuerte ejemplo apercibir tu olvido.

Larga carrera, plazo limitado
tienes, veloz el tiempo corre, y queda
sólo el dolor de haberlo mal perdido.

LUIZA DE CARVAJAL (1566-1614)

LEVE, NO BRAÇO ESQUERDO REPOSTADA...

Leve, no braço esquerdo recostada
do querido pastor, Silva dormia,
e ele com a mão direita a si a trazia
com apertado abraço aconchegada.

E ela, do doce sonho recordada,
lhe diz: “Desta alma o coração vigia
enquanto eu durmo. Céus! suma alegria,
que me tem teu amor tão abrasada.

Ninfas do paraíso que louçãs
me olhais, sabeí que enferma estou, ferida
por uns abrasadíssimos amores.

Cercai-me de odoríferas maçãs,
pois me vedes, qual fênix, incendiada,
e cercai-me também de amenas flores.”

JJR

JUAN DE ARGUIJO (1507-1628)

CONTEMPLA COM QUE PRESSA SE DESVIA...

Contempla com que pressa se desvia
de nós o sol, ao fundo mar vizinho,
e aproveita, Fernando, em teu caminho,
a luz pequena deste breve dia.

Antes que em tenebrosa noite fria
percas a senda, e em louco torvelinho
em mãos de teu destino erres, sozinho,
a vagar por escura e incerta via,

tornem-te alheios casos ensinado,
e possa o miserável fim de tantos
com forte exemplo anunciar-te o
olvido.

Longa corrida, prazo limitado
tens, pois o tempo voa, e desencantos
nos deixa, e a dor de havê-lo mal perdido.

JJR

RODRIGO CARO (1573-1647)

CANCIÓN A LAS RUINAS DE ITÁLICA

Estos, Fabio, ¡ay dolor! que ves ahora
campos de soledad, mustio collado
fueron un tiempo Itálica famosa.
Aquí de Cipión la vencedora
colonia fue: por tierra derribado
yace el temido honor de la espantosa
muralla, y lastimosa
reliquia es solamente.
De su invencible gente
sólo quedan memorias funerales,
donde erraron ya sombras de alto ejemplo.
Este llano fue plaza, allí fue templo:
de todo apenas quedan las señales.
Del gimnasio y las termas regaladas
leves vuelan cenizas desdichadas.
Las torres que desprecio al aire fueron
a su gran pesadumbre se rindieron.

Este despedazado anfiteatro,
impío honor de los dioses, cuya afrenta
publica el amarillo jaramago,
ya reducido a trágico teatro,
¡oh fábula del tiempo! representa
cuánta fue su grandeza, y es su estrago.
¿Cómo en el cerco vago
de su desierta arena
el gran pueblo no suena?
¿Dónde, pues fieras hay, está el desnudo
luchador, dónde está el atleta fuerte?
Todo desapareció: cambió la suerte
voces alegres en silencio mudo:
mas aún el tiempo da en estos despojos
espectáculos fieros a los ojos:
y miran tan confusos lo presente,
que voces de dolor el alma siente.

RODRIGO CARO (1573-1647)

CANÇÃO ÀS RUÍNAS DE ITÁLICA

Estes, Fábio, ai que dor, que vês agora
campos de solidão, murcho vaiado,
foram um tempo Itálica famosa.
Aqui de Cipião a vencedora
colônia foi. Por terra derrubado
jaz o temido brio da espantosa
muralha, e lastimosa
reliquia é tão-somente.
De sua invencível gente
só restam as memórias funerais,
onde erraram já sombras de alto exemplo.
Este plaino foi praça, ali foi templo;
de tudo apenas restam os sinais.
Do ginásio e das termas regaladas
leves voam as cinzas desditadas.
As torres que desprezo aos ares eram
ao grande pesadume se renderam.

Este despedaçado anfiteatro,
ímpia glória dos deuses, cuja afronta
publica o amarelo saramago,
já reduzido a trágico teatro,
ó fábula do tempo, representa
quanto já foi grandeza e hoje é estrago.
Como no cerco vago
desta deserta arena
não grita o povo em cena?
Onde, pois feras há, está o desnudo
lutador? Onde está o atleta forte?
Tudo sumiu: e transformou a sorte
vozes alegres em silêncio mudo;
mas ainda o tempo dá nestes espólios
ferozes espetáculos aos olhos,
e miram tão confusos o presente
que vozes dolorosas a alma sente.

Aquí nació aquel rayo de la guerra,
gran padre de la patria, honor de España,
pío, felice, triunfador Trajano,
ante quien muda se prostró la tierra
que ve del sol la cuna, y la que baña
el mar también vencido gaditano.
Aquí de Elio Adriano,
de Teodosio divino,
de Silio peregrino
rodaron de marfil y oro las cunas.
Aquí ya de laurel, ya de jazmines
coronados los vieron los jardines
que ahora son zarzales y lagunas.
La casa para el César fabricada
¡ay! yace de lagartos vil morada.
Casas, jardines, césares murieron,
y aun las piedras que de ellos se escribieron.

Fabio, si tú no lloras, pon atenta
la vista en luengas calles destruidas,
mira mármoles y arcos destrozados,
mira estatuas soberbias, que violenta
Némesis derribó, yacer tendidas;
y ya en alto silencio sepultados
sus dueños celebrados.
Así a Troya figuro,
así a su antiguo muro.
Y a ti, Roma, a quien queda el nombre apenas,
oh patria de los dioses y los reyes:
y a ti, a quien no valieron justas leyes,
fábrica de Minerva, sabia Atenas.
Emulación ayer de las edades,
hoy cenizas, hoy vastas soledades;
que no os respetó el hado, no la muerte
¡ay! ni por sabia a ti, ni a ti por fuerte.

Mas ¿para qué la mente se derrama
en buscar al dolor nuevo argumento?
Basta ejemplo menor, basta el presente.
Que aún se ve el humo aquí, aún se ve la llama,
aún se oyen llantos hoy, hoy ronco acento.

Aqui nasceu quem foi raio de guerra,
o grande pai da pátria, honra de Espanha,
pio, feliz, triunfador Trajano,
ante quem muda se prostrou a terra
que vê do sol o berço e a que banha
o mar também vencido gaditano.
Aqui de Élio Adriano,
de Teodósio divino,
de Sílio peregrino
rodaram de marfim e de ouro os berços.
Aqui, já de lauréis, já de jasmins
coroados os viram os jardins,
ora em lagoas e sarçais imersos.
A casa para o César fabricada,
agora é de lagartos vil morada.
Casas, jardins e césares morreram,
e até as pedras onde os inscreveram.

Fábio, se tu não choras, põe atenta
a vista em longas ruas destruídas,
olha os mármore e arcos destroçados;
olha estátuas soberbas, que violenta
Nêmesis derrubou, já derruídas;
e num alto silêncio sepultados
os donos celebrados.
Assim Tróia figuro
e seu antigo muro.
E a ti, Roma, a que o nome resta apenas,
a ti, pátria dos deuses e dos reis;
e a ti, que não salvaram justas leis,
fábrica de Minerva, sábia Atenas.
Emulação inda ontem das idades,
hoje só cinzas, vastas soledades;
respeito não vos teve o fado e a morte,
a ti por seres sábia, a ti por forte.

Mas para que a mente se derrama
em procurar à dor novo argumento?
Basta exemplo menor, basta o presente.
Que ainda se vê o fumo aqui, e a chama,
ainda pranto se escuta, e rouco acento.

Tal genio, o religión fuerza la mente
de la vecina gente
que refiere admirada
que en la noche callada
una voz triste se oye que llorando
Cayó Itálica dice; y lastimosa
Eco reclama *Itálica* en la hojosa
selva, que se le opone resonando
Itálica; y el caro nombre oído
de *Itálica* renuevan el gemido
mil sombras nobles en su gran ruina.
¡Tanto, aun la plebe a sentimiento inclina!

Esta corta piedad, que agradecido
huésped a tus sagrados manes debo,
les dó y consagro, *Itálica* famosa.
Tú, (si lloroso don han admitido
las ingratas cenizas de que llevo
dulce noticia asaz si lastimosa)
permíteme piadosa
usura a tierno llanto
que vea el cuerpo santo
de Geroncio, tu mártir y prelado.
Muestra de su sepulcro algunas señas,
y cavaré con lágrimas las peñas
que ocultan su sarcófago sagrado.
Pero mal pido el único consuelo
de todo el bien que airado quitó el cielo.
Goza en las tuyas sus reliquias bellas,
para invidia del mundo y las estrellas.

LUIS MARTÍN DE LA PLAZA (1577-1625)

CUANDO A SU DULCE OLVIDO ME CONVIDA...

Cuando a su dulce olvido me convida
la noche, y en sus faldas me adormece,
entre el sueño la imagen me aparece
de aquella que fue sueño en esta vida.

Tal gênio ou religião persegue a mente
da vizinhança, gente
que refere admirada
que na noite calada
uma voz triste se ouve, suspirando,
dizer *Cain Itálica*; e chorosa
Eco reclama *Itálica* na umbrosa
selva, que a Eco opõe-se ressoando
Itálica: e o claro nome ouvido
de *Itálica* renovam o gemido
sombrias nobres em sua grande ruína.
Tanto, até mesmo a plebe à dor inclina!

Esta curta piedade, agradecido
hóspede, a teus sagrados manes devo,
dou e consagro, *Itálica* famosa.
Tu (se choroso dom têm admitido
estas ingratas cinzas de que levo
assaz doce notícia, e lastimosa)
permite-me piedosa
usura a terno pranto
que veja o corpo santo
de Gerônimo, teu mártir e prelado.
Mostra de seu sepulcro algumas senhas,
e cavarei com lágrimas as penhas
que ocultam seu sarcófago sagrado.
Porém mal peço o só consolo azado
de todo o bem que o céu roubou irado.
Goza nas tuas as relíquias belas,
para inveja do mundo e das estrelas.

LUIS MARTÍN DE LA PLAZA (1577-1625)

QUANDO A SEU DOCE OLVIDO ME CONVIDA...

Quando a seu doce olvido me convida
a noite, e no seu manto me adormece,
em meio ao sonho a imagem me aparece
daquela que foi sonho nesta vida.

Yo, sin temor que su desdén lo impida,
los brazos tiendo al gusto que me ofrece;
mas ella, ¡sombra al fin!, se desvanece,
y abrazo el aire donde está escondida.

Así burlado digo: “¡Ah falso engaño
de aquella ingrata, que aún mi mal procura!
Tente, aguarda, lisonja del tormento!”

Mas ella en tanto, por la noche oscura
huye; corro tras ella. ¡Oh caso extraño!
¿Qué pretendo alcanzar, pues sigo el viento?

FRAY HORTENSIO FÉLIX PARAVICINO (1580-1633)

A UNOS OJOS NEGROS

Hermosos negros ojos,
blanco de un hombre que os ofrece en suma
a sí todo en despojos,
lenguas me quiero hacer con esta pluma,
y sea yo tan dichoso
que ojos se haga vuestro dueño¹ hermoso.

Oh queridas estrellas,
que entre los velos de la noche negra,
con turbadas centellas,
entreteneis la luz que al mundo alegra,
por tomar a porfía
de la noche el color, la luz del día.

Espejos revelados,
que guarneció el amor de ébano puro,
sosegar mis cuidados,
que apenas de las niñas me aseguro,
si el cielo los ha hecho
los ojos de cristal, de roca el pecho.

1. Diz o Dicionário da Real Academia Espanhola, no verbete *dueño*: “(Del lat. dominus.) m. El que tiene dominio o señorío sobre persona o cosa. En la lírica

Eu, sem temer que o seu desdém o impida,
estendo as mãos ao prêmio que oferece;
mas ela — sombra enfim! — se desvanece,
e abraço a brisa em que ela está escondida.

Assim burlado digo: “Ah falso engano
da ingrata que o meu mal ainda procura!
Pára, aguarda, lisonja do tormento!”

Mas ela, entanto, pela noite escura
foge; corro atrás dela. Oh caso estranho!
Que pretendo alcançar, pois sigo o vento? JJR

FRAY HORTENSIO FÉLIX PARAVICINO (1580-1633)

A UNS OLHOS NEGROS

Formosos negros olhos,
alvo de um homem que se oferta em suma
como quem rende espólios,
línguas quero fazer-me desta pluma,
e seja eu tão ditoso
que olhos se faça o vosso dono¹ airoso.

Ó queridas estrelas,
que, tremendo entre os véus da noite negra,
como turbadas velas,
entretendes a luz que o mundo alegre,
por tentar, à porfia,
tomar da noite a cor, a luz do dia.

Espelhos revelados,
que guarneceu o amor de ébano puro,
sossegai meus cuidados,
que apenas das meninas me asseguro,
já que o céu os tem feito,
os olhos, de cristal, de rocha o peito.

amorosa solía llamarse así también a la mujer.” Pensamos que o vocábulo, aqui,
pode significar o rosto.

Mares de vidrio o hielo,
donde ojalá mi alma un siglo bogue,
de negro os cubrió el cielo,
por hacer de lo negro, como azogue,
espaldas a los lejos
y mirarse en vosotros como espejos.

Cargue el indio un tesoro
de diamantes mayores unos que otros,
el chino cargue de oro,
de perlas, esmeraldas, mas vosotros,
como tan peregrinos,
de azabache os cargáis, ojos divinos.

¡Ay ojos!, que sois hojas,
aunque negras, de temple toledano,
que en sangre de almas rojas,
muerto dejáis el cuerpo, extraña mano,
terrible golpe y fuerte,
que con espada negra dais la muerte.

Son vuestros filos tales,
que entre negras cautelas los admiro,
obráis sí, dulces males,
como enemigo al fin hacéis el tiro,
por encubrir la espada
tiráis con vaina y todo la estocada.

Ojos, el que no os ama,
quédese en blanco, pues lo negro deja,
que yo en mi ardiente llama
ni pido libertad, ni tengo queja;
pues por tal hermosura
pido al amor que dé negra ventura.

Mares de vidro ou gelo,
onde oxalá minha alma um séc'lo vogue,
de negro o céu, com zelo,
cobriu-vos, por fazer, do negro, azougue
ao dorso das distâncias,
e em vosso espelho olhar as próprias ânsias.

Leve o índio um tesouro
de diamantes, cada um maior que os outros;
leve o chinês um de ouro,
de esmeraldas, de pérolas: vós outros,
assim tão peregrinos,
azeviche levais, olhos divinos.

Olhos! tendes o fio
negro, porém de têmpera a mais pura,
que em sangue de almas, frio,
morto deixais o corpo, estranha e dura
mão, rudo golpe e forte,
que com espada negra dais a morte.

São vossos gumes tais
que entre negras cautelas os admiro;
doces males obrais;
como inimigo ao fim dais vosso tiro;
por encobrir a espada
levais bainha e tudo na estocada.

Olhos, quem vos não ama,
em branco reste, já que o negro deixa;
que eu, nesta ardente chama,
nem liberdade peço, nem dou queixa;
mas por tal formosura
peço a amor que me dê negra ventura.

JJR/ABH

FRANCISCO DE QUEVEDO (1580-1645)

PASIONES DE AUSENTE ENAMORADO

Este amor, que yo alimento
de mi propio corazón,
no nace de inclinación,
sino de conocimiento.

Que amor de cosa tan bella,
y gracia que es infinita,
si es elección, me acredita,
si no, acredita mi estrella.

Y ¿qué deidad me pudiera
inclinár a que te amara,
que ese poder no tomara
para sí, se le tuviera?

Corrido, señora, escribo
en el estado presente,
de que, estando de ti ausente,
aun parezca que estoy vivo.

Pues ya en mi pena y pasión,
dulce Tírsis, tengo hechas
de las plumas de tus flechas
las alas del corazón.

Y sin poder consolarme,
ausente, y amando firme,
más hago yo en no morirme
que hará el dolor en matarme.

Tanto he llegado a quererte,
que siento igual pena en mí,
del ver, no viéndote a tí,
que adorándote, no verte.

Si bien recelo, señora,
que a este amor serás infiel,

FRANCISCO DE QUEVEDO (1580-1645)

PAIXÕES DE AUSENTE ENAMORADO

Este amor, que eu alimento
de meu próprio coração,
não nasce de inclinação,
senão de conhecimento.

Que amor de coisa tão bela
e graça que é infinita,
se é eleição, me acredita,
e se não, à minha estrela.

E que deidade pudera
inclinarmos a que te amara,
que esse poder não tomara
para si, caso o tivera?

Senhora, escrevo apreensivo
de que, no estado presente,
estando de ti ausente,
ainda pareça estar vivo.

Tírsis, em pena e paixão,
formadas tenho e repletas
das plumas das tuas setas
as asas do coração.

E sem poder consolar-me,
ausente, e amando, hás de crer-me,
mais faço eu em não morrer-me
que a dor fará em matar-me.

Tanto chego a te querer
que sinto igual pena em mi:
de ver, não te vendo a ti;
de adorar-te e não te ver.

Receio entanto, senhora,
que a este amor serás infiel,

pues ser hermosa y cruel
te pronostica traidora.

Pero traiciones dichosas
serán, Tirsís, para mí,
por ver dos caras en ti,
que han de ser por fuerza hermosas.

Y advierte que en mi pasión
se puede tener por cierto
que es decir ausente y muerto,
dos veces una razón.

AMOR CONSTANTE MÁS ALLÁ DE LA MUERTE

Cerrar podrá mis ojos la postrera
sombra que me llevare el blanco día,
y podrá desatar esta alma mía
ora a su afán ansioso lisonjera;

mas no, de esotra parte, en la ribera,
dejará la memoria en donde ardía:
nadar sabe mi llama la agua fría,
y perder el respeto a ley severa.

Alma a quien todo un Dios prisión ha sido,
venas, que humor a tanto fuego han dado,
medulas, que han gloriosamente ardido:

su cuerpo dejará, no su cuidado;
serán ceniza, mas tendrá sentido;
polvo serán, mas polvo enamorado.

NO ME AFLIGE MORIR, NO HE REHUSADO...

No me aflige morir, no he rehusado
acabar de vivir, ni he pretendido
alargar esta muerte, que ha nacido
a un tiempo con la vida y el cuidado.

pois seres bela e cruel
te prognostica traidora.

Traições, porém, ditosas
serão, Tírsis, para mi,
que duas caras em ti
verei, por força formosas.

E vê que em minha paixão
se advertirá, certamente,
que dizer defunto e ausente
é duas vezes razão.

ABH

AMOR CONSTANTE PARA ALÉM DA MORTE

Pode fechar meus olhos a postreira
sombra, que me levar o branco dia,
e soltar da minha alma esta sombria
hora, a afã ansioso lisonjeira;

mas não, da outra parte, na ribeira
deixará as memórias em que ardia;
nadar sabe meu lume em água fria,
e perder o respeito à lei severa.

Alma a quem todo um deus prisão tem sido,
veias que humor a tanto fogo hão dado,
medulas que hão em tanta glória ardido,

seu corpo deixará, não seu cuidado;
serão cinzas, porém terão sentido;
pó hão de ser, mas pó enamorado.

FMV

NÃO ME AFLIGE MORRER, NÃO ME HEI NEGADO...

Não me aflige morrer, não me hei negado
a completar a vida, ou pretendido
delongar esta morte, que há nascido
a um tempo com a vida e com o cuidado.

Siento haber de dejar deshabitado
cuerpo que amante espíritu ha ceñado,
desierto un corazón siempre encendido
donde todo el amor reinó hospedado.

Señas me da mi ardor de fuego eterno,
y de tan larga congojosa historia
sólo será escritor mi llanto tierno.

Lisi, estáme diciendo la memoria,
que, pues tu gloria la padezco infierno,
que llame al padecer tormentos, gloria.

AMOR ME OCUPA EL SESO Y LOS SENTIDOS...

Amor me ocupa el seso y los sentidos;
absorto estoy en éxtasi amoroso;
no me concedes tregua ni reposo
esta guerra civil de los nacidos.

Explayóse el raudal de mis gemidos
por el grande distrito y doloroso
del corazón, en su penar dichoso,
y mis memorias anegó en olvidos.

Todo soy ruinas, todo soy destrozos,
escándalo funesto a los amantes,
que fabrican de lástimas sus gozos.

Los que han de ser, y los que fueron antes,
estudien su salud en mis sollozos,
y envidien mi dolor, si son constantes.

ES HIELO ABRASADOR, ES FUEGO HELADO...

Es hielo abrasador, es fuego helado,
es herida que duele y no se siente,
es un soñado bien, un mal presente,
es un breve descanso muy cansado;

Sinto haver de deixar desabitado
corpo que amante espírito há cingido;
deserto um coração sempre incendiado,
onde reinou o amor todo hospedado.

Sinais me dá o ardor de fogo eterno,
e de tão longa e angustiosa história
será escriba só meu choro terno.

Ó Lisi, está dizendo-me a memória
que, pois a glória tua sofro inferno,
eu chame ao padecer tormentos, glória.

FMV

AMOR ME OCUPA A MENTE E OS MEUS SENTIDOS...

Amor me ocupa a mente e os meus sentidos:
absorto estou em êxtase amoroso,
não me concede trégua nem repouso
esta guerra civil entre os nascidos.

Espraiou-se o caudal de meus gemidos
pelo grande distrito, e doloroso,
do coração, em seu penar ditoso,
e afogou-me as memórias em olvidos.

Todo ruínas sou, todo destroços,
escândalos funestos aos amantes,
que fabricam de lástimas seus gozos.

Os que hão de ser e os que se foram antes
estudem a saúde em meus sobrossos
e invejem minha dor, se são constantes.

FMV

É GELO ABRASADOR, FOGO GELADO...

É gelo abrasador, fogo gelado,
é ferida que dói e não se sente,
é um sonhado bem, um mal presente,
é um breve descanso mui cansado.

es un descuido que nos da cuidado,
un cobarde, con nombre de valiente,
un andar solitario entre la gente,
un amar solamente ser amado;

es una libertad encarcelada,
que dura hasta el postrero parasismo;
enfermedad que crece si curada.

Este es el niño amor, este es su abismo.
¡Mirad cuál amistad tendrá con nada
el que en todo es contrario de sí mismo!

¡AH DE LA VIDA! ¿NADIE ME RESPONDE...

¡Ah de la vida! ¿Nadie me responde?
Aquí de los antaños que he vivido:
la fortuna mis tiempos ha mordido,
las horas mi locura las esconde.

¡Que sin poder saber cómo ni adonde
la salud y la edad ha hayan huido!
Falta la vida, asiste lo vivido,
y no hay calamidad que no me ronde.

Ayer se fue, mañana no ha llegado;
hoy se está yendo sin parar un punto;
soy un fue y un será y un es cansado.

En el Hoy y Mañana y Ayer junto
pañales y mortaja, y he quedado
presentes sucesiones de difunto.

FUE SUEÑO AYER, MAÑANA SERÁ TIERRA...

Fue sueño ayer, mañana será tierra:
poco antes nada, y poco después humo,
¡y destino ambiciones, y presumo,
apenas punto al cerco que me cierra!

É um descuido que nos dá cuidado,
um covarde com nome de valente,
um solitário andar por entre a gente,
um amar que é somente ser amado.

É uma liberdade encarcerada,
que dura até o extremo paroxismo,
é doença que cresce se é curada.

Este é o menino Amor, é seu abismo.
Amizade não pode ter por nada,
pois em tudo é contrário de si mesmo.

FMV

CHAMO: “Ó DA VIDA!” EM VÃO. NINGUÉM RESPONDE...

Chamo: “Ó da vida!” Em vão. Ninguém responde.
Aonde meus antanhos que hei vivido:
a Fortuna meus tempos tem mordido,
as horas a loucura mas esconde.

Que sem poder saber como nem onde
minha saúde e a idade haja fugido!
Falta-me a vida, assiste-me o vivido,
não há calamidade que não ronde.

O Ontem foi-se, o Amanhã não é chegado;
Hoje está-se indo, sem detê-lo um assunto;
sou um foi e um será e um é cansado.

E no Hoje e no Amanhã e no Ontem junto
as fraldas e a mortalha, e estou parado
em sucessões presentes de defunto.

FMV

ONTEM SONHO; AMANHÃ APENAS TERRA...

Ontem sonho; amanhã apenas terra;
pouco antes, nada; e, pouco depois, fumo.
E eu destino ambições e me presumo
apenas ponto ao cerco que me encerra!

Breve combate de importuna guerra,
en mi defensa soy peligro sumo:
y mientras con mis armas me consumo,
menos me hospeda el cuerpo que me entierra.

Ya no es ayer, mañana no ha llegado,
hoy pasa, y es, y fue, con movimiento,
que a la muerte me lleva despeñado.

Azadas son la hora, y el momento,
que a jornal de mi pena, y mi cuidado,
cavan en mi vivir mi monumento.

EXHORTA A LOS QUE AMAREN, QUE NO SIGAN LOS PASOS POR DONDE HA HECHO SU VIAJE

Cargado voy de mí: veo delante
muerte que me amenaza la jornada;
ir porfiando por la senda errada
más de necio será que de constante.

Si por su mal me sigue ciego amante
(que nunca es sola suerte desdichada),
¡ay!, vuelva en sí y atrás: no dé pisada
donde la dio tan ciego caminante.

Ved cuán errado mi camino ha sido;
cuán solo y triste, y cuán desordenado,
que nunca así le anduvo pie perdido;

pues, por no desandar lo caminado,
viendo delante y cerca fin temido,
con pasos que otros huyen le he buscado.

VEN YA, MIEDO DE FUERTES Y DE SABIOS...

Ven ya, miedo de fuertes y de sabios:
irá la alma indignada con gemido
debajo de las sombras, y el olvido
beberán por demás mis secos labios.

Breve combate de importuna guerra,
em defender-me sou perigo sumo.
E enquanto em minhas armas me consumo,
menos me hospeda o corpo que me enterra.

Ontem não é, amanhã não é chegado,
hoje passa e é, e foi-se, movimento
que à morte assim me leva despenhado.

Enxadas são a hora e este momento
que a jornal desta pena e seu cuidado
cavam em meu viver meu monumento.

FMV

EXORTA OS QUE AMAREM A NÃO SEGUIREM OS PASSOS POR ONDE TEM FEITO SUA VIAGEM

Carregado de mim, já vejo adiante
a morte, ameaçando-me a jornada;
ir porfiando pela senda errada
mais de néscio será que de constante.

Se por seu mal me segue cego amante
(que nunca é só a sorte desditada),
ai! volte a si e atrás; não dê pisada
por onde a deu tão cego caminhante.

Vede o torto caminho percorrido;
quão só e triste e quão desordenado,
que nunca assim andou um pé perdido;

pois, por não desandar o caminhado,
vendo adiante e bem perto o fim temido,

DEM VEM JÁ, MEDO DE FORTES E DE SÁBIOS...

Vem já, medo de fortes e de sábios!
Irá a alma indignada, com gemido,
sob o peso das sombras; logo o olvido
beberão por demais meus secos lábios.

Por tal manera Curios, Decios, Fabios
fueron; por tal ha de ir cuanto ha nacido;
si quieres ser a alguno bien venido,
trae con mi vida fin a mis agravios.

Esta lágrima ardiente con que miro
el negro cerco que rodea a mis ojos,
naturaleza es, no sentimiento.

Con el aire primero este suspiro
empecé, y hoy le acaban mis enojos,
porque me deba todo al monumento.

¡QUÉ PEREZOSOS PIES, QUÉ ENTRETENIDOS...

¡Qué perezosos pies, qué entretenidos
pasos lleva la muerte por mis daños!
El camino me alargan los engaños
y en mí se escandalizan los perdidos.

Mis ojos no se dan por entendidos
y, por descaminar mis desengaños,
me disimulan la verdad los años
y les guardan el sueño a los sentidos.

Del vientre a la prisión vine en naciendo;
de la prisión iré al sepulcro amando
y siempre en el sepulcro estaré ardiendo.

Cuantos plazos la muerte me va dando
prolijidades son que van creciendo
porque no acabe de morir penando.

MIRÉ LOS MUROS DE LA PATRIA MÍA...

Miré los muros de la patria mía,
si un tempo fuertes, ya desmoronados,
de la carrera de la edad cansados,
por quien caduca ya su valentía.

Desta maneira Cúrios, Décios, Fábios
forma; e assim há de ir quanto é nascido;
se queres ser de alguém bem recebido,
finda com minha vida os meus ressábios.

Esta lágrima ardente com que miro
o negro cerco em torno das pupilas,
só natureza é, não sentimento.

Com o primeiro alento este suspiro
comecei, e hoje o encerram as quízilas,
por que me deva todo ao monumento. FMV

QUE PREGUIÇOSOS PÉS, TÃO ENTRETIDOS...

Que preguiçosos pés, tão entretidos
passos, que dá a morte por meus danos!
O meu caminho alargam-no os enganos
e em mim escandalizam-se os perdidos.

Meus olhos não se dão por entendidos
e, desencaminhando os desenganos,
me dissimulam a verdade os anos
e guardam para o sono meus sentidos.

Da placenta à prisão vim em nascendo,
da prisão ao sepulcro irei amando,
e estarei no sepulcro sempre ardendo.

Quantos prazos a morte vai-me dando
proximidades são que vão crescendo
por que não cesse de morrer penando.

FMV

OS MUROS VI DA MINHA PÁTRIA DURA...

Os muros vi da minha pátria dura,
se um tempo fortes, hoje derrubados,
da passagem da idade fatigados,
agora já caducos de bravura.

Salíme al campo, vi que el sol bebía
los arroyos del yelo desatados
y del monte quejosos los ganados
que con sombras hurtó su luz al día.

Entré en mi casa; vi que, amancillada,
de anciana habitación era despojos;
mi báculo, más corvo y menos fuerte.

Vencida de la edad sentí la espada
y no hallé cosa en que poner los ojos
que no fuese recuerdo de la muerte.

BUSCAS EM ROMA A ROMA, ¡OH, PEREGRINO!...

Buscas em Roma a Roma, ¡oh, peregrino!
Y en Roma misma a Roma no la hallas;
cadáver son las que ostentó murallas
y tumba de sí propio el Aventino.

Yace donde reinaba el Palatino;
y limadas del tiempo las medallas,
más se muestran destrozado a las batallas
de las edades que blasón latino.

Sólo el Tíbre quedó, cuya corriente,
si ciudad la regó, ya sepultura
la llora con funesto son doliente.

¡Oh Roma, en tu grandeza, en tu hermosura,
huyó lo que era firme, y solamente
lo fugitivo permanece y dura!

A UN HOMBRE DE GRAN NARIZ

Érase un hombre a una nariz pegado,
érase una nariz superlativa,
érase una nariz sayón y escriba,
érase un peje espada muy barbado;

Saí ao campo e vi que o sol bebia
os arroios do gelo desatados,
queixosos de seu monte ouvi os gados
que com sombras furtou a luz do dia.

Entrei na minha casa e a vi manchada,
de antiga habitação meros despojos;
meu báculo mais curvo e menos forte.

Vencida pela idade senti a espada.
E em tudo com meus olhos só vi nojos
e em tudo lembranças só da morte.

FMV

BUSCAS EM ROMA A ROMA, Ó PEREGRINO!...

Buscas em Roma a Roma, ó peregrino!
e em Roma dessa Roma só vês falhas:
cadáver são as que ostentou muralhas,
e de si próprio túmulo o Aventino.

Jaz hoje onde reinava o Palatino;
e, do tempo limadas, as medalhas
mais se mostram destroços das batalhas
das idades do que brasão latino.

Só o Tibre restou, cuja corrente,
se cidade a regou, já sepultura
a chora com funesto som dolente.

Roma, em tua grandeza e formosura
fugiu o que era firme; e tão-somente
o fugitivo permanece e dura.

FMV

A UM NARIZ

Ele era um homem a um nariz colado,
nasalidade bem superlativa,
igual a uma alquitara meio viva,
tal qual um peixe-espada mal barbado;

era un reloj de sol mal encarado,
érase una alquitara pensativa,
érase un elefante boca arriba,
era Ovidio Nasón más narizado.

Érase un espolón de una galera,
érase una pirámide de Egipto,
las doce tribus de narices era;

érase un naricísimo infinito,
frisón archinariz, caratulera,
sabañón garrafal, morado y frito.¹

[Érase un naricísimo infinito,
muchísimo nariz, nariz tan fiera,
que en la cara de Anás fuera delito.]²

A UN HOMBRE CASADO Y POBRE

Ésta es la información, éste el proceso
del hombre que ha de ser canonizado,
en quien, si advierte el mundo algún pecado,
admiró penitencia con exceso.

Diez años en su suegra estuvo preso,
a doncella, y sin sueldo, condenado;
padeció so el poder de su cuñado;
tuvo un hijo no más, tonto y travieso.

Nunca rico se vio con oro o cobre;
siempre vivió contento, aunque desnudo;
no hay descomodidad que no le sobre.

Vivió entre un herrador y un tartamudo;
fue mártir, porque fue casado y pobre;
hizo un milagro, y fue no ser cornudo.

1. Versão de Blecua, em sua edição de *Poemas Escogidos* (Castalia, Madri, 1989, p. 188).

2. Assim é o 2.º terceto em F. C. Saina de Robles, *Historia y Antología de la Poesía Española*

um relógio de sol mal encarado,
elefante de tromba para arriba,
era nariz saião, nariz de escriba,
um Ovídio Nasão mal narigado.

Nariz como o esporão de uma galera,
e toda uma pirâmide do Egito,
e as doze tribos de narizes era;

ele era um narizíssimo infinito,
frisão arquinariz, careta fera,
inchaço garrafal, purpúreo e frito.¹

[Era ele um narizíssimo infinito,
muitíssimo nariz, nariz tão fera
que na cara de Anás fora delito.]²

FMV

A UM HOMEM CASADO E POBRE

É esta a informação, este o processo
de um homem que há de ser canonizado,
em quem, se adverte o mundo algum pecado,
admirou penitência com excesso.

Dez anos preso à sogra esteve, opresso,
a donzela, e sem soldo, condenado;
sofreu sob o poder de seu cunhado,
teve um filho, não mais, tonto e travesso.

Nunca rico se viu de ouro ou de cobre;
sempre contente foi, mesmo desnudo;
incômodo não há que não lhe sobre.

Viveu entre um ferreiro e um tartamudo;
foi mártir, porque foi casado e pobre;
fez um milagre, e foi não ser cornudo.

FMV

(Aguilar, Madri, 1955, p. 784). Além disso, há, nessa edição, ponto ao fim do 1.º quarteto e do 1.º terceto, e ponto-e-vírgula em “Egito”.

YO TE UNTARÉ MIS OBRAS CON TOCINO...

Yo te untaré mis obras con tocino,
porque no me las muerdas, Gongorilla,
perro de los ingenios de Castilla,
docto en pullas, cual mozo de camino.

Apenas hombre, sacerdote indino,
que aprendiste sin christus na cartilla;
chocarrero de Córdoba y Sevilla,
y en la Corte, bufón a lo divino.

¿Por qué censuras tú la lengua griega
siendo sólo rabí de la judía,
cosa que tu nariz aun no lo niega?

No escribas versos más, por vida mía;
aunque aquesto de escribas se te pega,
por tener de sayón la rebeldía.

BURLA DE LOS ERUDITOS DE EMBELECO QUE ENAMORAN A FEAS CULTAS

Muy discretas y muy feas,
mala cara y buen lenguaje,
pidan catreda y no coche,
tengan oyente y no amante.

No las den sino atención,
por más que pidan y garlen,
y las joyas y el dinero
para las tontas se guarde.

Al que sabia y fea busca,
el Señor se la depare:
a malos conceptos muera,
malos equívocos pase.

Aunque a su lado la tenga,
y aunque más favor alcance,
un catredático goza,
y a Pitágoras en carnes.

UNTAREI MINHAS OBRAS COM TOUCINHO...

Untarei minhas obras com toucinho
para que não as mordas, Gongorilha,
cachorro dos engenhos de Castilha,
douto em pulhas, qual moço de caminho.

Apenas homem, sacerdote indino,
que aprendeste sem christus a cartilha;
chocarreiro de Córdoba e Sevilha,
e na Corte bufão quase divino.

Por que censuras tu a língua grega
sendo um mero rabino da judia,
coisa que teu nariz não nos sonega?

Não faças versos mais: são erronia;
se bem que isto de escribas em ti pega,
por teres de saião a rebeldia.

FMV

BURLA DOS ERUDITOS DE EMBELECO QUE NAMORAM AS FEIAS CULTAS

Muito discretas e feias,
cara mim, boa linguagem,
peçam cátedra e não coche,
tenham ouvinte e não amante.

Não lhes dêem mais que atenção,
por mais que peçam e palrem,
e que as jóias e o dinheiro
só para as tolas se guardem.

Ao que sábia e feia busca,
deixai que com Deus depare;
de seus maus conceitos morra,
e maus equívocos passe.

Mesmo que a seu lado a tenha,
e inda mais favor alcance,
um catedrático goza,
e a Pitágoras em carnes.

Muy docta lujuria tiene,
muy sabios pecados hace:
gran cosa será de ver
cuando a Platón requebrare.

En vez de una cara hermosa,
una noche y una tarde,
¿qué gusto darán a un hombre
dos cláusulas elegantes?

¿Qué gracia puede tener
mujer con fondos en fraile,
que de sermones y chismes
sus razonamientos hace?

Quien deja lindas por necias
y busca feas que hablen,
por sabias coma las zorras,
por simples deje las aves.

Filósofos amarillos
con barbas de colegiales,
o duende dama pretenda,
que se escuche y no se halle.

Échese luego a dormir
entre Bártulos y abades,
y amanecerá abrazado
de Zenón y de Cleantes.

Que yo, para me traer,
en tanto que argumentaren
los cultos con sus arpías,
algo buscaré que palpe.

MADRE, YO AL ORO ME HUMILLO...

*Poderoso caballero
es don Dinero.*

Madre, yo al oro me humillo;
él es mi amante y mi amado,

Mais douda luxúria tem,
a sábios pecados dá-se:
grã coisa será de ver
quando em Platão requebrar-se.

Em vez de cara formosa,
por uma noite e uma tarde,
que gosto darão a um homem
duas frases elegantes?

Que graça poderá ter
mulher metida com frades,
que de sermões e de intrigas
seus arazoados fazem?

Quem deixa lindas por néscias
e busca feias que falem,
por sábias coma as raposas,
por simples nos deixe as aves.

Filósofos amarelos
com barbas colegiais,
ou duende dama pretenda,
que se escute mas não se ache.

Ponha-se logo a dormir
entre Bártolos e abades,
e abraçado acordará
com Zenão e com Cleantes.

Pois eu para me entreter,
enquanto entreargumentarem
os cultos com as harpias,
buscarei algo que apalpe.

FMV

MÃE, O OURO É MEU GRANDE ANELO...

*Poderoso cavalheiro
é Dom Dinheiro.*

Mãe, o ouro é meu grande anelo:
é meu amante e é o amado,

pues, del puro enamorado,
de continuo anda amarillo;
que pues, doblón o sencillo,
hace todo cuanto quiero,
poderoso caballero
es don Dinero.

Nace en las Indias honrado,
donde el mundo le acompaña;
viene a morir en España,
y es en Génova enterrado.
Y pues quien le trae al lado
es hermoso, aunque sea fiero,
poderoso caballero
es don Dinero.

Es galán y es como un oro,
tiene quebrado el color,
persona de gran valor,
tan cristiano como moro.
Pues que da y quita el decoro
y quebranta cualquier fuero,
poderoso caballero
es don Dinero.

Son sus padres principales,
y es de nobles descendiente,
porque en las venas de Oriente
todas las sangres son reales;
y pues es quien hace iguales
al duque y al ganadero,
poderoso caballero
es don Dinero.

Mas ¿a quién no maravilla
ver en su gloria sin tasa
que es lo menos de su casa
doña Blanca de Castilla?
Pero, pues da al bajo silla

pois, de puro enamorado,
sempre anda muito amarelo;
e, pois, dobrão ou singelo,
cumpre tudo o que requeiro,
poderoso cavalleiro
é Dom Dinheiro.

Nasce nas índias honrado,
e o mundo todo o acompanha;
vem a morrer em Espanha
e é em Gênova enterrado.
E, pois quem o tem ao lado,
embora fero, é faceiro,
poderoso cavalleiro
é Dom Dinheiro.

É galã e é como de ouro,
tem debilitada a cor,
pessoa de grã valor,
tanto cristão como mouro;
pois dá e tira o decoro
e quebranta o foro inteiro,
poderoso cavalleiro
é Dom Dinheiro.

São os seus pais principais
e é de nobres descendente,
porque em veias do Oriente
quaisquer sangues são reais;
e pois é quem faz iguais
a um duque e a um ovelheiro,
poderoso cavalleiro
é Dom Dinheiro.

Mas a quem não engambela
ver em sua glória sem vasa
que é o menos de sua casa
Dona Branca de Castela?¹
Pois ao baixo põe na sela

1. Alude à moeda chamada “branca”, de tão escasso valor. (Nota de José Manuel Blecua na edição dos *Poemas Escogidos*, Castalia, Madri, 1989.)

y al cobarde hace guerrero,
poderoso caballero
es don Dinero.

Sus escudos de armas nobles
son siempre tan principales,
que sin sus escudos reales
no hay escudos de armas dobles;
y pues a los mismos robles
da codicia su minero,
poderoso caballero
es don Dinero.

Por importar en los tratos
y dar tan buenos consejos,
en las casas de los viejos
gatos le guardan de gatos.
Y pues él rompe recatos
y ablanda al juez más severo,
poderoso caballero
es don Dinero.

Y es tanta su majestad
(aunque son sus duelos hartos),
que con haberle hecho cuartos,
no pierde su autoridad;
pero, pues da calidad
al noble y al pordiosero,
poderoso caballero
es don Dinero.

Nunca vi damas ingratas
a su gusto y afición;
que a las caras de un doblón
hacen sus caras baratas;
y pues las hace bravatas
desde una bolsa de cuero,
poderoso caballero
es don Dinero.

e ao covarde faz guerreiro,
poderoso cavaleiro
é Dom Dinheiro.

Seus escudos de armas nobres
são sempre tão principais,
que sem seus escudos reais
não há escudos de armas dobres;
e pois até mesmo aos robres
dá cobiça seu mineiro,
poderoso cavaleiro
é Dom Dinheiro.

Por importante nos tratos
e de excelentes conselhos,
em residências de velhos
gatos o guardam de gatos.²
E pois afasta recatos
e abate o juiz sobranceiro,
poderoso cavaleiro
é Dom Dinheiro.

E tem tanta majestade
(mesmo com os cuidados fartos)
que, ainda reduzido a quartos,
nunca perde a autoridade;
e pois que dá qualidade
ao fidalgo e ao esmoleiro,
poderoso cavaleiro
é Dom Dinheiro.

Nunca vi damas ingratas
a seu prazer e afeição;
pois que às caras de um dobrão
ficam as caras baratas;
e pois ostenta bravatas
com um bolso lisonjeiro,
poderoso cavaleiro
é Dom Dinheiro.

2. *Gatos*, bolsas para guardar o dinheiro, e *gatos*, ladrões. (*Id.*, *ibid.*)

Más valen en cualquier tierra
(¡mirad si es harto sagaz!)
sus escudos en la paz
que rodela en la guerra.
Y pues al pobre le entierra
y hace propio al forastero,
poderoso caballero
es don Dinero.

EL ESCARMIENTO

¡Oh tú, que, inadvertido, peregrinas
de osado monte cumbres desdeñosas,
que igualmente vecinas
tienen a las estrellas sospechosas,
o ya confuso vayas
buscando el cielo, que robustas hayas
te esconden en las hojas,
o la alma aprisionada de congojas
alivies y consueles,
o con el vario pensamiento vueles,
delante desta peña tosca y dura,
que, de naturaleza aborrecida,
invidia de aquel prado la hermosura,
detén el paso y tu camino olvida,
y el duro intento que te arrastra deja,
mientras vivo escarmiento te aconseja!

En la que oscura ves, cueva espantosa,
sepulcro de los tiempos que han pasado,
mi espíritu reposa,
dentro en mi propio cuerpo sepultado,
pues mis bienes perdidos
sólo han dejado en mí fuego y gemidos,
Vitorias de aquel ceño,
que, con la muerte, me libró del sueño
de bienes de la tierra,
y gozo blanda paz tras dura guerra,
hurtado para siempre a la grandeza,
al envidioso polvo cortesano,
al inicuo poder de la riqueza,

Mais valem em qualquer terra
(vede bem como é sagaz!)
os seus escudos na paz
que rodela numa guerra.
E pois o pobre ele enterra
e faz nosso o forasteiro,
poderoso cavaleiro
é Dom Dinheiro.

FMV

O ESCARMENTO

Ó tu, que, inadvertido, peregrinas
de ousado monte cimas desdenhosas,
que igualmente supinas
têm por perto as estrelas suspeitosas,
ou confuso te esvaias
o céu buscando, que robustas faías
te escondem na folhagem,
ou uma alma das angústias na voragem
consoles e abenções,
ou com o vário pensamento voes,
ante esta penedia tosca e dura,
que, pela natureza aborrecida,
daquele prado inveja a formosura,
detém o passo e teu caminho olvida,
e o duro intento que te arrasta deixa,
e o escarmento aconselhe tua queixa.

Nessa escura que vês, cova espantosa,
sepulcro das idades que não passado,
meu 's'pírito repousa
dentro em meu próprio corpo sepultado,
pois os meus bens perdidos
só deixaram em mim fogo e gemidos,
vitórias desse cenho
que, com a morte, me livrou do empenho
nos bens cá desta terra,
e gozo branda paz trás dura guerra,
furtado para sempre da grandeza,
da invejosa poeira cortesã,
do poderio iníquo da riqueza,

al lisonjero adulator tirano.
¡Dichoso yo, que fuera de este abismo,
vivo, me soy sepulcro de mí mismo!

Estas mojadas, nunca enjutas, ropas,
estas no escarmentadas y deshechas
velas, proas y popas,
estos hierros molestos, estas flechas,
estos lazos y redes
que me visten de miedo las paredes,
lamentables despojos,
desprecio del naufragio de mis ojos,
recuerdos despreciados,
son, para más dolor, bienes pasados.
Fue tiempo que me vio quien hoy me llora
burlar de la verdad y de escarmiento,
y ya, quiérello Dios, llegó la hora
que debo mi discurso a mi tormento.
Ved como y cuán en breve el gusto acaba,
pues suspira por mí quien me envidiaba.

Aun a la muerte vine por rodeos;
que se hace de rogar, o da sus veces
a mis propios deseos;
mas ya que son mis desengaños jueces,
aquí, sólo conmigo,
la angosta senda de los sabios sigo,
donde gloriosamente
desprecio la ambición de lo presente.
No lloro lo pasado,
ni lo que ha de venir me da cuidado;
y mi loca esperanza, siempre verde,
que sobre el pensamiento voló ufana,
de puro vieja aquí su color pierde,
y blanca puede estar de puro cana.
Aquí, del primer hombre despojado,
descanso ya de andar de mí cargado.

Estos que han de beber, fresnos hojosos,
la roja sangre de la dura guerra;
estos olmos hermosos,

e do tirano e sua lisonja vã.
Ditoso sou, que fora deste sesmo,
vivo, sou-me sepulcro de mim mesmo!

Estas molhadas, nunca enxutas roupas,
as não escarmentadas e desfeitas
velas, proas e popas,
estes ferros molestos, setas, treitas,
estes laços e redes
que de medo me vestem as paredes,
lamentáveis espólios,
desprezo do naufrágio de meus olhos,
registros desprezados,
para ainda maior dor, são bens passados.
Foi tempo que me viu quem me hoje chora
burlar-me da verdade e de escarmento;
e, queira-o Deus, enfim chegou a hora
que devo meu discurso a meu tormento.
Podeis ver como o tempo o gosto grava,
pois suspira por mim quem me invejava.

Ainda à morte chego por rodeios;
que se faz de rogada ou dá-se às vezes
a meus próprios anseios;
mas já que são meus desenganos juizes,
aqui, a sós comigo,
a senda estreita dos mais sábios sigo,
onde gloriosamente
as ambições desprezo do presente.
Não lamento o passado,
nem quanto está por vir me dá cuidado;
minha louca esperança, sempre verde,
que sobre o pensamento voou ufana,
de tão antiga aqui sua cor perde,
e fica branca, e já de cãs se empana.
Descanso, do homem velho despojado,
de marchar de mim mesmo carregado.

Estes que hão de beber, freixos folhosos,
o rubro sangue de uma dura guerra;
estes olmos formosos,

a quien esposa vid abraza y cierra,
de la sed de los días,
guardan con sombras las corrientes frías;
y en esta dura sierra,
los agradecimientos de la tierra,
con mi labor cansada,
me entretienen la vida fatigada.
Orfeo del aire el ruiñeñor parece,
y ramillete músico el jilguero;
consuelo aquél en su dolor me ofrece;
éste, a mi mal, se muestra lisonjero;
duermo, por cama, en este suelo duro,
si menos blando sueño, más seguro.

No solicito el mar con remo y vela,
ni temo al Turco la ambición armada;
no en larga centinela
al sueño inobediente, con pagada
sangre y salud vendida,
soy, por un pobre sueldo, mi homicida;
ni a Fortuna me entrego,
con la codicia y la esperanza ciego,
por cavar, diligente,
los peligros preciosos del Oriente;
no de mi gula amenazada vive
la fénix en Arabia, temerosa,
ni a ultraje de mis leños apercibe
el mar su inobediencia peligrosa:
vivo como hombre que viviendo muero,
por desembarazar el día postrero.

Llenos de paz serena mis sentidos,
y la corte del alma sosegada,
sujetos y vencidos
apetitos de ley desordenada,
por límite a mis penas
aguardo que desate de mis venas
la muerte prevenida
la alma, que anudada está en la vida,
disimulando horrores
a esta prisión de miedos y dolores,

aos quais esposa vide abraça e cerra,
do apetite dos dias
guardam com sombras as correntes frias;
e, nesta dura serra,
os frutos bons com que agradece a terra
a labuta cansada,
entretêm minha vida fatigada.
Orfeu alado o rouxinol parece,
e o pintassilgo é músico fagueiro;
consolo à minha dor um me oferece;
outro, a meu mal, se mostra lisonjeiro;
durmo, por cama, neste solo duro,
se menos brando o sono, mais seguro.

Não solicito o mar com remo e vela,
nem do turco a ambição receio armada;
nem, como sentinela
o sono a refugir, seiva alugada
e saúde vendida,
por pobre soldo sou meu homicida;
nem à Sorte me entrego,
ou de cobiça ou de esperanças cego,
por cavar, diligente,
os perigos preciosos do Oriente;
não ameaçada pela minha gula
vive a Fênix na Arábia, temerosa,
nem a ultraje dos lenhos meus regula
o mar sua inobediência perigosa;
vivo como vivendo em agonia,
por desembaraçar o último dia.

Cheios de paz serena meus sentidos,
e toda a corte da alma sossegada,
sujeitos e vencidos
apetites de lei desordenada,
por limite a estas peias,
guardo enfim desate-me das veias
a morte prevenida
minha alma, que amarrada está na vida,
dissimulando horrores
a esta prisão de medos e de dores,

a este polvo soberbio y presumido,
ambiciosa ceniza, sepultura
portátil, que conmigo la he traído,
sin dejarme contar hora segura.
Nací muriendo y he vivido ciego,
y nunca al cabo de mi muerte llego.

Tú, pues, ¡oh caminante!, que me escuchas,
si pretendes salir con la victoria
del monstruo con quien luchas,
harás que se adelante tu memoria
a recibir la muerte,
que, obscura y muda, viene a deshacerte.
No hagas de otro caso,
pues se huye la vida paso a paso,
y, en mentidos placeres,
muriendo naces y viviendo mueres.
Cánsate ya, ¡oh mortal!, de fatigarte
en adquirir riquezas y tesoro;
que últimamente el tiempo ha de heredarte,
y al fin te dejarán la plata y oro.
Vive para ti solo, si pudieras;
pues sólo para ti, si mueres, mueres.

JUAN DE TASSIS, CONDE DE VILLAMEDIANA (1582-1622)

DETERMINARSE Y LUEGO ARREPENTIRSE...

Determinarse y luego arrepentirse;
empezar a atrever y acobardarse;
arder el pecho y la palabra helarse;
desengañarse y luego persuadirse.

Comenzar una cosa y advertirse;
querer decir su pena y no aclararse;
en medio del aliento desmayarse,
y entre el amor y el medo consumirse.

En las resoluciones detenerse;
hallada la ocasión no aprovecharse,
y perdido de cólera encenderse.

a este pó soberbo e presumido,
ambiciosa cinza, sepultura
portátil, que comigo hei conduzido,
sem deixar-me contar hora segura.
Nasci morrendo e fui vivendo cego,
e nunca ao fim de minha morte chego.

Tu, pois, ó caminhante que me escutas,
se pretendes sair com a vitória
do monstro com quem lutas,
farás que se adiante tua memória
a receber a morte,
que, obscura e muda, desfará tua sorte.
Mais nada seja caso,
pois se a vida te foge passo a passo,
e se aos prazeres corres,
morrendo nasces e vivendo morres.
Cansa-te já, mortal, de fatigar-te
em adquirir riquezas e tesouro;
que por último o tempo é que há de herdar-te,
e ao fim te deixarão a prata e o ouro.
Por ti vive, é de ti que te socorres,
pois para ti, quando morreres, morres.

FMV

JUAN DE TASSIS, CONDE DE VILLAMEDIANA (1582-1622)

DETERMINAR-SE E LOGO À AÇÃO FUGIR-SE...

Determinar-se e logo à ação fugir-se;
começar a atrever-se e acovardar-se;
o peito arder e o verbo congelar-se;
desenganar-se e logo persuadir-se.

Principiar qualquer coisa e advertir-se;
querer expor as mágoas e calar-se;
em seu alento a meio desmaiar-se;
e entre o amor e o medo consumir-se.

Tomar resoluções, porém conter-se;
chegado o ensejo, não aproveitar-se,
e perdido de cólera incender-se.

Y sin saber por qué, desvanecerse;
efectos son de amor; no hay que espantarse,
que todo del amor puede creerse.

AL ALGUACIL DE CORTE PEDRO VERGEL

La llave del toril, por ser más diestro,
dieron al buen Vergel, y por cercano
deudo de los que tiene so su mano,
pues le tiene esta villa por cabestro.

Aunque en esto de cuernos es maestro
y de la facultad es el decano,
un torillo, enemigo de su hermano,
al suelo le arrojó con fin siniestro.

Pero como jamás hombres han visto
un cuerno de otro cuerno horadado,
y Vergel con los toros es bienquisto,

aunque esta vez le vieron apretado,
sano y salvo salió, gracias a Cristo;
que Vergel contra cuernos es hadado.

FRANCISCO DE RIOJA (1583-1659)

LÁNGUIDA FLOR DE VENUS, QUE ESCONDIDA...

Lánguida flor de Venus, que escondida
yaces, y en triste sombra y tenebrosa
ver te impiden la faz al sol hermosa
hojas y espinas de que estás ceñida;

y ellas, el puro lustre y la vistosa
púrpura en que apuntar te vi teñida
te arrebatan, y a par la dulce vida,
del verdor que descubre ardiente rosa:

igual es, mustia flor, tu mal al mío;
que si nieve tu frente descolora
por no sentir el vivo rayo ardiente,

E, sem saber por que, desvanecer-se:
efeitos são do amor; não há espantar-se,
que tudo que é do amor pode entender-se.

JJR

AO ALGUAZIL PEDRO VERGEI

A chave do touril, por ser mais lesto,
deram ao bom Vergei, e por chegado
parente dos que tem sob o cajado,
pois o tem esta vila por cabresto.

Bem que nisso de cornos seja mestre,
e seja-lhes na escola ele o decano,
um tourinho, inimigo de seu mano,
ao solo o arroja com furor silvestre.

Porém como jamais homens hão visto
um corno de outro corno trespassado,
e entre os touros Vergei seja benquisto,

se dessa vez o viram apertado,
são e salvo saiu, graças a Cristo;
que Vergei contra touros é fadado.

ABH

FRANCISCO DE RIOJA (1583-1059)

LÂNGUIDA FLOR DE VÊNUS, QUE ESCONDIDA...

Lânguida flor de Vênus, que escondida
jazes, e em triste sombra e tenebrosa
ver te impedem a face ao sol formosa
folhas e espinhos de que estás cingida:

elas o puro lustre e a esplendorosa
púrpura em que apontar te vi tingida
te arrebatam, e a par a doce vida,
do verdor que descobre ardente rosa.

Igual é, triste flor, teu mal ao meu;
que a ti se neve a fronte descolora
por não sentir o vivo raio ardente,

a mí en profunda oscuridad y frío
hielo también de muerte me colora
la ausencia de mi luz resplandeciente.

ARDO EN LA LLAMA MÁS HERMOSA Y PURA...

Ardo en la llama más hermosa y pura
que amante generoso arder pudiera,
y necia invidia, no piedad severa,
tan dulce incendio en mí apagar procura.

¡Oh cómo vanamente se aventura
quien con violencia y con rigor espera
que un alto fuego en la ceniza muera,
mientras un alma a sabor en él se apura!

Si yo entre vagas luces de alba frente
me abraso y entre blanda nieve y rosa,
no es culpa de tu amor no hacer caso:

que es la lumbre del sol más poderosa
y agrada más naciendo en Oriente
que cuando se nos muera en el Ocaso.

LUIS CARRILLO DE SOTOMAYOR (1585-1610)

EL IMPERIOSO BRAZO Y DUEÑO AIRADO...

El imperioso brazo y dueño airado,
el que Pegaso fue, sufre paciente;
tiembla a la voz medroso, y obediente
sayal le viste el cuello, ya humillado.

El pecho anciano, de la edad surcado,
que amenazó desprecio al oro, siente,
humilde ya, que el cáñamo le afrente,
humilde ya, le afrenta el tosco arado.

a mim, no frio, no profundo breu,
também de morte a face me colora
a ausência de meu sol resplandecente.

ABH

ARDO NA CHAMA MAIS FORMOSA E PURA...

Ardo na chama mais formosa e pura
que amante generoso arder pudera,
e néscia inveja, não graça severa
tão doce incêndio em mim matar procura.

Oh! como inutilmente se aventura
quem com violência e com rigor espera
que um alto fogo em cinza se fizera,
quando a seu gosto uma alma aí seapura!

Se eu entre vagas luzes de alva frente
me abraso, em meio a branda neve e rosa,
não culpo a teu amor não fazer caso:

porque é a luz do sol mais poderosa
e agrada mais nascendo no Oriente
que quando para nós morra no Ocaso.

JJR

LUIS CARRILLO DE SOTOMAYOR (1585-1610)

O IMPERIOSO BRAÇO E DONO IRADO...

O imperioso braço e dono irado,
o que Pégaso foi, sofre paciente;
à voz medroso treme, obediente
burel veste o pescoço já humilhado.

O peito ancião, que a idade tem sulcado,
que demonstrou desprezo ao ouro, sente,
humilde já, o cânhamo insolente,
humilde já, o afronta o tosco arado.

Cuando ardiente pasaba la carrera,
solo su largo aliento le seguía,
ya el flaco brazo al suelo apenas clava.

¡A que verdad temió su edad primera!
Llegó pues de su ser el postrer día:
que el cano tiempo, en fin, todo lo acaba.

AMOR, DÉJAME, AMOR; QUEDEN PERDIDOS...

Amor, déjame, Amor; queden perdidos
tantos días en ti, por ti gastados;
queden, queden suspiros empleados,
bienes, Amor, por tuyos ya queridos.

Mis ojos ya los dejo consumidos,
y en sus lágrimas propias anegados;
mis sentidos, oh Amor, de ti usurpados,
queden por tus injurias más sentidos.

Deja que solo el pecho, cual rendido,
desnudo salga de su esquivo fuego;
perdido quede, Amor, ya lo perdido.

Muévate (no podrá), cruel, mi ruego;
mas yo sé que te hubiera enternecido
si me vieras, Amor; mas eres ciego.

PUES SERVÍS A UN PERDIDO, Y TAN PERDIDOS...

Pues servís a un perdido, y tan perdidos,
dejadme, pensamientos desdichados,
basten los pasos por mi mal andados,
basten los pasos por mi mal perdidos.

¿Qué, osados, me queréis? ¿A do, atrevidos,
montes altos ponéis de mis cuidados?
Mirad vuestros iguales fulminados,
mirad los robles de su piel vestidos.

Quando ardente corria em liberdade,
só o próprio longo alento o perseguia;
o fraco braço ao solo já desaba.

Que verdade temeu na tenra idade!
Chegou pois de seu ser o extremo dia:
que o tempo ancião, enfim, com tudo acaba. **ABH**

AMOR, DEIXA-ME, AMOR; FIQUEM PERDIDOS...

Amor, deixa-me, Amor; fiquem perdidos
tantos dias em tí, por tí gastados;
fiquem, fiquem suspiros enleados,
bens, Amor, como teus já consentidos.

Meus olhos, já os deixo consumidos,
e nos seus prantos mesmos afogados;
meus sentidos, ó Amor, de tí usurpados,
fiquem por teus maus tratos mais sentidos.

Deixa que o peito apenas, qual rendido,
desnudo saia de seu fogo; embora!
perdido fique, Amor, já o perdido.

Mova-te, cruel, (não o poderá) quem ora;
mas eu sei que te houvera enternecido
se —cego!— me pudesses ver agora. **ABH**

POIS SERVIS A UM PERDIDO, E TÃO PERDIDOS...

Pois servis a um perdido, e tão perdidos,
deixai-me, pensamentos desditados,
bastem os passos por meu mal andados,
bastem os passos por meu mal perdidos.

Quê, ousados, me quereis? A quê, atrevidos,
montes altos fazeis de meus cuidados?
Vede vossos iguais já fulminados,
os robles de sua pele olhai vestidos.

Dan vida a mi mediano pensamiento
el ver un pino y una fuente clara
en esta soledad, que el alma adora.

El árbol tiembla al proceloso viento,
corrida el agua de humildad, no para,
que el alto teme y el humilde llora.

PEDRO DE ESPINOSA (1587-1650)

SONETO EN ALEJANDRINOS

A la Santísima Virgen María

Como el triste piloto que por el mar incierto
se ve, con turbios ojos, sujeto de la pena
sobre las corvas olas, que, vomitando arena,
lo tienen de la espuma salpicado y cubierto,

cuando, sin esperanza, de espanto medio muerto,
ve el fuego de Santelmo lucir sobre la antena,
y, adorando su lumbre, de gozo el alma llena,
halla su nao cascada surgida en dulce puerto:

así yo el mar sulcaba de penas y de enojos,
y, con tormenta fiera, ya de las aguas hondas
medio cubierto estaba, la fuerza y luz perdida,

cuando miré la lumbre ¡oh Virgen! de tus ojos,
con cuyos resplandores, quietándose las ondas,
llegué al dichoso puerto donde escapé la vida.

FRAY JERÓNIMO DE SAN JOSÉ (¿1587?-1654)

EL RUISEÑOR Y LA ROSA

Aquella, la más dulce de las aves,
y ésta, la más hermosa de las flores,
esparcían blandísimos amores
en cánticos y nácares süaves.

Dão vida a meu mediano pensamento
ver o pinheiro e ver a fonte clara
na soledade que minha alma adora.

Treme a árvore ao proceloso vento,
corrida de humildade a água não pára,
que o alto teme e que o humilde chora.

FMV

PEDRO DE ESPINOSA (1587-1650)

SONETO EM ALEXANDRINOS

A Santíssima Virgem Maria

Como o triste piloto que pelo mar incerto
se vê, com turvos olhos, sujeito a dura pena
na onda curva, que, arcia vomitando, o envenena
e o tem todo de espuma salpicado e coberto,

quando, sem esperança, de espanto quase morto
vê o fogo de santelmo cintilar sobre a antena,
e, adorando seu lume, de gozos a alma plena,
encontra a nau fendida surta num doce porto:

assim um mar sulcava de penas e de escolhos,
e, na tormenta fera, já das águas aziagas
meio coberto estava, já a força e a luz perdida,

quando fitei, ó Virgem, o lume de teus olhos,
com cujos resplendores, acalmadas as vagas,
chego ao ditoso porto onde resgato a vida. FMV

FRAY JERÓNIMO DE SAN JOSÉ (?1587?-1654)

O ROUXINOL E A ROSA

Aquela, que é a mais doce dentre as aves,
e esta, que é a mais formosa dentre as flores,
esparziam meiguíssimos amores
em cânticos e nácares suaves,

Cuando suspensa, entre cuidados graves,
un alma que atendía a sus primores,
arrebata a objetos superiores,
les entregó del corazón las llaves.

“Si aquí —dijo- en el yermo de esta vida
tanto una rosa, un ruiseñor eleva
(¡tan grande es su belleza y su dulzura!),

¿cuál será la floresta prometida?
¡Oh dulce melodía siempre nueva!
¡Oh siempre floridísima hermosura!

CALDERÓN DE LA BARCA (1600-1681)

LA NOCHE

Esos rasgos de luz, esas centellas
que cobran con amagos superiores
alimentos del sol en resplandores,
aquello viven que se duele de ellas.

Flores nocturnas son: aunque tan bellas,
efímeras, padecen sus ardores;
pues si un día es el siglo de las flores,
una noche es la edad de las estrellas.

De esa, pues, primavera fugitiva,
ya nuestro mal, ya nuestro bien se infiere;
registro es nuestro, o muera el sol o viva.

¿Qué duración habrá que el hombre espere,
o qué mudanza habrá que no reciba
de astro que cada noche nace y muere?

quando, suspensa entre cuidados graves,
uma alma que atendia a seus primores,
arreatada a objetos superiores,
do coração lhes entregou as chaves.

“Se aqui — disse — nos ermos desta vida
tal como a rosa, o rouxinol renova
nossa alma, de beleza e de doçura,

como será a floresta prometida?
Oh doce melodia sempre nova!
Oh sempre florescida formosura!”

JJR

CALDERÓN DE LA BARCA (1600-1681)

A NOITE

Esses lúcidos rasgos, essas velas
que cobram com amagos superiores
alimentos do sol em resplendores,
aquilo vivem que se sofre delas.

Flores noturnas são: embora belas,
efêmeras, padecem seus ardores;
pois, se um dia é o século das flores,
uma noite é a idade das estrelas.

Dessa, pois, primavera fugitiva
já nosso mal, já nosso bem decorre;
registro é nosso, ou morra o sol ou viva.

Que duração, na senda que percorre
o homem, ou que mudança não deriva
de astro que a cada noite nasce e morre?

FMV/ABH

GABRIEL BOCÁNGEL (1603-1658)

YO CANTARÉ DE AMOR TAN DULCEMENTE...

Yo cantaré de amor tan dulcemente
el rato que me hurtare a sus dolores,
que el pecho que jamás sintió de amores,
empiece a confesar que amores siente.

Verá como no hay dicha permanente
debajo de los cielos superiores,
y que las dichas altas o menores
imitan en el suelo su corriente.

Verá que ni en amar alguno alcanza
firmeza (aunque la tenga en el tormento
de idolatrar un mármol con belleza).

Porque si todo amor es esperanza,
y la esperanza es vínculo del viento,
¿quién puede amar seguro en su firmeza?

PEDRO DE CASTRO Y AÑAYA (c. 1610-D. 1644)

COPIASTE EN MÁRMOL LA MAYOR BELLEZA...

Copiaste en mármol la mayor belleza,
oh Lauro, y tanto a Lísís parecida,
que de las dos es una ya la vida,
y de las dos es una la dureza.

Sola a Lísís formó naturaleza,
y tú nos diste a Lísís repetida,
Lisi o la estatua en ella convertida,
¿cuál de las dos se debe a tu destreza?

No fue el impulso, no, de la escultura,
que en el mármol viviente y sucesivo
Lísís quedase de morir ajena.

GABRIEL BOCÁNGEL (1603-1658)

EU CANTAREI DE AMOR TÃO DOCEMENTE...

Eu cantarei de amor tão docemente
o pouco que roubar-me a suas dores,
que o peito que jamais sentiu amores
comece a confessar que amores sente.

Verá que não há dita permanente
abaixo dos espaços superiores,
e que as fortunas grandes ou menores
no solo lhes imitam a corrente.

Verá que nem no amar alguém alcança
firmeza (embora a sofra no tormento
de idolatrar um mármore com beleza).

Porque se o amor é feito de esperança,
e se a esperança é o vínculo do vento,
quem pode amar seguro na firmeza?

JJR

PEDRO DE CASTRO Y ANAYA (c. 1610-D. 1644)

COPIASTE EM MÁRMOR A MAIOR BELEZA...

Copiaste em mármore a maior beleza,
ó Lauro, e tanto a Lísis parecida
que das duas é uma agora a vida,
e é das duas também uma a dureza.

Uma só Lísis fez a natureza,
e tu nos deste Lísis repetida.
Ela ou a estátua nela convertida,
qual das duas talhou tua destreza?

Obra não foi, decerto, da escultura
que no mármore vivente e sucessivo
Lísis a morte ludibriasse; apenas

Arbitrio fue de Amor, que hermosa y dura
formó otra Lisis, porque en mármol vivo
viva inmortal la causa de mi pena.

SOR JUANA INÉS DE LA CRUZ (1651-1695)

ARGUYE DE INCONSECENTES EL GUSTO Y LA CENSURA DE LOS HOMBRES QUE EN LAS MUJERES ACUSAN LO QUE CAUSAN

Hombres necios que acusáis
a la mujer sin razón,
sin ver que sois la ocasión
de lo mismo que culpáis:

si con ansia sin igual
solicitáis su desdén,
¿por qué queréis que obren bien
si las incitáis al mal?

Combatís su resistencia
y luego, con gravedad,
decís que fue liviandad
lo que hizo la diligencia.

Parecer quiere el denuedo
de vuestro parecer loco
al niño que pone el coco
y luego le tiene miedo.

Queréis, con presunción necia,
hallar a la que buscáis,
para pretendida, Thais,
y en la posesión, Lucrecia.

¿Qué humor puede ser más raro
que el que, falto de consejo,
él mismo empaña el espejo,
y siente que no esté claro?

arbítrio foi de Amor, que linda e dura
fez outra Lísis, por que em mármore vivo
viva eterna a razão de minhas penas.

ABH

SOR JUANA INÉS DE LA CRUZ (1651-1695)

ARGÚI DE INCONSEQÜENTES O GOSTO E A CENSURA DOS HOMENS QUE NAS MULHERES ACUSAM O QUE CAUSAM

Homens néscios que acusais
a mulher sem ter razão,
sem ver que sois a ocasião
daquilo de que as culpais:

se com ânsia sem igual
solicitais seu desdém,
por que quereis que ajam bem,
quando as incitais ao mal?

Guerreais-lhes a resistência
e logo, com gravidade,
dizeis que foi leviandade
o que fez a diligência

Parecer quer o denodo
de vosso parecer louco
o menino que faz coco¹
e fica a tremer-se todo.

Quereis, com presunção néscia,
achar a que perseguis,
se para noiva, Taís,
se para amante, Lucrecia.

Que humor pode ser mais raro
que o que, falto de conselho,
ele mesmo embaça o espelho
e clama por não ver claro?

1. O *Grande Dicionário da Língua Portuguesa* de Moraes consigna, no verbete *coco*: “Fazer *cocos a alguém*. causar-lhe medo, como às crianças.”

Con el favor y el desdén
tenéis condición igual,
quejándoos, se os tratan mal,
burlándoos, se os quieren bien.

Opinión, ninguna gana;
pues la que más se recata,
si no os admite, es ingrata,
y si os admite, es liviana.

Siempre tan necios andáis
que, con desigual nivel,
a una culpáis por crüel
y a otra por fácil culpáis.

¿Pues cómo ha de estar templada
la que vuestro amor pretende,
si la que es ingrata, ofende,
y la que es fácil, enfada?

Mas, entre el enfado y pena
que vuestro gusto refiere,
bien haya la que no os quiere
y quejaos en hora buena.

Dan vuestras amantes penas
a sus libertades alas,
y después de hacerlas malas
las queréis hallar muy buenas.

¿Cuál mayor culpa ha tenido
en una pasión errada:
la que cae de rogada,
o el que ruega de caído?

¿O cuál es más de culpar,
aunque cualquiera mal haga,
la que peca por la paga,
o el que paga por pecar?

Pues ¿para qué os espantáis
de la culpa que tenéis?

Ante o favor e o desdém
tendes condição igual:
clamar, se vos tratam mal,
zombar, se vos querem bem.

Toda opinião sua é insana;
pois a que mais se recata,
se não vos admite, é ingrata,
se vos admite, é leviana.

Sempre tão néscios andais
que, com desigual nível,
uma culpais por cruel,
outra por fácil culpais.

Como há de estar temperada
a que vosso amor pretende,
se a que é ingrata vos ofende,
se a que é fácil vos enfada?

Mas, entre o enfado e a pena
que vosso gosto refere,
bem haja a que não vos quere
e em boa hora vos condena.

As vossas amantes penas
aos seus vôos dão-lhes alas,
e depois de ruins torná-las,
querei-las boas pequenas.

Quem culpa maior tem tido
em uma paixão errada:
a que cai porque rogada
ou o que roga de caído?

Ou qual é mais de culpar,
se ostentam a mesma chaga,
a que peca pela paga,
ou o que paga por pecar?

Por que, pois, vos espantais
das culpas em que incorreis?

Queredlas cual las hacéis
o hacedlas cual las buscáis.

Dejad de solicitar,
y después, con más razón,
acusaréis la afición
de la que os fuere a rogar.

Bien con muchas armas fundo
que lidia vuestra arrogancia,
pues en promesa e instancia
juntáis diablo, carne y mundo.

AL QUE INGRATO ME DEJA, BUSCO AMANTE...

Al que ingrato me deja, busco amante;
al que amante me sigue, dejo ingrata;
constante adoro a quien mi amor maltrata,
maltrato a quien mi amor busca constante.

Al que trato de amor hallo diamante,
y soy diamante al que de amor me trata,
triunfante quiero ver al que me mata
y mato al que me quiere ver triunfante.

Si a éste pago, padece mi deseo;
si ruego a aquél, mi pundonor enojo;
de entrambos modos infeliz me veo.

Pero yo por mejor partido escojo,
de quien no quiero, ser violento empleo,
que de quien no me quiere, vil despojo.

CUANDO MI ERROR CON TU VILEZA VEO...

Cuando mi error con tu vileza veo
contemplo, Silvio, de mi amor errado,
cuán grave es la malicia del pecado,
cuán violenta la fuerza de un deseo.

Querei-as qual as fazeis
ou fazei-as qual buscais.

Deixai de solicitar,
e depois, com mais razão,
acusareis a afeição
da que vos for suplicar.

Ah, com muitas armas fundo
que lida vossa arrogância,
pois em promessa e em instância
juntais diabo, carne e mundo.

ABH

O QUE INGRATO ME DEIXA, BUSCO AMANTE...

O que ingrato me deixa, busco amante;
o que amante me segue, deixo ingrata;
constante adoro o que este amor maltrata,
maltrato o que este amor busca constante.

No que trato de amor vejo um diamante,
e sou diamante ao que de amor me trata,
triumfante quero ver o que me mata
e mato o que me quer ver triunfante.

Se a este atendo, sofre o meu desejo;
se rogo àquele, meu pudor molesto;
de ambos os modos infeliz me vejo.

Mas por melhor escolha, mais me presto
a, de quem não quero eu, ser cruel manejo,
que, de quem não me quer, humilde resto.

JJR

QUANDO MEU ERRO EM TEU OPRÓBRIO VEJO...

Quando meu erro em teu opróbrio vejo,
contemplo, Sívio, deste amor errado,
quão grave é a malícia do pecado,
quão violenta a força de um desejo.

A mi misma memoria apenas creo
que pudiese caber en mi cuidado
la última línea de lo despreciado,
el término final de un mal empleo.

Yo bien quisiera, cuando llego a verte,
viendo mi infame amor, poder negarlo;
mas luego la razón justa me advierte

que sólo se remedia en publicarlo;
porque del gran delito de quererte,
sólo es bastante pena, confesarlo.

EN QUE SATISFACE UN RECELO CON LA RETÓRICA DEL LLANTO

Esta tarde, mi bien, cuando te hablaba,
como en tu rostro y tus acciones vía
que con palabras no te persuadía,
que el corazón me vieses deseaba;

y Amor, que mis intentos ayudaba,
venció lo que imposible parecía:
pues entre el llanto, que el dolor vertía,
el corazón deshecho destilaba.

Baste ya de rigores, mi bien, baste;
no te atormenten más celos tiranos,
ni el vil recelo tu quietud contraste

con sombras necias, con indicios vanos,
pues ya en líquido humor viste y tocaste
mi corazón deshecho entre tus manos.

Mal creio, e de lembrar-me ainda me pejo,
que pudesse caber em meu cuidado
o último degrau do desprezado,
o termo, enfim, de mal tomado ensejo.

Eu bem quisera, quando chego a ver-te,
vendo este infame amor, poder negá-lo;
porém logo a razão justa me adverte

de que só há remédio em publicá-lo:
porque do grão delito de querer-te
só é pena bastante confessá-lo.

ABH

EM QUE SATISFAZ UM RECEIO COM A RETÓRICA DO PRANTO

Esta tarde, meu bem, pois te falava
e no teu rosto e nos teus atos via
que com palavras não te persuadia,
que o coração me visses desejava;

e Amor, que meus intentos ajudava,
venceu o que impossível parecia:
pois entre o pranto meu, que a dor vertia,
o coração desfeito destilava.

Baste já de rigores, meu bem, baste;
não te atormentem mais zelos malsãos,
nem vil receio a calma te contraste

com sombras néscias, com indícios vãos,
que já em líquido humor viste e tocaste
meu coração desfeito em tuas mãos.

ABH



Poetas do Século de Ouro Espanhol foi composto em tipografia Garamond corpo 10pt e impresso em papel Pólen® 80g/m², nas oficinas da THESAURUS EDITORA DE BRASÍLIA. Acabou-se de imprimir em 14 de dezembro de 2000, festividade de São Nicácio, Bispo de Reims, e de São João da Cruz, místico e poeta.

LAVS DEO

ANDERSON BRAGA HORTA nasceu em Carangola, MG, em 17-11-1934. Professor, jornalista, advogado, funcionário público aposentado. Estreou em livro como contista, com *O Horizonte e as Setas*, em colaboração. Publicou os seguintes livros de poesia: *Altíplano e Outros Poemas* (1971), *Marrário* (1976), *Incomunicação* (1977), *Exercícios de Homem* (1978), *Cronoscópio* (1983), *O Cordeiro e a Nuvem* (1984), *O Pássaro no Aquário* (1990), *Dos Sonetos na Corda de Sol* (1999), *Pulso, Quarteto Arcaico e Fragmentos da Paixão: Poemas Reunidos* (2000).

FERNANDO MENDES VIANNA (Rio de Janeiro, RJ, 9-2-1933), diplomado em Direito, funcionário aposentado do Senado, é detentor do Prêmio Instituto Nacional do Livro (1972) e do Prêmio de Poesia da Fundação Cultural de Mato Grosso, entre outros. Participa em diversas antologias, no Brasil e no exterior. Obras: *Marinheiro no Tempo e Construção no Caos* (1958), *A Chave e a Pedra* (1960), *Proclamação do Barro* (1964), *Poemas do Antigo Egito* (trad., 1965), *Salmo para Órgão e Orquestra* (1969), *O Silfo-Hipogrifo* (1972), *Embarcado em Seco* (1978), *Ab!*(Saragoça, 1998).

JOSÉ JERONYMO RIVERA (Rio de Janeiro, 12-6-1933), diplomado em Engenharia, Administração e Economia, funcionário aposentado do Ministério da Fazenda e antigo professor de ensino médio e universitário, exerce atualmente função de confiança no Poder Legislativo. Participou das antologias *Alma Gentil* (1994) e *Caliandra* (1995) e publicou dois livros de tradução: *Poesia Francesa: Pequena Antologia Bilingüe* (1998) e *Cidades Tentaculares*, de Émile Verhaeren (1999). Tem no prelo uma versão das *Rimas* de Gustavo Adolfo Bécquer.

Denomina-se “Século de Ouro” um período do desenvolvimento histórico espanhol —em verdade bem maior que uma centúria— no qual confluem o máximo de expansão da monarquia hispânica e o maior esplendor nas atividades artísticas e literárias da Península Ibérica.

Este panorama dos *Poetas do Século de Ouro Espanhol*, selecionados e traduzidos por Anderson Braga Horta, Fernando Mendes Vianna e José Jeronimo Rivera, constitui valioso esforço de difusão, para o público brasileiro, daquele período de extraordinária variedade e riqueza poética, que integra com destaque o acervo da literatura universal.



*A Coleção Orellana é uma iniciativa da **Consejería de Educación y Ciencia** da Embaixada da Espanha no Brasil que tem por objetivo contribuir para a difusão da cultura hispânica.*